



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Faculdade de Enfermagem

Liana Viana Ribeiro

**As relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de
acolhimento institucional: um estudo de coocorrência da violência e seus
fatores associados**

Rio de Janeiro

2020

Liana Viana Ribeiro

**As relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional:
um estudo de coocorrência da violência e seus fatores associados**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Enfermagem, Saúde e Sociedade.

Orientadora: Prof.^a Dra. Lucia Helena Garcia Penna

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CBB

R484 Ribeiro, Liana Viana.
As relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional: um estudo de coocorrência da violência e seus fatores associados / Liana Viana Ribeiro. - 2020.
214 f.

Orientadora: Lucia Helena Garcia Penna
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Enfermagem.

1. Enfermagem em saúde pública. 2. Adolescente institucionalizado. 3. Violência. 4. Identidade de gênero. 5. Vulnerabilidade sexual. 6. Epidemiologia Descritiva. I. Penna, Lucia Helena Garcia II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Enfermagem. III. Título.

CDU
614.253.5

Bibliotecária Adriana Caamaño CRB7/5235

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Liana Viana Ribeiro

**As relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional:
um estudo de coocorrência da violência e-seus fatores associados**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor, ao Programa de Pós Graduação em Enfermagem, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Enfermagem, Saúde e Sociedade.

Aprovada em 10 de março de 2020.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Lucia Helena Garcia Penna (Orientadora)
Faculdade de Enfermagem - UERJ

Prof.^a Dra. Anna Tereza Miranda Soares de Moura
Faculdade de Enfermagem - UERJ

Prof. Dr. Ricardo de Mattos Russo Rafael
Faculdade de Enfermagem - UERJ

Prof. Dr. Armando Manuel Marques Silva
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

Prof.^a Dra. Ana Beatriz Azevedo Queiroz
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos adolescentes em acolhimento institucional e equipe, sempre solidários e afetuosos, a meus pais, razão de minha vida e superação e a minha orientadora Lucia, exemplo de ser humano e de professora/pesquisadora.

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Rosângela Aparecida Viana Ribeiro e Jorge Luiza Rallo Ribeiro, por sempre me amarem e apoiarem em minhas decisões. Por me ensinarem a ser uma pessoa perseverante e cheia de sonhos, capaz de superar todos os obstáculos da vida. Sempre compreensivos, dedicados e carinhosos, mesmo em meus momentos de ausência. Sou muito grata por tudo o que fizeram e fazem até hoje por mim. Obrigada por serem meus exemplos de vida.

A minha família, pelo apoio e compreensão. Obrigada por sempre tentarem ajustar suas visitas e reuniões familiares mediante a minha vida ocupada.

A minha querida orientadora Lucia Helena Garcia Penna, pela confiança, amizade e apoio. Se hoje estou aqui, foi porque você enxergou meu potencial ainda na graduação e vem acreditando ao longo de tantos anos. Agradeço por me inserir neste vasto mundo da pesquisa e ser sempre uma inspiração para mim de que podemos fazer a diferença, mesmo que pequena, na vida de muitas pessoas. Obrigada por ser essa pessoa iluminada e tão singular.

A meus amigos, por sempre torcerem por mim e compreenderem minhas ausências. Agradeço por sempre estarem presentes quando precisei, tantos em momentos felizes e tristes.

Ao grupo de pesquisa, por me acolher e contribuir na pessoa que sou hoje. Foram muitos anos de parcerias, de muitos trabalhos e momentos felizes. Gratidão!

Aos Professores da Banca, pela participação e dedicação ao longo desta pesquisa, pontuando sugestões e contribuições no desenvolvimento deste trabalho.

À Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, minha segunda casa. Instituição onde me formei, realizei meu mestrado e agora encerro meu doutorado. Obrigado pelo incentivo institucional e oportunidade de me desenvolver ao longo de todo tempo.

Aos Professores e funcionários do programa de Pós da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pelo apoio e compreensão no percurso desses anos.

Aos adolescentes e equipe das unidades de acolhimento, pela disponibilidade, acolhimento e participação do estudo.

A verdadeira educação consiste em pôr a descoberto ou fazer atualizar o melhor de uma pessoa. Que livro melhor que o livro da humanidade?

Mahatma Gandhi

Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade.

Paulo Freire

RESUMO

RIBEIRO, L. V. **As relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional**: um estudo de coocorrência da violência e seus fatores associados. 2020. 214 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Este estudo tem como objeto as relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional e a ocorrência de violência. O estabelecimento de relações afetivas íntimas entre os adolescentes é um comportamento natural do próprio do ser humano, e quando vivida por adolescentes em acolhimento institucional, apresenta uma sequência de particularidades de dimensões individuais, estruturais e/ou sociais. Essas relações afetivas na adolescência são dotadas de novas experiências positivas e negativas, podendo ser permeada inclusive, por violência nas relações íntimas afetivas. O estudo teve como o objetivo analisar a prevalência e os fatores associados às violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional. Optou-se por um estudo quantitativo, descritivo, exploratório do tipo seccional/transversal correlacional, com amostra de 74 adolescentes em acolhimento institucional público do município do Rio de Janeiro. A análise dos dados consistiu na descrição das variáveis de maneira uni bi e multivariadas de acordo com os objetivos do estudo. Foram utilizadas as técnicas de análise descritiva, exploratória e explanatória das variáveis estimando-se as prevalências, razão de prevalência (RP), razão de prevalência ajustada, as médias e calculando-se os respectivos intervalos de confiança a 95%. Também foram realizados procedimentos de modelagem estatística utilizando modelos de regressão logísticos com abordagem frequentista e bayesiana. Utilizaram-se os testes de hipótese e teste exato de Fisher. O perfil predominante dos adolescentes estudados foi sexo masculino, idade entre 12 a 15 anos, cores de pele parda e preta, evangélicos e de escolaridade no ensino fundamental II. Os dados revelaram elevados percentuais de algum tipo de violência nas relações afetivas íntimas (95,9%), sendo a psicológica e a física mais predominantes. Houve associação da cor de pele, religião e escolaridade como potencializadores de violência nas relações afetivas íntimas. Os participantes com início de vida sexual apresentaram maior ocorrência de violências em geral (83,1%), com prevalência na sexual (92,7%), psicológica (82,9%) e ameaça (81,6%). O uso de preservativo apresentou relação de cerca 10 vezes a chance de vivenciar violência sexual e a não vivencia de violência sexual anteriormente apresentou chances de 1,85 vezes de vivenciar ameaça nas relações afetivas íntimas. Os dados revelam que às violências nas relações afetivas íntimas e o uso de drogas são frequentes. As violências nas relações afetivas mais frequentes em relação aos responsáveis foram as relacionais (36,4%), psicológicas (31,4%) e físicas (31,1%) para algum membro familiar como responsável e ameaça (34,2%), relacional (33,3%) e física (31,1%) para a mãe. O nível de escolaridade e ocupação da figura paterna manifestaram-se como fatores de proteção para violências físicas e psicológicas. As violências nas relações de um modo geral foram mais frequentes nos grupos de amizade/pares que abandonaram os estudos e consumiam drogas lícitas e ilícitas. Recomenda-se novos estudos semelhantes em outras regiões do estado e do país que se avaliem a magnitude das violências nas relações afetivas íntimas e sua associação com os mesmos fatores desta pesquisa.

Palavras-chave: Enfermagem em Saúde Pública. Saúde da Mulher. Adolescência. Violência.

Gênero. Vulnerabilidade. Violência nas Relações Afetivas.

ABSTRACT

RIBEIRO, L. V. **The intimate affective relationships of adolescents in institutional care: a study of cooccurrence of violence and its associated factors.** 2020. 214 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This study has as its object the intimate affective relationships of adolescents in a situation of institutional care and the occurrence of violence. The establishment of intimate affective relationships between adolescents is a natural behavior of the human being, and when experienced by adolescents in institutional care, it presents a sequence of particularities of individual, structural and / or social dimensions. These affective relationships in adolescence are endowed with new positive and negative experiences, which can even be permeated by violence in intimate affective relationships. The study aimed to analyze the prevalence and factors associated with violence in the intimate emotional relationships of adolescents in institutional care. We opted for a quantitative, descriptive, exploratory, cross-sectional / cross-sectional study, with a sample of 74 adolescents in public institutional care in the city of Rio de Janeiro. The data analysis consisted of the description of the variables in a uni and multivariate manner according to the objectives of the study. The techniques of descriptive, exploratory and explanatory analysis of the variables were used, estimating the prevalence, prevalence ratio (PR), adjusted prevalence ratio, the averages and calculating the respective 95% confidence intervals. Statistical modeling procedures were also performed using logistic regression models with a frequentist and Bayesian approach. The hypothesis tests and Fisher's exact test were used. The predominant profile of the adolescents studied was male, aged between 12 and 15 years old, brown and black skin color, evangelical and with elementary school education II. The data revealed high percentages of some type of violence in intimate emotional relationships (95.9%), with psychological and physical being more prevalent. There was an association of skin color, religion and education as potential for violence in intimate affective relationships. Participants with a beginning of sexual life had a higher incidence of violence in general (83.1%), with prevalence in sexual (92.7%), psychological (82.9%) and threat (81.6%). The use of condoms showed a relationship of about 10 times the chance of experiencing sexual violence and the non-experience of sexual violence previously presented a 1.85 times chance of experiencing threat in intimate affective relationships. The data reveal that violence in intimate relationships and drug use are frequent. The most frequent violence in affective relationships in relation to those responsible were relational (36.4%), psychological (31.4%) and physical (31.1%) for some family member as responsible and threat (34.2%), relational (33.3%) and physical (31.1%) for the mother. The level of education and occupation of the father figure were manifested as protective factors for physical and psychological violence. Violence in relationships in general was more frequent in friendship / peer groups who dropped out of school and used legal and illegal drugs. Similar new studies are recommended in other regions of the state and the country to assess the magnitude of the violence in intimate affective relationships and their association with the same factors of this research.

Keywords: Public Health Nursing. Women's Health. Adolescence. Violence. Gender.

Vulnerability. Affective Relations Violence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Tipologia das Violências	42
Figura 2 –	Modelo Ecológico para análise da violência	43
Quadro 1 –	Unidades de Acolhimento públicos da Rede Municipal do Rio de Janeiro e informações atualizadas sobre cobertura, populacional, 2017.....	63
Figura 3 –	Unidades de Acolhimento no município do Rio de Janeiro, 2018	64
Quadro 2 –	Distribuição das formas de violência segundo as questões do instrumento de coleta de dados, 2018	69
Figura 4 –	Modelo Teórico Conceitual das violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes em instituição de acolhimento, 2018	72
Figura 5 –	Análise de correspondência múltipla para as violências vivenciadas considerando as duas primeiras dimensões	140
Figura 6 –	Análise de agrupamentos	141

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Razões de prevalência entre o sexo e as formas de violência vivenciadas por adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017.....	80
Tabela 2 –	Razões de prevalência entre as características sociodemográficas e as formas de violência vivenciadas por adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017.....	82
Tabela 3 –	Modelos de regressão logística para a associação entre características sociodemográficas e ameaça e violência relacional, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de confiança (IC95%)	83
Tabela 4 –	Modelos de regressão logística para a associação entre características sociodemográficas e violências física e sexual, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de confiança (IC95%)	84
Tabela 5 –	Modelos de regressão logística para a associação entre características sociodemográficas e violências psicológica e geral, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de confiança (IC95%)	85
Tabela 6 –	Razões de prevalência entre os comportamentos sexuais e o sexo dos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017	87
Tabela 7 –	Razões de prevalência entre os comportamentos sexuais dos adolescentes e a ameaça e a violência relacional vivenciadas pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017.....	90
Tabela 8 –	Razões de prevalência entre os comportamentos sexuais dos adolescentes e as violências físicas e sexuais vivenciada pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017.....	92
Tabela 9 –	Razões de prevalência entre os comportamentos sexuais dos adolescentes e as violências psicológicas e geral vivenciadas pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017.....	94

Tabela 10 –	Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre comportamentos sexuais e ameaça e violência relacional, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%) ...	98
Tabela 11 –	Modelos de regressão logística frequentista e bayesiano para a associação entre comportamentos sexuais e violências física e sexual, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de confiança (IC95%) e credibilidade (ICred 95%)	99
Tabela 12 –	Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre comportamentos sexuais e violências psicológicas e geral, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%) ...	100
Tabela 13 –	Razões de prevalência entre as experiências difíceis e as formas de violências vivenciadas pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017.....	102
Tabela 14 –	Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre experiências difíceis e ameaça e violência relacional, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%)	104
Tabela 15 –	Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre experiências difíceis e violências física e sexual, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%)	106
Tabela 16 –	Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre experiências difíceis e violências psicológica e geral, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%)	108
Tabela 17 –	Razões de prevalência entre o consumo de álcool, tabaco e outras drogas e as formas de violências vivenciadas pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017.....	111
Tabela 18 –	Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre consumo de álcool, tabaco e ameaça e violência relacional, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%) ...	112
Tabela 19 –	Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre consumo de álcool, tabaco e violências físicas e sexual, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%)	113
Tabela 20 –	Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre	

	consumo de álcool, tabaco e violências psicológicas e geral, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%) ...	114
Tabela 21 –	Razões de prevalência entre a caracterização dos pais/responsáveis dos adolescentes e o sexo dos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017	116
Tabela 22 –	Razões de prevalência entre as experiências vividas com a figura paterna dos adolescentes e o sexo dos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017.....	119
Tabela 23 –	Razões de prevalência entre as experiências vividas com a figura materna dos adolescentes e o sexo dos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017.....	120
Tabela 24 –	Razões de prevalência entre as características dos pais/responsáveis e as formas de violências vivenciadas pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017	123
Tabela 25 –	Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre família e ameaça e violência relacional, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%)	126
Tabela 26 –	Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre família e violências física e sexual, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%)	127
Tabela 27 –	Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre família e violência psicológica e geral, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%)	128
Tabela 28 –	Razões de prevalência entre o grupo de amigos/pares e as formas de violências vivenciadas pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017.....	130
Tabela 29 –	Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre ciclo de amizade e ameaça e violência relacional, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%)	134
Tabela 30 –	Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre	

	ciclo de amizade e violências física e sexual, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%)	136
Tabela 31 –	Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre ciclo de amizade e violências psicológica e em geral, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%).....	138

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASSIST	<i>Alcohol Smoking and Substance Involvement Screening Test</i>
ANPPS	Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde
CADRI	Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory
CNPq	Comitê de Ética e Pesquisa
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENF	Faculdade de Enfermagem
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Intervalo de confiança
ICred	Intervalo de credibilidade
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano médio (IDH-M)
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ISM	Indicadores Sociais Mínimos
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MBDH	Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não-Governamental
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
OR	Odds Ratio
PAJ	Parcours Amoureux des Jeunes
PNAISM	Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher
PENSE	Pesquisa Nacional sobre Saúde do Escolar
PNAISM	Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher
PAISM	Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher
PROSAD	Programa de Saúde do Adolescente
RA	Regiões Administrativas
RAI	Relações afetivas íntimas
RJ	Rio de Janeiro
SMAS/RJ	Secretaria Municipal de Assistência Social do Rio de Janeiro
SMASDH	Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos
SMSDC/RJ	Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro

SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SIM	Sistema de Informações sobre Mortalidade
SINAN	Sistema de Informação de Agravos de Notificação
SUS	Sistema Único de Saúde
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
WHO	<i>World Health Organization</i>

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	17
1	REVISÃO DE LITERATURA	26
1.1	Adolescência e suas particularidades	26
1.1.1	<u>Adolescência em acolhimento institucional</u>	30
1.2	Relações afetivas íntimas, gênero e sexualidade	33
1.3	Violência e suas interfaces	39
1.4	Violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes	47
2	MÉTODOS E PROCEDIMENTOS	60
2.1	Natureza e características do estudo	60
2.2	Cenário do estudo	61
2.3	População do estudo	64
2.4	Dinâmica do Trabalho em Campo	66
2.5	Categorização dos Instrumentos de Coleta de dados	67
2.6	Variáveis do estudo	70
2.7	Modelo Teórico Conceitual	71
2.8	Análise dos dados	73
2.9	Aspectos éticos e legais da pesquisa	76
3	RESULTADOS	78
3.1	Perfil dos Adolescentes em acolhimento institucional	78
3.2	As violências nas RAI associadas às características sociodemográficas	79
3.3	As violências nas RAI associadas aos comportamentos sexuais	86
3.4	As violências nas RAI associadas às experiências difíceis	101
3.5	As violências nas RAI associadas ao consumo de álcool, tabaco e outras drogas	110
3.6	As violências nas RAI associadas às características dos pais e/ou responsáveis	115
3.7	As violências associadas aos grupos de amizades/pares	129
3.8	Análise Multivariada das violências nas RAI	140
4	DISCUSSÃO	142
4.1	Perfil dos Adolescentes em acolhimento institucional	142
4.2	As violências nas RAI associadas às características sociodemográficas	146

4.3	As violências nas RAI associadas aos comportamentos sexuais	154
4.4	As violências nas RAI associadas às experiências difíceis	157
4.5	As violências nas RAI associadas ao consumo de álcool, tabaco e outras drogas	159
4.6	As violências nas RAI associadas às características dos pais e/ou responsáveis	163
4.7	As violências nas RAI associadas ao grupo de amizades/pares	167
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
	REFERÊNCIAS	178
	APÊNDICE A – Carta de Autorização para a Pesquisa de Campo	194
	APÊNDICE B - Termo de Assentimento livre e esclarecido.....	195
	APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	196
	APÊNDICE D - Instrumentos de coleta de dados	197
	ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa	210
	ANEXO B – Carta de Autorização para a Pesquisa de Campo	214

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este estudo tem como objeto as violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional.

A adolescência representa uma fase de importante desenvolvimento humano, compondo um período transitório anterior a vida adulta. O Ministério da Saúde – MS define, segundo a convenção elaborada pela Organização Mundial da Saúde – OMS, adolescência como uma etapa intermediária do desenvolvimento humano, entre a infância e a fase adulta, que ocorre entre os 10 e 19 anos de idade (BRASIL, 2010a). No entanto, para esse estudo será utilizado a definição adotada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990) que segundo o art. 2 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 corresponde a adolescência entre 12 a 18 anos. Essa opção se justifica com a intenção de manter a mesma definição de faixa etária adotada nos espaços de acolhimento institucional.

Destaca-se que essa faixa etária apresenta significados que vão além de simplesmente um intervalo de tempo propriamente dito. Deve ser compreendida como um processo de estruturação do sujeito para uma futura emancipação a partir de ações, decisões e experiências vividas, dentro de um sistema envolto por questões sociais, econômicas e institucionais e demarcadas por categorias de gênero e etnias, por exemplo (BRASIL, 2010a). Nesta trajetória, verificam-se, ainda, componentes como cultura, família, religião e escola que intensamente influenciam esses constructos e subjetividade humana.

É nesta fase da vida que também o mundo do adolescente transcende o círculo familiar e as relações afetivas surgem como um novo caminho para a ampliação e fortalecimento de novas relações interpessoais. Ao se considerar as peculiaridades desta faixa etária, os adolescentes estão, na verdade, se adaptando a um novo modo de estar no mundo, não só um novo corpo, em virtude das transformações biológicas, mas um novo modo de estabelecer relações, e provisões quanto às suas necessidades instintuais, relacionais, ideológicas (SANTOS; CUSTÓDIO; DIAS, 2017).

A adolescência, quando vivida em espaços de acolhimento institucional, apresenta uma sequência de particularidades, além dessas inerentes a própria idade. O universo do acolhimento institucional em geral articula problemas de dimensões individuais, estruturais e/ou sociais. E por vezes, as diversas demandas sociais e os conflitos familiares dão sentido ao afastamento do convívio familiar e permanência dos adolescentes em espaços de proteção social.

Esse afastamento do convívio familiar remete à preocupação com as possíveis repercussões negativas na estruturação emocional e na construção de projetos de vida desses adolescentes. O ECA considera a institucionalização em acolhimentos como uma forma de proteção pelo fato de que grande parte dos adolescentes que lá se encontram provém de situações como a pobreza, a violência das mais variadas formas e o abandono (CLATES; FREITAS; ILHA et al., 2017).

Neste caso, devem-se compreender esses adolescentes como indivíduos cujas histórias de vida são marcadas por situações de fragilização ou afastamento familiar e violação de direitos humanos culminadas por repercussões das iniquidades sociais (CARINHANHA, 2014). Essas condições adversas representam um cenário de carências diversas para um crescimento e desenvolvimento humano adequado, intensificando as vulnerabilidades já presentes em suas vidas e ainda, àquelas que venham a surgir.

É importante notar que apesar da condição de acolhimento, esses adolescentes apresentam comportamentos e atitudes típicos aos demais adolescentes externos a este contexto. O relacionamento entre eles, a necessidade de sentirem-se livres e úteis, as perspectivas futuras, as rebeldias, as rotinas na unidade de acolhimento, bem como o dia a dia dos adolescentes são semelhantes ao de outros adolescentes da mesma faixa etária. O que os diferem são as experiências e conflitos familiares que os levaram a vivenciar as situações de institucionalização como, por exemplo morar na rua, se prostituir, usar drogas (CLATES; FREITAS; ILHA et al., 2017).

Apesar dessa vivência institucional, não se pode negar as transformações específicas na adolescência. Essas modificações são marcadas por variadas adaptações, principalmente numa conjuntura emocional. Esse longo período do desenvolvimento humano pode evidenciar muitos desejos, temores e amores, assim como desencadear novas experiências e situações conflituosas. Dentre esses momentos, destacam-se os relacionamentos afetivos. Os relacionamentos afetivos amorosos na adolescência são uma espécie de “ensaio” para a vida adulta, e as experiências vividas podem ser vistas como maneiras de o indivíduo aprender a se relacionar e testar suas capacidades para tal, o que envolve “ficar”, namorar, ter relações sexuais etc.

Pode-se dizer que a vida afetiva íntima de adolescentes está inserida em um contexto global de busca pela aquisição de uma compreensão de si. Neste processo, é possível verificar instabilidades emocionais e afetivas durante esse período de reconhecimento próprio. É muito comum um(a) mesmo(a) jovem viver períodos de amor apaixonado com extremo romantismo e, em outros momentos, desejar relacionamentos esporádicos e superficiais. O sexo também

pode ser utilizado como uma forma de testar as capacidades. Assim, a primeira experiência sexual pode ser vivida tanto dentro de um contexto de relacionamento afetivos íntimos, como com parceiros que o indivíduo pouco conhece.

Os relacionamentos afetivos íntimos entre os adolescentes apresentam características peculiares, cuja diversidade de maneiras de se relacionarem envolvem novas dinâmicas sociais e culturais. Atualmente, adolescentes e mesmo pré-adolescentes “ficam” e trocam beijos e carícias em público, categoria que inexistia, e que representa uma forma de relacionamento muitas vezes incompreensível para os adultos mais velhos.

Apesar destas manifestações nas relações afetivas íntimas entre os adolescentes, essas dinâmicas relacionais podem denominar o mesmo ato, mas com sentidos e narrativas distintas. A forma de relacionamento aparentemente mais comum é o “ficar” sendo que o namoro parece não ser tão comum para os jovens – ou pelo menos se dando após uma fase em que se “fica”. Tal fenômeno, “ficar”, manifesta-se como uma relação rápida que pode durar um ou alguns encontros e que pode envolver beijos, carícias e chegar à relação sexual. Uma das diferenças entre o namorar e o “ficar” refere-se ao fato de que no namoro, a relação, ainda que efêmera, é marcada pela publicidade (FRANZI; ARAUJO, 2017).

Uma situação a se destacar nos relacionamentos são as relações sexuais. A vida sexual se inicia mais cedo, chegando-se à união conjugal com um maior conhecimento e experiência na área da sexualidade. As primeiras experiências ainda na adolescência, por vezes, se dão dentro de um contexto de relacionamento afetivo íntimo, mas em outros casos ocorrem como curiosidade, como uma forma de obter prazer, independente de um compromisso formal. Portanto, a atividade sexual dos adolescentes pode ter início a partir de uma busca por intimidade, ou umas vivências de novas experiências, bem como uma solução para descarregar a energia sexual, entre outros (SANTOS; CUSTÓDIO, DIAS; 2017).

De fato, o envolvimento em relações afetivas íntimas é um ponto central na vida dos adolescentes. É importante notar que as relações afetivas na adolescência são dotadas de novas experiências, sendo elas positivas e negativas a partir da percepção de cada indivíduo. Quando as expectativas de um relacionamento nem sempre são alcançadas e geram conflitos mal resolvidos, verificam-se mudanças de comportamentos de alguns adolescentes.

Mudanças de comportamentos como irritabilidade, agressividade, e impaciência podem perdurar, inclusive, nas relações afetivas como uma reação adaptativa. As dificuldades em lidar com os conflitos e com as diferenças do(a) parceiro(a) refletem inclusive em sensações de frustrações e impotência. Como consequência, essa imaturidade e inexperiência

afetiva podem desencadear comportamentos agressivos como uma forma de dominar as próprias emoções e ter o controle da situação.

Consequentemente, a violência surge neste contexto como um exemplo de tentativa de domínio sobre a outra pessoa, através de atos físicos, assim como de formas de controle que garantem o sentido de onipotência do agressor, tais como a violência psicológica - a qual pode surgir através do isolamento, do limitar ou controlar o exercício de determinadas tarefas ou papéis, de verbalizações insultuosas, do controle e do domínio por ameaça de danos a si próprio ou a outros, intimidação, ciúme, entre outros - e a violência sexual (MACHADO, 2010).

A violência pode ser definida como o uso da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte ou dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG et al., 2002). Quando a violência ocorre nas relações íntimas afetivas pode ser definida como qualquer abuso intencional, psicológico / emocional, física ou sexual que ocorre entre pessoas envolvidas em um relacionamento afetivo íntimo, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores. Pode ocorrer em relações de curta (como o “ficar”) ou longa duração (como o noivado) (TAQUETE; MONTEIRO, 2019; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2014).

Apesar da literatura relacionar o sexo masculino como maior perpetrador das violências, principalmente física e sexual, contra o sexo feminino, a violência pelo parceiro íntimo pode ser também de direção inversa – do sexo feminino contra o masculino. Pode ocorrer no âmbito de relações com o mesmo sexo e ainda, pode manifestar-se bidirecionalmente, partindo dos dois sexos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2014). Essa característica bidirecional existe quando a prática da violência ocorre de maneira recíproca, mostrando um indivíduo ora sendo violentado, e ora apresentando comportamentos violentos (MINAYO, ASSIS, NJAINE, 2011). Neste evento, percorre uma simetria da violência entre os pares, ou seja, igualdade em relação ao exercício da violência no namoro, que pode ser exercida tanto pelo sexo masculino quanto pelo sexo feminino.

Caridade e Machado (2013) associa a adolescência como uma fase de grande vulnerabilidade para a existência de conflitos em relações de intimidade. Esta vulnerabilidade é inquestionável uma vez que este é um período de imaturidade emocional, inexperiência relacional e iniciação à sexualidade (SÁ, VENTURA, VERÍSSIMO, 2013).

Portanto, os(as) adolescentes são mais disponíveis, suscetíveis, sensíveis e vulneráveis para viver e se entregar em seus relacionamentos afetivos e, até a vivências eventos violentos. Essa suscetibilidade a episódios de violência nas relações íntimas de adolescentes pode ser explicada pelos mecanismos pessoais cujas experiências anteriores solidificam uma estrutura de memórias e aprendizagens individuais, pelo meio social a qual os adolescentes pertencem, assim como pelas preferências pessoais e referências culturais e sociais adquiridas ao longo da vida.

A exposição à violência pode desenvolver alterações comportamentais em adolescentes e ainda, reproduzir ou não os mesmos comportamentos dos familiares e amigos nas relações afetivas amorosas, tendo estes como figuras de referências para a socialização e relação com o outro. Dito isto, observa-se uma intensa vulnerabilidade social nas relações afetivas amorosas de adolescentes, e que, em muitos momentos, os atos violentos nas relações afetivas por parte dos adolescentes são banalizados, desvalorizados, não percebido ou naturalizados pelos próprios e pelos outros ao seu redor.

Dessa maneira, utilizar a instituição de acolhimento como ambiente de desenvolvimento e capacitação da população em relação à promoção da saúde, vislumbra um espaço promissor de escolhas assertivas e mudanças de comportamento. Por isso, para uma real modificação na qualidade de saúde dos adolescentes a respeito das relações afetivas íntimas, torna-se necessário a compreensão de todos os agentes influenciadores e suas experiências de vida em relação às violências passadas e atuais (RIBEIRO, 2015).

Mediante ao exposto, as violências em seu sentido amplo e a violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes suscitam uma grande preocupação nas sociedades atuais nomeadamente em virtude de seu impacto sociais e na saúde do indivíduo, assim como demarca a violação dos direitos humanos e a perspectiva desse grupo como futuros adultos. Ciente disso, devido a toda a complexidade e mudança que caracteriza esta fase do desenvolvimento humano, considera-se ser imperativo ouvir, buscando conhecer os próprios atores envolvidos nas violências assim como, estudar a dinâmica de suas relações afetivas e seus comportamentos violentos e, ainda, seus fatores influenciadores causais. Acredita-se que esse olhar possa contribuir para a implementação de ações efetivas frente ao fenômeno social apresentado. Também se avalia que o enfoque do estudo nos fatores de proteção consiga possibilitar mudança de paradigma na assistência ao adolescente institucionalizado, principalmente com foco na promoção à saúde.

Considerando a contextualização acima, esta pesquisa tem por objeto de estudo as violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional.

Com o intuito de compreender melhor o fenômeno e traçar estratégias de promoção e prevenção voltadas para esse público em especial, é importante saber como essa relação afetiva acontece, identificando as associações presente na vida desses adolescentes.

Questões de Pesquisa

Existem violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional? E quais fatores colaboram para a ocorrência das violências nas relações afetivas íntimas desses adolescentes?

Hipótese

Existem violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional associado a fatores de dimensões sociodemográficas, gênero, contexto familiar, drogas, influência de pares, sexualidade e experiências difíceis.

Objetivos do estudo

Com o intuito de responder e aprofundar o questionamento existente, esta pesquisa tem como objetivos:

Geral:

Analisar a prevalência e os fatores associados às violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional.

Específicos:

- I. Estimar e tipificar a magnitude das violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional considerando as dimensões sociodemográficas, gênero, contexto familiar, drogas, influência de pares, sexualidade e experiências difíceis;
- II. Identificar e discutir a associação desses fatores com a ocorrência de violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional.

Justificativa

O presente estudo foi motivado após a realização da dissertação *Saúde sexual de adolescentes institucionalizadas: contribuições da enfermagem na perspectiva da teoria do Modelo de Promoção da Saúde de Nola Pender*, quando se percebeu o elevado número de casos de violências familiares e nas relações afetivas amorosas das adolescentes em acolhimento institucional.

Outra questão correspondente ao grupo a ser estudado nesta pesquisa - adolescentes institucionalizados -, são as vivências prévias de violências no seio familiar e na comunidade, assim como nas relações afetivas atuais. As situações de violência nas relações afetivas (íntimas) provocam agravos na saúde desses adolescentes, fato preocupante ao olhá-los como o futuro da sociedade. A atenção para essa temática também é justificada considerando a importância dada a saúde do adolescente em situações de vulnerabilidade social e em situação de rua pelas políticas públicas como uma prioridade da Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde (ANPPS) (BRASIL, 2018a).

Adicionado a isso, estudar a temática mostra-se oportuno, haja em vista a magnitude e os múltiplos impactos ocasionados pelas violências e sua prioridade nas pautas mundiais (BRASIL, 2018b, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2012; UNITED NATIONS CHILDREN'S FUND, 2017).

O presente estudo justifica-se ainda ao se considerar as questões de gênero como uma das metas do desenvolvimento do milênio (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2014), assim como, o impacto das questões de gênero nas relações afetivas íntimas e seus desfechos na sociedade, como por exemplo, a violência (BRASIL, 2011; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2012).

A sexualidade e o interesse em se relacionar com outras pessoas tendem a se intensificar na adolescência, envolvendo questões relativas ao sexo, gênero, identidade, papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. O interesse justifica-se pela caracterização desse período da vida, um momento de experimentações e descobertas, que é também influenciado por questões de gênero, além das relações de poder, valores, culturas, comportamentos, situação política, econômica, espiritual, questões de raça/ cor e modelos de sociedade. Tendo em vista, esse contexto complexo marcado por construção e transições, que pode levar a vulnerabilidades no âmbito da sexualidade, das relações afetivas íntimas e da violência, faz-se necessário, aprofundar o estudo na população de adolescentes em acolhimento institucional (COUTO, 2018; ZANATTA, MOTTA, 2015).

Relevância e contribuições do estudo

As violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes institucionalizados representam múltiplos problemas da sociedade uma vez que retratam as falhas nos sistemas de amparo social e proteção familiar e a dificuldade dos adolescentes em tolerarem as diferenças nas relações afetivas e a resolução de conflitos com seus pares. Além disso, na adolescência podem exacerbar as diferenças dos papéis sociais de gênero com consequentes eventos de violência nas RAI, consolidação da tolerância à violência como uma versão do amor verdadeiro e/ou banalização/invisibilidade dos comportamentos abusivos.

É relevante, ainda, pois suas consequências interferem significativamente na vida destes adolescentes, podendo comprometer desde seu desenvolvimento e até motivações, aspirações e expectativas da vida na fase adulta. Consequentemente, proporciona os elevados gastos com saúde e políticas públicas relacionados à assistência às vítimas e ao combate das violências e seus agravos.

Neste caso, são necessários estudos que possam melhor elucidar a dinâmica deste fenômeno e assim, construir alicerces teóricos para a criação de medidas de saúde de combate à violência que assegurem aos adolescentes melhores condições de vida. Assim, este estudo pretende expandir o conhecimento, trazendo contribuições significativas para o ensino, a assistência e a pesquisa em enfermagem.

Considera-se que o estudo contribuirá com novos conhecimentos e propostas de assistência para a equipe de acolhimento institucional e para os profissionais de saúde, em

especial, de enfermagem. Ao se trabalhar as violências nas RAI de adolescentes em acolhimento institucional, será possível identificar os diversos aspectos que envolvem a vida desses adolescentes, as particularidades deste fenômeno e seus efeitos na saúde dos mesmos. Também poderá ser fonte de consulta para desenvolver ações mais específicas voltadas à equidade de gêneros, prevenção de agravos, promoção de saúde para o bem-estar e qualidade de vida de adolescentes acolhidos.

Para os adolescentes institucionalizados, o mapeamento das relações afetivas e situações de conflito/violência nas RAI, poderá auxiliar na identificação precoce de problemas e promoção de um cuidado pautado nas reais demandas desse público.

Pretende-se estimular novas reflexões e questões acerca da violência nas RAI, das questões de gênero e adolescência no ensino de enfermagem. Os adolescentes institucionalizados constituem um grupo específico e pouco discutido durante a graduação e pós-graduação em Enfermagem. Neste sentido, a pesquisa poderá estimular o interesse para o tema e proporcionar discussões e reflexões entre professores e alunos, consolidando, assim, a capacitação de profissionais de saúde mais preparados para trabalhar a promoção de saúde com esse público em questão.

É importante a discussão do fenômeno violência nas RAI e de gênero como questões de saúde na academia e a necessidade da inserção da temática como parte dos currículos acadêmicos. Dessa maneira, fomentará novos estudos com a finalidade de aprofundar a temática. Ainda, estimulará o debate sobre violência, gênero e grupos vulneráveis com o objetivo de criar estratégias para vencer resistências e promover melhores práticas de prevenção, atendimento e repressão deste fenômeno.

Também, encontra-se inserido no Grupo de Pesquisa Gênero, Violência em Saúde e Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da UERJ – ENF/UERJ. Para o referido núcleo, o estudo pretende contribuir com o aprofundamento das temáticas envolvendo a violência, gênero e grupos vulneráveis, além de apresentar novas possibilidades de investigações, uma vez que um estudo não se encerra em si mesmo – ao contrário, inicia novos questionamentos que necessitam ser investigados.

1. REFERENCIAL TEMÁTICO

1.1 Adolescência e suas particularidades

Os jovens representam um total de 1,8 bilhões em uma população mundial de 7,8 bilhões de pessoas (FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2014). No Brasil constata-se cerca de 190 milhões, sendo 60 milhões apresentando idade menor de 18 anos, isto é, um terço de toda a população brasileira de acordo com dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011).

Esses dados revelam um quantitativo elevado de adolescentes no Brasil, representando um grupo de extrema importância e influências em todo território. Sob esse aspecto, é possível deduzir que esses números impactam diretamente nos serviços do país, despertando diferentes demandas e estimulando a reestruturação e criação de novos arranjos nos cenários político, econômico e social.

Os adolescentes destacam-se como um elemento crucial na sociedade no momento em que se compreende sua importância social como indivíduos responsáveis pelo desenvolvimento do país e propagação de gerações futuras. Os marcos legais como a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança em 1989 – ratificada pelo Brasil em 1990, introduziram ordenamento jurídico para a concepção de criança e adolescentes como sujeitos de direitos, em condição peculiar de desenvolvimento (LIMA; VERONESE, 2012).

Seguindo este pensamento, a adolescência tem recebido destaque na atenção à saúde com programas e políticas de saúde específicas para o grupo nos últimos anos. Na busca por melhores condições de vida, o governo implementou ações direcionadas à atenção à saúde de adolescentes, principalmente quanto à promoção de sua saúde, tais como: Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990), Programa de Saúde do Adolescente - PROSAD (BRASIL, 1996), Política Nacional de Atenção Integral a Saúde de Adolescentes e jovens (BRASIL, 2007) e Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher - PNAISM (BRASIL, 2004a). Basicamente, essas políticas têm por objetivos garantir a cidadania desta parcela da população e facilitar o processo de conscientização destes jovens sobre si mesmos, suas habilidades e sua inserção no mundo como potencial promotor de saúde e transformador da realidade.

Ao se considerar as especificidades desse período da vida, há o entendimento de que adolescentes constituem um grupo populacional que exige novos modos de produzir saúde. Na realidade brasileira, estes são definidos por diferentes aspectos, emergindo opiniões diferenciadas quanto às formas de situá-los nos marcos referenciais que os caracterizam.

O Ministério da Saúde segue como definição de adolescência a prescrita pela OMS, que caracteriza o período de 10 e 19 anos e compreende como juventude a população dos 15 a 24 anos (BRASIL, 2010a). O Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) define juventudes a partir de faixas etárias. Dos 15 a 17 anos são adolescentes-jovens; dos 18 a 24 anos de jovens-jovens e entre os 25 a 29 anos são denominados jovens-adultos. Portanto, nessas definições há uma interseção entre a metade da adolescência e os primeiros anos da juventude.

O presente estudo adotou o conceito do ECA que compreende a adolescência na faixa etária de 12 a 18 anos completos (BRASIL, 1990), a fim de contemplar a referência conceitual utilizada pelos cenários escolhidos e participantes desta pesquisa. Também, optou-se por utilizar as palavras adolescente e jovem como sinônimos entendendo que o conceito de faixa etária do ECA perpassa por ambas definições.

A adolescência é um momento essencial de transformação, transposição e autoafirmação das pessoas que a vivem e daqueles com quem convivem. Por meio de cada nova tarefa ou desafio, os adolescentes vivenciam o que é novo e o que deixará de sê-lo, dando lugar a experiências que contribuirão para seu amadurecimento jovem e suas condições objetivas de vida (CERQUEIRA-SANTOS; MELO NETO; KOLLER, 2014). As diferentes particularidades que cada idade interpõe aos sujeitos adolescentes no momento do ciclo da vida, têm aspectos psicobiológicos, culturais e socioeconômicos importantes e distintos, que ora os aproximam, ora, os distanciam. Estas faixas se caracterizam como etapas críticas do processo de crescimento e desenvolvimento humano (BRASIL, 2017).

É fundamental compreender a adolescência como uma etapa mais relacionada a fase sociopsicológica do indivíduo do que propriamente vinculada e definida por idade cronológica/ números. A adolescência é uma construção social, um período resultante de momentos significados e interpretados pelo ser humano, com marcas que a sociedade destaca e significa. Por meio de seus valores em constante mutação, a sociedade modifica também esses “marcadores”, dependendo do contexto histórico-cultural em que são vividos (CERQUEIRA-SANTOS; MELO NETO; KOLLER, 2014).

Assim, ao se considerar sua complexidade e interação com o meio social, é oportuno discutir a adolescência inclusive como uma palavra em plural - adolescências -, pois a adolescência não se resume apenas ao início ou término de uma fase da vida, mas envolve a

interação com variáveis como gênero, etnia, classe social, lugar de moradia, geração a que pertencem e contexto histórico-cultural. Além disso, as características próprias dos múltiplos modos de se vivenciá-la são diferentes para cada um(a) jovem. Cerqueira-Santos, Neto, Koller (2014) destacam que os tormentos, rompantes, conturbações e tempestades, não são regra geral de comportamentos que todas/os adolescentes viverão neste momento de suas vidas.

Falar da adolescência implica, portanto, na promoção de uma discussão que traga maior visibilidade para as múltiplas formas de vivê-la (ROCHA, 2017). As adolescências são definidas “por aquilo que está ao entorno, pelos contextos socioculturais, pela sua realidade, situando-as em seu tempo, em sua cultura” (BRETAS, 2010, p. 92). Esse olhar pautado na diversidade e no pluralismo oferece um panorama variado e mutante que compreende comportamentos, referências identitárias, linguagens e formas de socialização diversas, que inviabilizam uma concepção única de adolescência (BRASIL, 2002).

Um outro ponto importante sobre o tema relaciona-se às questões de autoimagem e de interrelações nos grupos. A maneira como os adolescentes se vêem físico e emocionalmente e como são tratados em seu grupo social, contribui intensamente para a formação de sua personalidade adulta e da relação com seu próprio corpo. Conforme as experiências vividas, os adolescentes adquirirão princípios, valores, crenças, atitudes e vontades, além de descobrir seus papéis sociais. É possível dizer que, ao experienciar essas questões, estes adolescentes vivenciarão o período com intensa ansiedade e inúmeras fantasias, buscando cada vez mais novas experiências e desafios (BRASIL, 2006; BRILHANTE; CATRIB, 2011).

Essa estruturação do perfil psíquico do adolescente compõe a afirmação da personalidade, exercício pleno da sexualidade e função reprodutora, crescimento espiritual, conclusão de projetos de vida produtiva, autoestima e independência. Tais situações representam desafios ao adolescente ainda em desenvolvimento, que - dependendo do contexto em que se inserem tende a significá-los como conflitos emocionais os quais podem desencadear comprometimento das funções fisiológicas, distúrbios da alimentação e do sono, dores de cabeça, angústia, com expressões de um somatório de sentimentos (ARAÚJO; COSTA; BLANK, 2009).

Cabe ressaltar que a adolescência é a etapa em que se vivencia novos momentos, inclusive de perdas, de forma que esta experiência modifica sua identidade e visão de mundo. Ela nos aponta para um adolescente feliz, para um adolescente sempre disposto a participar com os amigos de brincadeiras e de festas, para um adolescente um tanto quanto agitado e que está sempre em busca de algo para divertir-se.

A adolescência como um período de descobertas, de maior liberdade, mas também um período em que existem problemas que precisam ser resolvidos. As perdas abrangem os lutos pelas alterações do corpo e identidade infantis e

pelas idealizações/referências dos pais na infância. Tais lutos são geralmente elaborados concomitantemente a uma variedade de manifestações emocionais e mudanças comportamentais que fazem parte do crescimento físico e psíquico.

Nesta fase, nota-se que seu ciclo de vida particularmente saudável pode evidenciar também agravos a saúde decorrentes dos distintos modos de lidar consigo e com as situações da vida. Essa avaliação da saúde é uma componente essencial de cuidados a serem prestados ao grupo de adolescentes, principalmente ao se analisar seus comportamentos, seu autocuidado e o conjunto complexo e multifacetado de fatores emergentes com potencial de vulnerabilidade.

Apesar de ser trabalhada ao longo dos anos, a vulnerabilidade consiste em um conceito em construção, tendo em vista sua magnitude e complexidade. Neste caso, ela se constitui como um fenômeno social em constante desenvolvimento, enquanto produto das transformações societárias, assumindo diferentes formas de acordo com os condicionantes históricos. Essas transformações contribuem para a ocorrência de mudanças na esfera da vida do(a) adolescente, acentuando ou não, fragilidades e contradições (MONTEIRO, 2011).

A compreensão de vulnerabilidade deve partir da relação dialética entre externo e interno. O externo refere-se ao contexto de referência, já o interno pauta-se em características básicas de indivíduos, grupos locais ou comunidades. Essa estrutura de possibilidade de enfrentamento é que irá determinar maior ou menor desvantagem ou debilidade no processo de mobilidade social (CARMO; GUIZARDI, 2018).

Em geral, a concepção de vulnerabilidade apoia-se no argumento de que a dimensão estrutural da realidade, articulada às necessidades objetivas e subjetivas dos indivíduos e grupos, além de produzir diferentes níveis de exposição a agravos à saúde, pode reduzir a capacidade de os sujeitos exercerem autonomia de decisão frente às questões de saúde e da coletividade em que vivem (REIS et al., 2013). Sandim (2018) explica que a vulnerabilidade de determinados grupos e indivíduos não se restringem apenas aos determinantes econômicos, mas perpassam inclusive por organizações simbólicas de raça, orientação sexual, gênero, etnia e sexualidade.

A vulnerabilidade pressupõe um conjunto de características, de recursos materiais ou simbólicos e de habilidades inerentes a indivíduos ou grupos, que podem ser insuficientes ou inadequados para o aproveitamento das oportunidades disponíveis na sociedade. Assim, essa

relação irá determinar maior ou menor grau de deterioração de qualidade vida dos sujeitos. Dessa forma, a diminuição dos níveis de vulnerabilidade pode ocorrer a partir do fortalecimento dos sujeitos para que possam acessar bens e serviços, ampliando seu universo material e simbólico, além de suas condições de mobilidade social (MONTEIRO, 2011). Nesse sentido, a vulnerabilidade assume um espaço de mediador, abrangendo ações e mecanismos de enfrentamento dos riscos e orientando intervenções a partir da representação de cenários de múltiplas relações entre elementos de natureza diversa (AYRES, 2009).

Dentro desse conceito, articulam-se: o componente individual, referente às informações que a pessoa tem sobre o problema e à capacidade de operá-las na construção de práticas protetoras integradas ao cotidiano; o componente social, relativo à obtenção de informações e ao poder de influir social e politicamente para alcançar livre expressão, segurança e proteção; o componente programático, pertinente à qualidade e ao funcionamento efetivo dos programas de controle e serviços. Os três componentes do quadro conceitual interligam-se permitindo análises multidimensionais, sendo a vulnerabilidade definida pelo entrelaçamento de condições materiais, psicológicas, culturais, morais, jurídicas, políticas, que podem direcionar saberes e práticas em saúde (SEVALHO, 2017).

As vulnerabilidades produzidas pelo contexto social e as desigualdades resultantes dos processos históricos de exclusão e discriminação determinam os direitos e as oportunidades de muitos brasileiros, incluindo os adolescentes. Nesta perspectiva, surgem os adolescentes em situação de acolhimento institucional - reflexo de uma sociedade permeada por fragilidades sociais e laços interpessoais esgarçados pelo agravamento das disparidades.

1.1.1 Adolescência em acolhimento institucional

Diante da desigualdade econômica fortemente instalada no Brasil e o desgastes nos vínculos familiares, torna-se preocupante a vida destes adolescentes. Trata-se de jovens afastados de suas famílias, cujos laços sociais estão desgastados por uma trajetória de vulnerabilidade multifacetada permeada, principalmente, por exclusão e violência. Nestas condições, são impulsionados a um modo de ver e estar no mundo diferenciado, com suas próprias normas sociais/relacionais, na tentativa de sobrevivência (CARINHANHA; PENNA, 2012).

A institucionalização na adolescência representa a realidade de muitas famílias brasileiras menos favorecidas, refletindo a histórica desigualdade socioeconômica presente no país. O afastamento do convívio familiar remete à preocupação com as repercussões negativas para a estruturação emocional e a consequente construção de projetos de vida. (CARINHANHA; PENNA, 2012). De acordo com o Cadastro Nacional de Adolescentes e Crianças Acolhidas, 47.182 crianças e adolescentes vivem em unidades de acolhimento ou estabelecimentos mantidos por organizações não governamentais, igrejas ou outras instituições, dado que sofreu um aumento de 54, 46% desde 2012 (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2018).

A unidade de acolhimento institucional é um serviço que oferece acolhimento, cuidado e espaço de desenvolvimento para grupos de crianças e adolescentes em situação de abandono ou cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir suas funções de cuidado e proteção. Com o objetivo de defender e assessorar crianças e adolescentes que se encontram em um contexto de risco e vulnerabilidade social, o ECA prevê o acolhimento institucional como medida de proteção integral a crianças e adolescentes (BRASIL, 2009).

A etapa de acolhimento institucional se constitui como uma etapa de busca de solução para o caso do adolescente em situação de abandono ou violação de direitos. Por isso, deve ser uma medida provisória que não implica em privação de liberdade. Ao ser acolhido, o trabalho se dá no objetivo do retorno do adolescente a família natural, mas se não houver êxito, deve-se iniciar o encaminhamento para a adoção (BRASIL, 1990).

Neste sentido, a instituição de acolhimento assume a responsabilidade temporária pelos jovens, conferindo-lhes algum senso de cidadania. A instituição juntamente com os seus educadores e adolescentes, assumem uma referência que traduz o significado de uma casa para este grupo de adolescentes, desenvolvendo suas relações como pessoas externas à família original. O acolhimento institucional ocorre em uma instituição especialmente planejada, podendo ser uma casa de passagem, um abrigo institucional, uma casa-lar ou uma república.

A proximidade física entre a unidade e acolhimento institucional e família possibilita o trabalho com a rede familiar, principalmente na troca de visitas, dos familiares à criança e da criança à família, favorecendo a manutenção do vínculo entre eles. Oferece ainda a chance de criança e o/a adolescente frequentem a escola e os demais serviços da sua própria comunidade, podendo haver continuidade após a saída da criança do acolhimento (BRASIL, 2009).

Os adolescentes em situação de acolhimento institucional são indivíduos cujas particularidades acentuam ainda mais suas vulnerabilidades. Esse contexto repleto de fragilidades sociais como inexistência de um núcleo familiar sólido, vivências de adversidades socioeconômicas, negação daquilo que lhes é direito, violência de gênero, violência física e sexual e violência social intensificam ainda mais sua dificuldade na manutenção de sua própria saúde, podendo interferir em seu desenvolvimento e perspectivas de vida.

As expectativas de futuro dos adolescentes em situação de acolhimento geralmente são baixas em relação aos adolescentes inseridos em outros contextos socioculturais (ABAID, 2013). É inegável que existem diferenças que abrangem múltiplas esferas - sociais, econômicas, familiares - que precisam ser consideradas ao falar dos processos da adolescência. Fatores históricos e sociais são relevantes para pensar a adolescência. É importante que esta fase seja compreendida a partir do ambiente social em que a/o jovem vive o seu cotidiano pois afetam a pessoa adolescente e sua experiência do adolescer. Entende-se o ambiente social do adolescente em acolhimento institucional também influenciará diretamente no seu modo de ser, agir e pensar e; posteriormente, se posicionar no mundo adulto (ROCHA, 2017).

As transformações características dessa fase, algumas vezes, são analisadas sob uma perspectiva negativa e preconceituosa e, portanto, ter um olhar ampliado sobre a adolescência contribui para desconstruir a figura pejorativa de um indivíduo desinteressado, rebelde e preguiçoso, e valorizar esse ser em formação e cristalização de seus próprios valores, comportamentos e pensamentos. Sob esse delineamento, o adolescer representa o processo de absorção dos comportamentos e atitudes vivenciadas em uma estrutura de padrões sociais e sexuais estabelecidas pela sociedade e que configurarão subjetivamente esse indivíduo durante essa transição entre ser criança para ser adulto (BRASIL, 2010).

Assim, os múltiplos universos que envolvem os adolescentes institucionalizados intervêm diretamente no modo como eles traçam as suas trajetórias de vida. Essas trajetórias bem-sucedidas ou fracassadas representam mais que histórias de vida, são reflexo das estruturas e dos processos sociais que ocorrem de maneira imprevisível, vulnerável e incerta e que vão interferindo no cuidado com a vida e com a suas demandas de saúde (BASIL, 2017). Essa conjuntura resulta em um olhar sensível a sua história de vida e seu comportamento diferenciado a respeito à sua saúde e qualidade de vida. Os vários entraves que se estabelecem, evidenciam a importância de se tentar reduzir a intensa vulnerabilidade destes sujeitos e, assim, viabilizar a conquista de um caminho rumo à cidadania.

Com isso, compreende-se que o atendimento aos adolescentes em acolhimento institucional deve envolver questões de promoção do protagonismo juvenil, de exercício da cidadania e de fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, e também de educação em saúde, de prevenção de agravos e de atenção integral à saúde, incluindo-se temas como a saúde sexual e as questões de violências.

A adolescência, apesar de ser considerada uma etapa biológica, na maioria das vezes saudável e de baixa morbimortalidade, vem sendo hoje um dos grupos populacionais de maior atenção pelo setor saúde, principalmente em função das questões que envolvem a sexualidade e do aumento e precocidade da atividade sexual na adolescência (BRASIL, 2017).

O exercício da sexualidade traz implicações no processo reprodutivo e na saúde biopsicossocial do adolescente. A decisão de iniciar as relações afetivas íntimas acontece paralelamente a inúmeras modificações na vida do adolescente, podendo gerar novas experiências, inclusive situações indesejadas como a ocorrência de gravidez, aborto, infecções sexualmente transmissíveis e violências. Tais episódios repercutem não apenas na fase da adolescência como também na vida futura.

Nesse sentido, ao analisar as relações afetivas de adolescentes, bem como a impulsividade e a curiosidade deste grupo junto a saúde sexual dos mesmos, observa-se uma relação direta com situações de vulnerabilidades - violência, IST e gravidez na adolescência. A ênfase dada às discussões produzidas nesse capítulo foca no grupo populacional denominado de Adolescentes em acolhimento institucional como meio de realçar suas particularidades inerentes ao ciclo da vida e no contexto de vida atual.

Considerar as diferenças e as multiplicidades existentes nesta população, em especial, os adolescentes em acolhimento institucional, revela a necessidade de um cuidado e atenção integral mais sensíveis com o intuito de garantir o direito a saúde de forma plena. Esta pesquisa é sustentada com a visão do adolescente como ser potencialmente ativo, de convicções, crenças e reflexões críticas de seu contexto histórico, social e cultural, imbricados ainda, no território em que se inserem e na complexa particularidade de sua singularidade.

1.2 Relações afetivas íntimas, gênero e sexualidade

Os relacionamentos afetivos íntimos na adolescência vêm se estabelecendo com experiências nas mais diversas modalidades de lidar com os pares. A emergência do processo

de experimentação amorosa, que comporta diferentes maneiras de conhecer-se através da descoberta do outro, pode em determinado momento estimular o conhecimento de novos territórios, antes desconhecidos na infância. Os espaços adjacentes a sexualidade fortalece e expandem-se gradativamente à medida que esses jovens vivenciam seu eu interior e exterior, e com isso, cada adolescente experencia de maneira única sua própria sexualidade.

As transformações acontecem, e com elas, as novas maneiras de lidar com a sexualidade, principalmente com relacionamentos/vínculos afetivos de menor durabilidade e maior rotatividade de parceiros. Independente da forma ou do período de tempo que as pessoas se relacionam intimamente, a sexualidade certamente permeia por todas elas. Salienta-se que esse termo não se refere somente ao ato sexual, mas também às questões culturais e às históricas, tais como, sentimentos e afetos, presente na vivência do indivíduo desde o seu nascimento até sua morte (RODRIGUES, 2014).

Em todas as etapas da vida de homens e mulheres, a sexualidade na adolescência é considerada uma dimensão fundamental que envolve práticas e desejos relacionados à satisfação, à afetividade, ao prazer, aos sentimentos, ao exercício da liberdade e à saúde. É um aspecto central do ser humano ao longo da vida influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais, e que engloba sexo, identidade de gênero e papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. Além disso, a sexualidade é vivida e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos (BRASIL, 2006).

Considerando que a sexualidade faz parte da vida de todo indivíduo, entende-se que ela permeia nas relações afetivas íntimas dos adolescentes e pode ser também compreendida inclusive como afetividade, relação sexual, diferenças biológicas e prazer. A alusão da sexualidade como ato sexual é comum para muitos adolescentes, e quanto inseridas em contextos com seus pares, o exercício da sexualidade no relacionamento potencializa preocupações nos(as) adolescentes com vínculos afetivos. De fato, essas dimensões estão arraigadas em muitos valores do contexto, do ambiente, e das representações sociais mais antigas que envolve os padrões sociais de gênero. (MORAES; BRÊTAS, 2016).

Braga e Dell’Aglío (2013) destacam o quanto a adolescência é influenciada também por questões relacionadas ao sistema sexo/gênero e aos comportamentos ideais e esperados a serem “performados” por uma menina e por um menino. Nesse sentido, os relacionamentos afetivos íntimos e o adolecer precisam ser analisados a partir de uma perspectiva de gênero.

O conceito de gênero refere à construção social, histórica e linguística do que é ser mulher e ser homem na sociedade, a partir de um conjunto de normas modeladoras dos seres humanos, expressas nas relações de duas categorias: feminino e masculino (SAFFIOTI, 1999).

A vivência em uma sociedade patriarcal coloca as/os adolescentes diante de elementos e processos de engendramento que são determinantes quando se fala na construção das identidades de seres masculinos e femininos e é nesta fase que a incorporação dos modelos de feminilidade e masculinidade fica mais visível (CISNE, 2015; MOLINA, 2013). A adolescência será marcada por uma adequação aos papéis de gênero culturalmente impostos (DINIZ; ALVES, 2015). Padrões estereotipados e normativos de comportamentos são ensinados de modos distintos aos meninos e as meninas desde a infância e muitos desses padrões serão mantidos durante toda a vida. Portanto, ainda que sexualidade é a responsável pelo desenvolvimento das identidades do ser humano, existem diferenças de seu exercício quando comparamos os sexos feminino e masculino.

Apesar do comportamento sexual feminino se aproximar a do masculino no que diz respeito ao período de início da atividade sexual, os efeitos dos papéis sociais de gênero atinge, inclusive, a motivação para o engajamento sexual, estando associada às expectativas tradicionalmente atribuídas à mulher, o amor romântico e o compromisso. As meninas tendem a ser educadas, desde a fase infantil, para aceitar de modo passivo a autoridade dos meninos (DINIZ; ALVES, 2015).

A persistência de padrões tradicionais hegemônicos de gênero é verificada quando as jovens valorizam a existência de um vínculo afetivo com o parceiro na decisão de ter relações sexuais (TAQUETTE; MEIRELLES, 2012). Isto ocorre em função da presença dos chamados dilemas identitários que podem ter origem em processos de comparações ou idealizações acerca da imagem da mulher perfeita e do homem perfeito (DINIZ; ALVES, 2015).

As expectativas sociais presentes na juventude também podem revelar outras distinções de comportamentos principalmente nas relações afetivas. Enquanto os meninos utilizam verbo com sentido ativo e dinâmico (“pegar”), as meninas utilizam palavra vinculada à noção de passividade (“ficar”). Minayo, Assis e Njaine (2011) definem o “pegar” como outra forma de relação, distinta do “ficar” e do “namorar”. O “pegar” seria motivado mais pelo desejo sexual do que os demais, estando distante da noção de compromisso ou permanência.

Enquanto os meninos vivenciam a sexualidade de modo permissivo, as meninas vivenciam uma sexualidade reprimida e passível de julgamentos caso seja vivida de forma

semelhante à dos meninos. Portanto, as regras sexuais são diferentes para ambos os sexos na sociedade, sendo geralmente restritiva em maior parte para o gênero feminino, determinado pela cultura patriarcal que impõem quais são as práticas sexuais apropriadas ou não para os sexos (MOLINA, 2013).

Outra situação envolve a reprodução dos papéis sociais de gênero quanto a quantidade de parceiros(as). Enquanto que as adolescentes podem ser vinculadas a um comportamento de promiscuidade quando se relacionam afetivamente com várias pessoas, os adolescentes do sexo masculino serão percebidos como “pegadores”, atividade que os valorizava socialmente por cumprirem o papel e a prescrição de gênero esperada para pessoas desse sexo, a autoafirmação da masculinidade associada a virilidade (SANTOS; ACIOLI NETO; SOUZA, 2011).

É perceptível os contrastes da caracterização, da descrição e do modo de se relacionar das/os adolescentes, a partir de uma diferenciação dos comportamentos esperados para os gêneros feminino e masculino (SANTOS; ACIOLI NETO; SOUZA, 2011). Portanto, essas diferenças de expectativas e papéis sociais são incorporadas e internalizadas por adolescentes, refletindo-se em seus comportamentos atuais e futuros, principalmente no que diz respeito à sexualidade, às relações pessoais, com namorados e cônjuges, bem como no acesso a informações e serviços de saúde sexual oferecidos antes e depois do casamento (BRASIL, 2010a).

Além da perspectiva de gênero nas relações afetivas íntimas de adolescentes, ressaltam-se, ainda, outras características peculiares tais como: normalmente se relacionam com pessoas do grupo de amizades, ambiente escolar e desconhecidos; permanecem com a mesma pessoa, em média, três meses; e, caso o namoro aconteça, permanecem em relacionamento por mais de um ano. A relação sexual pode acontecer no ficar, e com possibilidade de se efetivar logo no primeiro encontro (NOGUEIRA et al., 2014).

Nesse contexto das relações afetivas íntimas na adolescência, destacam-se modalidades que vão desde uma relação sem compromisso, de curta duração ou um período para se conhecerem, até a oficialização de um relacionamento sério, em que o amor, comprometimento, dedicação, felicidade, cumplicidade e estabilidade estão presentes (NOGUEIRA et al., 2014).

O namoro no contexto brasileiro é entendido como uma relação pautada na idealização romântica, firmada no compromisso e na fidelidade entre duas pessoas. É ainda considerado como uma fase que predispõe o noivado e conseqüentemente o casamento, mas sem que tenha necessariamente essa intenção. Tem como uma das principais características a inclusão do

relacionamento no âmbito familiar (NOGUEIRA et al., 2014). Ademais deste tipo de relação afetiva mais tradicional, o ficar representa o compromisso anterior ao casamento, mas que ainda sim se estabelecem determinadas alianças. Tem sido comum nas relações mais casuais e caracterizadas por breves encontros, sem maiores ligações, principalmente na população juvenil (BARTH; WAGNER; LEVANDOWSKI, 2017). É através dele que o adolescente encontra o modo de estabelecer vínculos afetivos mesmo que ele não perceba o afeto que envolve esse relacionamento. Representa a oportunidade de vivenciar emoções como afeto e desamores fora de seu espaço familiar e de transformar o desconhecido em conhecido.

A efemeridade é mais notável no “ficar”, uma vez que se caracteriza por relações que se dão em situações específicas, que duram geralmente por apenas algumas horas em noites de festas e diversões, enquanto que o namoro, majoritariamente, é marcado por uma relação de continuidade e de compromissos. O ‘ficar’ é visto como um relacionamento passageiro, fortuito, superficial, sem maiores conseqüências ou envolvimento profundos e não implica em compromissos futuros (FRANZI; ARAUJO, 2017).

A expressão ficar, relaciona-se a uma atração, em sua maioria física, sem maiores compromissos, podendo envolver somente beijos, ou até contatos sexuais. Por vezes, as pessoas “ficam” sem se conhecer previamente, o que geralmente acontece em determinadas festas; por outras, as pessoas assumem um contato mais duradouro, onde vivem uma fase de reconhecimentos e identificações, criando um vínculo de intimidade maior, entretanto sem a rotulação do namoro, e sem a ideia de fidelidade; as pessoas ficam abertas a ficar com outras pessoas. Em geral, esse relacionamento pode significar desde uma relação rápida, sem envolvimento afetivos, até conhecer o outro e uma fase de espera para o namoro. Como características principais apresenta o distanciamento emocional e o envolvimento com vários (as) parceiros (as) durante poucas horas (NOGUEIRA et al., 2014).

Esses mesmos autores também explicam que a relação afetiva, o ficar, é permeado pela falta de compromisso e por seus desejos, regras e usos. A busca de prazer é sua principal característica e se faz em um encontro de um dia e/ou noite, desde beijos à relação sexual. No ficar se estabelece a ruptura entre compromisso e prazer, caracterizada como mais importante que a presença da falta de compromisso. Apesar do ficar se encontrar presente em todas as faixas etárias, ele se consagrou como o mais expressivo dentre os vários tipos de relacionamento afetivo na cultura adolescente.

Para muitos adolescentes, o ‘ficar’ configura-se, de certa forma, como uma interação afetiva e sexual onde se pode lidar com as demandas referentes às relações de namoro, consideradas mais rígidas. Neste sentido, o ‘ficar’ aparece como uma forma alternativa ao

namorar, cujos aspectos mais enfatizados por rapazes e moças, dizem respeito ao não firmamento de acordos mais complexos, pertinentes às relações estáveis (SANTOS; CUSTÓDIO; DIAS, 2017).

Outra distinção salientada em relação ao ficar e ao namorar refere-se à exclusividade e à fidelidade. No namoro, a exclusividade é uma das regras do relacionamento; ao contrário, no “ficar” a exclusividade não é requerida. No namoro a preocupação com a fidelidade ocupa um lugar especial. Já no ficar há certo “relaxamento” com essa preocupação, uma vez que se valoriza uma maior maleabilidade das trocas afetivas. Neste caso, a obrigação da fidelidade é uma das dificuldades que o ‘ficar’ minimiza, proporcionando uma maior flexibilidade das relações afetivas íntimas (FRANZI; ARAUJO, 2017).

Em seu estudo, Nogueira et al. (2014) identificaram que na visão dos adolescentes o ficar significa um relacionamento sem compromisso, no qual o beijo é uma das características marcantes. E também representa a fase que antecede o namoro e propicia ou não a continuidade da relação. Portanto, o momento é marcado pelo conhecer o outro e pela possibilidade do relacionamento se tornar sério, ou seja, é o estabelecimento de um vínculo afetivo íntimo. Para adolescentes, o desejo de permanecer ao lado do outro, assim como quando o ideário romântico se faz presente na relação, representa simbolicamente a passagem de um relacionamento descompromissado para o sério. Ao contrário do ficar, o compromisso mais sério, o namoro visto pelos adolescentes e jovens, consiste em desde compartilhar todos os momentos juntos até a possibilidade de um futuro com o outro, no qual o carinho, respeito, fidelidade e confiança estão presentes.

Apesar das relações afetivas íntimas serem comum na adolescência, Kinas e Vendruscolo (2010) explica que os relacionamentos afetivos íntimos possuem significados diferentes para cada indivíduo e o modo como cada um vivencia seu relacionamento trazem duas configurações distintas, a perspectiva positiva e a perspectiva negativa.

O estabelecimento de relações afetivas íntimas entre as pessoas é um comportamento natural do próprio do ser humano sendo, portanto, a vivencia dessa interação e possíveis conflitos parte integrante desse tipo de contato. Todas estas mudanças são acompanhadas de adventos, muitas vezes, inesperados, ou seja, de variações comportamentais comuns à maioria dos adolescentes. Algumas variações, mais comuns, são: as mudanças repentinas de humor, momentos de extrema euforia, tristezas, agitação, preguiça, desconfiança, agressividade, condutas estranhas, timidez, irritabilidade e postura hostil, dentre outros (RANGEL et al., 2012).

Como consequência de dificuldade de superar os conflitos afetivos, podem aparecer problemas de isolamento social, dificuldade escolar, perda de interesse nas tarefas cotidianas, interesse em abandonar os estudos (escola e faculdade), alteração no sono e no apetite, depressão, transtorno de ansiedade, crises de pânico e até comportamentos violentos com seus pares. Na medida em que se estabelece como uma forma de comunicação entre parceiros adolescentes, a violência pode acabar se cristalizando como estratégia para lidar com os conflitos nas relações íntimas. Esse fenômeno por ser caracterizado relacional, essa violência nas relações afetivas íntimas pode ser entendida como de gênero, afetando, portanto, as interações tanto entre meninos e meninas quanto entre meninos e entre meninas (CECCHETTO et al., 2018).

1.3 Violências e suas interfaces

A violência é um fenômeno mundial e multicausal. Considerada uma das principais contribuintes para mortes, doenças e incapacitação, e de uma série de outras consequências sociais e de saúde, seus eventos correspondem a 2,5% da mortalidade global e representa a quarta principal causa de morte em todo o mundo para indivíduos entre 15 e 44 anos de idade (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2014). Devido a sua ocorrência em escala mundial, a violência vem sendo objeto de estudos e discussões como uma temática necessária para a promoção e manutenção da vida, principalmente no campo da saúde.

Ao ser considerar suas múltiplas dimensões na sociedade, a violência recebe variadas definições dependendo do ponto de vista e da área relacionada. No âmbito da saúde, o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde da OMS (KRUG et al., 2002) define a violência como a utilização de força física ou poder, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade em um contexto de ameaça ou na prática, que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação.

Minayo (2010) afirma que ao se analisar atos violentos observa-se a relação com conflitos de autoridade, a luta pelo poder e a vontade de domínio, de posse e de aniquilamento do outro ou de seus bens. A aceitação ou reprovação das expressões da violência, em grande parte envolverão normas sociais vigentes e mantidas por usos, costumes ou aparatos legais da sociedade.

Percebe-se que a força e o poder compõem os alicerces centrais na definição das violências no contexto atual. Nessa relação, o poder configura-se como o canal pelo qual a força, seja ela física ou simbólica, é aplicada para atingir um determinado objetivo. Como consequência expressam-se danos físicos, mentais e/ou morais originados pelas violências entre indivíduos, grupos, instituições ou organizações da sociedade civil (VIEIRA; MOREIRA; LIRA, 2016).

Mediante a complexidade das relações de poderes entre os indivíduos na sociedade e os desdobramentos violentos, neste estudo a violência foi categorizada em três tipos conforme às características de quem a comete (KRUG et al., 2002): a) violência dirigida a si mesmo (auto infligida) - subdividida em comportamento suicida e auto abuso; b) violência coletiva - que é subdividida em violência social, política e econômica. Diferentemente das outras duas categorias, as subcategorias de violência coletiva sugerem a existência de motivos possíveis para a violência cometida pelos grandes grupos de pessoas ou pelos Estados; e c) violência interpessoal - subdividida em violência comunitária e violência familiar, que inclui a violência infligida pelo parceiro íntimo, o abuso infantil e abuso contra os idosos. Na violência comunitária incluem-se a violência juvenil, os atos aleatórios de violência, o estupro e o ataque sexual por estranhos, bem como a violência em grupos institucionais, como escolas, locais de trabalho, prisões e asilos.

Ainda dentro destas categorias, as violências podem se manifestar de formas mais específicas. Essa definição é pautada segundo seu tipo de natureza em: física, psicológica, sexual e negligência (KRUG et al., 2002).

A violência física caracteriza-se como todo ato violento com uso da força física de forma intencional, não acidental, praticada por pais, responsáveis, familiares ou pessoas próximas da criança ou adolescente, que pode ferir, lesar, provocar dor e sofrimento ou destruir a pessoa, deixando ou não marcas evidentes no corpo, e podendo provocar inclusive a morte (BRASIL, 2004b). Pode ser praticada por meio de tapas, beliscões, chutes e arremessos de objetos, o que causa lesões, traumas, queimaduras e mutilações. Apesar de subnotificada, é a mais identificada nos serviços de saúde (BRASIL, 2010b).

Enquanto que a violência psicológica é toda ação que coloca em risco ou causa dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da criança ou do adolescente. Manifesta-se em forma de rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, cobrança exagerada, punições humilhantes e utilização da criança ou do adolescente para atender às necessidades psíquicas de outrem (BRASIL, 2004b; 2010b).

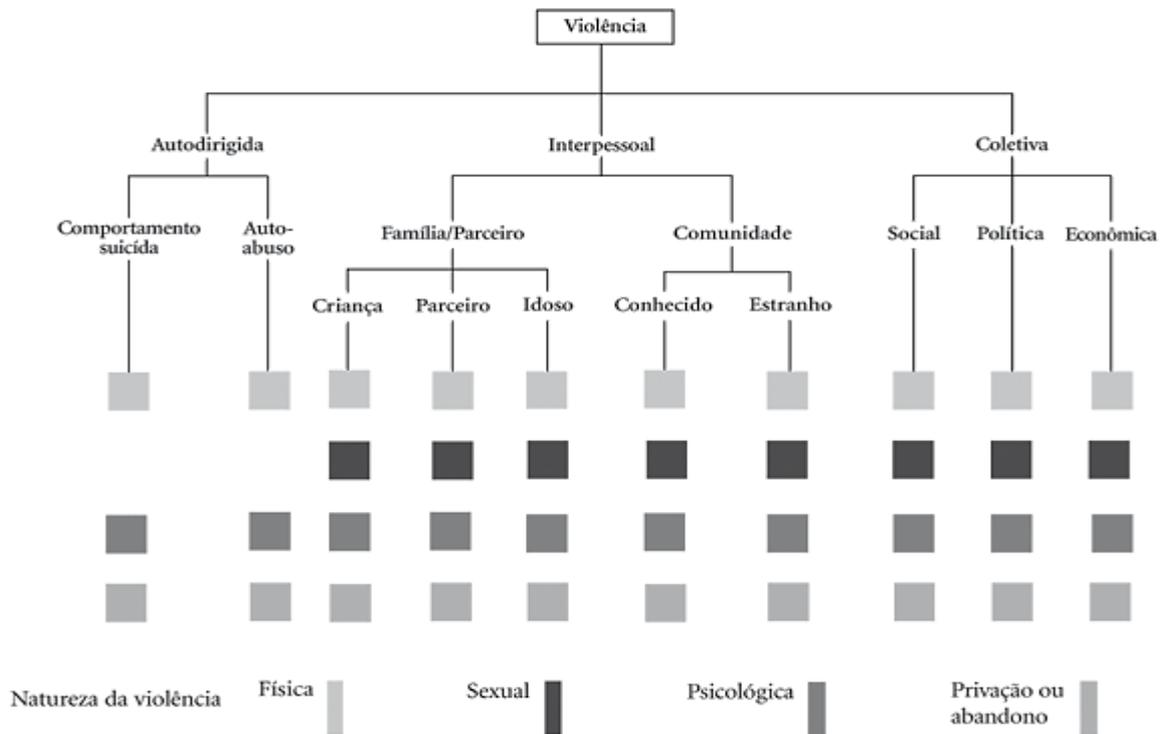
A violência sexual envolve todo ato ou jogo sexual com intenção de estimular sexualmente a criança ou o adolescente, visando utilizá-lo para obter satisfação sexual, em que os autores da violência estão em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado que a criança ou adolescente. (...) Pode ocorrer em uma variedade de situações como: estupro, incesto, assédio sexual, exploração sexual, pornografia, pedofilia, manipulação de genitália, mamas e ânus, até o ato sexual com penetração, imposição de intimidades, exibicionismo, jogos sexuais e práticas eróticas não consentidas e impostas e ‘voyeurismo’ (obtenção de prazer sexual por meio da observação) (BRASIL, 2004b). É predominantemente doméstica, especialmente na infância. Os principais perpetradores são os companheiros das mães e, em seguida os pais biológicos, avôs, tios, padrinhos, bem /como mães, avós, tias e outros que mantêm com a criança uma relação de dependência, afeto ou confiança, num contexto de relações incestuosas (BRASIL, 2010b).

Por último, a negligência caracteriza-se pelas omissões dos adultos (pais ou outros responsáveis pela criança ou adolescente, inclusive institucionais), ao deixarem de prover as necessidades básicas para o desenvolvimento físico, emocional e social de crianças e adolescentes. Inclui a privação de medicamentos; a falta de atendimento à saúde e à educação; o descuido com a higiene; a falta de estímulo, de proteção de condições climáticas (frio, calor), de condições para a frequência à escola e a falta de atenção necessária para o desenvolvimento físico, moral e espiritual (BRASIL, 2004). O abandono é a forma mais grave de negligência. A negligência não está vinculada às circunstâncias de pobreza, podendo ocorrer em casos em que recursos razoáveis estão disponíveis para a família ou responsável (BRASIL, 2010b).

Para maior compreensão da tipologia das violências, a Figura 1 (f. 43) ilustra a natureza dos atos violentos, que pode ser: 1) física; 2) sexual; 3) psicológica; 4) relacionada à privação ou ao abandono. A série horizontal na mesma figura indica quem é atingido, e a vertical descreve como o indivíduo é atingido (DAHLBERG; KRUG, 2007).

Essa dinâmica de interrelações revelam as violências como um problema que precisa ser compreendido em seu contexto social juntamente com a multiplicidade de seus determinantes. Em se tratando das violências, a relação com o(a) parceiro(a) e o espaço familiar reforçam uma teia de circunstancias consideradas fatores de risco predisponentes a eventos violentos (BRASIL, 2001).

Figura 1 - Tipologia das Violências



Fonte: DAHLBERG; KRUG, 2007.

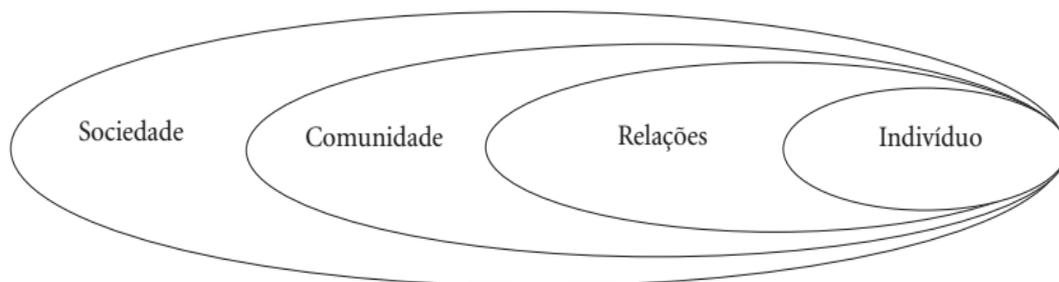
No âmbito familiar, alguns fatores de risco são avaliados conforme os tipos de famílias, àquelas: baseadas numa distribuição desigual de autoridade e poder atribuídos a seus membros (conforme papéis de gênero, sociais ou sexuais, idade, etc.); cujas relações são centradas em papéis e funções rigidamente definidos; sem nenhuma diferenciação de papéis, levando ao apagamento de limites entre seus membros; com nível de tensão permanente, que se manifesta através da dificuldade de diálogo e descontrole da agressividade; com estrutura de funcionamento fechada, onde não há abertura para contatos externos, levando a padrões repetitivos de conduta; e, que se encontram em situação de crise, perdas (separação do casal, desemprego, morte, migração e outros) (BRASIL, 2001).

Verificam-se como questões agravantes ao cenário de violências às famílias com baixo nível de desenvolvimento da autonomia dos membros da família, a presença de um modelo familiar violento na história de origem das pessoas envolvidas (maus-tratos, abuso na infância e abandono), uma maior incidência de abuso de drogas, a história de antecedentes criminais ou uso de armas, o comprometimento psicológico/psiquiátrico dos indivíduos e, a dependência econômica/emocional e baixa autoestima da parte de algum(ns) de seus membros, levando à impotência e/ou fracasso em lidar com a situação de violências (BRASIL, 2001).

Em relação as questões do casal, seus fatores de risco relacionam-se a: ocorrência de violências em relacionamentos anteriores, de pelo menos um dos parceiros, contexto e características do início da relação indicativos de violências (desapego, objetivos perversos, como interesse econômico, entre outros), dinâmica agressiva, isolamento e fechamento da relação (dificuldade em lidar com terceiros), elevado tempo de convivência em situação de violências e desgaste acumulado, baixa capacidade de negociação do casal quanto aos aspectos conflitivos da relação (dificuldade de lidar com terceiros), curva ascendente de grau, intensidade e frequência dos episódios de violências, elevado nível de dependência econômica e/ou emocional dos parceiros; baixa autoestima e pouca autonomia dos parceiros, sentimento de posse exagerado por parte dos parceiros (ciúmes exacerbados), alcoolismo e/ou uso de drogas por um dos membros do casal ou de ambos e, soropositividade da mulher, pelo HIV (BRASIL, 2001).

Tais fatores reforçam a importância de se analisar as violências por meio de abordagens multifatoriais na saúde pública partindo-se do pressuposto de que este é um fenômeno complexo e inserido em uma teia de relações sociais. Essa trama de fatores pode ser melhor compreendida a partir do modelo ecológico (Figura 2) cuja associação de seus níveis contextuais e individuais apresentam as violências como resultado de vários níveis de influência e comportamento (KRUG et al., 2002).

Figura 2 - Modelo Ecológico para análise da violência



Fonte: KRUG et al., 2002.

Este modelo pontua a violência em níveis de correlações e são divididos em: individual, relacional, comunitário e social (KRUG et al., 2002). O primeiro nível do modelo ecológico (individual) busca identificar os fatores históricos - biológicos e pessoais – que uma pessoa traz em seu comportamento. Portanto, este nível do modelo ecológico se concentra nas características da pessoa que aumentam a possibilidade ser uma vítima ou um(a) perpetrador(a) de violências.

O segundo nível do modelo ecológico explora como as relações sociais próximas – por exemplo, relações com companheiros, parceiros íntimos, amigos e membros da família – aumentam o risco para vitimização violenta e perpetração da violência. A interação quase diária ou o convívio em uma casa com alguém que pratique violência podem aumentar a oportunidade de confrontos violentos. Os companheiros, parceiros íntimos, amigos e membros da família têm o poder para moldar o comportamento de uma pessoa e a sua esfera de experiências.

O terceiro nível do modelo ecológico (Comunitário) analisa os contextos comunitários em que as relações estão embutidas - como escolas, locais de trabalho e vizinhança - e busca identificar as características desses cenários que estão associadas ao fato de a pessoa ser vítima ou perpetrador de violências.

O quarto e último nível do modelo ecológico (Social) analisa os fatores sociais mais amplos que influenciam os índices de violências. Nele se incluem os fatores que criam um clima favorável às violências, os que reduzem as inibições contra violência e aqueles que criam e sustentam lacunas entre os diferentes segmentos da sociedade - ou tensões entre diferentes grupos ou países.

Ao se analisar este modelo é possível compreender que alguns fatores de risco podem ser únicos para um determinado tipo de violência, porém outros tipos de violências podem compartilhar iguais fatores de risco. Portanto, isso significa que algumas pessoas sob risco de violência vivenciam mais de um tipo de violência simultaneamente em um ambiente domiciliar, por exemplo.

Os vínculos entre os tipos de violência e a interação entre os fatores individuais e os contextos sociais, culturais e econômicos mais abrangentes indicam que lidar com os fatores de risco nos diversos níveis do modelo ecológico pode contribuir para reduções em mais de um tipo de violência (KRUG et al., 2002).

Em se tratando de adolescentes em acolhimento institucional, o modelo ecológico da violência aponta uma forte ligação de eventos violentos com o público em questão. Há uma estreita relação entre episódios de violências na infância/adolescência e o surgimento de comportamentos violentos em idades mais avançadas com ou sem uma continuidade deste comportamento desde a adolescência e fase adulta. (KRUG et al., 2002).

Dentre as questões individuais, demarcam-se as características biológicas, psicológicas e comportamentais. Há a possibilidade de aparecerem ainda na infância ou adolescência e sofrerem influências de outros fatores sociais e culturais em seus mais variados graus. Fatores associados às relações interpessoais desses jovens – com a sua família, amigos e colegas -

também podem afetar os comportamentos, moldando os traços da personalidade que, por sua vez, contribuirão ou não para o comportamento violento. Neste sentido, a influência dos espaços familiares geralmente é o principal fator durante a vida do indivíduo (KRUG et al., 2002).

Considerando essas interações pessoais, pode-se dizer que o desenvolvimento humano ocorre segundo a um processo bidirecional ainda na adolescência. Enquanto o adolescente se desenvolve e socializa, ele mesmo interfere estimulando e ensinando o adulto a lidar com ele. Neste contexto, os adultos significativos para esses adolescentes são modelos de referências no modo de agir e compreender o mundo.

Assim, os repertórios comportamentais são formados a partir das experiências familiares e acontecimentos, vivências, ações e resoluções de problemas com significado particular e universais. As vivências integram a experiência tanto coletiva, como individual que organiza, tornando uma unidade dinâmica, podendo assim, estruturar as formas de interação social (RABECINI, 2015).

Essas influências bilaterais quando dotadas de situações violentas corroboram para o desenvolvimento de comportamentos agressivos por parte dos filhos como um reflexo da educação recebida de seus responsáveis. O comportamento dos pais/responsáveis e o ambiente familiar são os fatores centrais para o desenvolvimento do comportamento violento nos jovens. O monitoramento e a supervisão deficientes em relação ao adolescente por parte dos responsáveis e o uso de punições físicas severas para discipliná-lo são fortes prognósticos de violências durante a adolescência e provavelmente na fase adulta. Portanto, deve-se compreender que o problema da violência intrafamiliar não ocorre de forma fragmentada, e sim de forma dinâmica e cíclica.

O fato de conviver com seu agressor e enfrentar o pacto do silêncio que costuma envolver as pessoas mais próximas nesse tipo de situação e os estilos parentais disfuncionais podem resultar em consequências extremamente prejudiciais ao desenvolvimento do adolescente e ao seu ambiente social a curto e a longo prazo (GALLO; WILLIAMS, 2008; GARBIN et al., 2010). Neste caso, as violências se estabelecem como um movimento geracional, contínuo e invisível aos olhos de quem provoca e até de quem é acometido, considerando o fenômeno como um evento comum a todos.

Os adolescentes repetidamente expostos a formas ineficazes de resolução de conflitos por parte dos responsáveis têm a oportunidade de observar, adquirir e gerar, também, métodos ineficazes de resolver os seus próprios conflitos interpessoais. A exposição a violência interparental pode proporcionar a compreensão de que estes tipos de conflitos violentos são

inevitáveis, cultural e socialmente aceitos. Como conduta, esses jovens, quando expostos a este tipo de violência, tendem a normalizar a conduta violenta, constatando-a como um estilo de vida comum, de modo a estabelecer um estado funcional de equilíbrio num ambiente pouco favorável (BAPTISTA, 2012).

Os conflitos familiares na infância e adolescência, a ligação afetiva deficiente entre os responsáveis e as crianças/adolescentes, o elevado número de indivíduos na família, a gravidez da mãe ainda na adolescência, o baixo nível de coesão familiar e a estrutura familiar frágil (pais solteiros, restrições de acesso a apoio e recursos econômicos deficientes) são fatores que influenciam a violência na vida dos adolescentes. Muitos destes fatores, na ausência de outro apoio social, podem afetar o funcionamento e o comportamento social e emocional dos adolescentes (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002).

A teoria da vinculação defende que uma ligação emocional forte a pelo menos um cuidador primário é importante para o desenvolvimento social e emocional saudável da criança e adolescente. Os sujeitos adultos com padrão de vinculação “seguro” tendem a juntar-se com companheiros “seguros”, não obstante sujeitos adultos com padrão de vinculação “evitante” tendem a unir-se a companheiros com padrão de vinculação “ambivalente”, no sentido de motivarem as suas histórias de vinculação negativa e assim confirmarem as expectativas estabelecidas de acordo com os “modelos internos dinâmicos” (MAIA et al., 2014)

Os comportamentos socialmente aprendidos em meio familiar em alguns casos, podem ser reproduzidos pelos adolescentes em espaços extrafamiliares, manifestando-se em atitudes de permissividade e violências ao nível das relações íntimas (OLIVEIRA, 2009). Esta afirmação pode ser reforçada com o estudo de Barbosa (2014), cujos dados sugeriram que pessoas expostas às violências durante a infância tendem a adotar níveis superiores de violência verbal, emocional e física, bem como de comportamentos ameaçadores e de coerção sexual. Em relação ao abuso físico, foram encontradas correlações positivas com níveis superiores de violências verbal e emocional, comportamentos ameaçadores, violência física e coerção sexual.

1.4 Violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes

Dentre as classificações das violências, destaca-se a violência interpessoal, mais especificamente a violência entre parceiros íntimos, considerando a sua prevalência nessas relações, as variadas consequências às vítimas e a alta incidência das atuais e diversificadas configurações de relações, que são expandidas para além de matrimônios (ANTUNES, 2012).

As violências nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes manifestam-se como um crescente problema social e de saúde pública em vários países (GOMES, 2011). Nos Estados Unidos, no Canadá e em Portugal, em algumas décadas, há o debate social e científico e diversas iniciativas de prevenção da violência nas relações afetivas íntimas (COELHO; MACHADO, 2010; NJAINE et al., 2011). Porém, no Brasil, existem poucas experiências consolidadas de prevenção, e o tema ainda é pouco destacado nos estudos sobre a adolescência de modo geral (NJAINE et al., 2011).

Pesquisas realizadas no Brasil identificaram que no ficar, no namoro, no noivado ou no casamento entre adolescentes, independente destas fases, níveis de intimidade, tempo de relacionamento, real ou virtual, ocorrem violências psicológicas, físicas e sexuais, sendo cometidas e sofridas por moças e rapazes (ANTÔNIO; KOLLER; HOKODA, 2012; BARREIRA, LIMA & AVANCI, 2013; CASTRO, 2009; MINAYO, ASSIS E NJAINE, 2011; MURTA et al., 2013; MURTA et al., 2014; NJAINE et al., 2011; NASCIMENTO, CORDEIRO, 2011; TAQUETTE et al., 2003).

Na tentativa de uma compreensão sobre a violência entre namorados, estudiosos (MATOS et al., 2006; STRAUS, 2004) levantam debate sobre os fatores de risco no relacionamento afetivo e amoroso. Dentre estes fatores ressaltam-se: duração do relacionamento, idade, vivência de namoros violentos durante a adolescência, fatores psicológicos, histórico de violências intrafamiliares, *stalking*, dificuldade em reconhecer uma condição de vítima e abuso de álcool e drogas. Dado semelhante foi encontrado por Filipe (2013) que elenca como fatores de risco de violências nas relações afetivas íntimas as experiências de violências na infância (experiências de vitimização ou testemunho de violências entre os pais), a agressividade como característica da personalidade do agressor, as desigualdades de poder na relação, os consumos de substâncias e presença de perturbações psicológicas.

Além desses determinantes, essa fase de novas experiências interpessoais durante a adolescência comumente promove o despertar de vontades e curiosidades, e

consequentemente respostas sobre comportamentos violentos diante dos obstáculos da vida. A dificuldade de compreender e lidar com a própria sexualidade pode caracterizar uma etapa repleta de dificuldades principalmente ao se relacionar com o outro. Agravantes como ações impulsivas e incalculáveis assim como a visão reduzida da definição da sexualidade (função reprodutora e de perpetuação da espécie) contribuem para conflitos nas relações afetivas. Tais conflitos vivenciados nessa fase representam um momento de transição, marcado pelas conquistas próprias da adolescência. Com o intuito de superar as barreiras, os mesmos agem inconsequentemente suprimindo até mesmo o direito do outro.

Minayo, Assis e Njaine (2011) afirma que as violências vivenciadas no namoro e em outros perfis de relacionamentos amorosos, estão profundamente atravessadas pelas relações de gênero nas quais se obtém marcas e estereótipos específicos papéis para o homem e para a mulher. Dessa forma, conceitua-se a violência vivida em relações afetivas íntimas como um ato pontual ou contínuo, com o objetivo de controlar, regular, dominar, comandar e ter mais poder do que o outro comprometido no relacionamento, sendo cometido por um dos parceiros ou por ambos (CAMPEIZ, 2014).

As violências, em especial, entre parceiros(as) íntimos(as) são influenciadaa pelos aspectos socioculturais, aos quais são importantes determinantes dos atos violentos íntimos, e da banalização desses, principalmente as violências psicológica e sexual, que são vistas em muitos casos, como situações normais de um relacionamento e até mesmo como justificativa de amor e cuidado, com estreito vínculo ao sentimento de dominação (NASCIMENTO, 2011). Essas questões são consequências de um contexto histórico, onde já se defendeu a ideia da agressão do homem a mulher, na perspectiva de preservar a família e cumprimento de função social, o que ainda resulta no constante e elevado índice de feminicídio, enfatizando assim a violência de gênero (MENEGHEL; PORTELLA, 2017).

A violência de gênero é compreendida num contexto social; configurando a desigualdade entre o que é atribuído à mulher e ao homem, onde as respectivas funções sociais são determinadas a partir do sexo, de forma a não se perceber as consequências de reproduzir a ideia de que ser mulher está diretamente relacionado a questões de delicadeza, sensibilidade, passividade, subordinação e obediências e os homens a papéis como provedor e chefe da casa, virilidade, coragem e agressividade, reforçando uma sociedade patriarcal e contribuindo para a imagem do homem como dominante, forte e a mulher como subordinada e fraca (BANDEIRA, 2014).

Inicialmente os estudos com essa temática, voltaram-se para violências de parceiros íntimos, considerando unicamente pessoas sob a condição de casadas, mas com o tempo se

percebeu, a manifestação de atos violentos no início no namoro e relações mais curtas e que esses atos se mantinham em casos de relacionamentos que chegaram ao matrimônio. O que em muitos casos acontece, é que os envolvidos tendem a acreditar que uma relação que se inicia de forma violenta melhorará com o tempo e não imaginam que na verdade, pode ser um precursor para agressões mais graves (FLAKE et al., 2013). As violências entre pessoas que se relacionam afetivamente e moram na mesma casa é também chamada de violência doméstica.

É importante ressaltar as distinções para com as violências entre parceiros(as) íntimos(as), da violência doméstica, no sentido em que a violência doméstica pode estar relacionada não somente a pares íntimos heterossexuais/homossexuais, mas a crianças, idosos e pessoas com deficiência no espaço de convívio permanente dessas, enquanto que as violências entre parceiros íntimos estão restrita a pessoas que se relacionam de maneira afetiva íntima, seja, no casamento, no namoro, ou no encontro casual/ficar, independentemente do local (MINAS, 2014).

Estudos demonstraram que as violências nas relações afetivas íntimas também consistem em um fenômeno recíproco ou bidirecional, no qual o sexo feminino não é mais colocado como o único na posição de vítima, mas que os parceiros se alternam nos papéis de vítimas e perpetradores. Muitas vezes a mulher surge como a principal praticante de atos violentos, sendo os homens, nesses casos, as vítimas (AFONSO; TEXEIRA, 2015; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011).

Nascimento e Cordeiro (2011) explicam que adolescentes de ambos os sexos podem ser vítimas e/ou agressores de violências porque geralmente têm dificuldades em reconhecê-las propriamente. Seu estudo apontou que os adolescentes identificam e apresentam definições compatíveis com a literatura, mas demonstram dificuldade de reconhecê-la quando enfrentam momentos de violências dentro da própria relação.

Alguns sentimentos como ciúmes, insegurança e desejo de controlar o/a parceiro (a) são manifestações de relacionamento comum entre meninas e meninos. Estas situações decorrem da noção de amor romântico, do medo do término da relação e da frustração que essas vivências podem acarretar. Acredita-se que tal fato apresenta relação ao conceito das concepções de amor por parte dos adolescentes, quando a influência dos ideais de amor romântico, a ideia de sacrifício, superação, conquista, e transformação do outro por via do amor se confundem com o controle e poder sobre a outra pessoa.

Essas concepções de amor vão facilitar ou não o reconhecimento das violências na relação. No entanto, as violências têm funções diferentes para cada relação, e pode ser

compreendida como uma forma de cuidado e demonstração de sentimento ou uma forma de conexão entre namorados, até mesmo para que seja dado um fim a uma discussão, ou até mesmo como controle do comportamento do outro (GUERRERO, 2016).

Neste contexto de relações íntimas afetivas de adolescentes percebe-se uma alta prevalência de violências sofridas e praticadas, além da reciprocidade tanto para homens como para mulheres (FLAKE et al., 2013). Um estudo com adolescentes de várias regiões do Brasil apresentou uma porcentagem maior das pessoas do sexo feminino (63%) em relação às pessoas do sexo masculino (58%) como autoras da violência em todas suas modalidades, com exceção da violência sexual que, no caso, é mais praticada pelas pessoas do sexo masculino (17% contra 8% das adolescentes) (MINAYO, ASSIS, NJAINE, 2011). Em outra pesquisa verificam-se dados de que as mulheres são tão ou mais violentas do que os homens (o que inicia a discussão sobre a violência bidirecional, ou seja, ambos os parceiros são violentos, também chamada de reciprocidade, mutualidade ou simetria de gêneros (ARRIAGA, FOSHEE, 2004; SHERER, SHERER, 2008; STRAUS, 2008).

O termo direcionalidade designa a perpetração das violências que podem ser protagonizada apenas pela mulher, apenas pelo homem ou por ambos (bidirecional). Entretanto, cabe destacar que o termo bidirecional não pressupõe que ambos os parceiros são igualmente ou mutuamente violentos. Além disso, mesmo em relacionamentos nos quais as violências são bidirecional, ela pode não ser simétrica ao se considerar os motivos e as consequências (BARREIRA, 2014).

Outro elemento relevante é a relação entre as atitudes de minimização ou legitimação da violência e os comportamentos de vitimização e de agressão muitas vezes envolvidos por concepções de gênero. Crenças acerca das violências parecem promover a culpabilização da vítima, a desresponsabilização do agressor, e são importantes preditores do envolvimento em relacionamentos violentos. Os papéis sociais tradicionais do homem e da mulher estão associados neste caso à maior aceitação da agressão nas relações de casais (PRATHER et al., 2012)

O não reconhecimento dos homens de que os atos praticados pelas mulheres sejam violentos também é um fato grave e cabe uma interpretação baseada no gênero. O fato dos meninos afirmarem que não consideram os atos de violências cometidos pelas meninas como algo natural, já que todas as relações entre os homens já são normalmente violentas, é um fato de extrema gravidade. Primeiro, porque camufla que os homens realmente estejam vivenciando violências por parte das parceiras, e segundo porque vivenciam calados um tipo de sofrimento que não pode ser revelado, ou sequer percebido (GUERRERO, 2016).

Nestas condições, as violências nas relações afetivas íntimas são consideradas como significativo fator prenunciador de violências conjugais, pois com o prolongamento dessas relações afetivas, as violências tendem a aumentar, tanto na frequência quanto na gravidade, resultando, conseqüentemente, em violências conjugais.

Assim, é fundamental entender as violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes, através da compreensão dos sentidos que os permeiam, considerando variáveis como a relação afetivo/amorosa estabelecida, experiência em relacionamentos anteriores, violências intrafamiliares precedentes, aspectos sociais e psicológicos, fatores de proteção ao estabelecimento de uma relação amorosa em caso de violência e o suporte para lidarem com as situações de violências físicas, verbais e psicológicas vivenciadas.

Nas situações em que ocorre as violências nas relações afetivo-íntimas entre adolescentes, intervêm vários fenômenos, nem sempre da mesma natureza, nem com a mesma capacidade de determinação. Há influência de variáveis circunscritas às relações interpessoais, à socialização e às diferenças individuais, como também dos marcadores gênero, raça/etnia, classe social, faixa etária/geração, considerando-se que nenhuma relação se passa fora da estrutura social (OLIVEIRA et al., 2011; SAFFIOTI, 2001).

A bidirecionalidade das violências contempla a visão macrossocial, cultural e crítica, partindo do pressuposto de que as relações afetivo-íntimas entre adolescentes se inserem em contextos que, influenciados por certos modelos hegemônicos de gênero, podem inclusive reproduzir violências e/ou contribuir para a invisibilidade das mesmas (GOMES, 2011).

Situações como essas surgiram em um estudo de parceria internacional de Taylor et al (2017). Os resultados indicaram que esses movimentos de controle, em sua maioria, são motivados por associações negativas de sentimentos e comportamentos como ciúme, infidelidade e medo à infidelidade. Os comportamentos de controle que comumente aparecem nesta parcela da população incluem o monitoramento do telefone ou das páginas de redes sociais da/ do parceira/o, com o sem permissão da/do outra/o; restrição da escolha de roupas ou da possibilidade de sair de casa; e a necessidade de que a/o parceira/o pedisse permissão para socializar com amigos. (TAYLOR et al., 2017).

O estudo de Magalhães et al. (2015) apresenta dados concomitantes à situação descrita. No que diz respeito à invasão da privacidade, os participantes ao serem questionados se o(a) companheiro(a) já tinha pego no seu aparelho telefônico móvel (celular/ tele móvel) sem autorização com a finalidade de ver as chamadas ou ler as mensagens, verificou-se que 15% dos inquiridos já vivenciaram esta situação. Ainda em relação aos resultados do estudo dos autores, ao refletirem sobre as questões de proibições de saídas por parte do(a)

companheiro(a), sempre que ele(a) não esteja presente, 3% dos participantes admitiram que o(a) namorado(a) não o(a) deixava sair sem ele(a). Relativamente à questão que aborda a obrigação de forçar o/a parceiro(a) a fazer algo que não deseja, os resultados indicam que 5% reportam já ter passado por esta situação. Quanto à verbalização de insultos durante uma briga, 17% dos(as) jovens responderam positivamente. Em relação à violência física deixando marcas, 3% dos(as) participantes responderam já ter vivenciado esta situação e, sem deixar marcas, 6% dos/as jovens. Quando questionados sobre proibições de comunicar ou estar com outra(s) pessoa(s), verificou-se que 14% dos/as jovens responderam afirmativamente.

Essas tipificações de violência estão presentes em contextos das relações de intimidade e atinge principalmente o sexo feminino. Isso ocorre porque a manifestação de relações de dominação sobre o outro geralmente recai a grupos mais vulneráveis, no qual em determinados contextos, quer seja histórico ou cultural, apresentam-se mais desfavorecidos e com menos oportunidades sociais em comparação aos dominantes. Neste caso, as desigualdades de gênero tendem a conferir a um indivíduo maior poder nas relações em comparação ao outro. À medida que este é impedido de tomar iniciativas importantes na própria vida, pode-se afirmar estar diante de situação de violência nas relações íntimas afetivas.

Em seu estudo, Santos e Caridade (2017), encontraram que entre 20 e 40% dos(as) adolescentes já vivenciaram uma situação de violência durante relações íntimas. Este dado traduz a incidência do fenômeno e desperta atenção para seu início em idades precoces como na adolescência. Uma outra pesquisa corrobora com os achados acima, cujo resultado apresentou um total de 35% dos/as jovens com relato de vivência pelo menos uma forma de violência durante sua vida (MAGALHÃES et al., 2015).

As violências praticadas nas relações íntimas dos adolescentes apresentam padrões nos quais os parceiros se agredem mutuamente, tanto física como psicologicamente, revelando que, para romper com essa dinâmica relacional, é necessário intervir no casal, e não somente no adolescente do sexo masculino ou somente na adolescente do sexo feminino (BARREIRA et al., 2014).

Os discursos predominantes de gênero estão presentes nos conhecimentos, opiniões, crenças e atitudes dos/das adolescentes, assim como nas expectativas familiares, sendo que os papéis tradicionais de gênero criam situações favoráveis para a produção e/ou a invisibilidade das violências. Neste caso, destaca-se a violência simbólica de gênero presente nas prescrições culturais de condutas adequadas para moças e rapazes tanto no ficar-pegar, no namoro escondido e na relação sexual. Tais convenções sobre os papéis de gênero estão

naturalizadas entre adolescentes e famílias, oprimindo e controlando as ações de moças e rapazes ou produzindo práticas que visam a burlar a dominação presente nas condutas e nos discursos hegemônicos de gênero. A banalização das violências, os ideários românticos, as expectativas sociais quanto aos papéis de gênero e o crescente consumo de álcool na adolescência são também fenômenos relacionados às violências presentes nos relacionamentos entre jovens (SCHLEINIGER, 2013).

Outro ponto que merece destaque corresponde a não identificação das violências dentro dos relacionamentos afetivos. Inicialmente muitos/as adolescentes não interpretam os comportamentos violentos como sendo de abuso, uma vez que não estão ainda familiarizados com as expectativas e limites de uma relação de intimidade. Estes comportamentos são, frequentemente, ignorados ou considerados menos significativos, simplesmente porque as duas pessoas estão envolvidas numa relação de grande proximidade. Associada a esta inexperiência, está ainda a necessidade de emancipação e de independência dos e das jovens nesta fase. Não sabendo como se comportar numa relação de namoro, ficam vulneráveis a mensagens imprecisas quer por parte da família, dos/as amigos/as e da mídia. Estes fatores podem fazer crescer a crença romantizada de que o ciúme e o controle são sinais de amor, levando a que muitos/as jovens não reconheçam as violências que praticam ou a que são sujeitos/as (AFONSO; TEIXEIRA, 2015).

Essa não identificação é verificada em um estudo quando os adolescentes foram questionados sobre a obrigação de forçar o(a) parceiro(a) fazer algo que não deseja, e que apresentou um total de 21% dos(as) jovens não considerar esta situação como errada, não a reconhecendo, também, como violência nas relações afetivas íntimas. Em outra situação descrita como ameaças à sua integridade física ou a ameaças de abandono, 25% não reconheceu a situação como violências (MAGALHÃES et al., 2015). Em um estudo realizado em um acolhimento institucional, mais da metade das adolescentes entrevistadas teve dificuldade em assumir a vivência de situações de violências (CARINHANHA; PENNA, 2012).

Esse cenário se agrava quando se observam muitos relacionamentos afetivos de adolescentes pautados numa invisibilidade das violências ou na permissibilidade das mesmas. Pesquisas revelam que a aceitação e naturalização de atitudes nos relacionamentos como ciúmes e controle excessivo, difamação, humilhação pública e possessividade pelos adolescentes revelaram importante relação com a determinação e a aceitação das violências com o objetivo de “manter a paz” (OLIVEIRA; FONSECA, 2017; TAYLOR et al., 2017).

Existem situações que mesmo identificadas as violências nas relações afetivas pelos parceiros, presume-se que muitos adolescentes apresentam alienação sobre o fenômeno e preferem conviver com o agressor, considerando que um relacionamento violento não é razão para terminar um namoro. Apesar de verem negativamente os/as agressores/as, alguns/mas adolescentes encaram os seus comportamentos violentos como aceitáveis e apresentam como razões para justificar os seus comportamentos de abuso, a legítima defesa, o ciúme, o aliviar das frustrações e necessidade de poder, o uso de substâncias, relacionamentos anteriores com violências, problemas de comunicação e necessidade de filiação (AFONSO; TEIXEIRA, 2015).

Muitos comportamentos entre esses casais são considerados impositivos, agressivos e controladores, mas que se permeiam invisíveis em diversas relações ou, quando identificados, são “perdoados” por um dos pares em prol da “paz” e continuidade da relação. Esses “sacrifício” e tolerância aos eventos violentos contribuem para o reforço dos atos permissivos de violência, que dito em outras palavras, implicam na circularidade e continuidade das violências nas relações afetivas íntimas na adolescência.

As violências possuem raízes na presença de atos violentos vividos sistematicamente no lar ou na comunidade, condicionando a adolescente a considerar as violências como meio aceitável de solucionar conflitos. A questão também pode ser abordada do ponto de vista da mulher, partindo do pressuposto que as violências contra a mulher ainda são legitimadas socialmente, de forma que muitos homens não se percebem perpetradores de violência e muitas mulheres não se percebem violentadas, a partir da crença no direito de posse do homem sobre a mulher, e no dever de obediência desta para com ele (CARINHANHA; PENNA, 2012).

Como conseguinte, os comportamentos violentos na proporção que se estabelecem como uma forma de comunicação entre esses jovens namorados, as violências podem se cristalizar como estratégia para lidar com os conflitos nas relações íntimas (OLIVEIRA; 2014).

Outro fator predisponente de violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes institucionalizados relaciona-se ao processo de socialização e a necessidade de pertencimento a grupos. Todos os jovens/adolescentes passam pela fase de socialização, ou uma tentativa desta, isto é, ele precisa e necessita se inserir num grupo social ou rede de relacionamentos, cujos interesses são comuns. Nesse período de intensas transformações, o adolescente se insere na vida como parceiro no mundo dos outros, com uma identidade sexuada, e encontra

fora de sua família objetos de afeição que lhe dão o desejo de serem independentes (LE BRETON, 2017).

Fazem parte da adolescência, possuírem uma rede de amizades e a sensação de estar integrado socialmente em um grupo. As experiências afetivas amorosas influenciam o desenvolvimento do 'self' e das relações de pares e de grupos. Destaca-se que, muitas vezes, este padrão de comportamento é vivido não só para se tornar mais atrativo, mas sim, para ser aceito em um grupo, ou admirado por seus pares. Portanto, as violências nas relações afetivas íntimas devem ser entendidas também a partir dos padrões de socialização juvenil, ocorridos mediante a inserção em grupos de outros jovens, que embora não sejam tão ou mais confortáveis do que a família, possibilitam experiências capazes de responder às inquietações, as dúvidas e as lacunas identitárias.

Essa socialização entre os grupos e os pares, dá-se em contextos de intensa influência de produção e reprodução de desigualdades de gênero e sexualidade. As relações sociais, neste caso, as afetivas íntimas, são constituídas tendo como base as diferenças de gênero, cujas principais características se manifestam nas relações de poder. Assim, a cena cultural e social onde ocorrem as violências, tem que ser considerado como relevante, pois seu reconhecimento depende substancialmente do contexto em que se está inserido (NUNES; SALES, 2016).

Seguindo este pensamento, existem indicadores que sublinham as violências nas relações afetivas íntimas como um reflexo da própria sociedade, dos seus valores, normas e princípios com visível impacto na forma de pensar, de ser e de agir de todos os elementos que compõem a sociedade e, mais especificamente, do adolescente. É a partir dos relacionamentos na adolescência, principalmente nos amorosos, que o jovem vivencia e internaliza as regras de gênero e dos estereótipos sexuais, ou seja, os comportamentos que são socialmente aceitos e valorizados como diferenciais entre os gêneros masculino e feminino (SANTOS; CUSTÓDIO; BARBERINI, 2017).

Para o mesmo autor, uma demonstração clara da internalização desses "rótulos" é a diferença do comportamento amoroso e sexual estabelecido entre os gêneros. Enquanto discursos e atos femininos centram-se na contextualização afetivo - romântica, os discursos masculinos enfocam a capacidade técnica corporal para o desempenho do ato sexual. No caso dos homens, muitas vezes, a sexualidade aparece despida de expectativas românticas; sendo parte exclusiva da corporeidade.

A compreensão das dinâmicas do afeto e dos conflitos na adolescência passa pelo entendimento dos sentidos sociais do amor e da sexualidade praticados em determinados

contextos históricos, sociais e culturais, com maior destaque às questões sexistas e relações de poder. Há de se destacar inclusive, o forte efeito das relações de gênero na vida dos adolescentes, configurando novos comportamentos, sentimentos e fenômenos sociais dentro dos relacionamentos amorosos deste grupo. A violência no namoro é uma forma de violência baseada no gênero que parte de uma construção social de poder e que, segundo Fundo de População das Nações Unidas (2014) é todo ato de violência baseado no gênero no qual resultou ou possa resultar um dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico para o sexo feminino, incluindo as ameaças de tais atos, a coação ou a privação arbitrária de liberdade, que ocorra, quer na vida pública, como na vida privada

Percebe-se que a violência, em maior destaque, na adolescência e com o sexo feminino, envolve seus parceiros íntimos, tornando esse assunto fundamental, uma vez que expõe e vulnerabiliza este grupo em questão. Tratar da violência de gênero nas relações afetivas e nas relações de gênero entre adolescentes pode auxiliar no modo como a sociedade percebe esse fenômeno. A violência de gênero engloba diversos tipos de violências, e não ocorre apenas em adultos ou em jovens, assim como não é especificamente de relações heterossexuais. Para ser considerada como violência de gênero é necessário englobar diversos aspectos preconcebidos como comportamentos de gênero na sociedade e nas relações afetivas (SALDANHA, 2013).

Nesta altura do desenvolvimento, o adolescente tem tendência para vivenciar novas experiências e correr riscos, procurando adotar comportamentos de adulto, apesar de ainda não o ser. É nesta fase, também, que a vinculação aos pares se acentua e se iniciam os primeiros relacionamentos amorosos e, como consequência, as primeiras experiências sexuais, e em alguns casos, com maiores vulnerabilidades e sob eventos de violências nas relações afetivas (ALVES, 2016).

A vivência da sexualidade nas relações afetivas íntimas de adolescentes também está relacionada com significativa vulnerabilidade em relação à experiência de vitimização ou perpetração da violência, o que determina outras vulnerabilidades no campo sexual e reprodutivo. Poderá ainda haver uma relação entre a violência no namoro e comportamentos sexuais de risco que frequentemente levam a gravidezes não oportunas e infecções sexualmente transmissíveis (AFONSO; TEIXEIRA, 2015).

A negociação em relação ao uso de preservativo, à drogadição, à gravidez precoce, às práticas sexuais grupais, à relação com o próprio corpo, à homofobia, à falta de diálogo com os pais e família, à relação com a escola, às normas sociais de comportamento entre os pares, à vulnerabilidade ao HIV e IST, são apontados nos estudos como aspectos que se relacionam

com a vivência ou perpetração da violência nas relações de intimidade (BOINVIN et al., 2012; FOSHEE et al., 2011; MARTSOLF; DRAUCKER; BRANDAU, 2013).

Até o momento, é possível perceber que a violência nas relações não tem uma causa isolada, e sim, ocasionada por diversos outros fatores. Um outro determinante influenciador da violência nas relações identificado na literatura corresponde a vivências prévias de violência. São diversos os tipos de relações abusivas que moças e rapazes vivenciam nas escolas e nas famílias, e tais ambientes refletem diretamente sobre às violências e relações afetivas (CAMPOS; SILVA, 2014).

Vivenciar violência na relação afetiva íntima na adolescência pode ser visto como um *continuum* que começa ainda na infância e até mesmo na adolescência, com abusos sofridos em suas famílias de origem, e que se perpetua naquelas que eles próprios formarão na vida adulta (BESERRA et al., 2016). Nesta perspectiva, existe uma estreita relação entre violência no namoro e história de violência no seio familiar.

A desigualdade de poder na família aumenta os conflitos e violências nos domicílios. Alguns adolescentes apresentam histórico de violência antes do acolhimento, quando em muitos casos vivenciaram situações de violência intrafamiliar, seja com eles, entre os pais, irmãos ou parentes próximos, inclusive junto ao uso de drogas e envolvimento com o tráfico. Esta exemplificação retrata a experiência direta e exposição às situações de violência desde a infância, cometidas em sua maioria por membro da família, principalmente do sexo masculino (CARINHANHA; PENNA, 2012).

Sob efeito das desigualdades de gênero na sociedade, em uma escala hierárquica de poder, o homem, com seu caráter dominador, comete violência na mulher e na criança e por sua vez a mulher, possuindo menos poder que o homem, reproduz seu descontentamento e onipotência diante da situação através de violência sobre o adolescente. Logo, esse indivíduo é duplamente violentado neste espaço familiar.

Quando se analisam estas situações de violência nas relações na vida de adolescentes que hoje encontram-se em acolhimento institucional, este fenômeno torna-se mais evidente em virtude das relações de gênero e da vulnerabilidade social resultando, em alguns casos, em comportamentos passivos ou agressivos e relações afetivas controladas pelo outro par no futuro. A exposição à violência contribui no desenvolvimento de sentimentos ambivalentes no adolescente de acolhimento institucional. A referência do que seja uma unidade familiar é construída de maneira misturada, ora agressiva e desorganização, repleta de conflitos e sentimentos exaltados, ora em movimentos passivos, com gestos de afeto e tranquilidade. Este cenário resulta futuramente em comportamentais instáveis com dificuldades no controle das

emoções, desenvolvimento de amizades e intimidade com o outro, ou seja, problemas na socialização.

Estudar essa relação entre histórico de múltiplas violência e a presença de violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes institucionalizados envolve uma série de complexidades, pois as interligações são múltiplas e variadas, todavia estudos apontam que ambientes repletos de vulnerabilidades e violências são, no mínimo, um importante fomentador de situações violentas nas relações interpessoais, tanto sob o ponto de vista do agressor como da vítima.

Partindo deste pressuposto, ao se analisar a prática da violência nas relações afetivas sob a perspectiva das relações intergeracionais e interpessoais, é importante considerar alguns aspectos: primeiro, o da repetição das práticas de violência entre as gerações, ou seja, um adulto violento tem grande probabilidade de ter sofrido, em sua própria infância e adolescência, ações violentas por parte de seus responsáveis e de outros adultos significativos em seu processo de socialização. O segundo, diz respeito às relações assimétricas de poder intergeracional. Em uma sociedade de traços adultocêntricos como a nossa, as crianças são consideradas incapazes e são submetidas, muitas vezes pelo uso da força física e da coerção psicológica, às determinações de seus pais e/ou responsáveis (MOREIRA, SOUZA, 2012). E terceiro, as relações interpessoais permeadas por vulnerabilidades e cenários de violência também corroboram com a consolidação de comportamentos violentos. Espaços de convívio com livre acesso a drogas ilícitas, amizades com indivíduos que cometem atos infracionais ou violências e histórico de violências em relacionamentos afetivos potencializam a prática de atos violentos nas relações afetivas.

Em resumo, a violência praticada nas relações afetivas/amorosas desses adolescentes institucionalizados apresenta um padrão: os parceiros se agridem mutuamente, tanto física como psicologicamente, revelando que para romper com essa dinâmica relacional é necessário intervir no casal, e não somente no adolescente homem ou somente na adolescente mulher. A reciprocidade da violência no namoro encontrada nessa faixa etária pressupõe que os padrões culturais do machismo ainda não estão bem-estruturados nessa fase da vida, o que torna o grupo prioritário para as medidas de intervenção (BARREIRA et al., 2014).

Nesse sentido, não se pode considerar a violência nas relações afetivo-íntimas entre adolescentes apenas como uma “doença” do/a agressor/a ou da vítima e centrada nos danos do corpo biológico, mas deve ser concebida como decorrente de diferentes contextos de

desigualdades sociais e pensada nas diversas áreas de conhecimento, viabilizando o atendimento de forma integral e na rede intersetorial (CONTE et al., 2012).

Levar em consideração essa dinâmica em que muitas vezes há uma mistura de amor e violência, ainda nessa fase da vida, significa prevenir futuras violências entre os parceiros na fase adulta, quando são estabelecidos padrões de relacionamento aprendidos anteriormente e com possíveis graves consequências para o casal e para as próximas gerações (BARREIRA et al., 2014).

2. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

2.1 Natureza e características do estudo

À medida que o presente estudo discute as experiências afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional e a ocorrência de violência, e ainda, estimar e tipificar a magnitude dessas violências, optou-se por abordagem quantitativa, cuja pesquisa caracteriza-se descritiva exploratória do tipo seccional/transversal correlacional.

A abordagem quantitativa tem a função de mensuração de determinadas variáveis (MEDRONHO et al., 2009). A pesquisa descritiva ajuda a compreender a realidade estudada, pois a descrição tem por objetivo aprofundar determinada realidade, descrevendo com exatidão os fatos e fenômenos do que se deseja investigar. E o estudo de caráter exploratório “destina-se a desvendar as várias maneiras pelas quais um fenômeno se manifesta, assim como os processos subjacentes” (POLIT; BECK; HUNGLER, 2011, p. 34).

Estudos orientados na ótica quantitativa são influenciados inicialmente pelos postulados da existência de uma realidade externa que pode ser examinada com objetividade, pelo estabelecimento de relações e associações a partir da aplicação dos métodos quantitativos de investigação, os quais são reprodutíveis e generalizáveis (MEDRONHO et al., 2009). O estudo na abordagem quantitativa trabalha a partir de dados e das evidências coletadas. Os dados coletados são filtrados, organizados e tabulados para depois serem submetidos a técnicas de organização e classificação bem como testes estatísticos para transforma-los em informações a serem analisadas e discutidas à luz do de um referencial teórico, bem como de outras pesquisas correlatas (MARTINS, 2013).

Trata-se de um estudo epidemiológico de delineamento transversal que segundo Medronho et al. (2009) é caracterizado pela observação direta de uma quantidade planejada de indivíduos em uma única oportunidade, num prazo determinado de tempo, o mais curto possível, decorrido da observação entre o primeiro e o último indivíduo. Infere ainda que a análise de mais de duas variáveis tem por estratégia avaliar a relação entre elas para elucidar a associação de um agravo e de um fator de exposição específico considerando a influência exercida pelas demais variáveis.

São chamados de estudos seccionais ou de corte transversal aqueles que produzem retratos de um determinado fenômeno em um mesmo instante. Isto é, se trata da observação

de determinada quantidade de indivíduos em uma única oportunidade. Os estudos transversais permitem a possibilidade de se investigar os fenômenos de maneira simultânea, averiguando a associação existente entre os efeitos individuais e as causas, ou também nos fatores dependentes de características permanentes nos indivíduos (HOCHMAN et al., 2005; MEDRONHO et al., 2009; ROQUAYROL; ALMEIDA FILHO, 2003).

A condução de um estudo transversal envolve a definição de uma população de interesse. O estudo da população por meio da realização de censo ou amostragem de parte dela, e também da determinação da presença ou ausência do desfecho e da exposição para cada um dos indivíduos estudados (SITTA et al., 2010).

Portanto, esse modelo apresenta-se como uma fotografia ou corte instantâneo que se faz numa população por meio de uma amostragem, examinando-se nos integrantes da casuística ou amostra, a presença ou ausência da exposição e a presença ou ausência do efeito (ou doença). Os estudos seccionais também conhecidos como "estudos de prevalência" realizam uma prevalência instantânea, medindo a proporção de indivíduos com uma determinada característica num tempo demarcado (MEDRONHO et al., 2009).

Nesse sentido, não são obrigatórias a designação de amostra (escolha de apenas uma parte dos indivíduos que compõem a população) nos estudos seccionais. É permitido trabalhar com todas as unidades de observação que constituem a população. Nestes tipos de estudo, a população-alvo é geralmente muito numerosa, abrangendo centenas ou milhares (MEDRONHO et al., 2009).

Outra característica deste tipo de estudo é a utilização de um conjunto de métodos para formular associações e relações a cerca desta população a partir dos resultados observados, a inferência. Esta se faz através das referências dos resultados a uma população definida em um local em momento determinado (MEDRONHO et al., 2009).

2.2. Cenário do estudo

O cenário do estudo selecionado foram as unidades de acolhimento institucional da rede pública municipal do Rio de Janeiro (SMAS/RJ) de assistência a adolescentes.

A rede de acolhimento para crianças e adolescentes é gerenciada pela Subsecretaria de Proteção Social Especial (Secretaria Municipal de Assistência Social – SMAS/RJ), a qual é responsável por fornecer condições de acesso (a partir da criação de laços de pertencimento e

possibilidades de reinserção social) aos que se encontra em situação de alta vulnerabilidade pessoal e social em função do abandono, privação, perda de vínculos, exploração ou da violência.

Os centros de acolhimento objetivam o desenvolvimento do adolescente, a reunião dos laços afetivos familiares e sociais dos acolhidos; prover as condições necessárias para a reinserção familiar e comunitária dos adolescentes; garantir atendimento médico terapêutico especializado ao acolhido, dentre outras (BRASIL, 1990). A partir da implementação do ECA, o acolhimento institucional constitui uma medida de proteção que deve ser estruturada para o acolhimento transitório de adolescentes em situação de vulnerabilidade psicossocial.

O número de unidades de acolhimento no município do Rio de Janeiro representa 52 instituições de um total de 176 em todo o território do Estado do Rio de Janeiro, dentre (RIO DE JANEIRO, 2016). Desse representativo, 28 unidades são instituições públicas do Município do Rio de Janeiro, e as demais, possuem gerência privada. Em relação ao total de unidades públicas, elas dividem-se em: Central de Recepção (2), Reinserção Social para crianças (3), Reinserção Social para adolescentes (8), Família Acolhedora (11) e Casa Viva (4).

A opção pelas unidades gerenciadas pela Secretaria da Assistência Social, isto é, por órgão público (abrigos governamentais), justifica-se pela dinâmica de atividades pautada em políticas assistenciais e sociais de caráter universal em todas suas instituições. As normatizações garantem uma padronização de organização e de funcionamento em todas as unidades, o que garantirá cenários com estruturas organizacionais isonômicas e com menos discrepâncias para a coleta de dados. Portanto, foram excluídas as unidades de gerências próprias (abrigos não governamentais) como as prestadoras de serviços filantrópicos do tipo organização não governamental - ONG, por exemplo.

Outra opção resultou na escolha apenas das unidades de acolhimento institucional de fato. A exclusão das Centrais de Recepção e Famílias acolhedoras foi devido a dinâmica institucional diferenciada destes espaços como a alta rotatividade de adolescentes e diretriz de funcionamento distinta dos preceitos da unidade de acolhimento.

A escolha por este cenário é oriunda de experiências previamente adquiridas a partir de atividades de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ pelos pesquisadores envolvidos nos projetos anteriores do Prociência e desdobramentos - *Análise da estrutura de apoio à maternidade de adolescentes abrigadas* e *A saúde reprodutiva e sexual de mulheres e adolescentes em*

situação de vulnerabilidade social, financiados pelo Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq e vinculados à Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Nas unidades de acolhimento, a referida instituição desenvolve atividades de ensino-serviço a níveis de graduação e pós-graduação. A parceria da Faculdade com Unidades de Atenção Básica de Saúde na região fomenta a presença de alunos em campos de estágios contribuindo com a oferta de novos conhecimentos e manutenção dos serviços locais. Ainda, a Faculdade proporciona atividades de extensão e pesquisa como um mecanismo de prestação e contribuição de saúde para a sociedade. A realização de projetos de extensão constrói positivamente ações de impacto para a população fornecendo serviços específicos e fundamentais para a vida. A prática da pesquisa nestes espaços contribui com novas informações da realidade e estimula a criação de inovações e crescimento das unidades sociais.

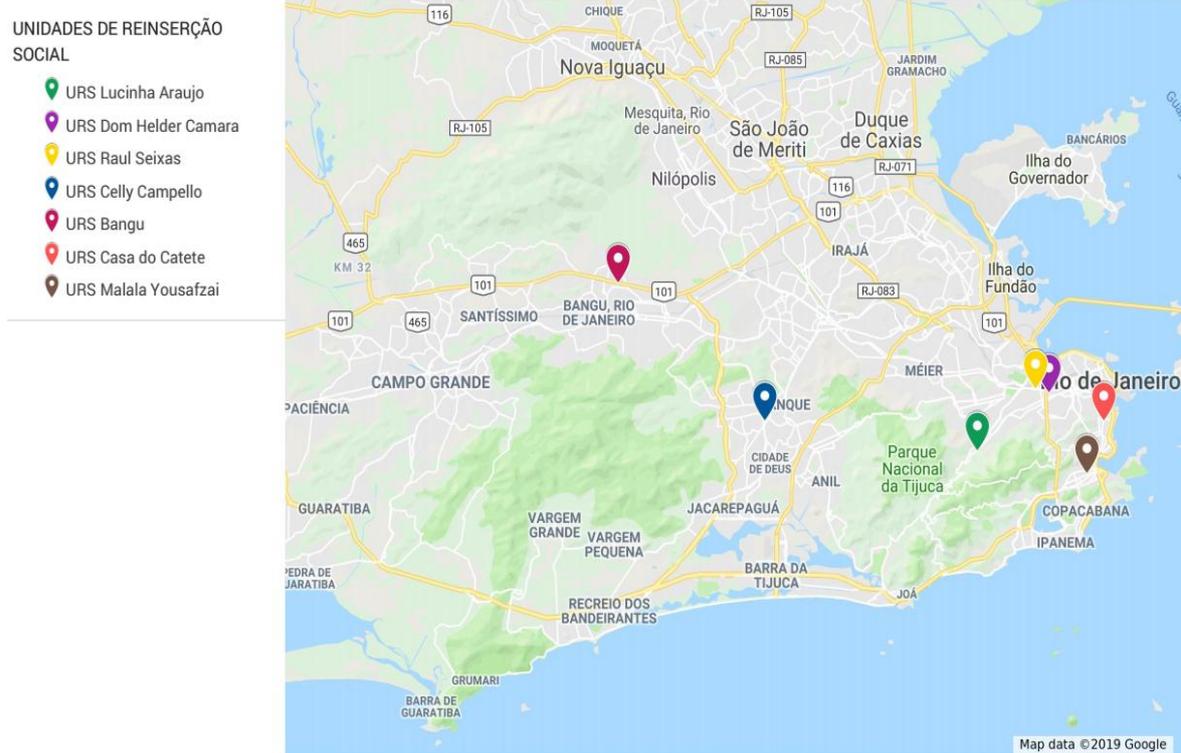
Assim, considerando o reduzido número de instituições para o tamanho do Município do Rio de Janeiro e suas reais demandas populacionais, optou-se neste estudo trabalhar com todas unidades de acolhimentos institucional públicas de adolescentes presentes no município do Rio de Janeiro, cujo total resultou em sete unidades de acolhimento institucional da rede municipal do Rio de Janeiro (SMAS/RJ) em regimento público e que acolhem adolescentes de ambos os sexos (Quadro 1; Figura 3).

Quadro 1 - Unidades de Acolhimento públicos da Rede Municipal do Rio de Janeiro e informações atualizadas sobre cobertura populacional, 2017.

Nº	Nomes das Unidades de Reinscrição Social	Bairro	Nº Máximo de adolescentes	Faixa Etária (anos)	Sexo adolescente
1	Unidade de Reinscrição Social Dom Hélder Câmara	Estácio	22	12-18	Masculino
2	Unidade de Reinscrição Social Raul Seixas	Praça da Bandeira	20	13-17	Masculino
3	Unidade de Reinscrição Social Lucinha Araújo	Tijuca	15	0-18	Feminino
4	Unidade de Reinscrição Social Malala Yousafzai	Botafogo	10	13-17	Feminino
5	Unidade de Reinscrição Social Casa do Catete	Catete	14	13-17	Feminino
6	Unidade de Reinscrição Social Cely Campello	Jacarepaguá	16	12-17	Masculino
7	Unidade de Reinscrição Social de Bangu	Bangu	14	12-17	Masculino

Fonte: RIO DE JANEIRO, 2017.

Figura 3 - Unidades de Acolhimento no município do Rio de Janeiro, 2017



Fonte: GOOGLE EARTH-MAPAS modificado pela autora, 2017.

2.3 População do estudo

A população selecionada para este estudo corresponde a adolescentes em situação de acolhimento na cidade do Rio de Janeiro da faixa etária 12 a 18 anos, do sexo feminino e masculino.

Entende-se ser oportuno explicar que a escolha da faixa etária apresentada se baseou na mesma referência adotada pela Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos (SMASDH) da cidade do Rio de Janeiro, ou seja, o ECA (BRASIL,1990).

Para melhor compreensão do grupo selecionado, alguns dados serão apresentados a fim de elucidar as particularidades destes adolescentes. A grande maioria dos acolhidos (crianças e adolescentes) apresenta tempo de institucionalização menor que 06 meses (32,74%). Após o período de seis meses de institucionalização, verifica-se ainda um quantitativo considerado de adolescentes que apresentam tempo prolongado de vivência em acolhimentos, atingindo em média de seis meses a cinco anos de institucionalização (53,58%) (RIO DE JANEIRO, 2019).

Percebe-se também que, apesar do acolhimento institucional, a maioria destes adolescentes mantém o vínculo com seus familiares. Segundo esta mesma fonte, identifica-se a participação familiar através de visitas diárias (11,88%) e semanais (37,79%) aos acolhidos.

Tendo em vista as especificidades da população selecionada, os critérios de inclusão nesta pesquisa são: ser adolescente de faixa etária 12 a 18 anos, estar em espaços de acolhimento há pelo menos duas (2) semanas, ter experienciado ou estar em relação afetiva íntima. Optou-se como critérios de exclusão adolescentes com alterações cognitivas comportamentais severas que o impossibilitassem de realizar a pesquisa e informado previamente pela equipe da unidade de acolhimento institucional, por exemplo síndromes neurológicas com déficit de compreensão severa ou em estado mental alterado como surto psicótico.

Dentre as setes unidades públicas de reinserção social e apesar da capacidade máxima esperada de adolescentes ser de até 111 vagas (Quadro 1, f. 64), havia apenas um total de 94 adolescentes inseridos nas unidades de acolhimento durante o período de coleta dos dados. Somente uma unidade encontrava-se com sua capacidade máxima de vagas preenchida.

Considerando o tamanho pequeno da população de adolescentes em acolhimento institucional no município do Rio de Janeiro, e o ineditismo do tipo de estudo, entende-se que o uso de uma população amostral seria inadequado para o tipo de estudo proposto. Diante do exposto, utilizou-se a população total de adolescentes (N), caracterizada por um Censo a partir da população-fonte de adolescentes em situação de acolhimento institucional nas unidades públicas da cidade do Rio de Janeiro mencionadas anteriormente.

Durante a realização da coleta de dados 12 adolescentes recusaram participar da pesquisa, e 6 estavam impossibilitados de participar por incompatibilidade de horários da escola e estágios. Existiram 2 adolescentes que não se enquadravam nos critérios de seleção pois eram adolescentes que apresentavam alterações severas cognitivas-comportamentais (previamente informadas pelos profissionais das unidades) e que requisitavam acompanhamento especial, incluindo a redução de autonomia, habilidades de comunicação e cuidados pessoais. Por isso os dados analisados consistiram com 74 adolescentes investigados nas diferentes instituições públicas de acolhimento no município do Rio de Janeiro entre abril a junho de 2017.

2.4 Dinâmica do Trabalho em Campo

O projeto de pesquisa, inicialmente, para o conhecimento e autorização do Centro de Capacitação da Política de Assistência Social. Órgão este responsável por coordenar os procedimentos para realização de pesquisas a serem realizadas por instituições externas nos serviços e programas da SMAS/RJ.

Após autorização firmada do projeto pelo Centro de Capacitação, foi realizado contato com as unidades de acolhimento institucional selecionadas para o estudo e apresentado uma carta de autorização de campo para desenvolvimento do estudo, assim como uma cópia do projeto de pesquisa proposto. Seguida da assinatura da carta pela direção das unidades e permissão de início das atividades, foram enviados ao cenário os pesquisadores para ambientação e apresentação às equipes técnica das unidades de acolhimento e aos adolescentes.

A equipe de técnica de pesquisadores foi composta por 01 Coordenador geral, 02 subcoordenadores doutores, 02 doutorandos, 03 mestres, 02 mestrandos e 04 bolsistas, todos envolvidos na temática da violência de adolescentes em acolhimento institucional.

Avaliou-se pertinente a adoção de critérios na seleção de pesquisadores para a coleta de dados, considerando as particularidades do cenário, população e temáticas abordadas no instrumento de coleta de dados durante este estudo. Os critérios dos pesquisadores foram: experiência prévia em pesquisa de campo, adaptabilidade as demandas dos adolescentes e unidades de acolhimento e ser maior de 18 anos. Estes pesquisadores devem estar livres de preconceitos sobre o objeto de estudo e entrevistados.

Para a coleta dos dados, optou-se pela aplicação de questionário, que se caracteriza como uma técnica de investigação social composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, comportamento, acontecimentos. Pode ser composto por um grande ou pequeno número de questões acerca da temática estudada (GIL, 2008).

Assim, a fim de melhor aproximação compreensão sobre as questões presentes no questionário, os pesquisadores receberam um treinamento acerca da temática do estudo, com discussão e debates sobre violência, família, adolescência, vulnerabilidade e sexualidade e suas repercussões na saúde do indivíduo e dos adolescentes em geral. Ocorreram seminários sobre técnicas de pesquisa em campo, aplicação do instrumento e dinâmicas de entrevista. a cada entrevistador, foi distribuído um manual instrutivo e norteador sobre os questionários a

fim de garantir a aplicação do instrumento de maneira igual a todos os entrevistados. Houveram ainda as orientações sobre a condução de possíveis intercorrências relacionadas à entrevista.

Após o parecer favorável do Comitê de Ética e Pesquisa para a realização do projeto, foi realizado antes da coleta de dados um teste piloto do referido instrumento, objetivando testá-lo antes de sua utilização definitiva e confirmar o sucesso do mesmo.

2.5 Caracterização dos instrumentos de Coleta de dados

O instrumento de pesquisa (APÊNDICE C) é composto por um questionário estruturado multidimensional que formou um único banco de dados, contemplando as variáveis independentes propostas a seguir.

A **primeira dimensão** refere-se à caracterização da amostra e foram utilizadas quatro seções do instrumento Enquete sur les Parcours Amoureux des Jeunes (PAJ), validado e adaptado transculturalmente para uso no Brasil com o nome de “Enquete sobre o Percurso Amoroso de Jovens” (NASCIMENTO et al, 2015).

O instrumento, que foi originalmente concebido pelo Grupo de Pesquisa “Violência e Saúde” (EVISSA) da Universidade de Quebec, em Montreal, possui sete seções que mapeiam os seguintes temas: (1) informações gerais, (2) relações entre amigos e amorosas, (3) experiências difíceis, (4) comportamentos sexuais, (5) família, (6) comportamentos e hábitos de vida e (7) sentimentos e emoções (NASCIMENTO et al, 2015).

Sem perdas no processo de validação do instrumento, este projeto utilizou quatro seções do instrumento original. A primeira seção, nomeada Informações gerais, contemplou os seguintes itens: sexo, idade, composição familiar, nível de escolaridade do adolescente e dos pais, situação de trabalho dos pais/responsáveis, religião, desempenho escolar). Nesta seção do instrumento o estudo acrescentou o item “trabalho/atividade do adolescente”, perfazendo 14 questões.

A segunda seção - Difíceis experiências - abordou as questões sobre: tipos de assédios pelas vias eletrônicas, sociais e por discriminação; estratégias de adaptação; apoio social, utilização de serviços de saúde; perfazendo 23 itens.

A terceira seção corresponde aos Comportamentos sexuais e refere-se a: experiências de relacionamentos, número de relacionamentos amorosos, desejo, interesse e atração sexual,

número de parceiros sexuais, idade da primeira relação sexual; relação sexual segura, avaliação de risco e vulnerabilidade; gravidez, prostituição, apoio dos pais (rede de apoio ou de conflito); e compõe 14 itens.

A quarta e última seção, denominada Família, contempla a exposição à violência familiar e supervisão dos pais (preocupação); com 4 questões divididas em subitens.

A segunda dimensão refere-se a avaliação do uso de álcool e outras drogas pelo adolescente. Para a avaliação do componente familiar foram utilizadas perguntas que avaliam o uso de álcool, derivados do tabaco, drogas prescritas (medicamentos) e drogas ilícitas (tais como maconha, cocaína, etc). Para a avaliação dos adolescentes neste quesito foi utilizado o instrumento *Alcohol Smoking and Substance Involvement Screening Test – ASSIST* (HENRIQUE et al, 2004).

O instrumento possui 8 questões sobre nove classes de substâncias (total de 72 itens). A avaliação de cada substância tem variação de respostas entre 0 e 20 pontos, considerando os seguintes escores: 0 a 3 – uso ocasional, 4 a 15 – abuso, 16 - dependência.

A avaliação do desfecho primário, a violência nas relações afetivas íntimas, foi abordada na **terceira dimensão** do questionário. Para esta avaliação, foi utilizada o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre adolescentes. O Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro é uma adaptação do *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI) de Wolfe et al (2001) (SAAVEDRA et al., 2011; MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011).

É dirigido a adolescentes com experiência atual ou passada em relações de namoro e os tipos de violência abordados são o comportamento ameaçador, o abuso relacional, o abuso físico, o abuso sexual e o abuso emocional ou verbal. O inventário é constituído por 70 itens sobre a utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas (ou não abusivas) e abusivas nos relacionamentos de namoro entre adolescentes.

Dos 70 itens, 25 aferem violências vivenciadas, 25 referem-se às violências perpetradas e 20 são itens que estrategicamente ‘distraem’ o jovem da ênfase no tema da violência, não fazendo parte da análise da escala. A CADRI afere cinco formas de violências presentes no relacionamento amoroso entre adolescentes: a) física; b) sexual; c) psicológica, discriminada em três subtipos: ameaças, verbal/emocional e relacional.

As perguntas sobre as formas das violências são dispostas no instrumento original de maneira aleatória, ou seja, são misturadas a fim de não interferir nas respostas dos participantes. São ainda subdivididos em letra a e b, sendo a primeira relacionada às

violências perpetradas e b, às violências vivenciadas. Assim, as formas das violências vivenciadas correspondem aos seguintes itens no questionário (Quadro 2).

Quadro 2 – Distribuição das formas de violência segundo as questões do instrumento de coleta de dados, 2018.

Violências	Tipologia	Questões no instrumento
Perpetradas	Ameaça	51.a, 75.a, 77.a, 79.a
	Relacional	49.a, 66.a, 81.a
	Física	54.a, 71.a, 76.a, 80.a
	Sexual	48.a, 59.a, 61.a, 65.a
	Psicológica	50.a, 53.a, 55.a, 58.a, 63.a, 67.a, 69.a, 70.a, 74.a, 78.a.
Vivenciadas	Ameaça	51.b, 75.b, 77.b, 79.b
	Relacional	49.b, 66.b, 81.b
	Física	54.b, 71.b, 76.b, 80.b
	Sexual	48.b, 59.b, 61.b, 65.b
	Psicológica	50.b, 53.b, 55.b, 58.b, 63.b, 67.b, 69.b, 70.b, 74.b, 78.b.

Fonte: RIBEIRO, 2018.

Os itens são cotados de 0 a 3, de acordo com a sua ocorrência e frequência, em que o “nunca” é cotado como “0”, o “raramente” é cotado como “1”, o “às vezes” é cotado como “2” e o “frequentemente” é cotado como o valor “3”. O valor de cada fator (estratégias de resolução de conflitos positivas e estratégias de resolução de conflitos abusivas) é calculado pela soma dos seus itens. Pontuações mais elevadas correspondem a uma maior frequência de utilização de estratégias positivas e abusivas.

Como opção deste estudo, foi modificado no instrumento as terminologias originais “nunca”, “raramente”, “às vezes” e “frequentemente” do instrumento CADRI para uma terminologia de “Não” e “Sim”, o qual o termo “Não” corresponderá a significância “nunca” (valor 0) do instrumento original e o “Sim” será atribuído aos casos que ocorrerão alguma violência (valor de 1 a 3), independente da frequência do fenômeno. Acredita-se que essa alteração não interferirá na identificação da ocorrência e nem na dinâmica fenômeno, e ainda, facilitará na compreensão dos adolescentes para responder o questionário.

Em relação às características metrológicas do instrumento, no que se refere à precisão, as autoras do instrumento (SAAVEDRA et al., 2011) procederam ao cálculo da consistência interna do instrumento através do alpha de Cronbach e, os coeficientes obtidos quer para o instrumento (0.90) quer para as duas dimensões do instrumento - comportamento do próprio (0.82) e comportamento do outro (0.81) revelaram indícios de uma boa consistência interna.

Relativamente à validade, foi efetuada separadamente a análise fatorial dos itens de intimidação e de perpetração e verificou-se que esta análise cumpriu o pressuposto teórico de divisão dos itens do instrumento, ou seja, que esta foi forçada a dois fatores, nomeadamente, a resolução abusiva e a resolução positiva de conflitos. Na Escala de comportamentos do próprio, os dois fatores (estratégias abusivas e positivas) que a compõem explicam 27.5% da variância dos resultados e na Escala de comportamentos do outro, os dois fatores explicam 29.4% da variância dos resultados (SAAVEDRA et al., 2011).

Salienta-se que para o presente estudo foram analisados apenas os dados acerca das questões sobre as violências vivenciadas nas relações afetivas.

2.6 Variáveis do Estudo

Acerca da violência em parceiros íntimos entre adolescentes e seus fatores associados percebe-se a influência de questões de níveis pessoal, social, temporal.

As questões pessoais se resumem em fatores como sexo, cor da pele, religião, uso de álcool, uso de drogas, desempenho escolar, aceitação da violência feminina no namoro, aceitação da violência masculina no namoro. As questões envoltas aos relacionamentos com o(a) parceira também são consideradas indicadores para a violência como a idade que começou a ficar, namorar e transar, ter praticado violências nos relacionamentos anteriores (BARREIRA, LIMA, AVANCI, 2013).

Em relação aos determinantes sociais relacionados ao indivíduo, percebe-se que situações de violências vividas em ambiente domiciliar e ambientes externos favorecem a propagação de eventos violentos nas relações, ou seja, violência na escola e na comunidade; ter sofrido violência verbal e física dos pais/responsáveis, monitoramento dos pais e histórico de violências verbal, física e sexual em relacionamentos anteriores e, importância atribuída ao namorado(a).

Quanto aos determinantes sociais de uma forma geral, caracterizam-se como fatores predisponentes a escolaridade dos responsáveis, o arranjo familiar, o testemunho de violência na comunidade e no ambiente familiar (BARREIRA, LIMA, AVANCI, 2013).

Dentre as possibilidades foram escolhidas como variável dependente a violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes em acolhimento institucional. Neste caso foi verificado a ocorrência da violência a partir da terceira dimensão (CADRI) do instrumento. A

presença de violência foi considerada quando existiram um ou mais itens afirmativos de perpetração de violência.

Como variáveis independente, foram selecionadas as características pessoais, as características sociodemográficas (idade, cor, escolaridade, composição familiar...), histórico de violência familiar, padrão de uso de álcool/ outras drogas.

A seleção das variáveis independentes ocorreu ao analisar a literatura científica acerca da temática da violência nas relações afetivas íntimas. Foram escolhidas aquelas que melhor representariam os critérios para o alcance dos objetivos estabelecidos no estudo. É possível verificá-las mais detalhadamente na sessão seguinte – Modelo Teórico Conceitual, onde estão dispostas e categorizadas através de um modelo esquemático de relações.

2.7 Modelo Teórico Conceitual

As violências, em especial, nas relações afetivas íntimas, abrangem um fenômeno complexo, determinada por um conjunto de dimensões hierarquicamente diferentes, que se relacionam e se retroalimentam formando uma rede de influências recíprocas, marcada na intersubjetividade e no encontro com a alteridade (GUIMARAES, PEDROZA, 2015).

Considerando esse contexto multivariado, optou-se por construir um modelo teórico conceitual composto por algumas das variáveis que vêm sendo mais frequentemente pesquisadas nas linhas de investigação sobre violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes.

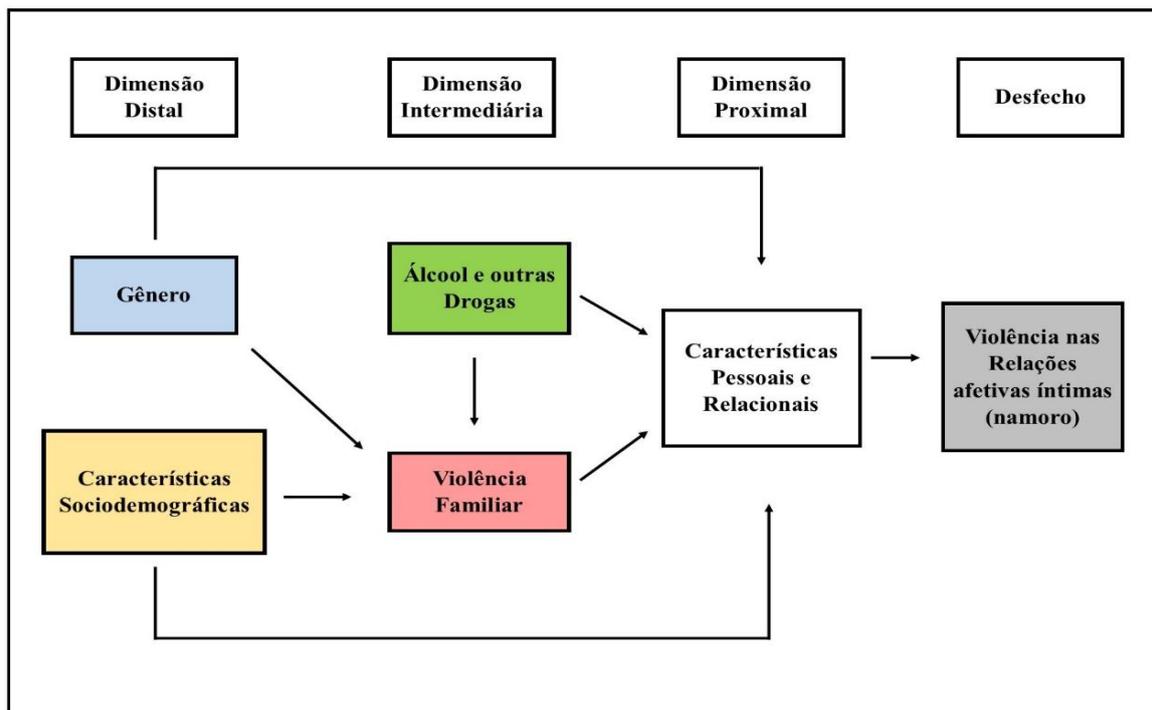
Para esta revisão foram priorizados textos recuperados nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), PubMed, Medline, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Plataforma Capes e Scopus. Utilizaram-se apenas textos obtidos na íntegra, o que permitiu maior aprofundamento sobre o tema.

O modelo elaborado é simplificado e não tem a pretensão de esgotar todas as dimensões associadas aos processos, nem tampouco as diversas possibilidades de relação entre as variáveis que os compõem. A elaboração do modelo teve como objetivo facilitar o mapeamento das possíveis variáveis de confusão a serem abordadas na investigação e direcionar o plano de análise da pesquisa.

Portanto, a fim de contextualizar a temática descrita, fez-se necessária um estado da arte para dar suporte às discussões e questões pertinentes ao problema e embasar teoricamente a proposta de pesquisa.

As variáveis independentes selecionadas foram distribuídas em nichos categóricos conforme uma relação distal, intermediárias e proximais, respectivamente, ao desfecho (Figura 4).

Figura 4 - Modelo Teórico Conceitual das violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes em instituição de acolhimento, 2018.



Fonte: RIBEIRO, 2018.

Na dimensão distal estarão alocadas as variáveis que compõem os aspectos sociodemográficos dos adolescentes e seus familiares, aferindo sexo, idade, etnia, nível de escolaridade do adolescente, nível econômico, nível de escolaridade dos pais, ocupação do responsável, religião, moradia, local de moradia, frequência e desempenho escolar, frequência em atividades recreativas/culturais, histórico de acolhimento institucional, sexualidade e as relações de gênero (ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA, BRASIL, 2001; CARIDADE, 2011; MATOS et al, 2006 ; MELLO, 2018; STRAUS, 2004; MINAYO, ASSIS, NJAINE, 2011; OLIVEIRA et al., 2011). Esta dimensão será obtida a partir da primeira seção da Enquete sobre o Percurso Amoroso de Jovens (PAJ).

A dimensão intermediária compõe o histórico de violência intrafamiliar, o qual é representado por violências física, sexual, psicológica, negligência familiar (BRASIL, 2001;

KRUG et al., 2002). Para avaliar a violência interpaparental foi utilizada a quarta seção da Enquete sobre o Percorso Amoroso de Jovens (PAJ).

As variáveis de relação proximal compõem o consumo de álcool e outras drogas, características dos grupos de pares, fatores interpessoais (características de socialização - manutenção das relações interpessoais, capacidade de resolução de conflitos, habilidades de comunicação), características psicológicas/emocionais, histórico de violência anteriores, início precoce de relações amorosas. (BRASIL, 2001; STRAUS, 2004; SCHLEINIGER, 2013; CAMPEIZ, 2014). Para avaliar o uso álcool e drogas ilícitas foi utilizada a versão em português da escala de **Avaliação do uso de álcool e outras drogas (ASSIST)**. As demais variáveis foram identificadas com auxílio das segunda e terceira seções da **Enquete sobre o Percorso Amoroso de Jovens (PAJ)**.

A literatura indica que as características sociodemográficas, as questões de gênero, o álcool/outras drogas e as características pessoais são variáveis que influenciam nas violências de modo geral como, principalmente, nas violências nas relações afetivas íntimas.

2.8 Análise dos dados

Para a construção do banco de dados e digitação dos instrumentos utilizou-se o software Epidata 3.1® (LAURITSEN, 2006). Portanto, inicialmente os dados foram tabulados para compor um banco de dados com auxílio do software Epidata 3.1®, onde se construiu uma máscara previamente elaborada referente ao instrumento de coleta de dados. Empregou-se a técnica de validação de dupla entrada ou "duplo check" em 20% do estudo (MEDRONHO et al., 2009)

Posteriormente a criação do banco de dados, o mesmo foi exportado para o Software no software R 3.5 em que se realizaram os procedimentos de limpeza, processamento e análise estatística respectivamente. No sentido de realizar a prevalência da violência nas relações afetivas íntimas e, ainda realizar associações com os fatores determinantes deste fenômeno, as variáveis foram descritas de maneira uni bi e multivariadas de acordo com os objetivos do estudo. A análises multivariadas do presente trabalho referem-se às violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes em acolhimento institucional, caracterizando-se como desfecho. Sua ocorrência foi estabelecida mediante os cruzamentos com fatores associados a violência, previamente estabelecidos no subitem deste capítulo. No primeiro

momento, foram utilizadas as técnicas de análise descritiva das variáveis estimando-se as prevalências, as médias e demais medidas de distribuição, calculando-se os respectivos intervalos de confiança a 95%. Para avaliação da significância estatística utilizaram-se os testes de hipótese conforme análise de distribuição, considerando os p-valores significantes quando inferiores a 0.05 e limítrofes quando no intervalo de 0.05 e <0.1 .

Foram calculadas as razões de prevalência para as relações entre os desfechos e as variáveis independentes, ajustando-se para os possíveis fatores de confusão. Neste sentido, para fins de entrada no modelo logístico de ajustamento consideram-se as variáveis que apresentarem p-valor inferior a 0.25. Destaca-se que também se aplicaram os modelos logísticos condicionais a fim de testar possíveis variáveis modificadoras de efeito. Para a testagem de hipótese nesta fase foi realizado o teste de verossimilhança.

As análises estatísticas foram feitas no software R 3.5 e inclui os seguintes procedimentos: teste exato de Fisher para avaliar independência entre desfecho e exposição com nível de significância de 5%, ou seja, valores-p menores que 0,05 indicam que a exposição é fator de risco ou prevenção se a razão de prevalência for maior que 1 ou menor 1, respectivamente. Também foram empregadas técnicas de estatística descritiva, exploratória e explanatória. Os resultados referentes à prevalência, razão de prevalência (RP), razão de prevalência ajustada (RP Ajustada), seus respectivos intervalos de confiança e testes de independência para os fatores associados à violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional estão dispostos em tabelas enumeradas, sendo as tabelas contendo o número de casos e não casos e seus respectivos percentuais para cada violência vivenciada analisada. As tabelas mostram também os resultados das análises bivariadas, cujo incluem como variáveis independentes as informações sociodemográficas para cada violência vivenciada. Foi considerado como referência para cada variável na execução dos cálculos as respostas apresentadas na primeira linha das tabelas. As razões de prevalência ajustadas por meio de modelos de regressão logística calculadas conforme Bastos et. al (2015). Para os desfechos violência psicológica vivência e violência geral (combinação de todas as violências vivenciadas) não foram possíveis calcular a prevalência ajustada, visto que praticamente todos os participantes do estudo foram expostos a esses tipos de violência e consequentemente não havendo grupo de “não casos” para comparação e estimação da razão de prevalência. Algumas tabelas abrangem diversas áreas do questionário, sendo que as informações dispostas na tabela se referem ao número de casos, seus respectivos percentuais segregados por sexo. Para as variáveis quantitativas foram realizados resumos descritivos, estes englobam média e desvio-padrão (DP), mediana e valores mínimos e máximos ([Min,

Max]). Também foram realizados procedimentos de modelagem estatística utilizando modelos de regressão logísticos com abordagem frequentista e bayesiana. Os métodos de regressão são capazes de descrever a relação entre uma variável de interesse (desfecho) e covariáveis (exposição e confundidores). Em situações onde o desfecho é dicotômico (0 ou 1, sim ou não, ausência ou presença...) os modelos de regressão logística são amplamente utilizados. Esse modelo compreende que um indivíduo pode assumir um de dois possíveis desfechos, por exemplo, sofreu ameaça ou não sofreu ameaça. Supondo que x é um vetor de valores que correspondem às covariáveis (x_1, x_2, \dots, x_n), ou seja, um vetor de valores dos atributos como sexo, faixa etária e todas as demais informações referentes a cada indivíduo, tem-se a expressão abaixo:

$$\pi(x) = \frac{e^{\beta x}}{1 + e^{\beta x}}$$

onde $\pi(x)$ pode ser interpretado como a probabilidade de um indivíduo ter sofrido violência dadas as características representadas pelo vetor x .

De acordo com McInturff et al. (2004), abordagens bayesianas apresentam algumas vantagens em relação às clássicas, como a possibilidade de incluir informações a priori relevantes e a habilidade de fazer inferências que não dependem das suposições de grandes amostras (teoria assintótica). Paralelo a isso, as abordagens bayesianas têm se desenvolvido consideravelmente com o avanço das técnicas computacionais, como os métodos Monte Carlo (MCMC) (MCINTURFF et al., 2004). O MCMC é um método iterativo de simulação que permitindo gerar conjuntos de dados de distribuições multivariadas complexas, facilitando simular a distribuição dos parâmetros dos modelos e, conseqüentemente, obter as odds ratios.

Os resultados referentes às odds ratios (OR), odds ratios ajustada (OR ajustada), seus respectivos intervalos de confiança com 95% de confiança ou de credibilidade (abordagem bayesiana) para cada violência vivenciada analisada (ameaça, relacional, física, sexual, psicológica e geral). Para os cálculos das odds ratios foram considerados como referência para cada variável categórica (exposição) as respostas apresentadas na primeira linha das tabelas. As odds ratios ajustadas foram obtidas por meio de modelos de regressão logística. As categorias das exposições com número de respostas igual ou menor que 1 foram desconsideradas visto que se mantidas poderiam resultar em valores nulos ou ainda impossibilitar os cálculos. Um exemplo disso é a variável "Pessoa envolvida (adulto/ Menor de idade)", pois não apresenta nenhuma resposta para "Um(a) jovem com até 18 anos" entre as pessoas que não sofreram ameaças. Se o intervalo de confiança ou de credibilidade englobar o valor 1, compreende-se que a variável não apresenta significância estatística.

Visando obter informações que não seriam facilmente observadas, foram utilizados métodos de estatística multivariadas, possibilitando identificar as variáveis mais importantes para classificação dos adolescentes conforme o tipo de violência vivenciada. Para isso foram utilizadas as seguintes técnicas: análises de correspondência múltipla devido à natureza categórica dos dados da violência vivenciada (sim e não), que tem o papel de selecionar as variáveis que serão utilizadas para o modelo de classificação; o agrupamento hierárquico foi obtido pelo método aglomerativo utilizando a matriz de dissimilaridade obtida pelo coeficiente de Gower (GOWER, 1971) permite que valores da matriz de distância fiquem compreendidos entre 0 e 1, sendo nesse caso, indicado para variáveis dicotômicas como é o caso dos desfechos (sim e não).

2.9 Aspectos éticos e legais da pesquisa

Esta pesquisa é um desdobramento do projeto de pesquisa intitulado *Violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional no município do Rio de Janeiro: perspectiva de gênero e suas interfaces com a saúde e a enfermagem*, com número de parecer do Comitê de Ética e Pesquisa 1.779.293 (ANEXO A). Este projeto foi realizado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em colaboração com Rede de Acolhimento da Secretaria Municipal de Assistência Social do Rio de Janeiro (SMAS/RJ) e Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro (SMSDC/RJ) (ANEXO A e B e APÊNDICE A).

Para a obtenção do preenchimento dos questionários, os pesquisadores aproximaram-se dos adolescentes que atendiam aos critérios de inclusão, apresentando a temática da pesquisa, bem como seus objetivos, respeitando os preceitos éticos e bioéticos segundo a Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012), que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Após o conhecimento da pesquisa, os participantes que desejaram participar assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) - (APÊNDICE A). Em se tratando de menores de idade, também foi solicitada a assinatura de um adulto, neste caso, o profissional do abrigo responsável pelo adolescente no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - (APÊNDICE B).

Foi esclarecido também aos participantes que o sigilo e anonimato dos mesmos foram respeitados e garantidos, sendo explicitados seus direitos mediante a assinatura do TALE, o qual continha explicações dos objetivos do estudo, dos instrumentos de coleta de dados, da forma de divulgação dos dados, da garantia do anonimato, além de informações pertinentes que assegurem a ética em pesquisa com seres humanos.

3 RESULTADOS

As violências nas relações afetivas íntimas são consideradas um fenômeno não apenas de esfera individual, mas polissêmica, de múltiplas dimensões externas que também afetam o indivíduo. As violências dos indivíduos e de pequenos grupos estão relacionadas à violência do Estado e da ordem estabelecida; à desigualdade social e à privação econômica e social. Nesse contexto, fatores como sexo, faixa etária, cor, espaço geográfico e condições sociais e econômicas são variáveis importantes para especificar formas de incidência e prevalência das violências, em especial, nas relações afetivas íntimas (BORGES, ALENCAR, 2015).

As próprias identidades dos adolescentes devem ser reconhecidas como fluidas, que se constituem pelas diferenças sociais e pelas relações de poder estabelecidas, ocasionando, com isso, diversas formas de violência ou possibilidades de ser violento, pois é no indivíduo, considerado como um todo (físico e psíquico), que a violência se efetiva, seja como vítima ou agressor.

Ressalva-se que ao se estudar a violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes, é fundamental se compreender o adolescente em contextos específicos, e nesse estudo em particular, àqueles em situação de acolhimento institucional, uma vez que as formas de pensar, sentir e agir podem ser bastante diferentes comparada a outros adolescentes.

Por esta razão, houve a necessidade de contextualizar socialmente esses adolescentes, tendo em vista que qualquer concepção acerca dessa fase do desenvolvimento só adquiriu sentido quando associada às condições objetivas de vida dos sujeitos estudados. Logo, a adolescência é compreendida como um produto da história de vida de cada jovem, que é determinada pelo grupo social e cultural aos quais pertence.

3.1 Perfil dos Adolescentes em acolhimento institucional

No período da coleta, estimou-se uma população total de 91 adolescentes institucionalizados. Entretanto, considerando os critérios de inclusão e exclusão e o aceite de participação da pesquisa, a amostra final deste estudo foi composta por 74 adolescentes

institucionalizados de ambos os sexos, investigados nas sete instituições públicas de acolhimento no município do Rio de Janeiro entre março a junho de 2017.

Em relação ao número de entrevistados, não houve diferença significativa entre o número de participantes dentre as instituições, sendo em média, 11 participantes por unidade, ou seja, 84,62% de adolescentes entrevistado em cada unidade de acolhimento. Deste quantitativo, observou-se uma maior concentração de adolescentes residentes nas Unidades Raul Seixas e Cely Campelo.

A população estudada caracteriza-se predominantemente por adolescentes do sexo masculino totalizando 45 adolescentes (60,8%), em comparação ao sexo feminino, 29 (39,2%). A faixa etária de maior representação foi entre 12 a 15 anos (55,4%). Um dado que se destacou foi a cor da pele, a qual cerca de 85,1% da amostra era composta por adolescentes de pele parda a negra. Referente à escolaridade, todos os participantes encontravam-se matriculados e frequentando as atividades escolares (100%). A maior parte encontrava-se no ensino fundamental II (52,7 %) e com desempenho estudantil de conceitos médio (37,9%) e bom (37,9%), ou seja, cerca de 75% desses adolescentes. Quando à religião, são predominantemente evangélicos (33,8%), seguidos daqueles sem religião (35,1%). A maioria frequentava atividades culturais e esportivas (58,1%).

3.2 As violências nas RAI associadas às características sociodemográficas

As tabelas 1 e 2 (f. 81 e 83) descrevem a associação do perfil sociodemográfico e a magnitude das violências nas RAI de adolescentes em acolhimento institucional. De um total de 74 participantes, observou-se um elevado quantitativo de casos de violência nas RAI neste grupo, totalizando 71 adolescentes que vivenciaram algum tipo de violência (95,9%) e apenas 3, que não vivenciaram essas violências (4,1%).

Considerando a tipologia da violência nas RAI, houve predomínio de casos de violência psicológica (94,6 %). Os dados apontam valores próximos para ocorrência e não ocorrência de ameaças, havendo uma diferença de apenas 2,8% para a vivência desse tipo de violência nas RAI. Observou-se ainda, maior incidência de violências físicas (60,8%) e sexuais (55,4%) no grupo estudado. Apenas a violência relacional se manifestou com maior percentual de casos negativos neste estudo (55,4%).

Em relação aos sexos, verificaram-se percentuais acentuados e similares para as vivências de violência em geral e psicológica nas RAI, 97,8% e 95,6% para o sexo masculino e 93,1% para ambas as violências no sexo feminino, respectivamente. Quanto às demais violências, a violência física representou a terceira maior magnitude entre os jovens acolhidos, sendo 62,1% para o sexo feminino e 60%, para o masculino.

Não se observou diferenças estatísticas significativas entre casos positivos e negativos nas ameaças e violência relacional em ambos os sexos, apesar de se observar uma maior prevalência de não ocorrência de ameaças no sexo feminino (51,8%) e violência relacional nos sexos masculino (57,8%) e feminino (51,8%). Fenômeno pertinente foi observado nos casos de violências sexuais nas RAI, cujo resultado foi mais representativo no sexo feminino, 62%, contra 51,1%, no masculino.

Tabela 1 - Razões de prevalência entre o sexo e as formas de violência vivenciadas por adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017.

Formas de Violência	Masculino (n=45)		Feminino (n=29)		Total Geral	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Ameaça	24 (53,3%)	21 (46,7%)	14 (48,3%)	15 (51,7%)	38 (51,4%)	36 (48,6%)
Relacional	19 (42,2%)	26 (57,8%)	14 (48,3%)	15 (51,7%)	33 (44,6%)	41 (55,4%)
Física	27 (60%)	18 (40%)	18 (62,1%)	11 (37,9%)	45 (60,8%)	29 (39,2%)
Sexual	23 (51,1%)	22 (48,9%)	18 (62,1%)	11 (62,1%)	41 (55,4%)	33 (44,6%)
Psicológica	43 (95,6%)	2 (4,4%)	27 (93,1%)	2 (6,9%)	70 (94,6%)	4 (5,4%)
Total	44 (97,8%)	1 (2,2%)	27 (93,1%)	2 (6,9%)	71 (95,9%)	3 (4,1%)

Fonte: A autora, 2019.

Dentre as faixas etárias de 12 a 15 anos e de 16 a 18 anos não se verificaram diferenças estatísticas importantes quando se analisaram as violências de uma forma geral e a psicológica nas RAI. Os dados revelaram um percentual elevado na violência física (60%) na faixa etária de 12 a 15 anos e menor incidência de violência sexual (48,8%) na faixa etária de 16 a 18 anos. A análise entre as faixas etárias e a ameaça nas RAI não obteve diferença estatística nos casos positivos e negativos de violência.

As cores de pele pardas e negras apresentaram importância significativa em todos os tipos de violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes. Merecem destaques as violências do tipo: ameaças (55,3%), físicas (46,7%) e psicológicas (45,7%). A escolaridade foi outro fator relevante na amostra estudada, apresentando os adolescentes de escolaridade no ensino fundamental II com maior frequência de violências (52,1%). As violências físicas

(60,0%) e do tipo ameaça (65,8%) caracterizaram-se como as principais violências nas RAI nesta escolaridade.

O desempenho estudantil evidenciou um importante dado sobre o grupo estudado. Os adolescentes com desempenho escolar muito bom reportaram índices de violência de 9,9%, enquanto que adolescentes com desempenho mediano referiram 46,5% de vivência de violência nas RAI, ou seja, os dados apontam maiores ocorrências de violências em condições de pior desempenho escolar.

A análise identificou associação da cor de pele, religião e escolaridade com os eventos de violência nas relações afetivas íntimas (Tabela 3, f. 84; Tabela 4, f. 85; Tabela 5; f. 86). Observou-se que indivíduo de cor de pele preta possui 0,09 vezes chances a mais do que um indivíduo com a cor de pele branca de sofrer ameaças. Em relação a violência física, a chance de um indivíduo da cor de pele parda sofrer violência física nas RAI é de 23,37 vezes a chance de um indivíduo com a cor de pele branca vivenciar a mesma violência.

Percebeu-se também que um(a) adolescente institucionalizado com escolaridade até ensino fundamental II apresenta chance de 0,11 vezes de experimentar ameaça nas RAI em comparação a um adolescente com ensino fundamental I. O(a) adolescente evangélico(a) ou de outra religião evidenciou chances de 0,28 vezes de sofrer violência sexual comparado com indivíduo católico.

Em relação as demais variáveis das características sociodemográficas não se observaram diferenças estatísticas significativas para a ocorrência de violências nas RAI.

Tabela 2 - Razões de prevalência entre as características sociodemográficas e as formas de violência vivenciadas por adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017

Características sociodemográficas	Ameaça		Relacional		Física		Sexual		Psicológica		Geral	
	Sim (n=38)	Não (n=36)	Sim (n=33)	Não (n=41)	Sim (n=45)	Não (n=29)	Sim (n=41)	Não (n=33)	Sim (n=70)	Não (n=4)	Sim (n=71)	Não (n=3)
Sexo												
Feminino	14 (36,8%)	15 (41,7%)	14 (42,4%)	15 (36,6%)	18 (40,0%)	11 (37,9%)	18 (43,9%)	11 (33,3%)	27 (38,6%)	2 (50,0%)	27 (38,0%)	2 (66,7%)
Masculino	24 (63,2%)	21 (58,3%)	19 (57,6%)	26 (63,4%)	27 (60,0%)	18 (62,1%)	23 (56,1%)	22 (66,7%)	43 (61,4%)	2 (50,0%)	44 (62,0%)	1 (33,3%)
F. Etária (anos)												
12 a 15	21 (55,3%)	20 (55,6%)	21 (63,6%)	20 (48,8%)	27 (60,0%)	14 (48,3%)	21 (51,2%)	20 (60,6%)	38 (54,3%)	3 (75,0%)	38 (53,5%)	3 (100%)
16 a 18	17 (44,7%)	16 (44,4%)	12 (36,4%)	21 (51,2%)	18 (40,0%)	15 (51,7%)	20 (48,8%)	13 (39,4%)	32 (45,7%)	1 (25,0%)	33 (46,5%)	0 (0%)
Cor da pele/Etnia												
Branca	3 (7,9%)	5 (13,9%)	5 (15,2%)	3 (7,3%)	7 (15,6%)	1 (3,4%)	7 (17,1%)	1 (3,0%)	8 (11,4%)	0 (0%)	8 (11,3%)	0 (0%)
Parda	13 (34,2%)	20 (55,6%)	14 (42,4%)	19 (46,3%)	15 (33,3%)	18 (62,1%)	18 (43,9%)	15 (45,5%)	32 (45,7%)	1 (25,0%)	32 (45,1%)	1 (33,3%)
Preta	21 (55,3%)	9 (25,0%)	13 (39,4%)	17 (41,5%)	21 (46,7%)	9 (31,0%)	14 (34,1%)	16 (48,5%)	27 (38,6%)	3 (75,0%)	28 (39,4%)	2 (66,7%)
Faltantes	1 (2,6%)	2 (5,6%)	1 (3,0%)	2 (4,9%)	2 (4,4%)	1 (3,4%)	2 (4,9%)	1 (3,0%)	3 (4,3%)	0 (0%)	3 (4,2%)	0 (0%)
Escolaridade atual												
Fundamental I	9 (23,7%)	15 (41,7%)	10 (30,3%)	14 (34,1%)	14 (31,1%)	10 (34,5%)	14 (34,1%)	10 (30,3%)	23 (32,9%)	1 (25,0%)	23 (32,4%)	1 (33,3%)
Fundamental II	25 (65,8%)	14 (38,9%)	18 (54,5%)	21 (51,2%)	27 (60,0%)	12 (41,4%)	20 (48,8%)	19 (57,6%)	36 (51,4%)	3 (75,0%)	37 (52,1%)	2 (66,7%)
Ensino Médio	4 (10,5%)	6 (16,7%)	5 (15,2%)	5 (12,2%)	4 (8,9%)	6 (20,7%)	7 (17,1%)	3 (9,1%)	10 (14,3%)	0 (0%)	10 (14,1%)	0 (0%)
Faltantes	0 (0%)	1 (2,8%)	0 (0%)	1 (2,4%)	0 (0%)	1 (3,4%)	0 (0%)	1 (3,0%)	1 (1,4%)	0 (0%)	1 (1,4%)	0 (0%)
Desempenho estudantil												
Muito bom	2 (5,3%)	7 (19,4%)	3 (9,1%)	6 (14,6%)	4 (8,9%)	5 (17,2%)	5 (12,2%)	4 (12,1%)	7 (10,0%)	2 (50,0%)	7 (9,9%)	2 (66,7%)
Bom	15 (39,5%)	11 (30,6%)	13 (39,4%)	13 (31,7%)	17 (37,8%)	9 (31,0%)	17 (41,5%)	9 (27,3%)	25 (35,7%)	1 (25,0%)	25 (35,2%)	1 (33,3%)
Na média	17 (44,7%)	16 (44,4%)	13 (39,4%)	20 (48,8%)	20 (44,4%)	13 (44,8%)	15 (36,6%)	18 (54,5%)	32 (45,7%)	1 (25,0%)	33 (46,5%)	0 (0%)
Fraco e Muito fraco	3 (7,9%)	2 (5,6%)	3 (9,1%)	2 (4,9%)	3 (6,7%)	2 (6,9%)	4 (9,8%)	1 (3,0%)	5 (7,1%)	0 (0%)	5 (7,0%)	0 (0%)
Faltantes	1 (2,6%)	0 (0%)	1 (3,0%)	0 (0%)	1 (2,2%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (3,0%)	1 (1,4%)	0 (0%)	1 (1,4%)	0 (0%)
Religião												
Católica	4 (10,5%)	2 (5,6%)	4 (12,1%)	2 (4,9%)	5 (11,1%)	1 (3,4%)	2 (4,9%)	4 (12,1%)	6 (8,6%)	0 (0%)	6 (8,5%)	0 (0%)
Evangélica	14 (36,8%)	14 (38,9%)	15 (45,5%)	13 (31,7%)	18 (40,0%)	10 (34,5%)	18 (43,9%)	10 (30,3%)	25 (35,7%)	3 (75,0%)	26 (36,6%)	2 (66,7%)
Outras	9 (23,7%)	5 (13,9%)	5 (15,2%)	9 (22,0%)	7 (15,6%)	7 (24,1%)	9 (22,0%)	5 (15,2%)	13 (18,6%)	1 (25,0%)	13 (18,3%)	1 (33,3%)
Nenhuma	11 (28,9%)	15 (41,7%)	9 (27,3%)	17 (41,5%)	15 (33,3%)	11 (37,9%)	12 (29,3%)	14 (42,4%)	26 (37,1%)	0 (0%)	26 (36,6%)	0 (0%)
Participação religiosa												
Não participa	17 (44,7%)	19 (52,8%)	16 (48,5%)	20 (48,8%)	21 (46,7%)	15 (51,7%)	16 (39,0%)	20 (60,6%)	35 (50,0%)	1 (25,0%)	35 (49,3%)	1 (33,3%)
Mais de uma vez por semana	3 (7,9%)	2 (5,6%)	2 (6,1%)	3 (7,3%)	4 (8,9%)	1 (3,4%)	2 (4,9%)	3 (9,1%)	4 (5,7%)	1 (25,0%)	4 (5,6%)	1 (33,3%)
Uma vez por semana	8 (21,1%)	7 (19,4%)	8 (24,2%)	7 (17,1%)	10 (22,2%)	5 (17,2%)	11 (26,8%)	4 (12,1%)	15 (21,4%)	0 (0%)	15 (21,1%)	0 (0%)
Uma vez por mês	4 (10,5%)	2 (5,6%)	3 (9,1%)	3 (7,3%)	3 (6,7%)	3 (10,3%)	4 (9,8%)	2 (6,1%)	5 (7,1%)	1 (25,0%)	5 (7,0%)	1 (33,3%)
Apenas quando tem festividades	5 (13,2%)	4 (11,1%)	2 (6,1%)	7 (17,1%)	5 (11,1%)	4 (13,8%)	5 (12,2%)	4 (12,1%)	8 (11,4%)	1 (25,0%)	9 (12,7%)	0 (0%)
Faltantes	1 (2,6%)	2 (5,6%)	2 (6,1%)	1 (2,4%)	2 (4,4%)	1 (3,4%)	3 (7,3%)	0 (0%)	3 (4,3%)	0 (0%)	3 (4,2%)	0 (0%)
Participação em atividades culturais e esportivas												
Sim	25 (65,8%)	18 (50,0%)	20 (60,6%)	23 (56,1%)	29 (64,4%)	14 (48,3%)	25 (61,0%)	18 (54,5%)	41 (58,6%)	2 (50,0%)	41 (57,7%)	2 (66,7%)
Não	13 (34,2%)	18 (50,0%)	13 (39,4%)	18 (43,9%)	16 (35,6%)	15 (51,7%)	16 (39,0%)	15 (45,5%)	29 (41,4%)	2 (50,0%)	30 (42,3%)	1 (33,3%)

Fonte: Ribeiro, 2019.

Tabela 3 - Modelos de regressão logística para a associação entre características sociodemográficas e ameaça e violência relacional, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de confiança (IC95%).

Variáveis	Ameaça					Violência Relacional				
	OR	IC 95%	OR ajustada	IC 95%	Valor-p	OR	IC 95%	OR ajustada	IC 95%	Valor-p
Sexo										
Feminino	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Masculino	0,82	0,32 - 2,08	0,66	0,13 - 3,27	0,6155	1,28	0,50 - 3,29	1,53	0,42 - 5,65	0,5163
F. Etária (anos)										
12 a 15	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
16 a 18	0,99	0,39 - 2,48	0,58	0,12 - 2,39	0,4587	1,84	0,73 - 4,78	1,93	0,59 - 6,80	0,2871
Cor da pele/Etnia										
Branca	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Parda	0,92	0,17 - 4,44	0,88	0,08 - 9,70	0,9147	2,26	0,47 - 12,57	3,28	0,51 - 24,78	0,2199
Preta	0,26	0,04 - 1,27	0,09	0,01 - 0,85	0,0456	2,18	0,45 - 12,25	1,97	0,34 - 12,71	0,4503
Escolaridade atual (cursando)										
Fundamental I	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Fundamental II	0,34	0,11 - 0,95	0,11	0,01 - 0,57	0,0144	0,83	0,29 - 2,32	1,09	0,29 - 4,18	0,8940
Ensino Médio	0,9	0,20 - 4,34	1,49	0,14 - 17,15	0,7397	0,71	0,16 - 3,21	0,44	0,06 - 3,19	0,4180
Desempenho estudantil										
Muito bom	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Bom	0,21	0,03 - 1,07	0,09	0,00 - 1,03	0,0818	0,5	0,09 - 2,33	0,54	0,08 - 3,20	0,5050
Na média	0,27	0,04 - 1,31	0,11	0,00 - 1,56	0,1346	0,77	0,14 - 3,48	0,37	0,04 - 2,49	0,3217
Fraco e Muito fraco	0,19	0,01 - 1,90	0,04	0,00 - 1,47	0,1047	0,33	0,03 - 3,09	0,14	0,01 - 2,10	0,1614
Religião										
Católica	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Evangélica	2	0,33 - 16,16	4,61	0,35 - 121,52	0,2877	1,73	0,29 - 14,01	1,26	0,17 - 12,29	0,8259
Outras	1,11	0,15 - 10,14	0,73	0,03 - 21,66	0,8447	3,6	0,51 - 33,59	1,88	0,19 - 22,64	0,5937
Nenhuma	2,73	0,45 - 22,33	5,23	0,32 - 176,20	0,2836	3,78	0,61 - 31,30	4,77	0,54 - 57,12	0,1753
Participação religiosa										
Não participa	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Mais de uma vez por semana	0,6	0,07 - 4,01	0,63	0,03 - 10,14	0,7468	1,2	0,18 - 9,95	1,94	0,17 - 26,72	0,5942
Uma vez por semana	0,78	0,23 - 2,63	0,48	0,05 - 4,09	0,5060	0,7	0,20 - 2,35	1,47	0,28 - 8,37	0,6521
Uma vez por mês	0,45	0,06 - 2,60	0,1	0,00 - 2,47	0,1795	0,8	0,13 - 4,84	1,03	0,14 - 8,14	0,9772
Apenas quando tem festividades	0,72	0,15 - 3,13	0,37	0,01 - 4,97	0,4971	2,8	0,58 - 20,58	3,82	0,50 - 48,15	0,2333
Participação em atividades culturais e esportivas										
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Não	1,92	0,76 - 4,99	4,05	0,88 - 24,47	0,0909	1,2	0,48 - 3,09	1,6	0,49 - 5,46	0,4418

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Tabela 4 - Modelos de regressão logística para a associação entre características sociodemográficas e violências física e sexual, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de confiança (IC95%).

Variáveis	Violência Física					Violência Sexual				
	OR	IC 95%	OR ajustada	IC 95%	Valor-p	OR	IC 95%	OR ajustada	IC 95%	Valor-p
Sexo										
Feminino	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Masculino	1,09	0,42 - 2,89	0,79	0,18 - 3,40	0,7512	1,57	0,61 - 4,13	2,98	0,71 - 14,28	0,1470
F. Etária (anos)										
12 a 15	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
16 a 18	1,61	0,63 - 4,17	1,33	0,34 - 5,16	0,6783	0,68	0,27 - 1,72	0,49	0,13 - 1,80	0,2888
Cor da pele/Etnia										
Branca	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Parda	8,4	1,29 - 166,42	23,37	2,23 - 669,41	0,0214	5,83	0,89 - 115,52	6,49	0,57 - 180,88	0,1750
Preta	3	0,44 - 60,36	3,88	0,42 - 92,83	0,2858	8	1,21 - 159,37	11,46	1,23 - 290,33	0,0617
Escolaridade atual (cursando)										
Fundamental I	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Fundamental II	0,62	0,21 - 1,81	0,25	0,05 - 1,09	0,0758	1,33	0,48 - 3,78	2,01	0,47 - 9,36	0,3516
Ensino Médio	2,1	0,48 - 10,16	1,72	0,19 - 16,44	0,6235	0,6	0,11 - 2,76	0,95	0,09 - 9,30	0,9656
Desempenho estudantil										
Muito bom	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Bom	0,42	0,08 - 1,98	0,84	0,09 - 7,57	0,8765	0,66	0,14 - 3,25	0,54	0,08 - 3,72	0,5208
Na média	0,52	0,11 - 2,32	0,39	0,03 - 3,73	0,4218	1,5	0,34 - 7,04	0,93	0,12 - 7,62	0,9407
Fraco e Muito fraco	0,53	0,05 - 4,86	0,42	0,02 - 8,04	0,5673	0,31	0,01 - 3,32	0,03	0,00 - 0,79	0,0555
Religião										
Católica	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Evangélica	2,78	0,38 - 57,18	5,9	0,44 - 231,38	0,2417	0,28	0,03 - 1,68	0,07	0,00 - 0,67	0,0317
Outras	5	0,59 - 109,52	12,14	0,69 - 556,10	0,1256	0,28	0,03 - 1,96	0,06	0,00 - 0,72	0,0353
Nenhuma	3,67	0,50 - 75,58	5,3	0,33 - 254,86	0,3008	0,58	0,07 - 3,55	0,17	0,01 - 1,91	0,1717
Participação religiosa										
Não participa	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Mais de uma vez por semana	0,35	0,02 - 2,67	0,21	0,01 - 3,42	0,3064	1,2	0,18 - 9,95	3,02	0,26 - 47,80	0,3917
Uma vez por semana	0,7	0,19 - 2,41	0,32	0,04 - 2,23	0,2647	0,29	0,07 - 1,03	0,54	0,08 - 3,43	0,5224
Uma vez por mês	1,4	0,23 - 8,50	1,29	0,11 - 17,98	0,8413	0,4	0,05 - 2,32	0,57	0,05 - 5,07	0,6214
Apenas quando tem festividades	1,12	0,24 - 4,94	0,78	0,05 - 8,14	0,8422	0,64	0,14 - 2,80	1,08	0,12 - 11,39	0,9432
Participação em atividades culturais e esportivas										
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Não	1,94	0,75 - 5,09	2,01	0,54 - 7,88	0,2991	1,3	0,51 - 3,32	2,07	0,54 - 8,79	0,2963

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Tabela 5 - Modelos de regressão logística para a associação entre características sociodemográficas e violências psicológica e geral, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de confiança (IC95%).

Variáveis	Violência Psicológica				Violência Geral			
	OR	IC 95%	OR ajustada	IC 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Sexo								
Feminino					1,00	ref.	1,00	ref.
Masculino	1,00	ref.	1,00	ref.	1,05	0,95 - 1,15	1,05	0,93 - 1,18
F. Etária (anos)	1,03	0,92 - 1,14	1,00	0,87 - 1,15				
12 a 15					1,00	ref.	1,00	ref.
16 a 18	1,00	ref.	1,00	ref.	1,08	0,98 - 1,18	1,06	0,94 - 1,18
Cor da pele/Etnia	1,04	0,94 - 1,16	1,01	0,88 - 1,15				
Branca					1,00	ref.	1,00	ref.
Parda	1,00	ref.	1,00	ref.	0,97	0,83 - 1,14	0,93	0,78 - 1,12
Preta	0,97	0,81 - 1,16	0,96	0,77 - 1,19	0,94	0,79 - 1,10	0,9	0,76 - 1,07
Escolaridade atual (cursando)	0,9	0,75 - 1,08	0,88	0,72 - 1,08				
Fundamental I					1,00	ref.	1,00	ref.
Fundamental II	1,00	ref.	1,00	ref.	0,99	0,89 - 1,10	1,01	0,89 - 1,15
Ensino Médio	0,96	0,86 - 1,09	0,98	0,85 - 1,14	1,04	0,89 - 1,21	1,06	0,88 - 1,29
Desempenho estudantil	1,04	0,87 - 1,23	1,11	0,89 - 1,39				
Muito bom					1,00	ref.	1,00	ref.
Bom	1,00	ref.	1,00	ref.	1,2	1,03 - 1,39	1,2	1,01 - 1,43
Na média	1,2	1,01 - 1,42	1,27	1,04 - 1,56	1,25	1,08 - 1,44	1,23	1,02 - 1,49
Fraco e Muito fraco	1,21	1,02 - 1,43	1,26	1,01 - 1,57	1,25	1,01 - 1,54	1,24	0,95 - 1,63
Religião	1,25	0,97 - 1,60	1,32	0,97 - 1,81				
Católica					1,00	ref.	1,00	ref.
Evangélica	1,00	ref.	1,00	ref.	0,93	0,77 - 1,11	0,89	0,73 - 1,08
Outras	0,9	0,73 - 1,09	0,9	0,71 - 1,13	0,93	0,76 - 1,13	0,92	0,74 - 1,15
Nenhuma	0,93	0,74 - 1,16	0,99	0,77 - 1,29	1,00	0,83 - 1,19	0,98	0,79 - 1,22
Participação religiosa	1,00	0,81 - 1,22	1,03	0,80 - 1,32				
Não participa					1,00	ref.	1,00	ref.
Mais de uma vez por semana	1,00	ref.	1,00	ref.	0,84	0,70 - 1,02	0,96	0,76 - 1,22
Uma vez por semana	0,84	0,68 - 1,05	0,95	0,72 - 1,25	1,03	0,91 - 1,16	1,11	0,95 - 1,31
Uma vez por mês	1,03	0,89 - 1,18	1,1	0,92 - 1,34	0,87	0,73 - 1,03	0,89	0,73 - 1,08
Apenas quando tem festividades	0,87	0,71 - 1,06	0,88	0,70 - 1,10	1,03	0,88 - 1,19	1,04	0,86 - 1,26
Participação em atividades culturais e esportivas								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,98	0,88 - 1,10	0,99	0,87 - 1,14	1,01	0,92 - 1,12	1,04	0,92 - 1,17

Fonte: RIBEIRO, 2019.

3.3 As violências nas RAI associadas aos comportamentos sexuais

Analisando os comportamentos sexuais dos adolescentes, os resultados apresentam uma média de 5,79 parceiros(as), ficantes e namorados(as) por adolescente no período de um ano. Considerando a perspectiva do sexo, observou-se que o sexo masculino apresenta maior número de parceiros(as), ficantes e namorados(as) (Média: 7,57; mediana: 5,5) em comparação ao sexo feminino (Média: 3,21; mediana: 3,0) (Tabela 6, f. 88).

A atração sexual foi outra variável analisada na qual a maioria dos adolescentes relatou sentir atração somente por pessoas do sexo oposto (63,5%). Adolescentes com interesses por pessoas do mesmo sexo ou em ambos os sexos estiveram em menor número, atingindo no máximo 25% da amostra total. Em ambos os sexos houve predominância de atração ao sexo oposto, sendo no sexo masculino observado maior predominância dessa atração (77,8%) em comparação ao feminino (41,8%). Um dado importante foi a manifestação da atração sexual no sexo feminino para além da heterossexualidade, as quais as características bissexuais (24,1%) e homossexuais (10,3%) superam o do sexo masculino, respectivamente, 2,2% e 4,4%.

A grande maioria já vivenciou alguma relação sexual e não foi observado diferenças estatísticas significativas entre os sexos. No que concerne as relações sexuais, os dados apontaram inclusive atividades sexuais predominantemente heterossexuais (41,9%). Nesta variável, não foram verificadas discrepâncias entre os percentuais do sexo feminino em comparação ao masculino, apesar de existirem diferenças nas frequências da atração sexual entre ambos.

A sexarca apresentou uma média de 11,8 com mediana de 12 para os adolescentes estudados, e sem diferenças estatísticas para ambos os sexos. No entanto, em relação ao número de parceiros sexuais verificou-se um acentuado distanciamento desses valores entre o sexo masculino em comparação ao feminino. Sob um aspecto geral, a amostra apresentou uma média de 11,7 com mediana de 3,0. Ao olharmos particularmente para cada sexo, o masculino revelou uma média de 15,9 parceiros(as) em um ano, enquanto que o feminino, revelou 6,56 parceiros(as). Ou seja, um número de parceiros(as) duas vezes maior no sexo masculino em comparação ao feminino, aproximadamente.

Tabela 6 - Razões de prevalência entre os comportamentos sexuais e o sexo dos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017 (Continua)

	Feminino (n=29)	Masculino (n=45)	Total (n=74)
Nº parceiros(as), ficantes, namorado(a)			
Média (DP)	3,21 (2,46)	7,57 (8,22)	5,79 (6,83)
Mediana [Min, Max]	3,00 [0,00, 9,00]	5,50 [0,00, 40,0]	4,00 [0,00, 40,0]
Faltantes	0 (0%)	3 (6,7%)	3 (4,1%)
Atração sexual			
Ninguém	1 (3,4%)	0 (0%)	1 (1,4%)
SOMENTE por pessoas do mesmo sexo	3 (10,3%)	2 (4,4%)	5 (6,8%)
PRINCIPALMENTE por pessoas do mesmo sexo	2 (6,9%)	3 (6,7%)	5 (6,8%)
Pelos dois sexo	7 (24,1%)	1 (2,2%)	8 (10,8%)
PRINCIPALMENTE por pessoas de outro sexo	1 (3,4%)	3 (6,7%)	4 (5,4%)
SOMENTE por pessoas de outro sexo	12 (41,4%)	35 (77,8%)	47 (63,5%)
Não sabe/não esta seguro	2 (6,9%)	0 (0%)	2 (2,7%)
Faltantes	1 (3,4%)	1 (2,2%)	2 (2,7%)
Já teve relações sexuais			
Sim	23 (79,3%)	38 (84,4%)	61 (82,4%)
Não	5 (17,2%)	7 (15,6%)	12 (16,2%)
Faltantes	1 (3,4%)	0 (0%)	1 (1,4%)
Relações sexuais com			
Sempre com garotos	16 (55,2%)	4 (8,9%)	20 (27,0%)
Sempre com garotas	3 (10,3%)	28 (62,2%)	31 (41,9%)
Mais frequentemente com garotos	4 (13,8%)	0 (0%)	4 (5,4%)
Mais frequentemente com garotas	0 (0%)	3 (6,7%)	3 (4,1%)
Tanto com garotos quanto com garotas	0 (0%)	1 (2,2%)	1 (1,4%)
Faltantes	6 (20,7%)	9 (20,0%)	15 (20,3%)
Sexarca			
Média (DP)	12,4 (2,39)	11,4 (2,66)	11,8 (2,59)
Mediana [Min, Max]	13,0 [8,00, 17,0]	12,0 [6,00, 15,0]	12,0 [6,00, 17,0]
Faltantes	6 (20,7%)	9 (20,0%)	15 (20,3%)
Nº parceiros sexuais			
Média (DP)	6,56 (19,1)	15,9 (43,8)	11,7 (35,2)
Mediana [Min, Max]	2,00 [0,00, 100]	4,00 [0,00, 250]	3,00 [0,00, 250]
Faltantes	2 (6,9%)	11 (24,4%)	13 (17,6%)

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Tabela 6 - Razões de prevalência entre os comportamentos sexuais e o sexo dos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017 (Conclusão)

	Feminino (n=29)	Masculino (n=45)	Total (n=74)
Frequência prática sexual protegida			
Jamais teve relação sexual com penetração	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Nenhuma vez	6 (20,7%)	9 (20,0%)	15 (20,3%)
Às vezes	8 (27,6%)	15 (33,3%)	23 (31,1%)
Aproximadamente na metade das vezes	0 (0%)	1 (2,2%)	1 (1,4%)
Na maioria das vezes	6 (20,7%)	5 (11,1%)	11 (14,9%)
Todas as vezes	3 (10,3%)	7 (15,6%)	10 (13,5%)
Faltantes	6 (20,7%)	8 (17,8%)	14 (18,9%)
Gravidez/ Engravidou alguém			
Sim	12 (41,4%)	8 (17,8%)	20 (27,0%)
Não	11 (37,9%)	28 (62,2%)	39 (52,7%)
Faltantes	6 (20,7%)	9 (20,0%)	15 (20,3%)
Prostituição			
Sim	8 (27,6%)	5 (11,1%)	13 (17,6%)
Não	17 (58,6%)	33 (73,3%)	50 (67,6%)
Faltantes	4 (13,8%)	7 (15,6%)	11 (14,9%)
Pessoa envolvida (adulto/ Menor de idade)			
Um(a) jovem com até 18 anos	1 (3,4%)	1 (2,2%)	2 (2,7%)
Um(a) ou mais adultos (acima de 18 anos)	3 (10,3%)	3 (6,7%)	6 (8,1%)
Tanto jovens quanto adultos	3 (10,3%)	1 (2,2%)	4 (5,4%)
Faltantes	22 (75,9%)	40 (88,9%)	62 (83,8%)
Sexo do envolvido			
Sempre com garotos (homens)	4 (13,8%)	2 (4,4%)	6 (8,1%)
Sempre com garotas (mulheres)	0 (0%)	3 (6,7%)	3 (4,1%)
Quase sempre com garotos (homens)	1 (3,4%)	0 (0%)	1 (1,4%)
Quase sempre com garotas (mulheres)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Tanto com garotos (homens) quanto com garotas (mulheres)	2 (6,9%)	0 (0%)	2 (2,7%)
Faltantes	22 (75,9%)	40 (88,9%)	62 (83,8%)

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Destacam-se os 24,4% de adolescentes do sexo masculino que optaram por não dizer o número de parceiros(as) sexuais que tiveram em um ano. Com isso, acredita-se que o valor encontrado para a média masculina de parceiros foi subestimado e poderia ser ainda maior ao se considerar essa parcela de adolescentes que não responderam.

A variável prática sexual protegida revelou maior percentual de adolescentes com baixa aderência ao uso de preservativos, o que significa dizer que mais da metade da amostra total de adolescentes (51,4%) apresenta práticas sexuais desprotegidas. Nesta variável, 18,9% da amostra optou por não responder esse item. Quanto ao uso do preservativo durante as atividades sexuais, os resultados foram semelhantes para ambos os sexos, obtendo maior variação no sexo feminino em relação ao uso do preservativo na maioria das vezes em comparação ao sexo masculino, respectivamente, 20,7% e 11,1%. Apenas 13,5% da amostra referiu uso constante do preservativo nas atividades sexuais. O sexo masculino referiu maior uso do preservativo em todas as relações sexuais (15,6%) em comparação ao sexo feminino (10,3%).

Ao se analisar os comportamentos sexuais dos adolescentes institucionalizados em relação aos tipos de violências, surgiram resultados pertinentes para a ocorrência de violências nas RAI, conforme Tabelas 7 (f. 91), Tabela 8 (f. 93) e Tabela 9 (f. 95).

Verificou-se uma relação entre o número médio de parceiros(as), ficantes ou namorados(as) dos(as) adolescentes e casos de violência nas RAI. Para os casos de violência em geral, ou seja, qualquer evento violento vivenciado nas relações afetivas dos adolescentes em acolhimento institucional, o número médio foi de 5,97 parceiros(as). Considerando as violências isoladamente, o número de parceiros se elevou em relação às violências do tipo sexual e ameaça, cujas médias são respectivamente de 6,15 e 6,11.

A atração sexual foi uma variável que indicou casos de violência predominantemente entre os adolescentes de sexo opostos (relação heterossexual) tanto num contexto geral de violência (63,4%) como para as demais tipologias. Os dados evidenciaram, inclusive, que os(as) adolescentes que já iniciaram a vida sexual apresentaram maior ocorrência de violências em geral (83,1%), com prevalência na sexual (92,7%), psicológica (82,9%) e ameaça (81,6%).

Os dados indicam uma média da sexarca do grupo de adolescentes de aproximadamente 12 anos, denotando uma vivência de relações afetivas íntimas ainda em idades precoces e potencialmente vulneráveis a violências nos relacionamentos. O elevado quantitativo de parceiros sexuais também representou significativa associação para casos de violências em geral (Média=12,1) e inclusive para as formas de violências específicas.

Tabela 7 - Razões de prevalência entre os comportamentos sexuais dos adolescentes e a ameaça e a violência relacional vivenciadas pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017 (continua)

Comportamentos sexuais	Ameaça				Relacional			
	Sim (n=38)		Não (n=36)		Sim (n=45)		Não (n=29)	
Nº parceiros(as), ficantes, namorado(a)								
Média (DP)	6,11 (7,90)		5,47 (5,70)		4,53 (5,18)		6,82 (7,85)	
Mediana [Min, Max]	3,00 [1,00, 40,0]		5,00 [0,00, 30,0]		3,00 [1,00, 30,0]		5,00 [0,00, 40,0]	
Faltantes	3 (7,9%)		0 (0%)		1 (3,0%)		2 (4,9%)	
Atração sexual								
Ninguém	1	2,6% (0,5-13,8)	0	0,0% (0,0-9,9)	1	3,0% (0,6-16,2)	0	0,0% (0,0-8,6)
SOMENTE por pessoas do mesmo sexo	5	13,2% (5,9-28,0)	0	0,0% (0,0-9,9)	3	9,1% (3,3-24,9)	2	4,9% (1,3-16,1)
PRINCIPALMENTE por pessoas do mesmo sexo	2	5,3% (1,5-17,7)	3	8,3% (3,0-22,4)	1	3,0% (0,6-16,2)	4	9,8% (3,9-22,5)
Pelos dois sexo	3	7,9% (2,8-21,3)	5	13,9% (6,3-29,4)	5	15,2% (7,1-32,6)	3	7,3% (2,5-19,4)
PRINCIPALMENTE por pessoas de outro sexo	4	10,5% (4,3-24,7)	0	0,0% (0,0-9,9)	3	9,1% (3,3-24,9)	1	2,4% (0,4-12,6)
SOMENTE por pessoas de outro sexo	21	55,3% (40,9-71,3)	26	72,2% (57,9-85,8)	18	54,5% (40,8-73,6)	29	70,7% (55,5-82,4)
Não sabe/não esta seguro	1	2,6% (0,5-13,8)	1	2,8% (0,5-14,5)	0	0,0% (0,0-11,0)	2	4,9% (1,3-16,1)
Faltantes	1 (2,6%)		1 (2,8%)		2 (6,1%)		0 (0%)	
Já teve relações sexuais								
Sim	31	81,6% (66,6-90,8)	30	83,3% (70,6-93,7)	25	75,8% (61,2-89,0)	36	87,8% (74,5-94,7)
Não	7	18,4% (9,2-33,4)	5	13,9% (6,3-29,4)	7	21,2% (11,0-38,8)	5	12,2% (5,3-25,5)
Faltantes	0 (0%)		1 (2,8%)		1 (3,0%)		0 (0%)	
Relações sexuais com								
Sempre com garotos	11	28,9% (21,1-53,1)	9	25,0% (17,9-50,7)	8	24,2% (18,0-53,3)	12	29,3% (20,8-50,8)
Sempre com garotas	14	36,8% (29,2-62,2)	17	47,2% (42,4-76,4)	12	36,4% (31,4-68,6)	19	46,3% (38,2-69,5)
Mais frequentemente com garotos	2	5,3% (1,8-20,7)	2	5,6% (2,0-22,6)	2	6,1% (2,3-25,8)	2	4,9% (1,6-18,6)
Mais frequentemente com garotas	3	7,9% (3,3-24,9)	0	0,0% (0,0-12,1)	1	3,0% (0,7-20,2)	2	4,9% (1,6-18,6)
Tanto com garotos quanto com garotas	1	2,6% (0,6-16,2)	0	0,0% (0,0-12,1)	1	3,0% (0,7-20,2)	0	0,0% (0,0-9,9)
Faltantes	7 (18,4%)		8 (22,2%)		9 (27,3%)		6 (14,6%)	
Idade da sexarca								
Média (DP)	11,4 (2,99)		12,3 (2,00)		11,7 (3,03)		11,9 (2,26)	
Mediana [Min, Max]	12,0 [6,00, 17,0]		12,5 [8,00, 15,0]		13,0 [6,00, 17,0]		12,0 [8,00, 15,0]	
Faltantes	7 (18,4%)		8 (22,2%)		8 (24,2%)		7 (17,1%)	

Tabela 7 - Razões de prevalência entre os comportamentos sexuais dos adolescentes e a ameaça e a violência relacional vivenciadas pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017 (Conclusão)

Comportamentos sexuais	Ameaça				Relacional			
	Sim (n=38)		Não (n=36)		Sim (n=45)		Não (n=29)	
Nº parceiros sexuais	18,6 (48,4)		4,60 (6,18)		9,50 (19,4)		13,6 (44,7)	
Média (DP)	2,00 [0,00, 250]		3,50 [0,00, 29,0]		3,50 [0,00, 100]		3,00 [0,00, 250]	
Mediana [Min, Max]	7 (18,4%)		6 (16,7%)		5 (15,2%)		8 (19,5%)	
Faltantes								
Frequência prática sexual protegida								
Jamais teve relação sexual com penetração	0	0,0% (0,0-11,0)	0	0,0% (0,0-11,7)	0	0,0% (0,0-13,3)	0	0,0% (0,0-9,9)
Nenhuma vez	7	18,4% (11,4-39,8)	8	22,2% (14,7-45,7)	8	24,2% (17,2-51,6)	7	17,1% (10,0-35,9)
Às vezes	13	34,2% (26,4-59,2)	10	27,8% (19,9-52,7)	10	30,3% (23,4-59,3)	13	31,7% (23,2-53,7)
Aproximadamente na metade das vezes	0	0,0% (0,0-11,0)	1	2,8% (0,6-17,2)	0	0,0% (0,0-13,3)	1	2,4% (0,5-14,5)
Na maioria das vezes	7	18,4% (11,4-39,8)	4	11,1% (5,5-30,6)	5	15,2% (8,9-39,1)	6	14,6% (8,1-32,7)
Todas as vezes	4	10,5% (5,1-28,9)	6	16,7% (9,8-38,4)	2	6,1% (2,2-25,0)	8	19,5% (12,1-39,0)
Faltantes	7 (18,4%)		7 (19,4%)		8 (24,2%)		6 (14,6%)	
Gravidez/ Engravidou alguém								
Sim	11	28,9% (21,1-53,1)	9	25,0% (17,9-50,7)	10	30,3% (23,4-59,3)	10	24,4% (16,8-46,2)
Não	20	52,6% (46,9-78,9)	19	52,8% (49,3-82,1)	15	45,5% (40,7-76,6)	24	58,5% (53,8-83,2)
Faltantes	7 (18,4%)		8 (22,2%)		8 (24,2%)		7 (17,1%)	
Prostituição								
Sim	10	26,3% (17,4-47,3)	3	8,3% (3,5-25,6)	7	21,2% (12,7-43,4)	6	14,6% (8,1-32,7)
Não	23	60,5% (52,7-82,6)	27	75,0% (74,4-96,5)	21	63,6% (56,6-87,3)	29	70,7% (67,3-91,9)
Faltantes	5 (13,2%)		6 (16,7%)		5 (15,2%)		6 (14,6%)	
Pessoa envolvida (adulto/ Menor de idade)								
Um(a) jovem com até 18 anos	2	5,3% (5,7-51,0)	0	0,0% (0,0-65,8)	1	3,0% (2,6-51,3)	1	2,4% (3,6-62,4)
Um(a) ou mais adultos (acima de 18 anos)	5	13,2% (23,7-76,3)	1	2,8% (9,5-90,5)	4	12,1% (25,0-84,2)	2	4,9% (11,8-76,9)
Tanto jovens quanto adultos	3	7,9% (10,8-60,3)	1	2,8% (9,5-90,5)	2	6,1% (8,2-64,1)	2	4,9% (11,8-76,9)
Faltantes	28 (73,7%)		34 (94,4%)		26 (78,8%)		36 (87,8%)	
Sexo do envolvido								
Sempre com garotos (homens)	5	13,2% (23,7-76,3)	1	2,8% (9,5-90,5)	3	9,1% (15,8-75,0)	3	7,3% (23,1-88,2)
Sempre com garotas (mulheres)	3	7,9% (10,8-60,3)	0	0,0% (0,0-65,8)	2	6,1% (8,2-64,1)	1	2,4% (3,6-62,4)

Fonte: Ribeiro, 2019.

Tabela 8 - Razões de prevalência entre os comportamentos sexuais dos adolescentes e as violências físicas e sexuais vivenciada pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017 (Continua)

Comportamentos sexuais	Física				Sexual			
	Sim (n=45)		Não (n=29)		Sim (n=41)		Não (n=33)	
Nº parceiros(as), ficantes, namorado(a)								
Média (DP)	5,70 (6,19)		5,93 (7,83)		6,15 (6,42)		5,32 (7,40)	
Mediana [Min, Max]	3,00 [0,00, 30,0]		4,00 [0,00, 40,0]		5,00 [1,00, 30,0]		3,00 [0,00, 40,0]	
Faltantes	2 (4,4%)		1 (3,4%)		1 (2,4%)		2 (6,1%)	
Atração sexual								
Ninguém	0	0,0% (0,0-8,0)	1	3,4% (0,6-17,7)	0	0,0% (0,0-8,8)	1	3,0% (0,6-15,7)
SOMENTE por pessoas do mesmo sexo	4	8,9% (3,6-21,2)	1	3,4% (0,6-17,7)	2	4,9% (1,4-16,5)	3	9,1% (3,2-24,2)
PRINCIPALMENTE por pessoas do mesmo sexo	3	6,7% (2,3-18,2)	2	6,9% (2,0-22,6)	5	12,2% (5,5-26,1)	0	0,0% (0,0-10,7)
Pelos dois sexos	6	13,3% (6,4-26,7)	2	6,9% (2,0-22,6)	5	12,2% (5,5-26,1)	3	9,1% (3,2-24,2)
PRINCIPALMENTE por pessoas de outro sexo	4	8,9% (3,6-21,2)	0	0,0% (0,0-12,1)	4	9,8% (4,0-23,1)	0	0,0% (0,0-10,7)
SOMENTE por pessoas de outro sexo	26	57,8% (44,4-72,3)	21	72,4% (56,6-87,3)	24	58,5% (44,6-73,7)	23	69,7% (54,6-84,4)
Não sabe/não está seguro	1	2,2% (0,4-11,8)	1	3,4% (0,6-17,7)	0	0,0% (0,0-8,8)	2	6,1% (1,7-20,1)
Faltantes	1 (2,2%)		1 (3,4%)		1 (2,4%)		1 (3,0%)	
Já teve relações sexuais								
Sim	35	77,8% (63,7-87,5)	26	89,7% (77,4-98,0)	38	92,7% (80,6-97,5)	23	69,7% (54,6-84,4)
Não	10	22,2% (12,5-36,3)	2	6,9% (2,0-22,6)	3	7,3% (2,5-19,4)	9	27,3% (15,6-45,4)
Faltantes	0 (0%)		1 (3,4%)		0 (0%)		1 (3,0%)	
Relações sexuais com								
Sempre com garotos	11	24,4% (19,8-50,4)	9	31,0% (19,4-53,8)	15	36,6% (26,3-56,5)	5	15,2% (10,1-43,4)
Sempre com garotas	17	37,8% (35,2-67,5)	14	48,3% (35,5-71,2)	16	39,0% (28,7-59,1)	15	45,5% (47,3-83,6)
Mais frequentemente com garotos	2	4,4% (1,7-19,6)	2	6,9% (2,1-24,1)	3	7,3% (2,8-21,3)	1	3,0% (0,8-21,8)
Mais frequentemente com garotas	2	4,4% (1,7-19,6)	1	3,4% (0,7-18,9)	2	4,9% (1,5-17,7)	1	3,0% (0,8-21,8)
Tanto com garotos quanto com garotas	1	2,2% (0,5-15,3)	0	0,0% (0,0-12,9)	1	2,4% (0,5-13,8)	0	0,0% (0,0-14,9)
Faltantes	12 (26,7%)		3 (10,3%)		4 (9,8%)		11 (33,3%)	
Idade da sexarca								
Média (DP)	11,5 (2,82)		12,3 (2,18)		11,8 (2,69)		11,7 (2,47)	
Mediana [Min, Max]	13,0 [6,00, 17,0]		12,0 [8,00, 15,0]		13,0 [6,00, 17,0]		12,0 [7,00, 15,0]	
Faltantes	10 (22,2%)		5 (17,2%)		4 (9,8%)		11 (33,3%)	

Tabela 8 - Razões de prevalência entre os comportamentos sexuais dos adolescentes e as violências físicas e sexuais vivenciada pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017 (Conclusão)

Comportamentos sexuais	Física				Sexual			
	Sim (n=45)		Não (n=29)		Sim (n=41)		Não (n=33)	
Nº parceiros sexuais								
Média (DP)	14,4 (43,3)		7,58 (16,3)		8,82 (17,5)		15,4 (49,4)	
Mediana [Min, Max]	3,00 [0,00, 250]		3,50 [0,00, 80,0]		4,00 [0,00, 100]		2,00 [0,00, 250]	
Faltantes	8 (17,8%)		5 (17,2%)		7 (17,1%)		6 (18,2%)	
Frequência prática sexual protegida								
Jamais teve relação sexual com penetração	0	0,0% (0,0-9,9)	0	0,0% (0,0-13,3)	0	0,0% (0,0-9,2)	0	0,0% (0,0-14,9)
Nenhuma vez	9	20,0% (14,2-42,1)	6	20,7% (11,5-43,4)	11	26,8% (17,0-44,8)	4	12,1% (7,3-38,5)
Às vezes	13	28,9% (23,2-53,7)	10	34,5% (23,4-59,3)	15	36,6% (25,6-55,3)	8	24,2% (19,7-57,0)
Aproximadamente na metade das vezes	0	0,0% (0,0-9,9)	1	3,4% (0,7-19,5)	0	0,0% (0,0-9,2)	1	3,0% (0,8-21,8)
Na maioria das vezes	10	22,2% (16,3-45,1)	1	3,4% (0,7-19,5)	8	19,5% (11,1-36,3)	3	9,1% (4,7-33,3)
Todas as vezes	3	6,7% (3,0-22,4)	7	24,1% (14,3-47,6)	4	9,8% (4,2-24,1)	6	18,2% (13,2-48,2)
Faltantes	10 (22,2%)		4 (13,8%)		3 (7,3%)		11 (33,3%)	
Gravidez/ Engravidou alguém								
Sim	11	24,4% (19,1-49,2)	9	31,0% (20,2-55,5)	14	34,1% (23,4-52,7)	6	18,2% (13,8-50,0)
Não	23	51,1% (50,8-80,9)	16	55,2% (44,5-79,8)	24	58,5% (47,3-76,6)	15	45,5% (50,0-86,2)
Faltantes	11 (24,4%)		4 (13,8%)		3 (7,3%)		12 (36,4%)	
Prostituição								
Sim	11	24,4% (17,5-45,8)	2	6,9% (2,1-24,1)	8	19,5% (11,1-36,3)	5	15,2% (8,9-39,1)
Não	26	57,8% (54,2-82,5)	24	82,8% (75,9-97,9)	30	73,2% (63,7-88,9)	20	60,6% (60,9-91,1)
Faltantes	8 (17,8%)		3 (10,3%)		3 (7,3%)		8 (24,2%)	
Pessoa envolvida (adulto/ Menor de idade)								
Um(a) jovem com até 18 anos	1	2,2% (1,8-40,4)	1	3,4% (9,5-90,5)	0	0,0% (0,0-35,4)	2	6,1% (11,8-76,9)
Um(a) ou mais adultos (acima de 18 anos)	5	11,1% (23,7-76,3)	1	3,4% (9,5-90,5)	4	9,8% (25,0-84,2)	2	6,1% (11,8-76,9)
Tanto jovens quanto adultos	4	8,9% (16,8-68,7)	0	0,0% (0,0-65,8)	3	7,3% (15,8-75,0)	1	3,0% (3,6-62,4)
Faltantes	35 (77,8%)		27 (93,1%)		34 (82,9%)		28 (84,8%)	
Sexo do envolvido								
Sempre com garotos (homens)	5	11,1% (23,7-76,3)	1	3,4% (9,5-90,5)	5	12,2% (35,9-91,8)	1	3,0% (3,6-62,4)
Sempre com garotas (mulheres)	3	6,7% (10,8-60,3)	0	0,0% (0,0-65,8)	2	4,9% (8,2-64,1)	1	3,0% (3,6-62,4)

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Tabela 9 - Razões de prevalência entre os comportamentos sexuais dos adolescentes e as violências psicológicas e geral vivenciadas pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017 (Continua)

Comportamentos sexuais	Psicológica				Geral				Total (n=74)	
	Sim (n=70)		Não (n=4)		Sim (n=71)		Não (n=3)			
Nº parceiros(as), ficantes, namorado(a)										
Média (DP)	5,84 (6,88)		5,00 (6,88)		5,97 (6,92)		1,67 (2,08)		5,79 (6,83)	
Mediana [Min, Max]	4,00 [0,00, 40,0]		2,50 [0,00, 15,0]		4,50 [0,00, 40,0]		1,00 [0,00, 4,00]		4,00 [0,00, 40,0]	
Faltantes	3 (4,3%)		0 (0%)		3 (4,2%)		0 (0%)		3 (4,1%)	
Atração sexual										
Ninguém	1	1,4% (0,3-7,9)	0	0,0% (0,0-49,0)	1	1,4% (0,3-7,8)	0	0,0% (0,0-56,1)	1	1,4% (0,2-7,5)
SOMENTE por pessoas do mesmo sexo	5	7,1% (3,2-16,1)	0	0,0% (0,0-49,0)	5	7,0% (3,1-15,9)	0	0,0% (0,0-56,1)	5	6,8% (3,0-15,2)
PRINCIPALMENTE por pessoas do mesmo sexo	5	7,1% (3,2-16,1)	0	0,0% (0,0-49,0)	5	7,0% (3,1-15,9)	0	0,0% (0,0-56,1)	5	6,8% (3,0-15,2)
Pelos dois sexo PRINCIPALMENTE	8	11,4% (6,1-21,5)	0	0,0% (0,0-49,0)	8	11,3% (6,0-21,2)	0	0,0% (0,0-56,1)	8	10,8% (5,7-20,4)
por pessoas de outro sexo	4	5,7% (2,3-14,2)	0	0,0% (0,0-49,0)	4	5,6% (2,3-14,0)	0	0,0% (0,0-56,1)	4	5,4% (2,2-13,4)
SOMENTE por pessoas de outro sexo	44	62,9% (52,8-75,0)	3	75,0% (30,1-95,4)	45	63,4% (53,4-75,4)	2	66,7% (20,8-93,9)	47	63,5% (53,8-75,2)
Não sabe/não esta seguro	1	1,4% (0,3-7,9)	1	25,0% (4,6-69,9)	1	1,4% (0,3-7,8)	1	33,3% (6,1-79,2)	2	2,7% (0,8-9,6)
Faltantes	2 (2,9%)		0 (0%)		2 (2,8%)		0 (0%)		2 (2,7%)	
Já teve relações sexuais										
Sim	58	82,9% (73,7-90,9)	3	75,0% (30,1-95,4)	59	83,1% (74,0-91,0)	2	66,7% (20,8-93,9)	61	82,4% (73,4-90,3)
Não	11	15,7% (9,1-26,3)	1	25,0% (4,6-69,9)	11	15,5% (9,0-26,0)	1	33,3% (6,1-79,2)	12	16,2% (9,7-26,6)
Faltantes	1 (1,4%)		0 (0%)		1 (1,4%)		0 (0%)		1 (1,4%)	
Relações sexuais com										
Sempre com garotos	19	27,1% (22,9-47,0)	1	25,0% (6,1-79,2)	19	26,8% (22,5-46,3)	1	33,3% (9,5-90,5)	20	27,0% (23,1-46,6)
Sempre com garotas	29	41,4% (39,0-64,3)	2	50,0% (20,8-93,9)	30	42,3% (39,9-65,0)	1	33,3% (9,5-90,5)	31	41,9% (40,0-64,7)
Mais frequentemente com garotos	4	5,7% (2,8-17,0)	0	0,0% (0,0-56,1)	4	5,6% (2,8-16,7)	0	0,0% (0,0-65,8)	4	5,4% (2,7-16,2)
Mais frequentemente com garotas	3	4,3% (1,8-14,6)	0	0,0% (0,0-56,1)	3	4,2% (1,8-14,4)	0	0,0% (0,0-65,8)	3	4,1% (1,7-13,9)
Tanto com garotos quanto com garotas	1	1,4% (0,3-9,4)	0	0,0% (0,0-56,1)	1	1,4% (0,3-9,3)	0	0,0% (0,0-65,8)	1	1,4% (0,3-9,0)
Faltantes	14 (20,0%)		1 (25,0%)		14 (19,7%)		1 (33,3%)		15 (20,3%)	

Tabela 9 - Razões de prevalência entre os comportamentos sexuais dos adolescentes e as violências psicológicas e geral vivenciadas pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017 (continuação)

Comportamentos sexuais	Psicológica				Geral				Total (n=74)	
	Sim (n=70)		Não (n=4)		Sim (n=71)		Não (n=3)			
Idade da sexarca										
Média (DP)	11,8 (2,63)		12,5 (0,707)		11,8 (2,61)		12,0 (NA)		11,8 (2,59)	
Mediana [Min, Max]	12,0 [6,00, 17,0]		12,5 [12,0, 13,0]		12,5 [6,00, 17,0]		12,0 [12,0, 12,0]		12,0 [6,00, 17,0]	
Faltantes	13 (18,6%)		2 (50,0%)		13 (18,3%)		2 (66,7%)		15 (20,3%)	
Nº parceiros sexuais										
Média (DP)	12,3 (36,0)		1,00 (1,00)		12,1 (35,7)		0,500 (0,707)		11,7 (35,2)	
Mediana [Min, Max]	3,50 [0,00, 250]		1,00 [0,00, 2,00]		3,00 [0,00, 250]		0,500 [0,00, 1,00]		3,00 [0,00, 250]	
Faltantes	12 (17,1%)		1 (25,0%)		12 (16,9%)		1 (33,3%)		13 (17,6%)	
Frequência prática sexual protegida										
Jamais teve relação sexual com penetração	0	0,0% (0,0-6,2)	0	0,0% (0,0-65,8)	0	0,0% (0,0-6,1)	0	0,0% (0,0-79,3)	0	0,0% (0,0-6,0)
Nenhuma vez	15	21,4% (16,3-38,4)	0	0,0% (0,0-65,8)	15	21,1% (16,1-37,8)	0	0,0% (0,0-79,3)	15	20,3% (15,8-37,2)
Às vezes	23	32,9% (28,1-52,5)	0	0,0% (0,0-65,8)	23	32,4% (27,6-51,7)	0	0,0% (0,0-79,3)	23	31,1% (27,1-51,0)
Aproximadamente na metade das vezes	1	1,4% (0,3-9,1)	0	0,0% (0,0-65,8)	1	1,4% (0,3-9,0)	0	0,0% (0,0-79,3)	1	1,4% (0,3-8,9)
Na maioria das vezes	10	14,3% (9,6-28,9)	1	25,0% (9,5-90,5)	11	15,5% (10,7-30,4)	0	0,0% (0,0-79,3)	11	14,9% (10,6-29,9)
Todas as vezes	9	12,9% (8,4-26,9)	1	25,0% (9,5-90,5)	9	12,7% (8,2-26,5)	1	33,3% (20,7-100,0)	10	13,5% (9,3-28,0)
Faltantes	12 (17,1%)		2 (50,0%)		12 (16,9%)		2 (66,7%)		14 (18,9%)	
Gravidez/ Engravidou alguém										
Sim	20	28,6% (24,0-48,1)	0	0,0% (0,0-65,8)	20	28,2% (23,6-47,3)	0	0,0% (0,0-79,3)	20	27,0% (23,1-46,6)
Não	37	52,9% (51,9-76,0)	2	50,0% (34,2-100,0)	38	53,5% (52,7-76,4)	1	33,3% (20,7-100,0)	39	52,7% (53,4-76,9)
Faltantes	13 (18,6%)		2 (50,0%)		13 (18,3%)		2 (66,7%)		15 (20,3%)	
Prostituição										
Sim	13	18,6% (12,9-33,1)	0	0,0% (0,0-65,8)	13	18,3% (12,7-32,6)	0	0,0% (0,0-79,3)	13	17,6% (12,5-32,2)
Não	48	68,6% (66,9-87,1)	2	50,0% (34,2-100,0)	49	69,0% (67,4-87,3)	1	33,3% (20,7-100,0)	50	67,6% (67,8-87,5)
Faltantes	9 (12,9%)		2 (50,0%)		9 (12,7%)		2 (66,7%)		11 (14,9%)	

Tabela 9 - Razões de prevalência entre os comportamentos sexuais dos adolescentes e as violências psicológicas e geral vivenciadas pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017 (conclusão)

Comportamentos sexuais	Psicológica		Geral		Total (n=74)
	Sim (n=70)	Não (n=4)	Sim (n=71)	Não (n=3)	
Pessoa envolvida (adulto/ Menor de idade)					
Um(a) jovem com até 18 anos	2	-	2	-	2
Um(a) ou mais adultos (acima de 18 anos)	6	-	6	-	6
Tanto jovens quanto adultos	4	-	4	-	4
Faltantes	58 (82,9%)	4 (100%)	59 (83,1%)	3 (100%)	62 (83,8%)
Sexo do envolvido					
Sempre com garotos (homens)	6	-	6	-	6
Sempre com garotas (mulheres)	3	-	3	-	3
Quase sempre com garotos (homens)	1	-	1	-	1
Quase sempre com garotas (mulheres)	0	-	0	-	0
tanto com garotos (homens) quanto com garotas (mulheres)	2	-	2	-	2
Faltantes	58 (82,9%)	4 (100%)	59 (83,1%)	3 (100%)	62 (83,8%)

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Outra variável analisada consistiu na prática sexual protegida e desprotegidas. Observou-se uma importante relação entre os casos de sexo desprotegido com a ocorrência de violências. A amostra apresentou, em sua maioria, eventos de violência em geral associada ao uso esporádico de preservativos (49,3%). Verificando as situações de uso e não uso do preservativo, os dados indicaram maior ocorrência de violências nos indivíduos que nunca fazem uso de preservativo (21,1%) em comparação aqueles que sempre o utilizaram (12,7%). O mesmo fenômeno ocorre para as demais violências.

Apesar da maioria dos adolescentes não referirem casos de prostituição (67,6%), entende ser pertinente discuti-la na perspectiva do sexo dos adolescentes acolhidos. Dentre os casos totais de prostituição relatados (17,6%), o sexo feminino (P=27,6%) foi o mais envolvido. As pessoas envolvidas na prostituição destes adolescentes foram em sua maioria adultas e majoritariamente do sexo masculino. Nestas condições de prostituição, as violências acometem em 18,3% os envolvidos, havendo maior incidência das violências do tipo ameaça (26,3%), física (24,4%) e relacional (21,2%), dados estes visualizados nas tabelas anteriores (Tabelas 7, f. 91; Tabela 8, f. 93; e Tabela 9, f. 95).

Os dados apontaram que atração sexual dos adolescentes por pessoas de ambos os sexos e de somente pessoa de outro sexo manifestaram cerca de 0,5 vezes chances de vivenciarem violências do tipo ameaça em comparação aqueles com atração sexual por somente pessoas do mesmo sexo (Tabela 10, f. 99; tabela 11, f. 100; tabela 12, f. 101).

Também se verificou que indivíduos com atração sexual principalmente por pessoas do mesmo sexo apresentaram, 1,56 mais chances de vivenciarem o mesmo desfecho. As demais tipologias não mostraram associações estatisticamente significantes com a atração sexual dos adolescentes.

A prática sexual protegida foi um fator importante para a ocorrência das violências sexuais. A chance do indivíduo que referenciou uso de preservativo em todas as práticas sexuais é de 10,73 vezes a chance vivenciar violência sexual que o(a) adolescente que nunca fez uso vivenciar o mesmo desfecho. Esse dado representa uma associação limítrofe entre a prática sexual protegida e a ocorrência de violências sexuais ($p=0,0556$).

Em relação as demais variáveis dos comportamentos sexuais não se observaram diferenças estatísticas significativas para a ocorrência de violências nas RAI.

Tabela 10 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre comportamentos sexuais e ameaça e violência relacional, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%).

Variáveis*	Ameaça				Violência Relacional			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Nº parceiros(as), ficantes, namorado(a)	1,00	0,99 - 1,02	0,99	0,97 - 1,01	0,99	0,97 - 1,01	0,99	0,97 - 1,01
Atração sexual								
SOMENTE por pessoas do mesmo sexo	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
PRINCIPALMENTE por pessoas do mesmo sexo	0,55	0,30 - 1,01	0,54	0,27 - 1,06	0,67	0,36 - 1,25	0,71	0,35 - 1,43
Pelos dois sexo	0,54	0,31 - 0,93	0,5	0,25 - 0,97	1,03	0,59 - 1,80	0,92	0,45 - 1,84
PRINCIPALMENTE por pessoas de outro sexo	1,00	0,52 - 1,90	0,99	0,47 - 2,05	1,16	0,60 - 2,24	1,15	0,53 - 2,48
SOMENTE por pessoas de outro sexo	0,58	0,36 - 0,90	0,53	0,29 - 0,98	0,81	0,51 - 1,27	0,85	0,45 - 1,61
Não sabe/não esta seguro	0,6	0,27 - 1,37	0,97	0,32 - 3,04	0,55	0,24 - 1,26	0,56	0,17 - 1,86
Já teve relações sexuais								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	1,08	0,78 - 1,48	1,79	0,87 - 3,68	1,19	0,87 - 1,62	1,61	0,76 - 3,41
Prostituição								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,73	0,54 - 1,00	0,91	0,63 - 1,33	0,89	0,65 - 1,22	0,88	0,59 - 1,30
Relações sexuais com								
Sempre com garotos	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Sempre com garotas	0,93	0,69 - 1,25	0,82	0,57 - 1,19	1,01	0,75 - 1,36	1,09	0,74 - 1,60
Mais frequentemente com garotos	0,95	0,55 - 1,65	0,87	0,48 - 1,57	1,1	0,63 - 1,92	1,06	0,58 - 1,97
Mais frequentemente com garotas	1,57	0,84 - 2,91	1,58	0,71 - 3,53	0,93	0,50 - 1,75	0,59	0,26 - 1,35
Idade da menarca	0,97	0,92 - 1,02	1,01	0,94 - 1,09	1,00	0,95 - 1,05	1,01	0,94 - 1,09
Nº parceiros sexuais	1,00	1,00 - 1,01	1,00	1,00 - 1,01	1,00	1,00 - 1,00	1,00	1,00 - 1,01
Frequência prática sexual protegida								
Nenhuma vez	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Às vezes	1,04	0,73 - 1,48	0,88	0,58 - 1,36	0,91	0,64 - 1,28	1,1	0,71 - 1,73
Na maioria das vezes	1,22	0,79 - 1,85	1,07	0,63 - 1,82	1,00	0,65 - 1,50	0,94	0,54 - 1,62
Todas as vezes	0,9	0,60 - 1,37	0,71	0,41 - 1,24	0,74	0,49 - 1,11	0,75	0,42 - 1,34
Gravidez/ Engravidou alguém								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,96	0,73 - 1,28	1,21	0,82 - 1,79	0,89	0,68 - 1,18	1,00	0,66 - 1,49

Fonte: RIBEIRO, 2019

Tabela 11 - Modelos de regressão logística frequentista e bayesiano para a associação entre comportamentos sexuais e violências física e sexual, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de confiança (IC95%) e credibilidade (ICred 95%).

Variáveis*	Violência Física					Violência Sexual				
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	Valor-p	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	Valor-p
Nº parceiros(as), ficantes, namorado(a)^a	1,00	0,98 - 1,02	0,99	0,97 - 1,01		1,00	0,99 - 1,02	0,99	0,98 - 1,01	
Atração sexual^a										
SOMENTE por pessoas do mesmo sexo	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
PRINCIPALMENTE por pessoas do mesmo sexo	0,82	0,44 - 1,52	0,88	0,43 - 1,78		1,83	0,99 - 3,34	1,56	0,80 - 3,04	
Pelos dois sexo	0,95	0,55 - 1,66	0,93	0,46 - 1,87		1,25	0,73 - 2,16	1,26	0,65 - 2,44	
PRINCIPALMENTE por pessoas de outro sexo	1,22	0,63 - 2,35	1,28	0,59 - 2,75		1,82	0,96 - 3,44	1,62	0,78 - 3,32	
SOMENTE por pessoas de outro sexo	0,78	0,49 - 1,23	0,83	0,44 - 1,56		1,12	0,71 - 1,74	1,00	0,55 - 1,82	
Não sabe/não esta seguro	0,74	0,32 - 1,69	1,35	0,42 - 4,48		0,67	0,30 - 1,50	0,55	0,18 - 1,68	
Já teve relações sexuais^a										
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Não	1,3	0,95 - 1,75	1,4	0,66 - 2,98		0,69	0,51 - 0,93	0,49	0,24 - 1,01	
Prostituição^a										
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Não	0,72	0,54 - 0,98	0,83	0,56 - 1,23		0,99	0,72 - 1,34	1,04	0,72 - 1,51	
Relações sexuais com^b										
Sempre com garotos	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Sempre com garotas	0,86	0,27 - 2,75	0,96	0,18 - 5,17	0,9602	2,44	0,73 - 9,14	1,74	0,35 - 9,81	0,5061
Mais frequentemente com garotos	1,22	0,13 - 11,93	1,59	0,12 - 24,16	0,7211	1,00	0,04 - 10,13	1,43	0,06 - 18,94	0,7931
Mais frequentemente com garotas	0,61	0,03 - 7,43	1,14	0,03 - 37,72	0,936	1,5	0,06 - 19,35	5,31	0,15 - 205,33	0,3169
Idade da menarca^b	1,14	0,93 - 1,42	0,9	0,65 - 1,23	0,5040	0,98	0,80 - 1,21	1,2	0,85 - 1,80	0,3252
Nº parceiros sexuais^b	0,99	0,96 - 1,01	0,98	0,93 - 1,00	0,1255	1,01	0,99 - 1,03	1,02	0,99 - 1,06	0,3929
Frequência prática sexual protegida^b										
Nenhuma vez	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Às vezes	1,11	0,29 - 4,41	1,34	0,22 - 8,52	0,7453	1,43	0,34 - 6,59	0,64	0,08 - 4,48	0,6527
Na maioria das vezes	0,15	0,01 - 1,13	0,36	0,01 - 4,12	0,4446	0,62	0,07 - 4,11	0,95	0,09 - 8,96	0,9667
Todas as vezes	3,11	0,59 - 19,66	10,73	1,12 - 166,04	0,0556	3,75	0,71 - 23,1	3,72	0,40 - 43,79	0,2608
Gravidez/ Engravidou alguém^b										
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.		1,00	ref.	1,00	ref.	
Não	0,82	0,44 - 1,52	0,88	0,43 - 1,78	0,1172	1,46	0,47 - 4,87	0,8	0,15 - 4,52	0,7919

Fonte: RIBEIRO, 2019

Legenda: ^aModelo logístico bayesiano, ^bModelo logístico frequentista.

Tabela 12 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre comportamentos sexuais e violências psicológicas e geral, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%).

Variáveis*	Violência Psicológica				Violência Geral			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Nº parceiros(as), ficantes, namorado(a)	1,00	0,99 - 1,01	1,00	0,99 - 1,01	1,00	1,00 - 1,01	1,00	1,00 - 1,01
Atração sexual								
SOMENTE por pessoas do mesmo sexo	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
PRINCIPALMENTE por pessoas do mesmo sexo	1,00	0,75 - 1,33	0,99	0,75 - 1,31	1,00	0,78 - 1,28	1,02	0,83 - 1,24
Pelos dois sexo	1,00	0,78 - 1,29	0,98	0,74 - 1,29	1,00	0,81 - 1,25	1,02	0,84 - 1,25
PRINCIPALMENTE por pessoas de outro sexo	1,00	0,74 - 1,35	1,00	0,73 - 1,35	1,00	0,77 - 1,29	1,00	0,81 - 1,25
SOMENTE por pessoas de outro sexo	0,94	0,76 - 1,16	0,94	0,73 - 1,20	0,96	0,80 - 1,15	1,00	0,83 - 1,20
Não sabe/não esta seguro	0,61	0,41 - 0,89	0,98	0,62 - 1,58	0,61	0,44 - 0,84	1,03	0,74 - 1,45
Já teve relações sexuais								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,97	0,83 - 1,12	1,02	0,75 - 1,37	0,95	0,84 - 1,08	1,01	0,82 - 1,26
Prostituição								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,96	0,86 - 1,07	0,98	0,84 - 1,15	0,98	0,91 - 1,06	0,99	0,88 - 1,10
Relações sexuais com								
Sempre com garotos	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Sempre com garotas	1,01	0,91 - 1,13	1,00	0,86 - 1,17	1,05	0,97 - 1,14	1,06	0,95 - 1,19
Mais frequentemente com garotos	1,05	0,85 - 1,30	1,05	0,82 - 1,35	1,05	0,91 - 1,22	1,04	0,88 - 1,24
Mais frequentemente com garotas	1,05	0,83 - 1,33	1,01	0,72 - 1,42	1,05	0,89 - 1,24	1,03	0,81 - 1,31
Idade da menarca	1,00	0,98 - 1,02	1,01	0,98 - 1,04	1,00	0,99 - 1,01	1,01	0,99 - 1,03
Nº parceiros sexuais	1,00	1,00 - 1,00	1,00	1,00 - 1,00	1,00	1,00 - 1,00	1,00	1,00 - 1,00
Frequência prática sexual protegida								
Nenhuma vez	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Às vezes	1,00	0,88 - 1,13	0,99	0,83 - 1,19	1,00	0,91 - 1,09	1,01	0,89 - 1,15
Na maioria das vezes	0,9	0,77 - 1,05	0,85	0,68 - 1,07	1,00	0,89 - 1,11	1,01	0,86 - 1,18
Todas as vezes	0,9	0,78 - 1,05	0,86	0,68 - 1,09	0,9	0,81 - 1,01	0,88	0,75 - 1,03
Gravidez/ Engravidou alguém								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,95	0,86 - 1,05	1,00	0,85 - 1,18	0,97	0,91 - 1,05	0,99	0,88 - 1,11

Fonte: RIBEIRO, 2019.

3.4 As violências nas RAI associadas às experiências difíceis

Os dados a seguir apresentaram a magnitude das experiências difíceis em relação as violências vivenciadas nas RAI (Tabela 13, f. 103). Considerando a violência de uma forma geral, observou-se a incidência maior de violências em casos de exclusão social (59,2%), assédio moral escolar (52,1%) e testemunho de violência contra alguém (76,1%). As experiências anteriores de violência física por um membro da família (63,5%) apresentaram associação de casos de violência nas RAI, sendo esse valor ainda mais elevado quando acometida por um familiar mais próximo como mãe, pai, madrasta e padrasto (71,6%).

Ao se analisar a variável segundo a tipologia dessas violências, todas se manifestaram com as questões de exclusão social, assédio moral escolar, testemunho de violência contra alguém e histórico de violência física por membro da família ou familiares mais próximos, sendo este último em maior prevalência do que as demais.

A violência relacional apresentou maiores percentuais dentre as violências nas RAI, seguida da sexual quando relacionadas a exclusão social e a vivência de assédio moral na escola, ou seja, 70,7% contra 69,7% e 63,4% contra 60,6%. As demais violências (física, psicológica e ameaça) mantiveram-se entre 50% a 60%. Em relação a situação do indivíduo testemunhar violência contra alguém, essa variável indicou elevados índices de ocorrência de violências nas RAI dos adolescentes estudados, cuja magnitude caracterizou-se por violências do tipo psicológica (77,1%), ameaça (76,3%) relacionais (75,8%), sexual (75,6%), assim como nas experiências anteriores de violência familiar.

Quanto ao histórico de violência física por membro da família, as violências predominantes nas RAI foram: psicológica (77,1%), sexual (73,2%), relacional (69,7%), ameaça (60,5%), física (60%). Estes valores aumentaram conforme o grau de parentesco do familiar do adolescente, ou seja, violências realizadas por familiares mais próximos apresentaram participantes com frequências mais altas de violências nas RAI, como sexual (82,9%), relacional (81,8%), ameaça (76,3%), psicológica (74,3%), física (73,3%).

Nesta variável identificaram-se algumas associações as violências nas RAI. Os dados indicam que o indivíduo que não foi acariciado sexualmente sem seu consentimento por um desconhecido apresenta 1,85 vezes chance de vivenciar ameaça nas RAI em comparação ao indivíduo que foi acariciado sexualmente por um desconhecido. Não se observaram nesta variável mais associações significativas das demais variáveis com as violências nas RAI (Tabelas 14, f. 105; Tabela 15, f. 107; e Tabela 16, f. 109).

Tabela 13 - Razões de prevalência entre as experiências difíceis e as formas de violências vivenciadas pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017 (continua)

Experiências difíceis	Ameaça		Relacional		Física		Sexual		Psicológica		Geral		Total	
	Sim (n=38)		Sim (n=45)		Sim (n=45)		Sim (n=41)		Sim (n=70)		Sim (n=71)		Sim (n=74)	
Foi excluído do meio social														
Não	17	44,7% (30,1-60,3)	10	30,3% (17,4-47,3)	19	42,2% (29,0-56,7)	12	29,3% (17,6-44,5)	29	41,4% (30,6-53,1)	29	40,8% (30,2-52,5)	32	43,2% (32,6-54,6)
Sim	21	55,3% (39,7-69,9)	23	69,7% (52,7-82,6)	26	57,8% (43,3-71,0)	29	70,7% (55,5-82,4)	41	58,6% (46,9-69,4)	42	59,2% (47,5-69,8)	42	56,8% (45,4-67,4)
Sofreu assédio moral por via eletrônica														
Não	20	52,6% (38,4-69,0)	19	57,6% (40,8-72,8)	26	57,8% (44,4-72,3)	23	56,1% (41,0-70,1)	43	61,4% (50,5-72,8)	44	62,0% (51,1-73,2)	47	63,5% (52,9-74,4)
Sim	17	44,7% (31,0-61,6)	14	42,4% (27,2-59,2)	18	40,0% (27,7-55,6)	18	43,9% (29,9-59,0)	26	37,1% (27,2-49,5)	26	36,6% (26,8-48,9)	26	35,1% (25,6-47,1)
Faltantes	1 (2,6%)		0 (0%)		1 (2,2%)		0 (0%)		1 (1,4%)		1 (1,4%)		1 (1,4%)	
Sofreu assédio moral na escola														
Não	18	47,4% (32,5-62,7)	13	39,4% (24,7-56,3)	20	44,4% (30,9-58,8)	15	36,6% (23,6-51,9)	33	47,1% (35,9-58,7)	34	47,9% (36,7-59,3)	36	48,6% (37,6-59,8)
Sim	20	52,6% (37,3-67,5)	20	60,6% (43,7-75,3)	25	55,6% (41,2-69,1)	26	63,4% (48,1-76,4)	37	52,9% (41,3-64,1)	37	52,1% (40,7-63,3)	38	51,4% (40,2-62,4)
Sofreu violência sexual (membro da família, amigos e/ou desconhecidos)														
Não	24	63,2% (47,3-76,6)	22	66,7% (49,6-80,2)	27	60,0% (45,5-73,0)	26	63,4% (48,1-76,4)	45	64,3% (52,6-74,5)	46	64,8% (53,2-74,9)	49	66,2% (54,9-76,0)
Sim	14	36,8% (23,4-52,7)	11	33,3% (19,8-50,4)	18	40,0% (27,0-54,5)	15	36,6% (23,6-51,9)	25	35,7% (25,5-47,4)	25	35,2% (25,1-46,8)	25	33,8% (24,0-45,1)
Acidente automobilístico														
Não	31	81,6% (66,6-90,8)	26	78,8% (62,2-89,3)	33	73,3% (59,0-84,0)	27	65,9% (50,5-78,4)	52	74,3% (63,0-83,1)	53	74,6% (63,4-83,3)	56	75,7% (64,8-84,0)
Sim	7	18,4% (9,2-33,4)	7	21,2% (10,7-37,8)	12	26,7% (16,0-41,0)	14	34,1% (21,6-49,5)	18	25,7% (16,9-37,0)	18	25,4% (16,7-36,6)	18	24,3% (16,0-35,2)
Vivenciou o divórcio dos pais														
Não	24	63,2% (47,3-76,6)	18	54,5% (38,0-70,2)	29	64,4% (49,8-76,8)	22	53,7% (38,7-67,9)	41	58,6% (46,9-69,4)	42	59,2% (47,5-69,8)	43	58,1% (46,7-68,7)
Sim	14	36,8% (23,4-52,7)	15	45,5% (29,8-62,0)	16	35,6% (23,2-50,2)	19	46,3% (32,1-61,3)	29	41,4% (30,6-53,1)	29	40,8% (30,2-52,5)	31	41,9% (31,3-53,3)
Vivenciou a morte ou doença grave de um parente próximo														
Não	1	2,6% (6,1-79,2)	3	9,1% (43,9-100,0)	1	2,2% (6,1-79,2)	2	4,9% (34,2-100,0)	3	4,3% (43,9-100,0)	1	1,4% (4,6-69,9)	1	1,4% (4,6-69,9)
Sim	2	5,3% (20,8-93,9)	0	0,0% (0,0-56,1)	2	4,4% (20,8-93,9)	0	0,0% (0,0-65,8)	0	0,0% (0,0-56,1)	3	4,2% (30,1-95,4)	3	4,1% (30,1-95,4)
Faltantes	35 (92,1%)		30 (90,9%)		42 (93,3%)		39 (95,1%)		67 (95,7%)		67 (94,4%)		70 (94,6%)	
Testemunhou violência contra alguém														
Não	9	23,7% (13,0-39,2)	7	21,2% (11,0-38,8)	12	26,7% (16,3-41,8)	9	22,0% (12,3-37,5)	15	21,4% (13,6-32,8)	16	22,5% (14,6-34,0)	17	23,0% (15,1-34,2)
Sim	29	76,3% (60,8-87,0)	25	75,8% (61,2-89,0)	32	71,1% (58,2-83,7)	31	75,6% (62,5-87,7)	54	77,1% (67,2-86,4)	54	76,1% (66,0-85,4)	56	75,7% (65,8-84,9)
Faltantes	0 (0%)		1 (3,0%)		1 (2,2%)		1 (2,4%)		1 (1,4%)		1 (1,4%)		1 (1,4%)	
Agredido fisicamente por um membro da família														
Não	14	36,8% (24,1-53,9)	9	27,3% (15,6-45,4)	17	37,8% (25,7-53,4)	10	24,4% (14,2-40,2)	24	34,3% (24,6-46,6)	25	35,2% (25,5-47,4)	26	35,1% (25,6-47,1)
Sim	23	60,5% (46,1-75,9)	23	69,7% (54,6-84,4)	27	60,0% (46,6-74,3)	30	73,2% (59,8-85,8)	45	64,3% (53,4-75,4)	45	63,4% (52,6-74,5)	47	63,5% (52,9-74,4)
Faltantes	1 (2,6%)		1 (3,0%)		1 (2,2%)		1 (2,4%)		1 (1,4%)		1 (1,4%)		1 (1,4%)	

Tabela 13 - Razões de prevalência entre as experiências difíceis e as formas de violências vivenciadas pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017 (conclusão)

Experiências difíceis	Ameaça		Relacional		Física		Sexual		Psicológica		Geral		Total	
	Sim (n=38)		Sim (n=45)		Sim (n=45)		Sim (n=41)		Sim (n=70)		Sim (n=71)		(n=74)	
Acariciado sexualmente sem seu consentimento por um membro próximo da família (pai/ padrasto, mãe/ madrasta, irmão)														
Não	9	23,7% (13,0-39,2)	6	18,2% (8,6-34,4)	12	26,7% (16,0-41,0)	7	17,1% (8,5-31,3)	18	25,7% (16,9-37,0)	19	26,8% (17,9-38,1)	21	28,4% (19,4-39,5)
Sim	29	76,3% (60,8-87,0)	27	81,8% (65,6-91,4)	33	73,3% (59,0-84,0)	34	82,9% (68,7-91,5)	52	74,3% (63,0-83,1)	52	73,2% (61,9-82,1)	53	71,6% (60,5-80,6)
Parentes (tios (a), avô e avó)														
Não	31	81,6% (66,6-90,8)	26	78,8% (62,2-89,3)	38	84,4% (71,2-92,3)	32	78,0% (63,3-88,0)	59	84,3% (74,0-91,0)	60	84,5% (74,3-91,1)	63	85,1% (75,3-91,5)
Sim	7	18,4% (9,2-33,4)	7	21,2% (10,7-37,8)	7	15,6% (7,7-28,8)	9	22,0% (12,0-36,7)	11	15,7% (9,0-26,0)	11	15,5% (8,9-25,7)	11	14,9% (8,5-24,7)
Um profissional do abrigo														
Não	34	89,5% (75,9-95,8)	30	90,9% (76,4-96,9)	40	88,9% (76,5-95,2)	36	87,8% (74,5-94,7)	64	91,4% (82,5-96,0)	65	91,5% (82,8-96,1)	68	91,9% (83,4-96,2)
Sim	4	10,5% (4,2-24,1)	3	9,1% (3,1-23,6)	5	11,1% (4,8-23,5)	5	12,2% (5,3-25,5)	6	8,6% (4,0-17,5)	6	8,5% (3,9-17,2)	6	8,1% (3,8-16,6)
Professor														
Não	36	94,7% (82,7-98,5)	31	93,9% (80,4-98,3)	43	95,6% (85,2-98,8)	39	95,1% (83,9-98,7)	68	97,1% (90,2-99,2)	69	97,2% (90,3-99,2)	72	97,3% (90,7-99,3)
Sim	2	5,3% (1,5-17,3)	2	6,1% (1,7-19,6)	2	4,4% (1,2-14,8)	2	4,9% (1,3-16,1)	2	2,9% (0,8-9,8)	2	2,8% (0,8-9,7)	2	2,7% (0,7-9,3)
Vizinho ou pessoas da comunidade														
Não	37	97,4% (86,5-99,5)	33	100,0% (89,6-100,0)	45	100,0% (92,1-100,0)	41	100,0% (91,4-100,0)	69	98,6% (92,3-99,7)	70	98,6% (92,4-99,8)	73	98,6% (92,7-99,8)
Sim	1	2,6% (0,5-13,5)	0	0,0% (0,0-10,4)	0	0,0% (0,0-7,9)	0	0,0% (0,0-8,6)	1	1,4% (0,3-7,7)	1	1,4% (0,2-7,6)	1	1,4% (0,2-7,3)
Uma outra pessoa de fora da família que você conhecia														
Não	36	94,7% (82,7-98,5)	32	97,0% (84,7-99,5)	42	93,3% (82,1-97,7)	39	95,1% (83,9-98,7)	67	95,7% (88,1-98,5)	68	95,8% (88,3-98,6)	71	95,9% (88,7-98,6)
Sim	2	5,3% (1,5-17,3)	1	3,0% (0,5-15,3)	3	6,7% (2,3-17,9)	2	4,9% (1,3-16,1)	3	4,3% (1,5-11,9)	3	4,2% (1,4-11,7)	3	4,1% (1,4-11,3)
Um(a) desconhecido(a)														
Não	36	94,7% (82,7-98,5)	31	93,9% (80,4-98,3)	40	88,9% (76,5-95,2)	35	85,4% (71,6-93,1)	62	88,6% (79,0-94,1)	63	88,7% (79,3-94,2)	66	89,2% (80,1-94,4)
Sim	2	5,3% (1,5-17,3)	2	6,1% (1,7-19,6)	5	11,1% (4,8-23,5)	6	14,6% (6,9-28,4)	8	11,4% (5,9-21,0)	8	11,3% (5,8-20,7)	8	10,8% (5,6-19,9)
Obrigado a ter relação sexual por um membro próximo da família (pai/ padrasto, mãe/ madrasta, irmão)														
Não	33	86,8% (72,7-94,2)	28	84,8% (69,1-93,3)	40	88,9% (76,5-95,2)	36	87,8% (74,5-94,7)	64	91,4% (82,5-96,0)	65	91,5% (82,8-96,1)	68	91,9% (83,4-96,2)
Sim	5	13,2% (5,8-27,3)	5	15,2% (6,7-30,9)	5	11,1% (4,8-23,5)	5	12,2% (5,3-25,5)	6	8,6% (4,0-17,5)	6	8,5% (3,9-17,2)	6	8,1% (3,8-16,6)
Parentes (tios (a), avô e avó)														
Não	37	97,4% (86,5-99,5)	32	97,0% (84,7-99,5)	43	95,6% (85,2-98,8)	39	95,1% (83,9-98,7)	68	97,1% (90,2-99,2)	69	97,2% (90,3-99,2)	72	97,3% (90,7-99,3)
Sim	1	2,6% (0,5-13,5)	1	3,0% (0,5-15,3)	2	4,4% (1,2-14,8)	2	4,9% (1,3-16,1)	2	2,9% (0,8-9,8)	2	2,8% (0,8-9,7)	2	2,7% (0,7-9,3)
Um profissional do abrigo														
Não	38	100,0% (90,8-100,0)	33	100,0% (89,6-100,0)	45	100,0% (92,1-100,0)	41	100,0% (91,4-100,0)	70	100,0% (94,8-100,0)	71	100,0% (94,9-100,0)	74	100,0% (95,1-100,0)
Vizinho ou pessoas da comunidade														
Não	37	97,4% (86,5-99,5)	32	97,0% (84,7-99,5)	44	97,8% (88,4-99,6)	40	97,6% (87,4-99,6)	69	98,6% (92,3-99,7)	70	98,6% (92,4-99,8)	73	98,6% (92,7-99,8)
Sim	1	2,6% (0,5-13,5)	1	3,0% (0,5-15,3)	1	2,2% (0,4-11,6)	1	2,4% (0,4-12,6)	1	1,4% (0,3-7,7)	1	1,4% (0,2-7,6)	1	1,4% (0,2-7,3)
Uma outra pessoa de fora da família que você conhecia														
Não	37	97,4% (86,5-99,5)	32	97,0% (84,7-99,5)	43	95,6% (85,2-98,8)	39	95,1% (83,9-98,7)	67	95,7% (88,1-98,5)	68	95,8% (88,3-98,6)	71	95,9% (88,7-98,6)
Sim	1	2,6% (0,5-13,5)	1	3,0% (0,5-15,3)	2	4,4% (1,2-14,8)	2	4,9% (1,3-16,1)	3	4,3% (1,5-11,9)	3	4,2% (1,4-11,7)	3	4,1% (1,4-11,3)
Um(a) desconhecido(a)														
Não	35	92,1% (79,2-97,3)	31	93,9% (80,4-98,3)	41	91,1% (79,3-96,5)	38	92,7% (80,6-97,5)	66	94,3% (86,2-97,8)	67	94,4% (86,4-97,8)	70	94,6% (86,9-97,9)

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Tabela 14 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre experiências difíceis e ameaça e violência relacional, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%) (continua)

Variáveis*	Ameaça				Violência Relacional			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Foi excluído do meio social								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	1,03	0,81 - 1,31	1,05	0,78 - 1,41	0,79	0,63 - 1,00	0,85	0,63 - 1,16
Sofreu assédio moral por via eletrônica								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,8	0,63 - 1,02	0,77	0,56 - 1,06	0,88	0,69 - 1,12	1,02	0,73 - 1,42
Sofreu assédio moral na escola								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,98	0,77 - 1,24	0,99	0,76 - 1,31	0,85	0,67 - 1,07	0,89	0,68 - 1,19
Sofreu violência sexual (membro da família, amigos e/ou desconhecidos)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,93	0,73 - 1,20	0,86	0,62 - 1,18	1,01	0,79 - 1,30	0,82	0,58 - 1,14
Acidente automobilístico								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	1,18	0,90 - 1,55	1,19	0,87 - 1,62	1,08	0,83 - 1,42	1,01	0,74 - 1,40
Vivenciou o divórcio dos pais								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	1,11	0,88 - 1,41	1,11	0,84 - 1,46	0,94	0,74 - 1,19	0,99	0,74 - 1,31
Vivenciou a morte ou doença grave de um parente próximo								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	1,01	0,76 - 1,34	0,99	0,74 - 1,34	0,97	0,73 - 1,28	0,96	0,71 - 1,31
Testemunhou violência contra alguém								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	1,05	0,82 - 1,35	1,12	0,84 - 1,49	0,87	0,68 - 1,11	0,95	0,70 - 1,28
Agredido fisicamente por um membro da família								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,89	0,68 - 1,15	0,96	0,71 - 1,32	0,8	0,62 - 1,03	0,9	0,65 - 1,24

Tabela 14 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre experiências difíceis e ameaça e violência relacional, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%) (conclusão)

Variáveis*	Ameaça				Violência Relacional			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Acariciado sexualmente sem seu consentimento por um membro próximo da família (pai/ padrasto, mãe/ madrasta, irmão)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,87	0,63 - 1,20	1,1	0,45 - 2,70	0,8	0,58 - 1,11	0,85	0,33 - 2,15
Parentes (tios (a), avô e avó)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,85	0,55 - 1,30	1,06	0,44 - 2,57	0,95	0,62 - 1,44	1,77	0,70 - 4,43
Um profissional do abrigo								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,61	0,30 - 1,24	0,58	0,25 - 1,35	0,57	0,28 - 1,15	0,64	0,27 - 1,53
Professor								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,86	0,47 - 1,54	0,78	0,28 - 2,18	0,8	0,44 - 1,43	1,31	0,46 - 3,83
Uma outra pessoa de fora da família que você conhecia								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,86	0,47 - 1,54	1,02	0,09 - 11,73	1,13	0,63 - 2,03	1,51	0,12 - 19,12
Um(a) desconhecido(a)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	1,35	0,93 - 1,95	1,85	1,04 - 3,24	1,25	0,86 - 1,81	1,6	0,88 - 2,87
Obrigado a ter relação sexual por um membro próximo da família (pai/ padrasto, mãe/ madrasta, irmão)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,71	0,47 - 1,08	0,79	0,36 - 1,71	0,66	0,43 - 0,99	0,67	0,30 - 1,50
Parentes (tios (a), avô e avó)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	1,02	0,50 - 2,09	1,58	0,25 - 9,70	0,95	0,47 - 1,95	0,77	0,11 - 5,07
Uma outra pessoa de fora da família que você conhecia								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	1,21	0,67 - 2,18	1,74	0,57 - 5,38	1,13	0,63 - 2,03	1,45	0,46 - 4,70
Um desconhecido								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,78	0,47 - 1,30	0,35	0,04 - 3,08	0,95	0,57 - 1,58	0,44	0,05 - 4,18

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Tabela 15 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre experiências difíceis e violências física e sexual, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%) (continua)

Variáveis*	Violência Física				Violência Sexual			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Foi excluído do meio social								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,98	0,77 - 1,24	1,02	0,75 - 1,38	0,73	0,58 - 0,92	0,89	0,67 - 1,17
Sofreu assédio moral por via eletrônica								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,87	0,69 - 1,11	1,05	0,76 - 1,45	0,82	0,64 - 1,04	0,97	0,72 - 1,31
Sofreu assédio moral na escola								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,9	0,72 - 1,14	0,92	0,70 - 1,22	0,77	0,61 - 0,96	0,84	0,65 - 1,10
Sofreu violência sexual (membro da família, amigos e/ou desconhecidos)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,85	0,67 - 1,08	0,75	0,54 - 1,04	0,93	0,73 - 1,20	0,98	0,72 - 1,32
Acidente automobilístico								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,93	0,71 - 1,21	0,91	0,67 - 1,25	0,75	0,57 - 0,97	0,67	0,50 - 0,90
Vivenciou o divórcio dos pais								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	1,17	0,93 - 1,48	1,11	0,84 - 1,47	0,9	0,72 - 1,15	0,93	0,72 - 1,20
Vivenciou a morte ou doença grave de um parente próximo								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	1,14	0,87 - 1,50	1,24	0,92 - 1,68	0,98	0,74 - 1,29	1,11	0,84 - 1,47
Testemunhou violência contra alguém								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	1,08	0,85 - 1,38	1,11	0,83 - 1,49	0,78	0,61 - 0,99	0,89	0,67 - 1,16
Agredido fisicamente por um membro da família								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,95	0,74 - 1,23	0,94	0,69 - 1,30	0,74	0,57 - 0,94	0,81	0,60 - 1,09

Tabela 15 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre experiências difíceis e violências física e sexual, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%) (conclusão)

Variáveis*	Violência Física				Violência Sexual			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Acariciado sexualmente sem seu consentimento por um membro próximo da família (pai/ padrasto, mãe/ madrasta, irmão)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,97	0,70 - 1,34	1,75	0,70 - 4,36	0,73	0,53 - 1,01	0,81	0,35 - 1,90
Parentes (tios (a), avô e avó)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,78	0,52 - 1,18	0,85	0,34 - 2,08	0,74	0,49 - 1,12	1,54	0,66 - 3,54
Um profissional do abrigo								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,67	0,34 - 1,35	0,76	0,33 - 1,79	0,64	0,31 - 1,29	0,87	0,40 - 1,93
Professor								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,94	0,53 - 1,68	0,73	0,26 - 2,09	0,63	0,35 - 1,12	0,56	0,22 - 1,49
Uma outra pessoa de fora da família que você conhecia								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,67	0,38 - 1,18	0,9	0,08 - 10,83	0,89	0,50 - 1,61	0,37	0,04 - 3,73
Um(a) desconhecido(a)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,98	0,68 - 1,42	1,19	0,66 - 2,11	0,8	0,56 - 1,17	0,79	0,46 - 1,35
Obrigado a ter relação sexual por um membro próximo da família (pai/ padrasto, mãe/ madrasta, irmão)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,78	0,52 - 1,18	0,49	0,22 - 1,08	0,74	0,49 - 1,12	0,83	0,39 - 1,71
Parentes (tios (a), avô e avó)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,67	0,34 - 1,35	1,07	0,17 - 6,82	0,64	0,31 - 1,29	0,42	0,07 - 2,31
Uma outra pessoa de fora da família que você conhecia								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,94	0,53 - 1,68	1,85	0,60 - 5,84	0,89	0,50 - 1,61	2,27	0,80 - 6,60
Um desconhecido								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,66	0,40 - 1,09	0,47	0,05 - 4,22	0,82	0,49 - 1,36	2,41	0,30 - 18,61

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Tabela 16 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre experiências difíceis e violências psicológica e geral, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%) (continua)

Variáveis*	Violência Psicológica				Violência em geral			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Foi excluído do meio social								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,93	0,84 - 1,04	0,97	0,83 - 1,12	0,91	0,83 - 1,00	0,91	0,80 - 1,04
Sofreu assédio moral por via eletrônica								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,92	0,82 - 1,03	0,98	0,83 - 1,15	0,94	0,85 - 1,03	0,97	0,84 - 1,12
Sofreu assédio moral na escola								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,95	0,85 - 1,05	0,97	0,84 - 1,11	0,97	0,89 - 1,07	1,01	0,89 - 1,14
Sofreu violência sexual (membro da família, amigos e/ou desconhecidos)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,92	0,83 - 1,03	0,95	0,81 - 1,12	0,94	0,86 - 1,04	0,95	0,83 - 1,10
Acidente automobilístico								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,93	0,83 - 1,05	0,91	0,78 - 1,06	0,95	0,85 - 1,06	0,92	0,81 - 1,06
Vivenciou o divórcio dos pais								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	1,02	0,92 - 1,14	1,05	0,92 - 1,21	1,04	0,95 - 1,15	1,06	0,94 - 1,20
Vivenciou a morte ou doença grave de um parente próximo								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,92	0,81 - 1,05	0,93	0,80 - 1,09	0,98	0,87 - 1,09	0,99	0,87 - 1,13
Testemunhou violência contra alguém								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,97	0,86 - 1,08	1,02	0,88 - 1,19	1,00	0,91 - 1,11	1,04	0,91 - 1,18
Agredido fisicamente por um membro da família								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,88	0,79 - 0,99	0,88	0,75 - 1,03	0,93	0,84 - 1,03	0,92	0,80 - 1,06

Tabela 16 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre experiências difíceis e violências psicológica e em geral, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%) (conclusão)

Variáveis*	Violência Psicológica				Violência em geral			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Acariciado sexualmente sem seu consentimento por um membro próximo da família (pai/ padrasto, mãe/ madrasta, irmão)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,94	0,81 - 1,09	0,93	0,59 - 1,47	0,95	0,84 - 1,09	0,96	0,65 - 1,44
Parentes (tios (a), avô e avó)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,94	0,78 - 1,14	1,09	0,70 - 1,71	0,96	0,81 - 1,13	1,06	0,71 - 1,57
Um profissional do abrigo								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,95	0,69 - 1,31	0,97	0,64 - 1,49	0,96	0,72 - 1,28	0,98	0,68 - 1,43
Professor								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,95	0,72 - 1,24	1,01	0,60 - 1,70	0,96	0,76 - 1,21	1,01	0,65 - 1,61
Uma outra pessoa de fora da família que você conhecia								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,95	0,72 - 1,24	1,12	0,33 - 3,89	0,96	0,76 - 1,21	1,12	0,38 - 3,35
Um(a) desconhecido(a)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,94	0,80 - 1,12	1,03	0,77 - 1,38	0,96	0,82 - 1,11	1,06	0,82 - 1,36
Obrigado a ter relação sexual por um membro próximo da família (pai/ padrasto, mãe/ madrasta, irmão)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,94	0,78 - 1,14	1,03	0,69 - 1,53	0,96	0,81 - 1,13	1,05	0,74 - 1,48
Parentes (tios (a), avô e avó)								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,95	0,69 - 1,31	1,00	0,39 - 2,52	0,96	0,72 - 1,28	1,01	0,44 - 2,27
Uma outra pessoa de fora da família que você conhecia								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,95	0,72 - 1,24	1,01	0,58 - 1,80	0,96	0,76 - 1,21	1,02	0,62 - 1,69
Um desconhecido								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,95	0,75 - 1,19	0,92	0,30 - 2,77	0,96	0,78 - 1,18	0,9	0,34 - 2,37

Fonte: RIBEIRO, 2019.

3.5 As violências nas RAI associadas ao consumo de álcool, tabaco e outras drogas

Os dados revelam que às violências nas relações afetivas íntimas e o uso de drogas são frequentes. As violências em geral estiveram associadas predominantemente com bebida alcoólica (83,1%), tabaco (73,2%) e maconha (66,2%) (Tabela 17, f. 112).

Apesar de elevada magnitude das violências (ameaça, relacional, física, sexual e psicológica) em relação as drogas, foi observado que algumas drogas mostraram maior propensão a determinado tipo de violência no relacionamento. Foram percebidas distinções entre as manifestações da violência com a maconha, o qual foi mais incidente na violência física (75,6%), seguida da violência do tipo ameaça (71,1%) e sexual (70,7%). No entanto, não se observaram diferenças nas frequências da tipologia do fenômeno apenas com o tabaco e ao álcool, mantendo-se em percentuais acima de 70% e 80% respectivamente para todos os tipos de violências nas relações afetivas íntimas.

Os inalantes foram substâncias que se manifestaram majoritariamente nas violências físicas (51,5 %) e relacionais (51,1%). Foi identificado inclusive a relação de 11,3% de outras drogas (balinha, docinho, oxi, merla) para casos de violências em geral, e se intensificando nas violências sexuais (17,1%), de ameaça (15,8%) e relacional (15,2%).

É pertinente o destaque do uso de substâncias injetáveis dentre o grupo estudado. Apesar de apenas um participante referir consumo dessa substância, verifica-se a associação com pelo menos um tipo de violência em geral (1,4%). Em uma análise mais específica, este participante quando consumiu a droga injetável vivenciou também as violências sexual e psicológica nas relações afetivas íntimas.

Não se observou associação significativa do consumo de álcool, tabaco e outras drogas com as violências nas RAI (Tabela 18, f. 113; Tabela 19, f. 114; Tabela 20, f.115).

Tabela 17 - Razões de prevalência entre o consumo de álcool, tabaco e outras drogas e as formas de violências vivenciadas pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017

Drogas	Ameaça		Relacional		Física		Sexual		Psicológica		Geral	
	(n=38)		(n=45)		(n=45)		(n=41)		(n=70)		(n=71)	
Derivados do tabaco												
Não	10	26,3% (15,0-42,0)	9	27,3% (15,1-44,2)	10	22,2% (12,5-36,3)	12	29,3% (17,6-44,5)	19	27,1% (18,1-38,5)	19	26,8% (17,9-38,1)
Sim	28	73,7% (58,0-85,0)	24	72,7% (55,8-84,9)	35	77,8% (63,7-87,5)	29	70,7% (55,5-82,4)	51	72,9% (61,5-81,9)	52	73,2% (61,9-82,1)
Bebidas alcoólicas												
Não	5	13,2% (5,8-27,3)	4	12,1% (4,8-27,3)	6	13,3% (6,3-26,2)	5	12,2% (5,3-25,5)	12	17,1% (10,1-27,6)	12	16,9% (9,9-27,3)
Sim	33	86,8% (72,7-94,2)	29	87,9% (72,7-95,2)	39	86,7% (73,8-93,7)	36	87,8% (74,5-94,7)	58	82,9% (72,4-89,9)	59	83,1% (72,7-90,1)
Maconha												
Não	11	28,9% (17,0-44,8)	10	30,3% (17,4-47,3)	11	24,4% (14,2-38,7)	12	29,3% (17,6-44,5)	24	34,3% (24,2-46,0)	24	33,8% (23,9-45,4)
Sim	27	71,1% (55,2-83,0)	23	69,7% (52,7-82,6)	34	75,6% (61,3-85,8)	29	70,7% (55,5-82,4)	46	65,7% (54,0-75,8)	47	66,2% (54,6-76,1)
Cocaína, crack												
Sim	5	13,2% (5,8-27,3)	5	15,2% (6,7-30,9)	6	13,3% (6,3-26,2)	5	12,2% (5,3-25,5)	6	8,6% (4,0-17,5)	6	8,5% (3,9-17,2)
Não	33	86,8% (72,7-94,2)	28	84,8% (69,1-93,3)	39	86,7% (73,8-93,7)	36	87,8% (74,5-94,7)	64	91,4% (82,5-96,0)	65	91,5% (82,8-96,1)
Anfetaminas ou êxtase												
Não	31	81,6% (66,6-90,8)	25	75,8% (59,0-87,2)	36	80,0% (66,2-89,1)	35	85,4% (71,6-93,1)	58	82,9% (72,4-89,9)	59	83,1% (72,7-90,1)
Sim	7	18,4% (9,2-33,4)	8	24,2% (12,8-41,0)	9	20,0% (10,9-33,8)	6	14,6% (6,9-28,4)	12	17,1% (10,1-27,6)	12	16,9% (9,9-27,3)
Inalantes												
Não	21	55,3% (39,7-69,9)	16	48,5% (32,5-64,8)	22	48,9% (35,0-63,0)	21	51,2% (36,5-65,7)	39	55,7% (44,1-66,8)	40	56,3% (44,8-67,3)
Sim	17	44,7% (30,1-60,3)	17	51,5% (35,2-67,5)	23	51,1% (37,0-65,0)	20	48,8% (34,3-63,5)	31	44,3% (33,2-55,9)	31	43,7% (32,7-55,2)
Hipnóticos/sedativos												
Não	33	86,8% (72,7-94,2)	27	81,8% (68,2-93,1)	37	82,2% (70,6-92,1)	35	85,4% (73,9-94,5)	62	88,6% (80,5-95,0)	63	88,7% (80,8-95,1)
Sim	5	13,2% (5,8-27,3)	5	15,2% (6,9-31,8)	7	15,6% (7,9-29,4)	5	12,2% (5,5-26,1)	7	10,0% (5,0-19,5)	7	9,9% (4,9-19,2)
Faltantes	0 (0%)		1 (3,0%)		1 (2,2%)		1 (2,4%)		1 (1,4%)		1 (1,4%)	
Alucinógenos												
Não	31	81,6% (66,6-90,8)	27	81,8% (68,2-93,1)	37	82,2% (70,6-92,1)	36	87,8% (76,9-96,0)	60	85,7% (77,0-93,0)	61	85,9% (77,3-93,1)
Sim	7	18,4% (9,2-33,4)	5	15,2% (6,9-31,8)	7	15,6% (7,9-29,4)	4	9,8% (4,0-23,1)	9	12,9% (7,0-23,0)	9	12,7% (6,9-22,7)
Faltantes	0 (0%)		1 (3,0%)		1 (2,2%)		1 (2,4%)		1 (1,4%)		1 (1,4%)	
Opióides												
Não	37	97,4% (86,5-99,5)	31	93,9% (84,3-99,4)	42	93,3% (84,9-98,7)	39	95,1% (87,1-99,6)	67	95,7% (90,0-99,2)	68	95,8% (90,2-99,2)
Sim	1	2,6% (0,5-13,5)	1	3,0% (0,6-15,7)	2	4,4% (1,3-15,1)	1	2,4% (0,4-12,9)	2	2,9% (0,8-10,0)	2	2,8% (0,8-9,8)
Faltantes	0 (0%)		1 (3,0%)		1 (2,2%)		1 (2,4%)		1 (1,4%)		1 (1,4%)	
Outras, especificar												
Não	32	84,2% (69,6-92,6)	27	81,8% (68,2-93,1)	38	84,4% (73,3-93,6)	33	80,5% (68,1-91,3)	61	87,1% (78,8-94,0)	62	87,3% (79,0-94,1)
Sim	6	15,8% (7,4-30,4)	5	15,2% (6,9-31,8)	6	13,3% (6,4-26,7)	7	17,1% (8,7-31,9)	8	11,4% (6,0-21,2)	8	11,3% (5,9-21,0)
Faltantes	0 (0%)		1 (3,0%)		1 (2,2%)		1 (2,4%)		1 (1,4%)		1 (1,4%)	
Injetáveis												
Sim, mas não nos últimos 3 meses	0	0,0% (0,0-9,6)	0	0,0% (0,0-10,7)	0	0,0% (0,0-8,2)	1	2,4% (0,4-12,6)	1	1,4% (0,3-7,9)	1	1,4% (0,3-7,8)
Sim, nos últimos 3 meses	0	0,0% (0,0-9,6)	0	0,0% (0,0-10,7)	0	0,0% (0,0-8,2)	0	0,0% (0,0-8,6)	0	0,0% (0,0-5,3)	0	0,0% (0,0-5,3)
Não	36	94,7% (90,4-100,0)	32	97,0% (89,3-100,0)	43	95,6% (91,8-100,0)	40	97,6% (87,4-99,6)	67	95,7% (92,1-99,7)	68	95,8% (92,2-99,7)
Faltantes	2 (5,3%)		1 (3,0%)		2 (4,4%)		0 (0%)		2 (2,9%)		2 (2,8%)	

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Tabela 18 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre consumo de álcool, tabaco e ameaça e violência relacional, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%).

Variáveis*	Violência Física				Violência Relacional				Valor-p
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	
Derivados do tabaco									
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	
Não	0,95	0,73 - 1,23	1,13	0,82 - 1,58	1,1	0,40 - 3,12	0,47	0,11 - 1,82	0,2843
Bebidas alcoólicas									
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	
Não	0,83	0,61 - 1,11	0,84	0,56 - 1,27	2,34	0,70 - 9,29	2,7	0,50 - 16,68	0,2592
Maconha									
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	
Não	0,85	0,67 - 1,08	0,88	0,62 - 1,25	1,63	0,63 - 4,39	0,92	0,22 - 3,98	0,9063
Cocaína, crack									
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	
Não	0,71	0,47 - 1,08	0,63	0,36 - 1,08	7,14	1,08 - 140,85	6,1	0,53 - 170,63	0,1881
Anfetaminas ou êxtase									
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	
Não	0,92	0,67 - 1,27	1,06	0,68 - 1,68	2,96	0,84 - 12,09	2,07	0,32 - 15,09	0,4512
Inalantes									
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	
Não	0,94	0,74 - 1,20	1,18	0,83 - 1,67	2,05	0,81 - 5,33	0,87	0,19 - 3,72	0,8494
Hipnóticos/sedativos									
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	
Não	0,81	0,54 - 1,20	0,86	0,55 - 1,35	3,61	0,72 - 26,53	3,94	0,53 - 49,95	0,2124
Alucinógenos									
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	
Não	0,75	0,53 - 1,06	0,9	0,55 - 1,48	1,71	0,42 - 7,49	0,37	0,03 - 2,94	0,3664
Opióides									
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	
Não	1,03	0,50 - 2,11	1,17	0,51 - 2,59	1,29	0,05 - 33,50	0,92	0,03 - 37,49	0,9625
Outras, especificar									
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	
Não	0,77	0,53 - 1,12	0,76	0,49 - 1,18	2,35	0,53 - 12,23	3,66	0,52 - 32,47	0,2079

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Tabela 19 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre consumo de álcool, tabaco e violência físicas e sexual, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%).

Variáveis*	Violência Física				Violência Sexual			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Derivados do tabaco								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,83	0,65 - 1,07	1,03	0,75 - 1,42	1,03	0,79 - 1,33	1,35	0,99 - 1,84
Bebidas alcoólicas								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,8	0,60 - 1,07	1,06	0,71 - 1,57	0,78	0,58 - 1,05	0,76	0,52 - 1,12
Maconha								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,73	0,58 - 0,92	0,74	0,53 - 1,04	0,84	0,66 - 1,07	0,88	0,63 - 1,23
Cocaína, crack								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,65	0,44 - 0,98	0,75	0,44 - 1,26	0,74	0,49 - 1,12	0,68	0,41 - 1,13
Anfetaminas ou êxtase								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,85	0,62 - 1,15	1,07	0,70 - 1,66	1,07	0,78 - 1,47	1,32	0,87 - 2,01
Inalantes								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,8	0,64 - 1,00	0,99	0,71 - 1,39	0,86	0,68 - 1,08	0,95	0,68 - 1,31
Hipnóticos/sedativos								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,65	0,44 - 0,94	0,72	0,46 - 1,10	0,83	0,56 - 1,24	0,74	0,49 - 1,12
Alucinógenos								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,82	0,58 - 1,16	1,09	0,68 - 1,75	1,13	0,79 - 1,61	1,45	0,92 - 2,31
Opióides								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,67	0,33 - 1,34	0,83	0,37 - 1,78	1,06	0,52 - 2,16	1,36	0,63 - 2,87
Outras, especificar								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,85	0,59 - 1,23	0,94	0,61 - 1,43	0,69	0,48 - 1,00	0,58	0,38 - 0,87

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Tabela 20 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre consumo de álcool, tabaco e violências psicológicas e geral, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%).

Variáveis*	Violência Psicológica				Violência em Geral			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Derivados do tabaco								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,94	0,84 - 1,06	1,02	0,87 - 1,20	0,93	0,84 - 1,03	1,00	0,87 - 1,14
Bebidas alcoólicas								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,9	0,78 - 1,02	0,94	0,77 - 1,14	0,88	0,79 - 0,99	0,94	0,79 - 1,11
Maconha								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,91	0,82 - 1,02	0,97	0,82 - 1,15	0,9	0,82 - 0,98	0,93	0,81 - 1,07
Cocaína, crack								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,94	0,78 - 1,14	1,01	0,78 - 1,31	0,96	0,81 - 1,13	1,01	0,81 - 1,26
Anfetaminas ou êxtase								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,94	0,81 - 1,08	1,01	0,82 - 1,25	0,95	0,84 - 1,08	1,01	0,84 - 1,21
Inalantes								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,91	0,82 - 1,01	0,94	0,79 - 1,10	0,93	0,85 - 1,02	0,98	0,85 - 1,13
Hipnóticos/sedativos								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,94	0,79 - 1,13	0,99	0,80 - 1,22	0,96	0,82 - 1,12	0,99	0,82 - 1,19
Alucinógenos								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,94	0,80 - 1,11	0,98	0,78 - 1,25	0,96	0,83 - 1,10	1,00	0,82 - 1,22
Opióides								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,95	0,68 - 1,31	1,02	0,69 - 1,48	0,96	0,72 - 1,28	1,01	0,72 - 1,40
Outras, especificar								
Sim	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Não	0,94	0,79 - 1,12	1,00	0,81 - 1,24	0,96	0,82 - 1,11	1,01	0,84 - 1,20

Fonte: RIBEIRO, 2019.

3.6 As violências nas RAI associadas às características dos pais e/ou responsáveis.

Esta seção dimensiona a magnitude das violências nas relações afetivas íntimas dos adolescentes acolhidos e sua relação com as características dos pais/responsáveis dos adolescentes. Para melhor compreensão do fenômeno, primeiramente, foi apresentado a caracterização dos pais/responsáveis dos adolescentes deste estudo.

Observa-se na tabela 21 (f. 117) que a maioria dos adolescentes acolhidos possuía como responsáveis antes da institucionalização, algum membro da família (avôs, irmãos) (31,1%) seguida da mãe (27,0%). Um dado curioso foi que quase metade das adolescentes do sexo feminino tinha como responsável algum membro da família (48,3%), estando os pais biológicos em segundo lugar (20,6%). Situação distinta foi observada no sexo masculino, a qual a mãe foi predominante na responsabilização deles (33,3%) em relação a um membro familiar (20%). Independente do sexo, os adolescentes referenciaram uma menor responsabilização da figura paterna antes do acolhimento (10,8%), atingindo percentual inferior a 5% no caso do sexo feminino. Outro dado pertinente esteve relacionado aos responsáveis que não compõem o ciclo familiar dos adolescentes como namorado(a)/companheiro(a), amigos(as), vizinhos (10,8%).

Em relação a escolaridade materna, verifica-se que a maioria possui grau de instrução até o fundamental II (23%), ou seja, oito anos de estudo em média. Há um considerado percentual de mulheres alcançarem o ensino médio, atingindo formação completa (17,6%). Apenas 1,4%, ou seja, 1 mulher encontra-se na universidade.

Ressalta-se que a maior parte dos pais/responsáveis paternos identificados tinham cursado somente até o Ensino Fundamental II (13,6%), denotando também um reduzido nível escolar. O percentual de analfabetismo é um dado importante de se considerar, totalizando 10,8% da amostra. Em relação aos níveis mais elevados de escolaridade, identificaram-se 9,5% da figura paterna com ensino médio completo e 4,1% com ensino superior completo.

Quanto à ocupação dos responsáveis, a figura paterna ocupa em maior parte o mercado formal (48,6%) e também, o mercado informal de trabalho (9,5%) em comparação a figura materna (45,9% e 6,8%, respectivamente). O desemprego acometeu a figura materna em cerca de 18,9% e 1,4% na figura paterna. Apenas 4,1% da figura materna recebe benefícios sociais.

Tabela 21 - Razões de prevalência entre a caracterização dos pais/responsáveis dos adolescentes e o sexo dos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017 (continua)

	Sexo					
	Feminino (n=29)		Masculino (n=45)		Total (n=74)	
Responsável antes do acolhimento						
Seus pais, na mesma casa (pais biológicos ou adotivos)	3	10,3% (3,6-26,4)	4	8,9% (3,5-20,7)	7	9,5% (4,7-18,3)
Seus pais, separadamente (os pais dividem a guarda)	1	3,4% (0,6-17,2)	5	11,1% (4,8-23,5)	6	8,1% (3,8-16,6)
Sua mãe	5	17,2% (7,6-34,5)	15	33,3% (21,4-47,9)	20	27,0% (18,2-38,1)
Seu pai	1	3,4% (0,6-17,2)	7	15,6% (7,7-28,8)	8	10,8% (5,6-19,9)
Um membro da família	14	48,3% (31,4-65,6)	9	20,0% (10,9-33,8)	23	31,1% (21,7-42,3)
O namorado ou a namorada (companheiro)	2	6,9% (1,9-22,0)	0	0,0% (0,0-7,9)	2	2,7% (0,7-9,3)
Outro (especificar)	3	10,3% (3,6-26,4)	5	11,1% (4,8-23,5)	8	10,8% (5,6-19,9)
Escolaridade materna						
Analfabeto	0	0,0% (0,0-12,9)	3	6,7% (2,4-18,6)	3	4,1% (1,5-12,0)
Cursou da 1ª a 4ª série	6	20,7% (11,0-42,1)	2	4,4% (1,3-15,5)	8	10,8% (6,0-21,2)
Cursou da 5ª a 8ª série	4	13,8% (6,2-33,5)	5	11,1% (5,1-24,5)	9	12,2% (7,0-23,0)
Ensino médio completo	3	10,3% (4,0-29,0)	10	22,2% (13,2-37,7)	13	17,6% (11,4-29,6)
Ensino médio incompleto	3	10,3% (4,0-29,0)	2	4,4% (1,3-15,5)	5	6,8% (3,1-15,9)
Curso técnico profissionalizante	0	0,0% (0,0-12,9)	0	0,0% (0,0-8,2)	0	0,0% (0,0-5,3)
Superior (universidade) incompleto	0	0,0% (0,0-12,9)	1	2,2% (0,4-12,1)	1	1,4% (0,3-7,8)
Superior (universidade) completo	0	0,0% (0,0-12,9)	0	0,0% (0,0-8,2)	0	0,0% (0,0-5,3)
Não sabe informar	10	34,5% (22,4-57,5)	20	44,4% (32,5-61,1)	30	40,5% (32,4-55,2)
Faltantes	3 (10,3%)		2 (4,4%)		5 (6,8%)	
Escolaridade paterna						
Analfabeto	2	6,9% (2,5-27,8)	6	13,3% (7,4-30,4)	8	10,8% (6,9-24,2)
Cursou da 1ª a 4ª série	1	3,4% (0,8-21,8)	0	0,0% (0,0-9,2)	1	1,4% (0,3-8,9)
Cursou da 5ª a 8ª série	4	13,8% (7,3-38,5)	5	11,1% (5,8-27,3)	9	12,2% (8,1-26,1)
Ensino médio completo	3	10,3% (4,7-33,3)	4	8,9% (4,2-24,1)	7	9,5% (5,8-22,2)
Ensino médio incompleto	0	0,0% (0,0-14,9)	0	0,0% (0,0-9,2)	0	0,0% (0,0-6,0)
Curso técnico profissionalizante	0	0,0% (0,0-14,9)	0	0,0% (0,0-9,2)	0	0,0% (0,0-6,0)
Superior (universidade) incompleto	0	0,0% (0,0-14,9)	0	0,0% (0,0-9,2)	0	0,0% (0,0-6,0)
Superior (universidade) completo	1	3,4% (0,8-21,8)	2	4,4% (1,5-17,3)	3	4,1% (1,7-13,7)
Não sabe informar	11	37,9% (30,7-69,3)	21	46,7% (39,7-69,9)	32	43,2% (40,9-65,4)
Faltantes	7 (24,1%)		7 (15,6%)		14(18,9%)	

Tabela 21 - Razões de prevalência entre a caracterização dos pais/responsáveis dos adolescentes e o sexo dos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017 (conclusão)

	Sexo					
	Feminino (n=29)		Masculino (n=45)		Total (n=74)	
Ocupação materna						
Trabalha	12	41,4% (26,5-60,9)	22	48,9% (35,0-63,0)	34	45,9% (35,6-57,9)
Estuda	0	0,0% (0,0-12,1)	1	2,2% (0,4-11,6)	1	1,4% (0,2-7,4)
Desempregada	6	20,7% (10,2-39,5)	8	17,8% (9,3-31,3)	14	18,9% (11,8-29,7)
Trabalho informal	4	13,8% (5,7-31,5)	1	2,2% (0,4-11,6)	5	6,8% (3,0-15,1)
Faleceu	3	10,3% (3,7-27,2)	6	13,3% (6,3-26,2)	9	12,2% (6,6-21,8)
Aposentada	1	3,4% (0,6-17,7)	4	8,9% (3,5-20,7)	5	6,8% (3,0-15,1)
Recebe benefício social	2	6,9% (2,0-22,6)	1	2,2% (0,4-11,6)	3	4,1% (1,4-11,4)
Não sabe informar	0	0,0% (0,0-12,1)	2	4,4% (1,2-14,8)	2	2,7% (0,8-9,5)
Faltantes	1 (3,4%)		0 (0%)		1 (1,4%)	
Ocupação paterna						
Trabalha	17	58,6% (40,7-74,5)	19	42,2% (30,4-58,9)	36	48,6% (38,7-61,3)
Estuda	0	0,0% (0,0-11,7)	0	0,0% (0,0-8,2)	0	0,0% (0,0-5,1)
Desempregado	0	0,0% (0,0-11,7)	1	2,2% (0,4-12,1)	1	1,4% (0,2-7,5)
Trabalho informal	1	3,4% (0,6-17,2)	6	13,3% (6,6-27,3)	7	9,5% (4,8-18,7)
Faleceu	1	3,4% (0,6-17,2)	4	8,9% (3,7-21,6)	5	6,8% (3,0-15,2)
Aposentado	1	3,4% (0,6-17,2)	4	8,9% (3,7-21,6)	5	6,8% (3,0-15,2)
Recebe benefício social	0	0,0% (0,0-11,7)	0	0,0% (0,0-8,2)	0	0,0% (0,0-5,1)
Não sabe informar	9	31,0% (17,3-49,2)	9	20,0% (11,4-35,2)	18	24,3% (16,4-36,1)
Faltantes	0 (0%)		2 (4,4%)		2 (2,7%)	

Fonte: RIBEIRO, 2019.

É importante ressaltar que em grande parte os adolescentes não souberam informar a escolaridade de seus responsáveis, tanto da figura feminina (40,5%) como masculina (43,2%). O mesmo ocorreu em relação a ocupação do responsável – figura paterna, com 24,3% dos adolescentes desconhecendo essa informação.

As tabelas 22 (f. 120) e 23 (f. 121) apresentam dados relacionados as experiências vividas dos adolescentes com as figuras paterna e materna quanto ao consumo de drogas e violência familiar com os responsáveis.

Em relação ao consumo de substâncias lícitas e ilícitas verificou-se que a figura paterna apresenta elevado percentual de uso de álcool (66,2%), tabaco (45,9%) e drogas ilícitas (32,4%). A figura materna também mostrou resultados aproximados e discretamente abaixo da figura masculina: álcool (64,9%), tabaco (44,6%) e drogas ilícitas (16,2%).

Em relação ao sexo, a figura paterna nos adolescentes de sexo masculino foi mais referenciada quanto ao consumo de álcool e tabaco em comparação ao sexo feminino atingindo diferenças respectivas de 12,5% e 7,5%. As drogas ilícitas da figura paterna não apresentaram diferenças significativa nas frequências para ambos os sexos. Situação distinta ocorreu na figura materna, na qual as adolescentes do sexo feminino referiram maior parte do consumo de substâncias em comparação ao masculino. Essa diferença atingiu 17,4% para cigarro e 13% para drogas ilícitas. Não se verificaram entre os adolescentes de ambos os sexos grandes variações de percentuais para o uso bebidas alcoólicas da figura materna.

Sobre o contexto de violência familiar, os dados mostraram que, em geral, a figura paterna apresentou os seguintes comportamentos: Agressão a um familiar (28,4%); ser agredido por familiar (17,6%); insultar, xingar, gritar a mãe/companheira (48,6%); ameaçar a bater, destruir objetos da mãe/companheira (32,4%); puxar, empurrar, esbofetear, torcer o braço, lançar um objeto capaz de ferir sua mãe/companheira (35,1%) e, ameaçar com faca ou arma, dar um murro ou pontapé, empurrar brutalmente contra a parede sua mãe (23%).

No que concerne à figura materna, verificaram-se os seguintes percentuais de comportamentos acerca da família: agressão a um familiar (24,3%); ser agredido por familiar (24,3%); insultar, xingar, gritar o pai/companheiro (51,4%); ameaçar a bater, destruir objetos do pai/companheiro (36,5%); puxar, empurrar, esbofetear, torcer o braço, lançar um objeto capaz de ferir seu pai/companheiro (29,7%) e, ameaçar com faca ou arma, dar um murro ou pontapé, empurrar brutalmente contra a parede seu pai (25,7%).

Tabela 22 - Razões de prevalência entre as experiências vividas com a figura paterna dos adolescentes e o sexo dos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017.

	Sexo		Sexo		Sexo	
	Feminino (n=29)		Masculino (n=45)		Total (n=74)	
Fumar cigarro						
Não	13	44,8% (33,5-70,0)	16	35,6% (27,9-57,8)	29	39,2% (34,3-58,2)
Sim	12	41,4% (30,0-66,5)	22	48,9% (42,2-72,1)	34	45,9% (41,8-65,7)
Faltantes	4 (13,8%)		7 (15,6%)		11 (14,9%)	
Ingerir bebidas alcóolicas						
Não	8	27,6% (17,2-51,6)	7	15,6% (9,0-32,7)	15	20,3% (14,7-35,1)
Sim	17	58,6% (48,4-82,8)	32	71,1% (67,3-91,0)	49	66,2% (64,9-85,3)
Faltantes	4 (13,8%)		6 (13,3%)		10 (13,5%)	
Usar drogas						
Não	17	58,6% (46,2-80,6)	22	48,9% (43,5-73,7)	39	52,7% (49,6-72,9)
Sim	9	31,0% (19,4-53,8)	15	33,3% (26,3-56,5)	24	32,4% (27,1-50,4)
Faltantes	3 (10,3%)		8 (17,8%)		11 (14,9%)	
Agredir outro(s) familiar(es)						
Não	16	55,2% (44,5-79,8)	27	60,0% (53,6-81,4)	43	58,1% (55,0-77,4)
Sim	9	31,0% (20,2-55,5)	12	26,7% (18,6-46,4)	21	28,4% (22,6-45,0)
Faltantes	4 (13,8%)		6 (13,3%)		10 (13,5%)	
Ser agredido(a) por outro(s) familiar(es)						
Não	20	69,0% (64,1-93,3)	30	66,7% (61,7-87,4)	50	67,6% (67,8-87,5)
Sim	4	13,8% (6,7-35,9)	9	20,0% (12,6-38,3)	13	17,6% (12,5-32,2)
Faltantes	5 (17,2%)		6 (13,3%)		11 (14,9%)	
Insultar, xingar, gritar, injuriar sua mãe						
Não	11	37,9% (26,7-62,9)	16	35,6% (27,9-57,8)	27	36,5% (31,4-55,1)
Sim	14	48,3% (37,1-73,3)	22	48,9% (42,2-72,1)	36	48,6% (44,9-68,6)
Faltantes	4 (13,8%)		7 (15,6%)		11 (14,9%)	
Ameaçar de bater, destruir um objeto de sua mãe						
Não	13	44,8% (35,1-72,1)	25	55,6% (49,9-78,8)	38	51,4% (48,8-72,4)
Sim	11	37,9% (27,9-64,9)	13	28,9% (21,2-50,1)	24	32,4% (27,6-51,2)
Faltantes	5 (17,2%)		7 (15,6%)		12 (16,2%)	
Puxar, empurrar, esbofetear, torcer o braço, lançar um objeto capaz de ferir sua mãe						
Não	13	44,8% (33,5-70,0)	23	51,1% (46,1-75,9)	36	48,6% (45,7-69,5)
Sim	12	41,4% (30,0-66,5)	14	31,1% (24,1-53,9)	26	35,1% (30,5-54,3)
Faltantes	4 (13,8%)		8 (17,8%)		12 (16,2%)	
Ameaçar com faca ou arma, dar um murro ou pontapé, empurrar brutalmente contra a parede sua mãe						
Não	15	51,7% (40,7-76,6)	30	66,7% (65,8-90,5)	45	60,8% (60,4-82,1)
Sim	10	34,5% (23,4-59,3)	7	15,6% (9,5-34,2)	17	23,0% (17,9-39,6)
Faltantes	4 (13,8%)		8 (17,8%)		12 (16,2%)	

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Tabela 23 - Razões de prevalência entre as experiências vividas com a figura materna dos adolescentes e o sexo dos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017.

	Sexo					
	Feminino (n=29)		Masculino (n=45)		Total (n=74)	
Fumar cigarro						
Não	13	44,8% (28,4-62,5)	24	53,3% (43,4-72,2)	37	50,0% (41,3-64,1)
Sim	16	55,2% (37,5-71,6)	17	37,8% (27,8-56,6)	33	44,6% (35,9-58,7)
Faltantes	0 (0%)		4 (8,9%)		4 (5,4%)	
Ingerir bebidas alcóolicas						
Não	11	37,9% (22,7-56,0)	12	26,7% (17,2-43,6)	23	31,1% (22,7-43,9)
Sim	18	62,1% (44,0-77,3)	30	66,7% (56,4-82,8)	48	64,9% (56,1-77,3)
Faltantes	0 (0%)		3 (6,7%)		3 (4,1%)	
Usar drogas						
Não	22	75,9% (57,9-87,8)	37	82,2% (75,0-94,8)	59	79,7% (72,7-90,1)
Sim	7	24,1% (12,2-42,1)	5	11,1% (5,2-25,0)	12	16,2% (9,9-27,3)
Faltantes	0 (0%)		3 (6,7%)		3 (4,1%)	
Agredir outro(s) familiar(es)						
Não	21	72,4% (54,3-85,3)	32	71,1% (61,5-86,5)	53	71,6% (63,4-83,3)
Sim	8	27,6% (14,7-45,7)	10	22,2% (13,5-38,5)	18	24,3% (16,7-36,6)
Faltantes	0 (0%)		3 (6,7%)		3 (4,1%)	
Ser agredido(a) por outro(s) familiar(es)						
Não	20	69,0% (52,9-84,7)	31	68,9% (60,7-86,2)	51	68,9% (62,5-82,8)
Sim	8	27,6% (15,3-47,1)	10	22,2% (13,8-39,3)	18	24,3% (17,2-37,5)
Faltantes	1 (3,4%)		4 (8,9%)		5 (6,8%)	
Insultar, xingar, gritar, injuriar seu pai						
Não	10	34,5% (23,4-59,3)	16	35,6% (27,1-56,6)	26	35,1% (29,5-52,9)
Sim	15	51,7% (40,7-76,6)	23	51,1% (43,4-72,9)	38	51,4% (47,1-70,5)
Faltantes	4 (13,8%)		6 (13,3%)		10 (13,5%)	
Ameaçar de bater, destruir um objeto de seu pai						
Não	13	44,8% (33,5-70,0)	24	53,3% (45,9-75,1)	37	50,0% (45,6-69,1)
Sim	12	41,4% (30,0-66,5)	15	33,3% (24,9-54,1)	27	36,5% (30,9-54,4)
Faltantes	4 (13,8%)		6 (13,3%)		10 (13,5%)	
Puxar, empurrar, esbofetear, torcer o braço, lançar um objeto capaz de ferir seu pai						
Não	14	48,3% (37,1-73,3)	28	62,2% (56,2-83,5)	42	56,8% (53,4-76,1)
Sim	11	37,9% (26,7-62,9)	11	24,4% (16,5-43,8)	22	29,7% (23,9-46,6)
Faltantes	4 (13,8%)		6 (13,3%)		10 (13,5%)	
Ameaçar com faca ou arma, dar um murro ou pontapé, empurrar brutalmente contra a parede seu pai						
Não	15	51,7% (40,7-76,6)	30	66,7% (61,7-87,4)	45	60,8% (58,2-80,1)
Sim	10	34,5% (23,4-59,3)	9	20,0% (12,6-38,3)	19	25,7% (19,9-41,8)
Faltantes	4 (13,8%)		6 (13,3%)		10 (13,5%)	

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Considerando os episódios de violência acima não se identificaram grandes diferenças percentuais de violências familiares por parte dos sexos dos adolescentes, apenas para o caso de violência física leves e graves da figura paterna contra a mãe/companheira totalizando, respectivamente, um valor de diferença de 10,3% e 18,9% para as adolescentes. Em relação as violências perpetradas pela figura materna, observaram-se diferenças maiores para o sexo feminino em relação às violências do tipo ameaça (8,1%); física leve (13,3%) e física grave (14,4%).

Os resultados acerca das violências vivenciadas nas RAI pelos adolescentes associados a caracterização dos pais/responsáveis foram apresentados na Tabela 24 (f. 124). Os dados mostram que as violências nas RAI vivenciadas tiveram maior incidência com alguns responsáveis antes do acolhimento. Os maiores percentuais de violências vivenciadas estiveram relacionados aos adolescentes cujos responsáveis eram algum membro familiar (31%) ou a mãe (26,8%). As violências nas RAI mais frequentes foram as relacionais (36,4%), psicológicas (31,4%) e físicas (31,1%) para algum membro familiar como responsável e ameaça (34,2%), relacional (33,3%) e física (31,1%) para a mãe.

Destacaram-se que os dados sobre a violência sexual nas RAI atingem cerca de 26,8% dos adolescentes que possuíam como responsável algum membro familiar e 24,4%, como mãe. Há casos que esse percentual se tornou alarmante quando superou até as outras violências vivenciadas como é o caso dos pais vivendo na mesma casa (12%) ou namorado(a) (9,8%).

As escolaridades materna e paterna também foram variáveis analisadas. Os dados revelaram que existe relação entre a violência vivenciada pelos adolescentes nas relações afetivas íntimas e o nível de escolaridade de seus responsáveis. Os dados apontam que a escolaridade dos responsáveis do sexo feminino não apresenta grandes diferenças estatísticas nos diversos níveis de instrução, apresentando valores aproximados de violência nos adolescentes independente de terem responsáveis com instrução de até ensino fundamental II completo (28,2%) ou que se inseriram ou completaram o ensino médio ou nível superior (25,3%).

Visualizando o fenômeno da violência nas relações afetivas segundo sua tipologia, os adolescentes que tinham as responsáveis que estudaram até o fundamental II apresentaram percentual de violências do tipo ameaça (29%), relacional (21,3%), física (24,4%), sexual (26,8%) e psicológica (28,6%) e àqueles com responsáveis de no mínimo ensino médio incompleto ou com até o ensino superior completo apresentaram as seguintes violências: ameaça (29%), relacional (30,3%), física (35,5%), sexual (31,7%) e psicológica (29,5%).

Após o exposto, tais valores revelam que as violências quando analisadas isoladamente apresentam maior magnitude para adolescentes com responsáveis de escolaridade de no mínimo ensino médio incompleto.

Em relação a escolaridade dos responsáveis de figura masculina, as violências nas relações afetivas dos adolescentes estiveram mais presentes nos casos em que os responsáveis possuíam escolaridade de até o ensino fundamental II completo (24%) em comparação àqueles com no mínimo ensino médio incompleto (14,9%)

Considerando os tipos de violência segundo a escolaridade até o ensino fundamental II identificaram-se os seguintes percentuais para violências: ameaça (21%), relacional (21,3%), física (26,6%), sexual (22%) e psicológica (24,2%). Os casos de violências associadas aos adolescentes cujos responsáveis possuíam no mínimo ensino médio incompleto tiveram como percentuais: ameaça (15,8%), relacional (15,2%), física (15,5%), sexual (17,1%) e psicológica (12,9%).

A ocupação também foi um marcador influenciador para a presença de violência nas relações afetivas íntimas. Diante da condição da figura materna estar trabalhando formalmente, os adolescentes vivenciaram mais violência do tipo sexual (53,7%), psicológica (47,1%) e relacional (42,4%). Quando o trabalho é informal, ficou predominante a violência relacional (9,1%), ameaça (7,9%) e sexual (7,1%). O desemprego foi outro indicador representativo para as violências, mantendo-se constante em seus valores quanto a tipologia: ameaça (18,4%), relacional (18,2%), física (17,8%), sexual (14,6%) e psicológica (18,6%).

Os adolescentes, cuja a figura paterna encontrava-se trabalhando, manifestaram mais violências nas relações afetivas íntimas do tipo sexual (15,5%), física (17,1%) e psicológica (12,9%). Quando seus responsáveis possuíam trabalho informal, esses adolescentes apresentaram maiores frequências para violências sexual (15,5%), física (17,1%) e psicológica (12,9%). Em situação de desemprego dos responsáveis paternos, observaram-se mais prevalentes as violências nas relações afetivas de adolescentes do tipo: relacional (3%), sexual (2,4%) e física (2,2%).

Os percentuais de violências nas relações revelaram valores importantes em se tratando do falecimento dos pais, e principalmente na ausência materna. As violências principais foram: ameaça (15,8%), relacional (12,1%) e física (13,3%) para a figura materna e, ameaça (10,5%), relacional (9,1%) e física (8,9%) para paterna.

Tabela 24 - Razões de prevalência entre as características dos pais/responsáveis e as formas de violências vivenciadas pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017
(Continuação).

	Ameaça (n=38)		Relacional (n=45)		Física (n=45)		Sexual (n=41)		Psicológica (n=70)		Geral (n=71)	
Responsável antes do acolhimento												
Seus pais, na mesma casa (pais biológicos ou adotivos)	0	0,0% (0,0-9,2)	0	0,0% (0,0-10,4)	1	2,2% (0,4-11,6)	5	12,2% (5,3-25,5)	6	8,6% (4,0-17,5)	6	8,5% (3,9-17,2)
Seus pais, separadamente (os pais dividem a guarda)	4	10,5% (4,2-24,1)	3	9,1% (3,1-23,6)	5	11,1% (4,8-23,5)	4	9,8% (3,9-22,5)	5	7,1% (3,1-15,7)	6	8,5% (3,9-17,2)
Sua mãe	13	34,2% (21,2-50,1)	11	33,3% (19,8-50,4)	14	31,1% (19,5-45,7)	10	24,4% (13,8-39,3)	19	27,1% (18,1-38,5)	19	26,8% (17,9-38,1)
Seu pai	4	10,5% (4,2-24,1)	3	9,1% (3,1-23,6)	6	13,3% (6,3-26,2)	4	9,8% (3,9-22,5)	8	11,4% (5,9-21,0)	8	11,3% (5,8-20,7)
Um membro da família	11	28,9% (17,0-44,8)	12	36,4% (22,2-53,4)	14	31,1% (19,5-45,7)	11	26,8% (15,7-41,9)	22	31,4% (21,8-43,0)	22	31,0% (21,4-42,5)
O namorado ou a namorada (companheiro)	1	2,6% (0,5-13,5)	0	0,0% (0,0-10,4)	0	0,0% (0,0-7,9)	2	4,9% (1,3-16,1)	2	2,9% (0,8-9,8)	2	2,8% (0,8-9,7)
Outro (especificar)	5	13,2% (5,8-27,3)	4	12,1% (4,8-27,3)	5	11,1% (4,8-23,5)	5	12,2% (5,3-25,5)	8	11,4% (5,9-21,0)	8	11,3% (5,8-20,7)
Escolaridade Materna												
Analfabeto	2	5,3% (1,5-17,7)	2	6,1% (1,8-21,3)	2	4,4% (1,3-15,8)	1	2,4% (0,5-13,8)	3	4,3% (1,6-12,7)	3	4,2% (1,6-12,5)
Cursou da 1ª a 4ª série	4	10,5% (4,3-24,7)	3	9,1% (3,5-25,6)	4	8,9% (3,8-22,1)	3	7,3% (2,8-21,3)	8	11,4% (6,4-22,5)	8	11,3% (6,3-22,1)
Cursou da 5ª a 8ª série	5	13,2% (5,9-28,0)	2	6,1% (1,8-21,3)	5	11,1% (5,2-25,0)	7	17,1% (9,5-34,2)	9	12,9% (7,5-24,3)	9	12,7% (7,3-23,9)
Ensino médio completo	8	21,1% (11,4-37,2)	7	21,2% (11,8-40,9)	11	24,4% (15,3-41,1)	7	17,1% (9,5-34,2)	12	17,1% (10,9-29,6)	12	16,9% (10,7-29,1)
Ensino médio incompleto	3	7,9% (2,8-21,3)	3	9,1% (3,5-25,6)	5	11,1% (5,2-25,0)	5	12,2% (5,9-28,0)	5	7,1% (3,3-16,8)	5	7,0% (3,3-16,5)
Curso técnico profissionalizante	0	0,0% (0,0-9,4)	0	0,0% (0,0-11,4)	0	0,0% (0,0-8,4)	0	0,0% (0,0-9,4)	0	0,0% (0,0-5,6)	0	0,0% (0,0-5,5)
Superior (universidade) incompleto	0	0,0% (0,0-9,4)	0	0,0% (0,0-11,4)	0	0,0% (0,0-8,4)	1	2,4% (0,5-13,8)	1	1,4% (0,3-8,2)	1	1,4% (0,3-8,1)
Superior (universidade) completo	0	0,0% (0,0-9,4)	0	0,0% (0,0-11,4)	0	0,0% (0,0-8,4)	0	0,0% (0,0-9,4)	0	0,0% (0,0-5,6)	0	0,0% (0,0-5,5)
Não sabe informar	15	39,5% (26,3-56,5)	13	39,4% (27,4-60,8)	15	33,3% (23,0-50,8)	13	31,7% (21,8-51,2)	27	38,6% (30,4-53,7)	28	39,4% (31,2-54,4)
Faltantes	1 (2,6%)		3 (9,1%)		3 (6,7%)		4 (9,8%)		5 (7,1%)		5 (7,0%)	
Escolaridade Paterna												
Analfabeto	4	10,5% (5,1-28,9)	5	15,2% (8,2-36,7)	6	13,3% (7,7-31,1)	5	12,2% (6,7-30,9)	8	11,4% (7,4-25,7)	8	11,3% (7,3-25,3)
Cursou da 1ª a 4ª série	0	0,0% (0,0-11,0)	0	0,0% (0,0-12,5)	0	0,0% (0,0-9,4)	0	0,0% (0,0-10,4)	1	1,4% (0,3-9,4)	1	1,4% (0,3-9,3)
Cursou da 5ª a 8ª série	4	10,5% (5,1-28,9)	2	6,1% (2,1-23,4)	6	13,3% (7,7-31,1)	4	9,8% (4,8-27,3)	8	11,4% (7,4-25,7)	8	11,3% (7,3-25,3)
Ensino médio completo	4	10,5% (5,1-28,9)	3	9,1% (3,9-28,1)	5	11,1% (5,9-28,0)	4	9,8% (4,8-27,3)	6	8,6% (5,0-21,5)	7	9,9% (6,1-23,2)
Ensino médio incompleto	0	0,0% (0,0-11,0)	0	0,0% (0,0-12,5)	0	0,0% (0,0-9,4)	0	0,0% (0,0-10,4)	0	0,0% (0,0-6,4)	0	0,0% (0,0-6,3)
Curso técnico profissionalizante	0	0,0% (0,0-11,0)	0	0,0% (0,0-12,5)	0	0,0% (0,0-9,4)	0	0,0% (0,0-10,4)	0	0,0% (0,0-6,4)	0	0,0% (0,0-6,3)
Superior (universidade) incompleto	0	0,0% (0,0-11,0)	0	0,0% (0,0-12,5)	0	0,0% (0,0-9,4)	0	0,0% (0,0-10,4)	0	0,0% (0,0-6,4)	0	0,0% (0,0-6,3)
Superior (universidade) completo	2	5,3% (1,8-20,7)	2	6,1% (2,1-23,4)	2	4,4% (1,5-17,7)	3	7,3% (3,1-23,6)	3	4,3% (1,8-14,6)	3	4,2% (1,8-14,4)
Não sabe informar	17	44,7% (37,8-70,8)	15	45,5% (37,3-72,4)	18	40,0% (33,4-64,1)	17	41,5% (35,2-67,5)	30	42,9% (40,7-66,0)	30	42,3% (39,9-65,0)
Faltantes	7 (18,4%)		6 (18,2%)		8 (17,8%)		8 (19,5%)		14 (20,0%)		14 (19,7%)	

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Tabela 24 - Razões de prevalência entre as características dos pais/responsáveis e as formas de violências vivenciadas pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017 (Conclusão).

	Ameaça		Relacional		Física		Sexual		Psicológica		Geral	
	(n=38)		(n=45)		(n=45)		(n=41)		(n=70)		(n=71)	
Ocupação Materna												
Trabalha	16	42,1% (27,9-57,8)	14	42,4% (28,2-60,7)	19	42,2% (29,0-56,7)	22	53,7% (38,7-67,9)	33	47,1% (36,5-59,4)	33	46,5% (35,9-58,7)
Estuda	0	0,0% (0,0-9,2)	0	0,0% (0,0-10,7)	0	0,0% (0,0-7,9)	0	0,0% (0,0-8,6)	1	1,4% (0,3-7,8)	1	1,4% (0,3-7,7)
Desempregada	7	18,4% (9,2-33,4)	6	18,2% (8,9-35,3)	8	17,8% (9,3-31,3)	6	14,6% (6,9-28,4)	13	18,6% (11,4-29,6)	13	18,3% (11,2-29,2)
Trabalho informal	3	7,9% (2,7-20,8)	3	9,1% (3,2-24,2)	3	6,7% (2,3-17,9)	3	7,3% (2,5-19,4)	5	7,1% (3,1-15,9)	5	7,0% (3,1-15,7)
Faleceu	6	15,8% (7,4-30,4)	4	12,1% (5,0-28,1)	6	13,3% (6,3-26,2)	4	9,8% (3,9-22,5)	8	11,4% (6,0-21,2)	8	11,3% (5,9-21,0)
Aposentada	3	7,9% (2,7-20,8)	2	6,1% (1,7-20,1)	4	8,9% (3,5-20,7)	3	7,3% (2,5-19,4)	4	5,7% (2,3-14,0)	5	7,0% (3,1-15,7)
Recebe benefício social	3	7,9% (2,7-20,8)	2	6,1% (1,7-20,1)	3	6,7% (2,3-17,9)	2	4,9% (1,3-16,1)	3	4,3% (1,5-12,0)	3	4,2% (1,5-11,9)
Não sabe informar	0	0,0% (0,0-9,2)	1	3,0% (0,6-15,7)	2	4,4% (1,2-14,8)	1	2,4% (0,4-12,6)	2	2,9% (0,8-10,0)	2	2,8% (0,8-9,8)
Faltantes	0 (0%)		1 (3,0%)		0 (0%)		0 (0%)		1 (1,4%)		1 (1,4%)	
Ocupação paterna												
Trabalha	17	44,7% (31,0-61,6)	14	42,4% (27,2-59,2)	22	48,9% (35,8-64,2)	22	53,7% (38,7-67,9)	33	47,1% (37,1-60,2)	34	47,9% (37,8-60,8)
Estuda	0	0,0% (0,0-9,4)	0	0,0% (0,0-10,4)	0	0,0% (0,0-8,0)	0	0,0% (0,0-8,6)	0	0,0% (0,0-5,3)	0	0,0% (0,0-5,3)
Desempregado	0	0,0% (0,0-9,4)	1	3,0% (0,5-15,3)	1	2,2% (0,4-11,8)	1	2,4% (0,4-12,6)	1	1,4% (0,3-7,9)	1	1,4% (0,3-7,8)
Trabalho informal	3	7,9% (2,8-21,3)	2	6,1% (1,7-19,6)	4	8,9% (3,6-21,2)	2	4,9% (1,3-16,1)	7	10,0% (5,1-19,8)	7	9,9% (5,0-19,5)
Faleceu	4	10,5% (4,3-24,7)	3	9,1% (3,1-23,6)	4	8,9% (3,6-21,2)	2	4,9% (1,3-16,1)	5	7,1% (3,2-16,1)	5	7,0% (3,1-15,9)
Aposentado	3	7,9% (2,8-21,3)	2	6,1% (1,7-19,6)	2	4,4% (1,3-15,1)	3	7,3% (2,5-19,4)	5	7,1% (3,2-16,1)	5	7,0% (3,1-15,9)
Recebe benefício social	0	0,0% (0,0-9,4)	0	0,0% (0,0-10,4)	0	0,0% (0,0-8,0)	0	0,0% (0,0-8,6)	0	0,0% (0,0-5,3)	0	0,0% (0,0-5,3)
Não sabe informar	10	26,3% (15,4-43,0)	11	33,3% (19,8-50,4)	11	24,4% (14,6-39,4)	11	26,8% (15,7-41,9)	17	24,3% (16,2-36,4)	17	23,9% (16,0-36,0)
Faltantes	1 (2,6%)		0 (0%)		1 (2,2%)		0 (0%)		2 (2,9%)		2 (2,8%)	

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Observou-se associação significativa da presença de violências nas RAI com o tipo de responsável antes do acolhimento (Tabelas 25, f. 127; Tabela 26, f. 128; e Tabela 27 f. 129).

A respeito das violências nas RAI, a chance de um indivíduo com pais de guarda separada sofrer ameaças é de 2,73 vezes comparado a um indivíduo com pais vivendo na mesma casa (biológicos ou adotivos), seguida de 1,78 vezes para violência física e 1,65 vezes para violência relacional nas mesmas condições.

Adolescentes com apenas a mãe como responsável apresentaram chance de 2,05 vezes para ameaça, 2,14 vezes para violência relacional e 1,7 vezes para violência física, mantendo os demais efeitos constantes.

Os indivíduos com apenas o pai como responsável apresentaram chance de 2,2 vezes de vivenciar violência física nas RAI do que aqueles com pais na mesma casa. Adolescentes com um outro membro familiar responsável também manifestaram chance de 1,96 vezes para o mesmo desfecho e 1,78 vezes para a violência relacional.

Um dado relevante é o fator de risco aumentado para os adolescentes que tinham como responsável antes do acolhimento uma pessoa fora da família, cujas as chances de vivenciarem violências nas RAI foram de 2,48 vezes para ameaças, 2,11 vezes para violência relacional e 1,76 vezes pra violência física.

Na análise dos dados, identificaram-se associações do nível de escolaridade e ocupação da figura paterna como fator de proteção para algumas violências nas RAI. A chance de um indivíduo de sofrer violência psicológica sendo o pai com escolaridade de 5ª a 8ª série é de 0,62 vezes a chance de um indivíduo que o pai é analfabeto no mesmo desfecho e de 0,63 vezes a chance de vivenciar qualquer violência mantendo os demais efeitos constantes.

A ocupação paterna apresentou associação na violência física, revelando a chance de um indivíduo de sofrer violência física sendo o pai aposentado é de 0,54 vezes a chance de um indivíduo que o pai trabalha formalmente de experienciar o mesmo tipo de violência.

Tabela 25 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre família e ameaça e violência relacional, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%).

Variáveis*	Ameaça				Violência Relacional			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Responsável antes do acolhimento								
Seus pais, na mesma casa (pais biológicos ou adotivos)	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Seus pais, separadamente (os pais dividem a guarda)	1,94	1,13 - 3,32	2,73	1,35 - 5,53	1,64	0,96 - 2,81	1,65	0,87 - 3,16
Sua mãe	1,92	1,25 - 2,93	2,05	1,06 - 4,04	1,73	1,13 - 2,65	2,14	1,18 - 3,98
Seu pai	1,65	0,99 - 2,76	1,84	0,87 - 3,93	1,45	0,87 - 2,44	1,85	0,93 - 3,70
Um membro da família	1,61	1,05 - 2,47	1,76	0,95 - 3,29	1,68	1,10 - 2,58	1,78	1,01 - 3,15
O namorado ou a namorada (companheiro)	1,64	0,75 - 3,55	1,53	0,50 - 4,84	1,00	0,45 - 2,16	0,7	0,25 - 1,99
Outro (especificar)	1,87	1,14 - 3,09	2,48	1,19 - 5,25	1,65	1,00 - 2,73	2,11	1,08 - 4,19
Escolaridade materna								
Analfabeto	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Cursou da 1ª a 4ª série	0,61	0,26 - 1,42	0,77	0,25 - 2,34	0,51	0,22 - 1,18	0,97	0,34 - 2,69
Cursou da 5ª a 8ª série	0,57	0,25 - 1,29	0,67	0,25 - 1,83	0,49	0,22 - 1,10	0,51	0,20 - 1,27
Ensino médio completo	0,64	0,29 - 1,42	0,81	0,29 - 2,30	0,64	0,29 - 1,39	0,95	0,37 - 2,46
Ensino médio incompleto	0,67	0,28 - 1,60	0,67	0,23 - 1,98	0,67	0,29 - 1,57	0,87	0,32 - 2,33
Não sabe informar	0,62	0,29 - 1,33	0,69	0,26 - 1,78	0,57	0,27 - 1,20	0,6	0,25 - 1,43
Escolaridade paterna								
Analfabeto	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Cursou da 5ª a 8ª série	1,00	0,59 - 1,67	0,64	0,28 - 1,43	0,69	0,41 - 1,14	0,51	0,24 - 1,07
Ensino médio completo	1,07	0,63 - 1,83	1,03	0,52 - 2,00	0,82	0,49 - 1,38	0,89	0,48 - 1,64
Superior (universidade) completo	1,19	0,59 - 2,38	1,26	0,54 - 2,92	1,05	0,53 - 2,06	1,66	0,76 - 3,57
Não sabe informar	1,04	0,68 - 1,58	0,93	0,55 - 1,58	0,85	0,56 - 1,28	0,97	0,60 - 1,58
Ocupação materna								
Trabalha	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Desempregada	1,02	0,69 - 1,50	1,22	0,73 - 2,04	1,11	0,74 - 1,64	1,31	0,82 - 2,08
Trabalho informal	1,31	0,77 - 2,25	1,39	0,68 - 2,81	1,42	0,81 - 2,50	1,58	0,83 - 3,01
Faleceu	1,42	0,90 - 2,24	1,23	0,66 - 2,29	1,11	0,68 - 1,77	1,03	0,58 - 1,81
Aposentada	1,13	0,69 - 1,83	0,84	0,41 - 1,67	1,00	0,60 - 1,65	0,94	0,50 - 1,78
Não sabe informar	0,62	0,30 - 1,30	0,58	0,21 - 1,62	1,1	0,51 - 2,40	1,31	0,51 - 3,35
Ocupação paterna								
Trabalha	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Trabalho informal	1,13	0,68 - 1,85	1,09	0,54 - 2,22	1,03	0,63 - 1,68	0,76	0,40 - 1,45
Faleceu	1,38	0,83 - 2,26	1,19	0,61 - 2,34	1,26	0,77 - 2,05	1,16	0,63 - 2,16
Aposentada	1,13	0,68 - 1,85	1,19	0,58 - 2,46	1,03	0,63 - 1,68	1,02	0,53 - 1,98
Não sabe informar	1,02	0,70 - 1,45	0,72	0,42 - 1,26	1,34	0,93 - 1,91	0,92	0,56 - 1,53

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Tabela 26 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre família e violências física e sexual, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%).

Variáveis*	Violência Física				Violência Sexual			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Responsável antes do acolhimento								
Seus pais, na mesma casa (pais biológicos ou adotivos)	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Seus pais, separadamente (os pais dividem a guarda)	1,99	1,18 - 3,33	1,78	1,01 - 3,12	0,95	0,54 - 1,66	0,76	0,39 - 1,46
Sua mãe	1,75	1,16 - 2,62	1,7	1,01 - 2,92	0,81	0,52 - 1,26	0,82	0,44 - 1,54
Seu pai	1,83	1,13 - 3,01	2,2	1,21 - 4,04	0,81	0,47 - 1,38	1,14	0,57 - 2,32
Um membro da família	1,59	1,05 - 2,40	1,96	1,20 - 3,22	0,79	0,50 - 1,23	0,72	0,41 - 1,29
O namorado ou a namorada (companheiro)	0,86	0,41 - 1,81	0,51	0,21 - 1,29	1,32	0,59 - 2,96	1,6	0,56 - 4,67
Outro (especificar)	1,62	1,01 - 2,63	1,76	0,98 - 3,19	0,91	0,55 - 1,55	0,87	0,44 - 1,76
Escolaridade materna								
Analfabeto	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Cursou da 1ª a 4ª série	0,61	0,28 - 1,31	1,3	0,52 - 3,15	0,85	0,38 - 1,89	0,85	0,29 - 2,40
Cursou da 5ª a 8ª série	0,57	0,27 - 1,20	0,6	0,27 - 1,34	1,24	0,57 - 2,71	1,59	0,63 - 4,06
Ensino médio completo	0,83	0,40 - 1,73	1,16	0,51 - 2,66	1,15	0,54 - 2,44	1,52	0,58 - 4,01
Ensino médio incompleto	1,00	0,46 - 2,21	1,38	0,58 - 3,27	1,65	0,73 - 3,75	2,03	0,74 - 5,56
Não sabe informar	0,62	0,31 - 1,24	0,63	0,29 - 1,35	0,94	0,45 - 1,92	0,93	0,38 - 2,25
Escolaridade paterna								
Analfabeto	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Cursou da 5ª a 8ª série	1,00	0,61 - 1,63	0,76	0,40 - 1,44	0,78	0,47 - 1,28	0,63	0,30 - 1,34
Ensino médio completo	0,97	0,58 - 1,60	1,1	0,64 - 1,88	0,95	0,56 - 1,59	0,75	0,40 - 1,39
Superior (universidade) completo	0,92	0,47 - 1,79	1,48	0,75 - 2,89	1,46	0,74 - 2,86	1,9	0,86 - 4,16
Não sabe informar	0,81	0,54 - 1,20	1,08	0,71 - 1,66	0,91	0,61 - 1,37	1,04	0,64 - 1,71
Ocupação materna								
Trabalha	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Desempregada	1,08	0,74 - 1,57	1,22	0,81 - 1,83	0,91	0,61 - 1,34	1,16	0,72 - 1,88
Trabalho informal	1,26	0,74 - 2,14	1,03	0,58 - 1,80	1,16	0,67 - 2,04	1,35	0,70 - 2,60
Faleceu	1,37	0,87 - 2,13	1,18	0,72 - 1,94	0,77	0,48 - 1,22	0,93	0,52 - 1,66
Aposentada	1,32	0,82 - 2,12	1,44	0,82 - 2,51	1,00	0,60 - 1,65	1,14	0,59 - 2,18
Não sabe informar	1,61	0,78 - 3,35	1,58	0,70 - 3,58	0,9	0,42 - 1,95	1,01	0,39 - 2,65
Ocupação paterna								
Trabalha	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Trabalho informal	1,23	0,76 - 1,99	0,91	0,52 - 1,60	0,68	0,41 - 1,10	0,71	0,37 - 1,39
Faleceu	1,23	0,76 - 1,99	1,06	0,62 - 1,82	0,82	0,50 - 1,34	0,79	0,42 - 1,48
Aposentada	0,83	0,51 - 1,33	0,54	0,31 - 0,96	1,01	0,62 - 1,64	0,89	0,46 - 1,75
Não sabe informar	1,07	0,75 - 1,52	0,92	0,60 - 1,43	1,07	0,75 - 1,53	1,01	0,61 - 1,69

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Tabela 27 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre família e violência psicológica e geral, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%).

Variáveis*	Violência Psicológica				Violência em geral			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Responsável antes do acolhimento								
Seus pais, na mesma casa (pais biológicos ou adotivos)	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Seus pais, separadamente (os pais dividem a guarda)	0,97	0,75 - 1,26	1,00	0,68 - 1,49	1,15	0,92 - 1,44	1,22	0,86 - 1,73
Sua mãe	1,1	0,90 - 1,34	0,87	0,61 - 1,27	1,1	0,92 - 1,31	0,9	0,65 - 1,26
Seu pai	1,15	0,91 - 1,47	1,37	0,90 - 2,09	1,15	0,93 - 1,43	1,37	0,94 - 2,01
Um membro da família	1,1	0,90 - 1,35	1,03	0,74 - 1,46	1,1	0,92 - 1,32	1,02	0,75 - 1,39
O namorado ou a namorada (companheiro)	1,15	0,79 - 1,66	0,96	0,51 - 1,81	1,15	0,83 - 1,59	0,92	0,52 - 1,63
Outro (especificar)	1,15	0,91 - 1,46	1,06	0,71 - 1,61	1,15	0,94 - 1,42	1,1	0,76 - 1,59
Escolaridade materna								
Analfabeto	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Cursou da 1ª a 4ª série	1,00	0,64 - 1,56	0,93	0,49 - 1,72	1,00	0,68 - 1,48	1,12	0,63 - 1,94
Cursou da 5ª a 8ª série	1,00	0,65 - 1,54	0,84	0,48 - 1,46	1,00	0,68 - 1,46	0,94	0,57 - 1,55
Ensino médio completo	0,91	0,60 - 1,39	0,82	0,46 - 1,46	0,91	0,63 - 1,32	0,88	0,53 - 1,48
Ensino médio incompleto	1,00	0,64 - 1,58	1,04	0,57 - 1,89	1,00	0,67 - 1,50	0,97	0,57 - 1,67
Não sabe informar	0,88	0,59 - 1,31	0,73	0,43 - 1,23	0,92	0,64 - 1,30	0,84	0,52 - 1,34
Escolaridade paterna								
Analfabeto	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Cursou da 5ª a 8ª série	0,88	0,67 - 1,15	0,62	0,40 - 0,97	0,88	0,70 - 1,11	0,63	0,42 - 0,94
Ensino médio completo	0,87	0,66 - 1,14	0,76	0,52 - 1,11	1,00	0,78 - 1,27	0,96	0,68 - 1,33
Superior (universidade) completo	1,00	0,69 - 1,44	1,00	0,62 - 1,59	1,00	0,73 - 1,37	1,01	0,66 - 1,53
Não sabe informar	0,93	0,75 - 1,16	0,85	0,64 - 1,15	0,93	0,77 - 1,13	0,85	0,65 - 1,11
Ocupação materna								
Trabalha	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Desempregada	0,94	0,76 - 1,16	1,07	0,80 - 1,42	0,94	0,78 - 1,13	1,05	0,81 - 1,35
Trabalho informal	1,04	0,77 - 1,40	1,06	0,71 - 1,56	1,04	0,80 - 1,35	1,12	0,78 - 1,59
Faleceu	0,88	0,68 - 1,13	0,72	0,51 - 1,02	0,88	0,70 - 1,10	0,74	0,54 - 1,01
Aposentada	0,85	0,65 - 1,11	0,77	0,52 - 1,13	1,04	0,82 - 1,32	0,94	0,66 - 1,33
Não sabe informar	1,04	0,69 - 1,57	0,73	0,41 - 1,29	1,04	0,73 - 1,49	0,73	0,44 - 1,22
Ocupação paterna								
Trabalha	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Trabalho informal	1,12	0,86 - 1,45	1,38	0,94 - 2,05	1,08	0,85 - 1,36	1,34	0,94 - 1,91
Faleceu	1,12	0,86 - 1,45	1,42	0,97 - 2,06	1,08	0,85 - 1,36	1,36	0,97 - 1,91
Aposentada	1,12	0,86 - 1,45	1,19	0,80 - 1,78	1,08	0,85 - 1,35	0,96	0,67 - 1,38
Não sabe informar	1,03	0,85 - 1,24	1,05	0,77 - 1,42	0,99	0,83 - 1,17	1,02	0,78 - 1,35

Fonte: RIBEIRO, 2019.

3.7 As violências nas RAI associadas aos grupos de amizades/pares

Ao se analisar os dados acerca dos grupos de amizades/pares em relação às violências nas RAI, as violências de um modo geral ficaram mais frequentes nos grupos de amizade/pares que abandonaram os estudos (67,7%) (Tabela 28, f. 131). As tipologias de violências mais prevalentes foram: relacional (78,8%), física (71,2%) e sexual (75,7%). Os adolescentes cujo o ciclo de amizade foi de nenhum componente abandonar os estudos apresentaram 26,8% de violência nas relações afetivas, sendo as ameaça (31,6%) e psicológicas (27,1%), mais recorrentes.

O consumo de drogas lícitas e ilícitas por parte do ciclo de amizades também foi um fator frequente para as violências nas relações afetivas dos adolescentes deste estudo. O consumo de bebidas alcoólicas demonstrou elevado percentual com a ocorrência de violências nas relações afetivas dos adolescentes com grupo de amizade que as consomem (87,4%). O consumo de álcool por parte do grupo de amizade manifestou maiores percentuais de associação às violências do tipo ameaça (94,8%), relacional (87,8%) e física (91,2%).

O mesmo fenômeno da violência foi observado inclusive nos adolescentes cujos amigos usavam tabaco (84,5%). Considerando a tipologia da violência nas RAI, o grupo cujo o consumo de tabaco era conhecido apresentou maior ocorrência nas violências do tipo ameaça (92,1%), relacional (90,9%) e física (86,6%).

Em relação à maconha, os dados evidenciaram violência nas RAI, principalmente, quando existiam indivíduos do ciclo de amizade que a consumia (71,9%). Analisando os casos de violência dos adolescentes cuja as amizades utilizavam essa droga, verificou-se maior frequência nas violências do tipo ameaça (73,8%), física (77,8%) e sexual (78%).

Considerando outras drogas como crack e cocaína, os dados apontam que o fenômeno das violências nas RAI ocorreu com alta magnitude independente da influência do consumo do ciclo de amizades, respectivamente 78,9% e 73,3. Também, ao se analisar os casos positivos de violência nas RAI com os adolescentes cujos amigos utilizavam essas drogas, identificaram-se as violências física (9,1%), ameaça (13,2%) e sexual (11%) para o crack e, ameaça (18,4%), física (15,1%) e sexual (13,3%) para cocaína.

Já o uso de outras drogas como inalantes, balinha e docinho por parte dos grupos de amizades, mostrou intensa associação com as violências nas RAI dos adolescentes (53,6%) atingindo maiores valores para os tipos ameaça (65,8%), física (60,1%) e sexual (58,6%).

Tabela 28 - Razões de prevalência entre o grupo de amizades/pares e as formas de violências vivenciadas pelos adolescentes de acolhimento institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017 (continua)

Grupo de Amizades/pares	Ameaça (n=38)		Relacional (n=45)		Física (n=45)		Sexual (n=41)		Psicológica (n=70)		Geral (n=71)	
Abandonaram os estudos												
Nenhuma	12	31,6% (19,6-48,5)	6	18,2% (8,9-35,3)	10	22,2% (12,8-37,0)	9	22,0% (12,3-37,5)	19	27,1% (18,7-39,6)	19	26,8% (18,4-39,0)
Um(a)	2	5,3% (1,5-17,7)	0	0,0% (0,0-10,7)	2	4,4% (1,3-15,1)	0	0,0% (0,0-8,8)	2	2,9% (0,8-10,1)	2	2,8% (0,8-10,0)
Algum/Algumas	8	21,1% (11,4-37,2)	11	33,3% (20,4-51,7)	12	26,7% (16,3-41,8)	12	29,3% (18,1-45,4)	20	28,6% (19,9-41,1)	20	28,2% (19,6-40,6)
A maioria	10	26,3% (15,4-43,0)	9	27,3% (15,6-45,4)	13	28,9% (18,2-44,2)	12	29,3% (18,1-45,4)	19	27,1% (18,7-39,6)	20	28,2% (19,6-40,6)
Todos/Todas	5	13,2% (5,9-28,0)	6	18,2% (8,9-35,3)	7	15,6% (7,9-29,4)	7	17,1% (8,7-31,9)	8	11,4% (6,1-21,5)	8	11,3% (6,0-21,2)
Faltantes	1 (2,6%)		1 (3,0%)		1 (2,2%)		1 (2,4%)		2 (2,9%)		2 (2,8%)	
Fumaram cigarro												
Nenhuma	3	7,9% (2,7-20,8)	3	9,1% (3,1-23,6)	4	8,9% (3,6-21,2)	6	14,6% (6,9-28,4)	7	10,0% (5,0-19,5)	7	9,9% (4,9-19,2)
Um(a)	0	0,0% (0,0-9,2)	0	0,0% (0,0-10,4)	1	2,2% (0,4-11,8)	3	7,3% (2,5-19,4)	3	4,3% (1,5-12,0)	3	4,2% (1,5-11,9)
Algum/Algumas	9	23,7% (13,0-39,2)	9	27,3% (15,1-44,2)	10	22,2% (12,8-37,0)	7	17,1% (8,5-31,3)	14	20,0% (12,5-31,2)	14	19,7% (12,3-30,8)
A maioria	12	31,6% (19,1-47,5)	11	33,3% (19,8-50,4)	14	31,1% (20,0-46,6)	9	22,0% (12,0-36,7)	21	30,0% (20,8-42,1)	21	29,6% (20,5-41,5)
Todos/Todas	14	36,8% (23,4-52,7)	10	30,3% (17,4-47,3)	15	33,3% (21,9-48,9)	16	39,0% (25,7-54,3)	24	34,3% (24,6-46,6)	25	35,2% (25,5-47,4)
Faltantes	0 (0%)		0 (0%)		1 (2,2%)		0 (0%)		1 (1,4%)		1 (1,4%)	
Utilizam ou utilizaram bebida alcoólica												
Nenhuma	1	2,6% (0,5-13,5)	2	6,1% (1,7-20,1)	2	4,4% (1,3-15,1)	3	7,3% (2,7-20,3)	4	5,7% (2,3-14,2)	4	5,6% (2,3-14,0)
Um(a)	1	2,6% (0,5-13,5)	1	3,0% (0,6-15,7)	1	2,2% (0,4-11,8)	2	4,9% (1,4-16,9)	3	4,3% (1,5-12,2)	3	4,2% (1,5-12,0)
Algum/Algumas	2	5,3% (1,5-17,3)	4	12,1% (5,0-28,1)	4	8,9% (3,6-21,2)	5	12,2% (5,6-26,7)	10	14,3% (8,2-25,0)	10	14,1% (8,1-24,7)
A maioria	10	26,3% (15,0-42,0)	8	24,2% (13,3-42,1)	12	26,7% (16,3-41,8)	10	24,4% (14,6-41,1)	19	27,1% (18,7-39,6)	19	26,8% (18,4-39,0)
Todos/Todas	24	63,2% (47,3-76,6)	17	51,5% (36,4-69,1)	25	55,6% (42,2-70,3)	19	46,3% (33,9-63,8)	32	45,7% (35,7-58,8)	33	46,5% (36,5-59,4)
Faltantes	0 (0%)		1 (3,0%)		1 (2,2%)		2 (4,9%)		2 (2,9%)		2 (2,8%)	
Fumaram maconha												
Nenhuma	8	21,1% (11,4-37,2)	8	24,2% (13,3-42,1)	8	17,8% (9,7-32,6)	8	19,5% (10,2-34,0)	14	20,0% (12,9-32,1)	14	19,7% (12,7-31,6)
Um(a)	1	2,6% (0,5-13,8)	1	3,0% (0,6-15,7)	0	0,0% (0,0-8,2)	1	2,4% (0,4-12,6)	3	4,3% (1,5-12,4)	3	4,2% (1,5-12,2)
Algum/Algumas	8	21,1% (11,4-37,2)	6	18,2% (8,9-35,3)	8	17,8% (9,7-32,6)	5	12,2% (5,3-25,5)	12	17,1% (10,6-28,7)	12	16,9% (10,4-28,4)
A maioria	8	21,1% (11,4-37,2)	6	18,2% (8,9-35,3)	11	24,4% (14,9-40,2)	13	31,7% (19,6-47,0)	20	28,6% (20,2-41,7)	20	28,2% (19,9-41,1)
Todos/Todas	12	31,6% (19,6-48,5)	11	33,3% (20,4-51,7)	16	35,6% (24,4-52,1)	14	34,1% (21,6-49,5)	18	25,7% (17,7-38,5)	19	26,8% (18,7-39,6)
Faltantes	1 (2,6%)		1 (3,0%)		2 (4,4%)		0 (0%)		3 (4,3%)		3 (4,2%)	
Usam crack												
Nenhuma	29	76,3% (67,3-91,9)	27	81,8% (71,1-94,9)	35	77,8% (71,6-93,1)	34	82,9% (75,9-95,8)	56	80,0% (78,8-94,5)	56	78,9% (77,2-93,5)
Um(a)	1	2,6% (0,5-14,5)	1	3,0% (0,6-16,2)	1	2,2% (0,4-12,6)	1	2,4% (0,5-13,5)	2	2,9% (0,9-10,9)	2	2,8% (0,9-10,7)
Algum/Algumas	1	2,6% (0,5-14,5)	2	6,1% (1,8-20,7)	2	4,4% (1,3-16,1)	2	4,9% (1,5-17,3)	2	2,9% (0,9-10,9)	2	2,8% (0,9-10,7)
A maioria	2	5,3% (1,6-18,6)	0	0,0% (0,0-11,0)	1	2,2% (0,4-12,6)	0	0,0% (0,0-9,2)	2	2,9% (0,9-10,9)	2	2,8% (0,9-10,7)
Todos/Todas	2	5,3% (1,6-18,6)	1	3,0% (0,6-16,2)	2	4,4% (1,3-16,1)	1	2,4% (0,5-13,5)	1	1,4% (0,3-8,5)	2	2,8% (0,9-10,7)
Faltantes	3 (7,9%)		2 (6,1%)		4 (8,9%)		3 (7,3%)		7 (10,0%)		7 (9,9%)	
Usaram cocaína												
Nenhuma	25	65,8% (54,9-83,7)	24	72,7% (60,2-88,6)	32	71,1% (63,3-88,0)	31	75,6% (66,6-90,8)	52	74,3% (71,4-90,0)	52	73,2% (70,0-88,9)
Um(a)	3	7,9% (3,0-22,4)	2	6,1% (1,8-20,7)	3	6,7% (2,5-19,4)	3	7,3% (2,7-20,8)	3	4,3% (1,6-13,1)	3	4,2% (1,6-12,9)
Algum/Algumas	3	7,9% (3,0-22,4)	3	9,1% (3,3-24,9)	3	6,7% (2,5-19,4)	2	4,9% (1,5-17,3)	5	7,1% (3,4-17,3)	5	7,0% (3,4-17,0)
A maioria	1	2,6% (0,5-14,5)	1	3,0% (0,6-16,2)	1	2,2% (0,4-12,6)	1	2,4% (0,5-13,5)	1	1,4% (0,3-8,5)	1	1,4% (0,3-8,3)
Todos/Todas	3	7,9% (3,0-22,4)	1	3,0% (0,6-16,2)	2	4,4% (1,3-16,1)	1	2,4% (0,5-13,5)	2	2,9% (0,9-10,9)	3	4,2% (1,6-12,9)
Faltantes	3 (7,9%)		2 (6,1%)		4 (8,9%)		3 (7,3%)		7 (10,0%)		7 (9,9%)	

Fonte: Ribeiro, 2019.

Tabela 28 - Razões de prevalência entre o grupo de amizades/pares e as formas de violências vivenciadas pelos adolescentes de institucional, Rio de Janeiro/RJ, março a junho de 2017 (conclusão)

Grupo de Amizades/pares	Ameaça (n=38)		Relacional (n=45)		Física (n=45)		Sexual (n=41)		Psicológica (n=70)		Geral (n=71)	
Usaram outras drogas												
Nenhuma	8	21,1% (12,1-39,0)	10	30,3% (19,2-51,2)	10	22,2% (14,2-40,2)	11	26,8% (17,5-45,8)	21	30,0% (23,3-46,3)	21	29,6% (22,9-45,6)
Um(a)	2	5,3% (1,6-18,6)	2	6,1% (1,8-21,3)	3	6,7% (2,6-19,9)	2	4,9% (1,5-17,7)	4	5,7% (2,5-15,4)	4	5,6% (2,5-15,2)
Algum/Algumas	14	36,8% (25,6-56,4)	8	24,2% (14,2-44,4)	12	26,7% (18,1-45,4)	9	22,0% (13,4-40,1)	19	27,1% (20,6-43,0)	19	26,8% (20,2-42,4)
A maioria	6	15,8% (8,1-32,7)	4	12,1% (5,3-29,7)	8	17,8% (10,5-34,8)	9	22,0% (13,4-40,1)	10	14,3% (9,0-27,2)	10	14,1% (8,9-26,8)
Todos/Todas	5	13,2% (6,3-29,4)	6	18,2% (9,5-37,3)	7	15,6% (8,7-31,9)	6	14,6% (7,7-31,1)	8	11,4% (6,7-23,4)	9	12,7% (7,7-25,0)
Faltantes	3 (7,9%)		3 (9,1%)		5 (11,1%)		4 (9,8%)		8 (11,4%)		8 (11,3%)	
Desrespeitaram a lei do trânsito												
Nenhuma	20	52,6% (37,3-67,5)	15	45,5% (30,9-63,6)	23	51,1% (37,9-66,2)	16	39,0% (28,7-59,1)	32	45,7% (38,8-62,7)	32	45,1% (38,1-61,9)
Um(a)	1	2,6% (0,5-13,5)	1	3,0% (0,6-15,7)	0	0,0% (0,0-8,0)	1	2,4% (0,5-13,8)	3	4,3% (1,6-13,1)	3	4,2% (1,6-12,9)
Algum/Algumas	6	15,8% (7,4-30,4)	6	18,2% (8,9-35,3)	6	13,3% (6,4-26,7)	6	14,6% (7,7-31,1)	12	17,1% (11,2-30,4)	12	16,9% (11,1-30,0)
A maioria	4	10,5% (4,2-24,1)	3	9,1% (3,2-24,2)	7	15,6% (7,9-29,4)	6	14,6% (7,7-31,1)	7	10,0% (5,5-21,2)	8	11,3% (6,5-22,8)
Todos/Todas	7	18,4% (9,2-33,4)	7	21,2% (11,0-38,8)	8	17,8% (9,5-32,0)	8	19,5% (11,4-37,2)	9	12,9% (7,7-25,0)	9	12,7% (7,6-24,6)
Faltantes	0 (0%)		1 (3,0%)		1 (2,2%)		4 (9,8%)		7 (10,0%)		7 (9,9%)	
Provocaram acidentes												
Nenhuma	17	44,7% (33,0-64,4)	17	51,5% (40,7-74,5)	25	55,6% (44,5-73,0)	25	61,0% (51,5-80,4)	38	54,3% (48,8-72,4)	38	53,5% (48,0-71,5)
Um(a)	5	13,2% (6,3-29,4)	3	9,1% (3,6-26,4)	4	8,9% (3,8-22,1)	2	4,9% (1,5-17,7)	7	10,0% (5,6-21,5)	7	9,9% (5,5-21,2)
Algum/Algumas	9	23,7% (14,2-42,1)	6	18,2% (9,8-38,4)	10	22,2% (13,5-38,5)	7	17,1% (9,5-34,2)	12	17,1% (11,4-30,9)	13	18,3% (12,5-32,2)
A maioria	1	2,6% (0,5-14,5)	0	0,0% (0,0-11,7)	0	0,0% (0,0-8,4)	0	0,0% (0,0-9,4)	2	2,9% (0,9-11,0)	2	2,8% (0,9-10,9)
Todos/Todas	3	7,9% (3,0-22,4)	3	9,1% (3,6-26,4)	3	6,7% (2,5-19,0)	3	7,3% (2,8-21,3)	3	4,3% (1,7-13,3)	3	4,2% (1,6-13,1)
Faltantes	3 (7,9%)		4 (12,1%)		3 (6,7%)		4 (9,8%)		8 (11,4%)		8 (11,3%)	
Praticaram vandalismo												
Nenhuma	15	39,5% (27,1-57,8)	10	30,3% (18,0-48,6)	15	33,3% (24,2-53,0)	15	36,6% (25,6-55,3)	26	37,1% (30,0-53,6)	27	38,0% (30,9-54,4)
Um(a)	3	7,9% (2,9-21,8)	3	9,1% (3,2-24,2)	3	6,7% (2,6-19,9)	3	7,3% (2,7-20,8)	4	5,7% (2,5-15,2)	4	5,6% (2,5-15,0)
Algum/Algumas	5	13,2% (6,1-28,7)	6	18,2% (8,9-35,3)	6	13,3% (7,1-29,1)	5	12,2% (5,8-27,3)	12	17,1% (11,2-30,4)	12	16,9% (11,1-30,0)
A maioria	6	15,8% (7,9-31,9)	6	18,2% (8,9-35,3)	6	13,3% (7,1-29,1)	5	12,2% (5,8-27,3)	8	11,4% (6,6-23,1)	8	11,3% (6,5-22,8)
Todos/Todas	7	18,4% (9,8-35,0)	7	21,2% (11,0-38,8)	10	22,2% (14,2-40,2)	10	24,4% (15,0-42,0)	13	18,6% (12,5-32,2)	13	18,3% (12,3-31,7)
Faltantes	2 (5,3%)		1 (3,0%)		5 (11,1%)		3 (7,3%)		7 (10,0%)		7 (9,9%)	
Já foram ou são forçados a serem apalpadados ou terem relações sexuais sem o seu consentimento pelo (a) namorado (a) ou companheiro (a)												
Nenhuma	17	44,7% (44,2-78,5)	17	51,5% (46,2-80,6)	21	46,7% (52,1-83,3)	20	48,8% (46,9-78,9)	36	51,4% (53,4-77,8)	36	50,7% (53,4-77,8)
Um(a)	2	5,3% (2,1-23,4)	1	3,0% (0,7-18,9)	0	0,0% (0,0-11,4)	3	7,3% (3,3-24,9)	4	5,7% (2,9-17,6)	4	5,6% (2,9-17,6)
Algum/Algumas	6	15,8% (10,6-40,8)	6	18,2% (11,0-42,1)	7	15,6% (11,8-40,9)	5	12,2% (7,1-32,6)	9	12,9% (9,0-28,7)	9	12,7% (9,0-28,7)
A maioria	0	0,0% (0,0-12,5)	0	0,0% (0,0-12,9)	0	0,0% (0,0-11,4)	0	0,0% (0,0-11,0)	1	1,4% (0,3-9,8)	1	1,4% (0,3-9,8)
Todos/Todas	2	5,3% (2,1-23,4)	2	6,1% (2,1-24,1)	2	4,4% (1,8-21,3)	3	7,3% (3,3-24,9)	4	5,7% (2,9-17,6)	4	5,6% (2,9-17,6)
Faltantes	11 (28,9%)		7 (21,2%)		15 (33,3%)				16 (22,9%)		17 (23,9%)	

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Os adolescentes com amigos que desrespeitaram as leis do trânsito reportam relação com eventos de violências nas RAI em geral (40,9%). Essa associação esteve mais presente principalmente nas violências do tipo relacional (48,5%), física (46,7%) e sexual (48,7%). Àqueles cujos amigos provocaram algum acidente mostraram um percentual de violências em geral (25,3%) obtendo maiores nas violências ameaça (34,2%), relacional (27,3%) e física (28,9%).

Diante do pertencimento de grupo de amigos com práticas de vandalismos, observou-se 46,5% de casos de violências nas RAI vivenciadas pelos adolescentes. As violências mais recorrentes foram relacionais (57,6%), físicas (48,8%) e sexuais (48,8%). Outra variável analisada foi o histórico de violência sexual vivenciada pelos amigos apresentando percentual reduzido para violências nas RAI dos adolescentes (19,7%). Dentre os tipos principais, pontuaram-se ameaça (21,1%), relacional (24,3%) e física (20%).

Houve associação de violências nas RAI nas variáveis do ciclo de amizades/pares (Tabela 29, f. 135; Tabela 30, f. 137; Tabela 31, f. 139).

Nos eventos de ameaça nas RAI, os resultados indicam que a chance de um indivíduo de sofrer ameaça em que todos seus amigos já utilizaram bebida alcoólica é de 2,33 vezes a chance de um indivíduo que nenhum de seus amigos utilizaram bebidas alcoólicas.

Identificou-se também a influência do ciclo de amizade durante o desrespeito às leis de trânsito para as ameaças em RAI. A chance de um(a) adolescente que algum amigo desrespeitou as leis o trânsito é de 0,43 vezes de vivencia-la do que um indivíduo que nenhum de seus amigos desrespeitou as leis de trânsito. Em relação aos participantes com a maioria de seus amigos que já desrespeitaram as leis de trânsito, a chance é de 0,42 vezes para vivenciar essa violência.

Relacionada a violência física nas RAI, a chance de um indivíduo de estar exposto ao desfecho quando algum amigo já desrespeitou às leis de trânsito é de 0,24 vezes a chance de um indivíduo que nenhum de seus amigos nestas mesmas condições.

Percebe-se que os adolescentes que possuíram todos os seus amigos usando drogas apresentaram maiores chances (2,98 vezes) de vivenciar violência relacional nas RAI do que um indivíduo que nenhum de seus amigos usou drogas. A chance de um indivíduo de sofrer violência relacional sendo que um amigo já provocou acidentes é de 2,35 vezes a chance de um indivíduo que nenhum de seus amigos tenha provocado acidentes de sofrer violência relacional. Analisando essas chances em outras variáveis, esse valor caiu para 0,12 vezes chances em indivíduos que a maioria de seus amigos já provocaram acidentes.

A análise estatística indicou que a chance de um indivíduo sofrer violência sexual sendo que algum amigo já tenha provocado acidentes é de 0,33 vezes chances que um indivíduo que nenhum de seus amigos tenham provocado acidentes para o mesmo desfecho.

Tabela 29 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre ciclo de amizade e ameaça e violência relacional, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%) (continua)

Variáveis*	Ameaça				Violência Relacional			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Abandonaram os estudos								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,49	0,71 - 3,14	0,82	0,26 - 2,64	0,74	0,36 - 1,54	0,64	0,17 - 2,48
Algum/Algumas	0,79	0,58 - 1,08	0,53	0,26 - 1,05	1,22	0,91 - 1,66	0,75	0,33 - 1,68
A maioria	0,91	0,67 - 1,24	0,83	0,51 - 1,34	1,16	0,86 - 1,58	1,29	0,73 - 2,26
Todos/Todas	1,02	0,67 - 1,56	0,53	0,25 - 1,17	1,57	1,03 - 2,37	0,73	0,30 - 1,84
Fumaram cigarro								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	0,72	0,37 - 1,38	0,69	0,17 - 2,96	0,72	0,37 - 1,38	1,48	0,30 - 8,12
Algum/Algumas	1,31	0,87 - 1,99	1,14	0,52 - 2,46	1,31	0,87 - 1,98	1,27	0,51 - 3,14
A maioria	1,27	0,86 - 1,88	1,96	0,91 - 4,29	1,21	0,82 - 1,79	2,03	0,82 - 5,06
Todos/Todas	1,26	0,85 - 1,85	1,00	0,44 - 2,22	1,07	0,72 - 1,58	1,00	0,39 - 2,54
Utilizam ou utilizaram bebida alcoólica								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,15	0,57 - 2,27	0,61	0,14 - 2,59	0,94	0,44 - 1,96	0,44	0,08 - 2,42
Algum/Algumas	1,00	0,60 - 1,68	0,58	0,28 - 1,21	1,00	0,57 - 1,75	0,8	0,34 - 1,89
A maioria	1,35	0,85 - 2,16	1,79	0,75 - 4,24	1,00	0,61 - 1,66	1,38	0,50 - 3,78
Todos/Todas	1,66	1,05 - 2,61	2,33	1,07 - 5,09	1,11	0,68 - 1,80	1,12	0,46 - 2,80
Fumaram maconha								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	0,82	0,43 - 1,55	1,61	0,71 - 3,60	0,82	0,43 - 1,54	0,74	0,29 - 1,89
Algum/Algumas	1,04	0,71 - 1,51	0,84	0,40 - 1,75	0,9	0,62 - 1,31	1,06	0,45 - 2,53
A maioria	0,88	0,62 - 1,23	0,72	0,34 - 1,53	0,79	0,57 - 1,11	0,74	0,31 - 1,79
Todos/Todas	1,1	0,77 - 1,58	0,65	0,28 - 1,47	1,05	0,73 - 1,49	0,94	0,36 - 2,44
Usaram cocaína								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,72	0,96 - 3,09	0,7	0,23 - 2,13	1,26	0,68 - 2,31	0,92	0,25 - 3,35
Algum/Algumas	1,15	0,73 - 1,81	4,41	1,53 - 12,61	1,18	0,73 - 1,88	1,22	0,36 - 4,16
Todos/Todas	1,72	0,97 - 3,09	4,97	1,44 - 17,45	0,9	0,50 - 1,66	0,86	0,20 - 3,71
Usaram outras drogas (lança perfume, anabolizantes, êxtase)								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,05	0,65 - 1,70	1,34	0,73 - 2,47	0,97	0,58 - 1,59	0,96	0,47 - 1,97
Algum/Algumas	1,48	1,09 - 2,00	1,36	0,79 - 2,39	0,99	0,72 - 1,35	0,56	0,29 - 1,07
A maioria	1,29	0,89 - 1,86	1,49	0,74 - 2,99	0,97	0,66 - 1,42	0,69	0,30 - 1,55
Todos/Todas	1,23	0,83 - 1,82	1,27	0,50 - 3,29	1,26	0,83 - 1,89	2,98	1,00 - 9,05

Tabela 29 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre ciclo de amizade e ameaça e violência relacional, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%) (conclusão)

Variáveis*	Ameaça				Violência Relacional			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Desrespeitaram a lei do trânsito								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	0,79	0,43 - 1,45	0,6	0,28 - 1,30	0,91	0,50 - 1,66	0,61	0,25 - 1,52
Algum/Algumas	0,93	0,67 - 1,30	0,43	0,22 - 0,86	1,08	0,77 - 1,50	0,61	0,27 - 1,38
A maioria	0,93	0,63 - 1,38	0,42	0,18 - 1,00	0,95	0,64 - 1,40	0,55	0,20 - 1,50
Todos/Todas	1,23	0,84 - 1,80	0,3	0,06 - 1,51	1,42	0,97 - 2,07	0,49	0,07 - 3,31
Provocaram acidentes								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,34	0,89 - 1,99	1,23	0,62 - 2,48	1,00	0,67 - 1,50	2,35	1,06 - 5,35
Algum/Algumas	1,31	0,96 - 1,78	0,69	0,37 - 1,30	1,04	0,76 - 1,42	0,63	0,30 - 1,32
A maioria	1,08	0,53 - 2,19	0,15	0,05 - 0,50	0,66	0,32 - 1,34	0,12	0,03 - 0,46
Todos/Todas	1,77	0,97 - 3,22	4,24	0,72 - 25,17	1,77	0,97 - 3,24	0,97	0,12 - 7,74
Praticaram vandalismo								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,26	0,73 - 2,16	0,92	0,27 - 3,05	1,5	0,88 - 2,54	3,47	0,84 - 14,13
Algum/Algumas	0,91	0,64 - 1,28	0,75	0,43 - 1,32	1,17	0,83 - 1,64	0,87	0,45 - 1,69
A maioria	1,26	0,84 - 1,88	2,45	0,89 - 6,72	1,5	1,01 - 2,22	1,43	0,44 - 4,63
Todos/Todas	1,02	0,72 - 1,44	1,14	0,39 - 3,37	1,21	0,86 - 1,70	0,94	0,27 - 3,35
Já foram agredidos pelo (a) namorado(a) ou companheiro (a)								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,26	0,87 - 1,82	2,01	0,97 - 4,25	1,31	0,90 - 1,88	2,59	1,10 - 6,22
Algum/Algumas	1,32	0,95 - 1,82	1,64	0,88 - 3,05	1,18	0,85 - 1,64	2,27	1,10 - 4,69
A maioria	1,14	0,79 - 1,64	2,98	1,28 - 7,14	1,18	0,82 - 1,70	4,06	1,50 - 11,24
Todos/Todas	1,14	0,54 - 2,41	1,02	0,42 - 2,42	1,18	0,56 - 2,49	1,26	0,45 - 3,46

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Tabela 30 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre ciclo de amizade e violências física e sexual, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%). (continuação)

Variáveis*	Violência Física				Violência Sexual			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Abandonaram os estudos								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,65	0,80 - 3,40	3,26	0,54 - 20,65	0,64	0,31 - 1,32	0,39	0,06 - 2,54
Algum/Algumas	1,05	0,78 - 1,41	1,22	0,39 - 3,61	1,1	0,82 - 1,49	0,92	0,30 - 2,76
A maioria	1,16	0,86 - 1,58	1,14	0,53 - 2,43	1,16	0,86 - 1,58	1,75	0,81 - 3,78
Todos/Todas	1,45	0,96 - 2,19	1,41	0,42 - 4,95	1,53	1,01 - 2,31	0,87	0,26 - 3,10
Fumaram cigarro								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	0,9	0,46 - 1,73	1,35	0,15 - 13,66	1,4	0,72 - 2,68	0,69	0,08 - 7,17
Algum/Algumas	1,25	0,83 - 1,90	1,08	0,31 - 3,68	0,82	0,54 - 1,24	0,56	0,16 - 1,93
A maioria	1,25	0,85 - 1,85	1,23	0,36 - 4,23	0,79	0,54 - 1,16	0,64	0,19 - 2,24
Todos/Todas	1,17	0,79 - 1,72	0,71	0,20 - 2,53	0,97	0,66 - 1,43	0,93	0,25 - 3,35
Utilizam ou utilizaram bebida alcoólica								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	0,94	0,46 - 1,88	0,7	0,07 - 7,02	1,07	0,51 - 2,24	1,33	0,13 - 13,62
Algum/Algumas	1,00	0,59 - 1,70	0,78	0,24 - 2,51	0,91	0,52 - 1,59	1,06	0,33 - 3,44
A maioria	1,22	0,77 - 1,97	1,00	0,25 - 3,92	0,91	0,55 - 1,51	2,33	0,59 - 9,28
Todos/Todas	1,4	0,88 - 2,22	0,76	0,22 - 2,63	0,96	0,59 - 1,57	2,47	0,72 - 8,63
Fumaram maconha								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	0,59	0,32 - 1,06	0,5	0,14 - 1,81	0,82	0,44 - 1,52	1,39	0,38 - 5,06
Algum/Algumas	1,04	0,73 - 1,47	0,98	0,31 - 3,15	0,84	0,58 - 1,21	0,71	0,22 - 2,32
A maioria	1,02	0,74 - 1,40	1,05	0,32 - 3,44	1,13	0,81 - 1,57	0,66	0,20 - 2,19
Todos/Todas	1,36	0,98 - 1,90	1,45	0,38 - 5,24	1,23	0,87 - 1,73	0,84	0,22 - 3,06
Usaram cocaína								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,52	0,84 - 2,74	1,9	0,32 - 11,02	1,54	0,85 - 2,80	0,64	0,11 - 3,81
Algum/Algumas	1,02	0,64 - 1,60	1,99	0,37 - 10,51	0,85	0,53 - 1,34	0,73	0,13 - 3,92
Todos/Todas	1,09	0,61 - 1,97	0,82	0,11 - 5,99	0,79	0,44 - 1,44	1,99	0,27 - 14,86
Usaram outras drogas (lança perfume, anabolizantes, êxtase)								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,18	0,73 - 1,90	0,7	0,27 - 1,84	0,93	0,57 - 1,49	1,23	0,47 - 3,29
Algum/Algumas	1,22	0,90 - 1,64	0,96	0,40 - 2,34	1,00	0,73 - 1,35	1,36	0,57 - 3,35
A maioria	1,44	1,00 - 2,08	0,79	0,26 - 2,38	1,53	1,06 - 2,20	2,01	0,66 - 6,15
Todos/Todas	1,41	0,95 - 2,08	1,67	0,38 - 7,55	1,21	0,81 - 1,78	0,95	0,21 - 4,35

Tabela 30 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre ciclo de amizade e violências física e sexual, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%). (conclusão)

Variáveis*	Violência Física				Violência Sexual			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Desrespeitaram a lei do trânsito								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	0,52	0,30 - 0,89	0,24	0,07 - 0,83	0,88	0,49 - 1,59	1,38	0,41 - 4,81
Algum/Algumas	0,86	0,63 - 1,16	0,81	0,27 - 2,43	1,05	0,75 - 1,45	0,39	0,13 - 1,18
A maioria	1,25	0,88 - 1,76	1,35	0,34 - 5,36	1,34	0,92 - 1,95	0,3	0,07 - 1,20
Todos/Todas	1,26	0,89 - 1,77	1,1	0,08 - 14,48	1,54	1,06 - 2,23	0,16	0,01 - 2,21
Provocaram acidentes								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	0,95	0,64 - 1,39	1,00	0,34 - 3,04	0,71	0,48 - 1,06	0,88	0,30 - 2,72
Algum/Algumas	1,16	0,86 - 1,56	0,92	0,34 - 2,50	0,92	0,67 - 1,25	0,33	0,12 - 0,92
A maioria	0,54	0,27 - 1,06	0,24	0,04 - 1,57	0,54	0,27 - 1,08	0,27	0,04 - 1,80
Todos/Todas	1,45	0,82 - 2,58	0,41	0,02 - 6,93	1,45	0,80 - 2,61	5,89	0,35 - 101,86
Praticaram vandalismo								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,26	0,74 - 2,13	1,46	0,21 - 9,82	1,26	0,74 - 2,14	1,04	0,15 - 7,13
Algum/Algumas	0,98	0,70 - 1,38	0,72	0,29 - 1,77	0,91	0,64 - 1,27	1,45	0,58 - 3,59
A maioria	1,26	0,85 - 1,86	0,71	0,14 - 3,53	1,12	0,75 - 1,65	4,24	0,83 - 21,33
Todos/Todas	1,29	0,92 - 1,79	0,61	0,11 - 3,38	1,29	0,91 - 1,80	3,65	0,66 - 20,73
Já foram agredidos pelo (a) namorado(a) ou companheiro (a)								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,35	0,94 - 1,94	1,94	0,61 - 6,36	1,31	0,91 - 1,87	0,8	0,25 - 2,65
Algum/Algumas	1,08	0,78 - 1,48	1,96	0,74 - 5,25	0,97	0,70 - 1,33	0,83	0,31 - 2,24
A maioria	1,11	0,77 - 1,59	1,96	0,51 - 7,82	0,97	0,68 - 1,38	1,19	0,31 - 4,81
Todos/Todas	1,00	0,47 - 2,10	0,97	0,24 - 3,82	1,59	0,76 - 3,32	1,48	0,36 - 5,93

Fonte: RIBEIRO, 2019.

Tabela 31 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre ciclo de amizade e violências psicológica e em geral, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%) (continuação)

Variáveis*	Violência Psicológica				Violência em geral			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Abandonaram os estudos								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,05	0,74 - 1,49	1,64	0,51 - 5,48	1,05	0,78 - 1,42	1,59	0,54 - 4,87
Algum/Algumas	0,96	0,83 - 1,11	1,00	0,48 - 2,04	0,96	0,85 - 1,09	1,00	0,50 - 1,92
A maioria	1,00	0,87 - 1,16	0,98	0,59 - 1,61	1,05	0,93 - 1,19	1,01	0,63 - 1,60
Todos/Todas	1,05	0,86 - 1,28	1,07	0,49 - 2,44	1,05	0,88 - 1,25	0,98	0,47 - 2,09
Fumaram cigarro								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,25	0,93 - 1,68	1,35	0,33 - 6,11	1,25	0,97 - 1,61	1,25	0,33 - 5,07
Algum/Algumas	1,17	0,97 - 1,41	1,25	0,56 - 2,79	1,17	1,00 - 1,37	1,31	0,62 - 2,76
A maioria	1,25	1,05 - 1,49	1,36	0,61 - 3,06	1,25	1,08 - 1,45	1,42	0,68 - 3,01
Todos/Todas	1,2	1,01 - 1,43	1,2	0,52 - 2,75	1,25	1,07 - 1,45	1,3	0,60 - 2,79
Utilizam ou utilizaram bebida alcoólica								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,22	0,87 - 1,71	0,81	0,18 - 3,66	1,22	0,91 - 1,63	0,76	0,19 - 3,07
Algum/Algumas	1,22	0,95 - 1,58	1,16	0,54 - 2,49	1,22	0,98 - 1,52	1,11	0,55 - 2,25
A maioria	1,16	0,93 - 1,46	0,92	0,38 - 2,25	1,16	0,96 - 1,42	0,9	0,39 - 2,05
Todos/Todas	1,15	0,92 - 1,44	0,97	0,44 - 2,18	1,19	0,98 - 1,44	0,97	0,46 - 2,06
Fumaram maconha								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,07	0,79 - 1,43	1,00	0,43 - 2,31	1,07	0,83 - 1,37	1,04	0,48 - 2,25
Algum/Algumas	0,93	0,78 - 1,10	0,96	0,45 - 2,07	0,93	0,80 - 1,08	0,93	0,46 - 1,89
A maioria	1,07	0,92 - 1,25	1,38	0,63 - 3,00	1,07	0,94 - 1,22	1,29	0,63 - 2,65
Todos/Todas	1,01	0,86 - 1,20	1,28	0,54 - 2,97	1,07	0,93 - 1,23	1,1	0,49 - 2,39
Usaram cocaína								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,05	0,79 - 1,40	0,86	0,27 - 2,73	1,05	0,82 - 1,36	0,86	0,29 - 2,50
Algum/Algumas	1,06	0,85 - 1,31	1,00	0,33 - 2,95	1,06	0,86 - 1,28	1,05	0,38 - 2,88
Todos/Todas	0,76	0,57 - 1,00	0,66	0,18 - 2,43	1,06	0,82 - 1,36	0,96	0,29 - 3,18
Usaram outras drogas (lança perfume, anabolizantes, êxtase)								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	0,89	0,70 - 1,13	0,74	0,39 - 1,39	0,89	0,73 - 1,09	0,74	0,41 - 1,33
Algum/Algumas	1,09	0,94 - 1,27	0,95	0,54 - 1,70	1,09	0,96 - 1,24	0,96	0,57 - 1,65
A maioria	1,09	0,91 - 1,31	0,88	0,43 - 1,82	1,09	0,93 - 1,28	0,89	0,46 - 1,74
Todos/Todas	0,98	0,80 - 1,18	0,81	0,31 - 2,18	1,09	0,92 - 1,29	0,98	0,40 - 2,45

Tabela 31 - Modelos de regressão logística bayesiano para a associação entre ciclo de amizade e violências psicológica e em geral, Odds Ratio (OR) e respectivos intervalos de credibilidade (ICred 95%) (conclusão)

Variáveis*	Violência Psicológica				Violência em geral			
	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%	OR	ICred 95%	OR ajustada	ICred 95%
Desrespeitaram a lei do trânsito								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,09	0,81 - 1,46	0,82	0,37 - 1,84	1,09	0,85 - 1,40	0,92	0,44 - 1,93
Algum/Algumas	1,09	0,93 - 1,28	1,23	0,60 - 2,52	1,09	0,95 - 1,25	1,19	0,61 - 2,31
A maioria	0,96	0,80 - 1,16	0,8	0,33 - 1,97	1,09	0,93 - 1,28	1,01	0,44 - 2,33
Todos/Todas	1,09	0,91 - 1,31	1,4	0,26 - 7,52	1,09	0,93 - 1,28	1,41	0,30 - 6,72
Provocaram acidentes								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,05	0,88 - 1,25	0,87	0,43 - 1,81	1,05	0,91 - 1,22	0,85	0,44 - 1,66
Algum/Algumas	0,97	0,85 - 1,12	1,01	0,52 - 1,94	1,05	0,94 - 1,18	1,09	0,60 - 2,00
A maioria	1,05	0,77 - 1,44	1,19	0,34 - 4,05	1,05	0,81 - 1,36	0,97	0,31 - 3,03
Todos/Todas	1,05	0,81 - 1,37	1,00	0,16 - 6,29	1,05	0,85 - 1,30	0,98	0,18 - 5,40
Praticaram vandalismo								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,11	0,89 - 1,39	0,9	0,26 - 3,14	1,07	0,89 - 1,29	0,94	0,29 - 2,96
Algum/Algumas	1,11	0,96 - 1,28	1,08	0,60 - 1,94	1,07	0,95 - 1,21	1,06	0,61 - 1,81
A maioria	1,11	0,94 - 1,31	1,03	0,36 - 2,94	1,07	0,93 - 1,23	1,02	0,38 - 2,67
Todos/Todas	1,11	0,96 - 1,28	0,85	0,28 - 2,62	1,07	0,95 - 1,21	0,76	0,27 - 2,15
Já foram agredidos pelo (a) namorado(a) ou companheiro (a)								
Nenhuma	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.	1,00	ref.
Um(a)	1,14	0,96 - 1,36	1,29	0,60 - 2,80	1,11	0,95 - 1,29	1,38	0,68 - 2,83
Algum/Algumas	1,14	0,98 - 1,33	1,21	0,64 - 2,31	1,11	0,96 - 1,27	1,07	0,59 - 1,93
A maioria	1,14	0,96 - 1,36	0,88	0,36 - 2,16	1,11	0,95 - 1,29	0,9	0,40 - 2,06
Todos/Todas	1,14	0,80 - 1,62	0,98	0,39 - 2,41	1,1	0,81 - 1,51	0,87	0,37 - 2,00

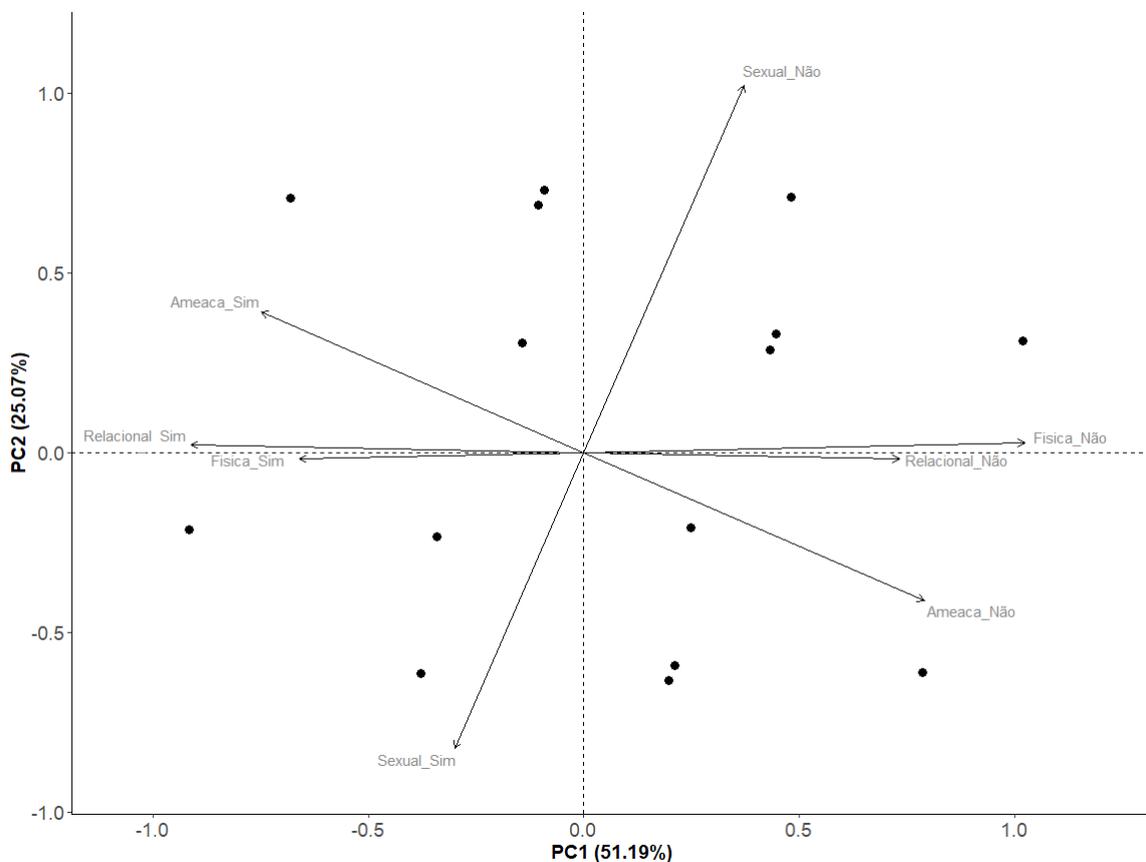
Fonte: RIBEIRO, 2019.

3.8 Análise Multivariada das violências nas RAI

A análise de correspondência múltipla obteve um percentual de variância explicada de 76,26% ao considerar as dimensões características sociodemográficas e a família, isto é, foi possível resumir as informações referentes às violências vivenciadas sem perde muita informação.

Os componentes são combinações lineares entre as variáveis consideradas na análise, sendo as mais importantes, ou seja, aquelas que mais contribuem para o percentual da variância explicada, as que estão mais distantes do ponto zero (0,0). Assim, todos os tipos de violências vivenciadas que foram utilizados na análise de correspondência múltipla se demonstraram relevantes, não foi preciso desconsiderar nenhuma variável na análise de agrupamentos (Figura 5).

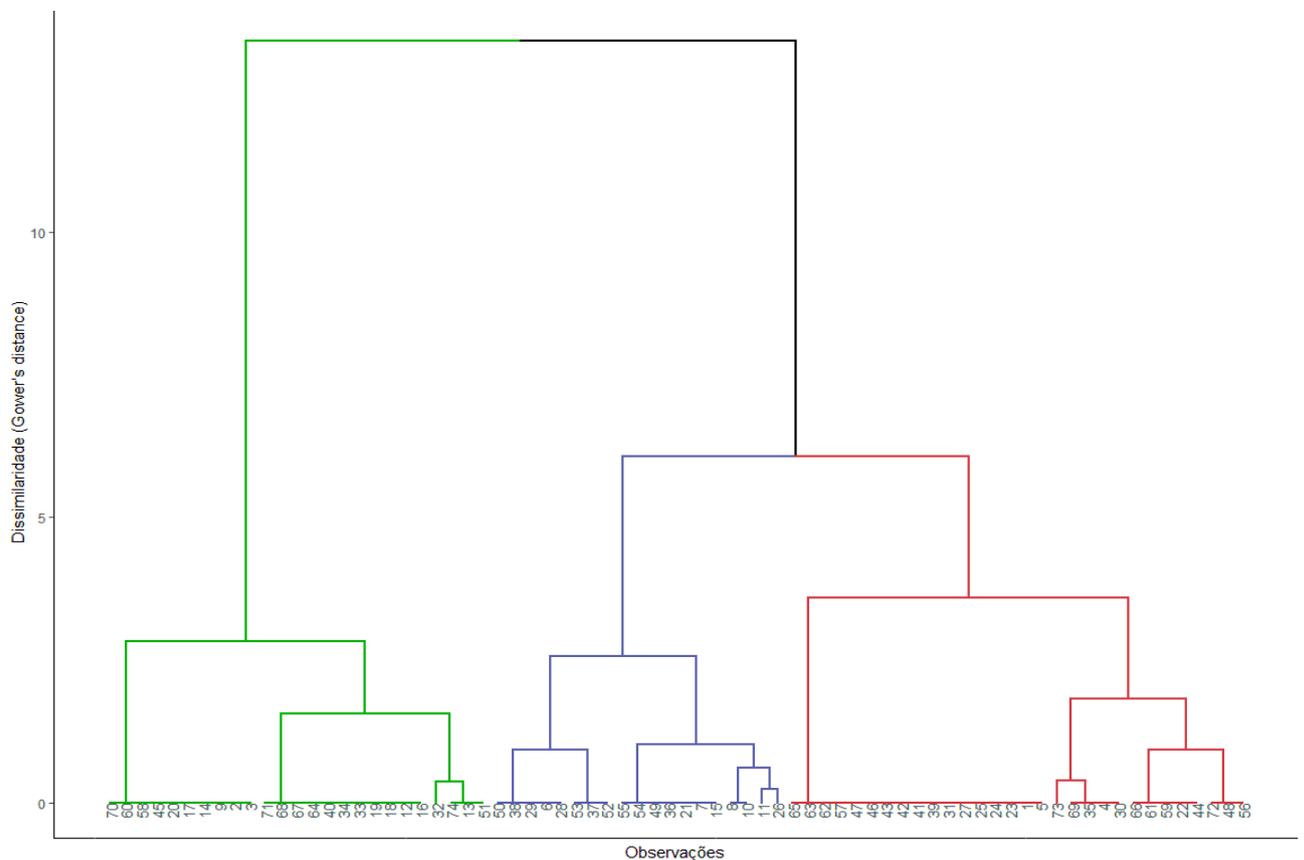
Figura 5 - Análise de correspondência múltipla para as violências vivenciadas considerando as duas primeiras dimensões.



Fonte: RIBEIRO, 2019.

A análise de agrupamentos forneceu o dendrograma apresentado na figura 6, com a devida disposição pelo tipo de violência vivenciada, ou seja, indivíduos pertencentes ao mesmo grupo são mais similares entre si no quesito violência vivenciada do que indivíduos pertencentes a grupos diferentes. Esse dendrograma ilustra a separação de 3 grupos que para facilitar a identificação, cada cluster recebeu uma determinada cor. Os indivíduos pertencentes ao grupo na cor verde são os que apresentaram menor prevalência violências do tipo ameaça, física e relacional. Os indivíduos em azul apresentaram uma prevalência maior do que os classificados no grupo verde para as violências do tipo ameaça, relacional e física. Por último, os indivíduos pertencentes ao grupo em vermelho são os que apresentaram maior prevalência para as violências do tipo ameaça, relacional e física. Quanto a violência sexual, indivíduos pertencentes ao grupo em azul apresentaram menor prevalência do que os indivíduos no grupo verde, embora ainda, os indivíduos no grupo vermelho tenham sido aqueles que apresentaram maior prevalência. Devido à aproximadamente 95% dos indivíduos terem sofrido algum tipo de violência psicológica, essa variável não foi utilizada na análise, pois o elevado percentual não fornece informações adequadas para distinguir e classificar os indivíduos do estudo.

Figura 6 - Análise de agrupamentos.



Fonte: RIBEIRO, 2019.

4 DISCUSSÃO

4.1 Perfil dos Adolescentes em acolhimento institucional

O perfil dos adolescentes acolhidos deste estudo é semelhante ao 23º Censo da População Infanto-juvenil Acolhida no Estado do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO, 2019), que refere também a faixa etária de até 15 anos sendo a de maior percentual (23,05%). Em outro estudo mais extenso realizado em Recife com adolescentes em acolhimento de 2009 a 2013, apesar das idades predominarem entre 15-18 anos (57,1%), o sexo masculino prevaleceu em todos os tipos de serviço (ACIOLI et al., 2019).

Os dados sobre os adolescentes institucionalizados revelam que a razão de adolescentes entre os sexos de 1:1,5 identificada no estudo, ou seja, 1 adolescentes do sexo feminino para cada 1,5, de sexo masculino é uma realidade ao se verificar o 23º Censo da População Acolhida (RIO DE JANEIRO, 2019), o qual o sexo feminino representa a menor parte da população acolhida numa razão de praticamente 2 para 3, em comparação ao sexo masculino.

Essa predominância do sexo masculino em comparação ao feminino nas unidades de acolhimento indica trajetórias sociais diferentes compreendida sob a perspectiva das assimetrias de gênero. Como efeito do contexto histórico-cultural, as mulheres tinham como papel social o cuidado com os filhos e a manutenção do ambiente doméstico enquanto os homens, provedores do lar e responsável pelo trabalho externo. O ambiente doméstico é o espaço que era destinado as meninas, com tarefa de cuidar dos irmãos menores e arrumar a casa, ao contrário dos meninos, incentivados a trabalhar nas ruas para auxiliar o orçamento da casa. Assim, os espaços fora de casa eram mais comumente experienciados pelo homem e, portanto, estariam mais suscetíveis a sobrevivência nas ruas e vulnerabilidades sociais.

Apesar da predominância de adolescentes de sexo masculino nas unidades estudadas, é possível que a participação de um terço de adolescentes acolhidas do sexo feminino indique uma mudança nos processos de inserção de mulheres nestes serviços e por isso, seja necessário o desenvolvimento de novos estudos, buscando investigar mais profundamente as especificidades entre os gêneros masculino e feminino e relacionadas às questões do processo de acolhimento institucional, tendo como destaque a população adolescente. Acredita-se que a presença evidente das meninas nos espaços de reinserção social/acolhimento tem, além da

necessidade econômica, uma outra possível explicação. A violência sexual em ambientes domésticos, efetuado na maioria das vezes por padrastos, familiares, ou alguém próximo, caracterizando um motivo comum para o acolhimento ou ida para as ruas, uma vez que os próprios familiares comumente responsabilizam tais atos às próprias meninas. Citação?

Outro dado foi a escolaridade dos participantes adolescentes institucionalizados. Verificou-se que, em sua maioria, se encontravam no ensino fundamental II, com destaque maior para as adolescentes. Os resultados apresentados neste estudo superaram os dados nacionais realizado em um estudo com adolescentes em geral, cujas frequências escolares corresponderam a 84,7% no grupo de 12 a 15 e 54,1%, naquele com 16 a 17 anos (ASSIS; FARIAS, 2013).

Compreende-se que o desenvolvimento de jovens institucionalizados é potencialmente diferente do desenvolvimento de jovens não institucionalizados, tanto antes quanto durante a institucionalização. Antes da institucionalização, devido à maior presença de riscos e violações de direitos entre esses adolescentes, as condições de exclusão e vulnerabilidade vivenciadas, podem agravar o acesso à serviços de saúde, escolarização e profissionalização (ZAPPE; DELL'AGLIO, 2016). Mas, mesmo diante de tantas vulnerabilidades e adversidades prévias, os resultados surpreendem com percentuais maiores que a realidade fora dos espaços de reinserção social.

Comparando a escolaridade dos participantes institucionalizados com outros percentuais nacionais, entre as meninas e meninos de 15 a 17 anos, a taxa ajustada de frequência escolar líquida ao ensino médio foi 73,5%, maior no sexo feminino do que a observada entre o masculino (63,5%) (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015). Portanto, os dados desta pesquisa confrontam-se com a resultados nacionais do IBGE referentes a escolaridade da população adolescente, no qual as meninas apresentam mais anos de estudo que os meninos numa mesma faixa etária.

A literatura explica que esse resultado corresponde ao que vem sendo discutido em espaços internacionais no relatório Monitoramento Global de Educação para Todos da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, no qual o cenário mundial da mulher em apresentar baixa escolaridade feminina em comparação aos homens é reflexo das desigualdades de gênero justificando, portanto, a influência dessas assimetrias no acesso à educação em comparação ao sexo oposto (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2018).

Todos participantes deste estudo encontravam-se matriculados no período da coleta, o que reflete o esforço e exercício positivo das unidades de acolhimento como órgão de

proteção e garantia de direitos dos adolescentes. A escola inclusive pode representar um espaço de apoio que funciona como fator de proteção para amenizar os danos causados pela vivência de situações de vulnerabilidades antes do acolhimento.

Sob um olhar da abordagem bioecológica do desenvolvimento humano (BRONFENBRENNER, 2011), ao se olhar a comunidade escolar na vida deste adolescente, esta unidade tem o poder de mediar, acolher e empoderar esse indivíduo, tornando-o capaz de acreditar em suas potencialidades e perspectivas futuras. Como consequência, o adolescente que vive em acolhimento, mesmo com o histórico de adversidades prévias anteriores a institucionalização, poderá experimentar situações positivas e apresentar satisfação em relação a si mesmo.

Em relação a cor/raça, os resultados do grupo estudado nas unidades de acolhimento conferiram dados semelhantes ao 23º Censo dos adolescentes em acolhimento no Estado do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO, 2019) cuja população mostrou-se majoritariamente de raça negra (85,35%) - cor negra (38,81%) e parda (46,44%) - em comparação a cor branca (13,9%) e amarela (10,34%). Analisando a relação da cor com o sexo, observaram-se pequenas diferenças na razão entre os sexos masculino e feminino. O mesmo censo anual (RIO DE JANEIRO, 2019) apresentou valores próximos para o sexo masculino sendo 48,3% para cor parda e 40% para preta (88,35% de raça negra) e, para o sexo feminino, 43,9% e 37,2% (81,17% de raça negra).

A pesquisa realizada a nível nacional pela Rede de Serviços de Ação Continuada do Ministério do Desenvolvimento Social - REDE-SAC/MDS (ASSIS; FARIAS, 2013), com 20 mil crianças e adolescentes em situação de acolhimento em 589 instituições em todas as regiões brasileiras detectou que a maioria dos adolescentes acolhidos no Brasil também era de raça preta, sendo a cor preta (negros) de maior frequência, 63,6%. Este dado só ratifica o retrato dos adolescentes mais afetados para o acolhimento, ou seja, a população de raça negra.

A entrada destes adolescentes para o acolhimento se fortalece com situações das vulnerabilidades individuais e sociais como a cor de pele, a pobreza, a escolaridade e as violências prévias. Ao longo dos séculos, as condições sociais reduzidas e o consequente distanciamento familiar se reproduzem sobre uma diversidade de grupos sociais vulneráveis, principalmente naqueles compostos por adolescentes.

A pobreza, em geral, encontra-se relacionada aos diferentes motivos que provocam o acolhimento (PRINCESWAL, 2013). Ao se analisar a pobreza como fator influenciador para o processo de acolhimento institucional dos adolescentes, observa-se que sua relação contribui no aumento da vulnerabilidade social das famílias, de modo a potencializar outros

fatores de risco, como o abandono, a violência e a negligência. A carência de recursos materiais e financeiros da família, parece permear grande parte dos motivos do acolhimento, principalmente sob uma nova nomenclatura, a “negligência”. Compreende-se que, pela relação de interdependência entre os direitos, quando um é violado, outras violações ocorrem em cascata, sendo os adolescentes os mais afetados (PAIVA, 2019). Nesse contexto de fragilidades sociais é possível associar ainda aos principais motivos da perda do poder familiar como sendo em função da "drogadição", "violências" e "doença mental" de seus genitores.

Através dos resultados, é possível verificar que grande parte dos adolescentes que vivem nas unidades pesquisadas são oriundos de famílias em condições socioeconômicas reduzidas. Nesse sentido, no Levantamento Nacional de Assis e Farias (2013), observaram-se que geralmente estas famílias enfrentam carência financeira e precariedades na moradia, saneamento, alimentação e no acesso à saúde e à escola. Tais fatos podem trazer a margem algumas violações de direitos como trabalho infantil, envolvimento com tráfico e prostituição e mendicância as quais levam os adolescentes ao ingresso nas unidades de acolhimento.

A precariedade financeira e, notadamente, afetiva compõe um contexto familiar desestruturado. Contexto este que contribui para a fragilização e até mesmo ruptura dos vínculos, levando à desafiliação, responsável pela parcela significativa no processo de decisão dos adolescentes de abandonar o lar. O afastamento e desconhecimento acerca de seus responsáveis prevalente em toda a pesquisa denota significativamente o processo de desafiliação, que constitui mais uma violência em suas vidas e possivelmente futuras violências nas RAI.

Situações particulares, tanto em aspectos individuais e sociais, como estar na fase da adolescência, as diferenças de gênero, prevalência e características da violência anteriores nos relacionamentos, consumo de álcool e drogas, estratégias de resolução de conflitos deficientes; crenças e atitudes acerca da violência, que o nível de legitimação de violência é significativamente maior nos rapazes; conhecimentos; contexto social e contexto familiar/estilos parentais, em que as atitudes dos jovens estão relacionadas com o contexto familiar estão associados as vivências dos adolescentes institucionalizados e influenciam na ocorrência de violência nas relações afetivas íntimas (RICARDIO, FONSECA, FIGUEIRAL, 2015).

4.2 As violências nas RAI associadas às características sociodemográficas

Os adolescentes institucionalizados mostraram prevalências muito similares entre os sexos, sugerindo que ambos, meninos e meninas, são vítimas de violências nas RAI, principalmente psicológica e física. A violência psicológica é a forma perpetrada de maior magnitude pelos adolescentes contra seus parceiros, além de ser um preditor da violência física no namoro (OLIVEIRA et al., 2014).

Minayo, Assis e Njaine (2011) realizaram estudo em escolas públicas e RAI em adolescentes de 15-19 anos, no qual, apresentaram prevalências de vitimização de algum tipo de agressão de 86,9% dentre os adolescentes. Verificou-se ainda que desse total 76,6% dos adolescentes dos sexos masculino e feminino atuando, simultaneamente, como vítimas e autores de diversas formas de violência. O percentual de cerca de 96% de violências vivenciadas nas RAI pela população de adolescentes em acolhimento institucional é ainda mais alarmante comparada a literatura atual pois exprime quase uma totalidade do grupo com histórico de relações afetivas íntimas abusivas.

No que diz respeito à prevalência da violência, de uma forma global, verificou-se que ela apresenta índices muito elevados de vitimação. Concomitante ao apuramento, de correlações positivas entre a vitimação global no presente estudo, é fundamental destacar que o fenômeno da violência nas RAI de adolescentes em acolhimento institucional não ocorreu isolado. Em sua maioria, manifestou-se num sentido de bidirecionalidade da violência, comumente sustentada em muitos estudos desta natureza (COSTA et al., 2011; ORINGHER; SAMUELSHON, 2011). Ressalta-se que o presente estudo com os adolescentes acolhidos se preocupou em analisar apenas o fenômeno da violência vivenciada nas relações afetivas íntimas entre os sexos.

Os resultados do estudo em acolhimento institucional apontaram uma dicotomia entre padrões de ameaça, onde metade da amostra oscila entre vivenciar e não vivenciar este tipo de violência. Existiu ainda o predomínio de experiências violentas do tipo físicas, sexuais e relacionais neste grupo de adolescentes, denotando um padrão de comportamento concreto para violências nas RAI se comparado as condições ainda de ameaça. Outra análise importante foi a presença de múltiplas violências vivenciadas nas RAI por um único indivíduo.

Esta última afirmação também corrobora com a pesquisa de Brancaglioni e Fonseca (2016) que identificaram dentre os 111 participantes, 91% relataram perpetrar no mínimo uma

das naturezas de violência e 90,1% afirmaram terem sofrido pelo menos uma delas. Estudo semelhante, realizado com 3205 adolescentes de 10 capitais brasileiras, detectou que 43,8% sofreram violência sexual (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011). Já um estudo espanhol realizado com 567 adolescentes revelou que 95,4% sofreram violência verbal/emocional. O mesmo estudo apontou que 21,7% sofreram violência física nesse tipo de relação (FERNÁNDEZ-FUERTES; FUERTES, 2010).

Outro dado importante foi a vivência das agressões físicas e sexuais nas RAI que ocorrem predominantemente em conjunto com a violência psicológica, sendo raros os casos em que houve vivência isolada dessas violências. A literatura indica associação entre sofrer e perpetrar a mesma natureza de violência, bem como entre sofrer e perpetrar diferentes naturezas de violência. Tais resultados foram semelhantes aos de Brancaglioni e Fonseca (2016), Fernández-Fuertes e Fuertes (2010) e Minayo, Assis e Njaine (2011).

Torna-se imperativo ressaltar que, apesar destes preocupantes valores da prevalência global como das diferentes formas de violência mais específicas, a avaliação realizada incidiu sobre apenas as violências vivenciadas na presença de diferentes atos abusivos e em pelo menos uma vez durante o último ano. Assim, considerando as limitações deste estudo, os resultados obtidos devem ser interpretados de forma cautelosa e como um evento pontual, mediante ao método escolhido.

Acredita-se que os dados apresentados neste estudo com adolescentes em acolhimento sejam subestimados e representariam percentuais ainda mais elevados, uma vez que muitas das agressões vivenciadas nas relações de intimidade não são reconhecidas como violências. Geralmente, são justificadas ou mesmo consideradas aceitáveis pelos adolescentes nas relações afetivas íntimas, ou seja, são banalizadas ou são negadas devido à idealização das relações como espaços de afeto e amor, nos quais não cabe violência.

Também revelaram que as construções hegemônicas de gênero determinam a naturalização e a legitimação da violência vivenciada nas RAI entre esses adolescentes. A relação entre a naturalização da violência por parceiro íntimo e as crenças de adolescentes permitem que as agressões sofridas e perpetradas em alguns casos não são reconhecidas como violências, pois os estereótipos de gênero são compreendidos como parte de uma suposta natureza feminina ou masculina, e não como determinados pela construção histórica e social das relações de poder entre os sexos (BRANCAGLIONI; FONSECA, 2016). Em estudo com adolescentes e jovens de Recife, observou-se que os participantes compreendiam a violência como uma demonstração de amor e cuidado. A troca de xingamentos e tapas foi, muitas

vezes, considerada apenas uma brincadeira entre os parceiros (NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011).

Tendo em vista esse pensamento e seu impacto sobre os acometidos pela violências nas RAI em adolescentes em situação de acolhimento, a violência física é de fato, a manifestação mais facilmente identificadas, enquanto que as violências psicológica e sexual são muitas vezes despercebidas pelas vítimas e até mesmo pelos profissionais de saúde, considerando a falta de discernimento e a banalização sobre o assunto. As manifestações podem estar associadas entre si, isto é, na maioria dos casos, a violência psicológica, por exemplo, pode ser um pressuposto para a violência física. No entanto, essa manifestação por si só, pode levar a severos danos, visto que os indivíduos tendem a desenvolver baixa autoestima e ansiedade, e possivelmente ao suicídio (PRAZERES et al., 2016).

Ainda que analisado em um único evento ou em múltiplos, as violências nas RAI provocam diversas manifestações desde lesões, traumas físicos e mentais, afetando significativamente a qualidade de vida de forma individual/coletiva, como inclusive a morte. As violências evidenciam-se, portanto, como intenso determinante no processo de saúde-doença com a necessidade de uma atuação multidisciplinar e intersetorial no campo da saúde, articulada a políticas públicas, e considerando a saúde a na ótica holística, que busca compreender o ser de forma integrada, a partir dos macro determinantes - socioeconômicos, culturais e ambientais (MINAYO et al., 2018).

No contexto da violência, deve-se ressaltar a sobreposição dos fatores sociais com os fatores individuais, no sentido que as pessoas que apresentam distúrbios psicológicos e as que não apresentam, frequentemente tomam atitudes racistas, machistas e sexistas resultantes de um contexto histórico e assim são legitimadas socialmente. Em razão disso, além de condicionantes biológicos, a violência deve ser entendida, sobretudo, a partir das diferentes sociedades e dos diferentes contextos históricos, visto que é um fenômeno complexo, onde sua origem e suas manifestações são diretamente influenciados por distintas culturas e perspectivas sociais, principalmente em conexão com as questões de gênero (ESCORSIN, 2014; MENEGHEL; PORTELLA, 2017).

A articulação entre gênero e violências por parceiro(a) íntimo(a) na adolescência é tema abordado recentemente tanto no âmbito nacional como internacional e por isso apresenta poucos estudos no meio científico (OLIVEIRA et al., 2014). Apesar disso existem estudos que já apontam uma estreita relação entre a adolescência e a ocorrência das violências nas relações afetivas íntimas, havendo o aumento do risco quando os adolescentes têm idades

precoces, por volta dos 15 anos, idade na qual começam a surgir normalmente as primeiras relações amorosas.

As violências nas relações afetivas íntimas, geralmente, começam na adolescência e continua, por vezes, na relação de intimidade. A vivência das primeiras relações de intimidade em uma sociedade androcêntrica pode determinar maior vulnerabilidade à vivência e à perpetração de violência. Além disso, a desigualdade de poder entre as gerações também pode determinar maior vulnerabilidade dos adolescentes ao fenômeno, uma vez que nesta etapa da vida ambos os sexos ocupam posições de subalternidade social (OLIVEIRA et al., 2016).

Analisando os dados sobre os adolescentes acolhidos numa perspectiva de gênero, tanto os participantes do sexo feminino e masculino manifestaram percentuais altos e aproximados de violências em geral e do tipo psicológicas e também o sexo masculino vivenciou mais violências psicológicas e em geral nas RAI em comparação ao sexo feminino. Havendo pequena distinção, no que concerne à violência física, sendo as adolescentes as mais acometidas.

A discussão da violência nas RAI sob perspectiva de gênero permite a compreensão das relações de dominação determinadas pela desigualdade de poder existente entre os sexos, em geral, hegemonicamente situada no polo masculino (BOURDIEU, 2014). Em seu estudo Brancaglioni e Fonseca, (2016) encontraram 94,2% das meninas e 83,3% dos meninos afirmando terem experienciado no mínimo uma das naturezas de violência no relacionamento. No estudo de Minayo et al. (2018) se constatou que dentre as violências, as físicas, psicológicas e sexuais foram as mais prevalentes nos registros de casos atendidos nos serviços de saúde no Brasil.

Os resultados da pesquisa com os adolescentes acolhidos revelaram que as violências por parceiro íntimo na adolescência constituem um fenômeno elevada magnitude. Analisando os escores obtidos no instrumento CADRI, encontrou-se associação de violências vivenciadas com algumas variáveis. Nas subescalas em que houve associação com o sexo, observou-se que as violências nas RAI dos adolescentes acolhidos manifestam-se próximos, não havendo diferenças entre ambos os sexos, apesar de se observar discretamente maior violência física e relacional no sexo feminino e maior ameaça e violência psicológica no sexo masculino, salvo a violência sexual As meninas apresentaram maior percentual de violência sexual do que os meninos, atingindo diferença de 11%, reforçando a influência das assimetrias de gênero na sociedade.

Ao se analisar as pequenas diferenças entre os percentuais da violência de ambos os sexos, é possível inferir a bidirecionalidade do fenômeno para esse público, sendo exceção os

casos de violências sexuais, os quais os meninos perpetram mais violência que as meninas, o que também não exclui a possibilidade de adolescentes perpetrarem a mesma violência ou outro tipo de violência. Acredita-se que (as) adolescentes que vivenciam violências também são àqueles(as) mesmos(as) que as perpetram. Esses percentuais aproximados de violência vivenciada indicam uma mesma exposição para ambos os sexos, podendo ter o mesmo efeito para os casos de perpetração, inclusive.

Tais achados também sugerem refletir se os adolescentes realmente relatam em sua real magnitude as agressões vivenciadas, principalmente relacionada a violência física. Considerando-se que a construção hegemônica de masculinidade incentiva os meninos a perpetrarem diversas formas de violência, é possível que entre eles haja maior naturalização dessas agressões vividas, tidas como inerentes às relações de intimidade, não considerando determinados comportamentos como violentos tanto na condição de perpetrador de violência como no papel de perpetrado (FONSECA, 2012).

Esses valores aproximados de violências vivenciadas entre os sexos causam surpresa, uma vez que, revelam informações bastante diferentes do senso comum da sociedade em geral e das pesquisas anteriormente realizadas, o qual as mulheres vivenciam mais violência que os homens e que a violência física é a mais recorrente.

Os estudos apontados pela OMS (2010) indicam que as mulheres são mais propensas a vivenciarem violências, enquanto os homens na maioria dos casos, são os perpetradores. Além disso, mostram que 15 a 71% das mulheres experenciam violências física e/ou sexual por um parceiro íntimo em algum momento de suas vidas, o que corrobora com a diferença da autoria do crime de dados de homicídios referentes a homens e mulheres. Estes dados corroboram com o que tem sido verificado em outros estudos nacionais e internacionais em relação a tipologia da violência entre os sexos, demonstrando que a violência física é a mais frequente (COSTA et al., 2011; EDWARDS; SYLASKA, 2013; FINNERAN; STEPHENSON, 2013; MATTE; LAFONTAINE, 2011; PANTALONE et al., 2012; RAMACHANDRAN et al., 2010; YU et al., 2013).

Ainda que a literatura discuta a predominância do sexo masculino entre autores e vítimas de violências, o sexo feminino também é perpetrador de violência contra parceiros íntimos, mais frequentemente em situação de autodefesa. Ademais, esse tipo de violência também ocorre em relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo. Portanto, é importante que as investigações sobre violência por parceiro íntimo incluam vítimas de ambos os sexos e diferentes gêneros (GARCIA; SILVA, 2018).

O fator gênero delimita o tipo de exposição e experimentação da violência. Na maior parte dos casos o sexo masculino tende a relatar menos este tipo de violência, tanto na situação de perpetrado e principalmente na posição de perpetrador, do que o sexo feminino. Com relação ao manejo dos episódios de violência, o gênero feminino tende a interiorizar essas situações, ao passo que os homens tendem a não valorizar determinados comportamentos violentos do sexo oposto como realmente um ato de violência. Acredita-se que os episódios de violência apresentam relação dos fatores implícitos de papéis de gênero com o tipo de exposição da vítima à violência, seja ela direta ou indireta. Assim, os meninos tendem a ser banalizar as violências recebidas, ao passo que as meninas tendem a confirmar mais os acontecimentos (CECCHETTO et al., 2015).

É válido destacar a violência de gênero, que é, em sua maioria, praticada por parceiros íntimos. Segundo Shraiber et al. (2009), a violência de gênero expressa o comportamento masculino para aculturação da mulher nos referentes do mais antigo e maior poder do masculino, que é o patriarcado”. Essa cultura que condiciona o sexo masculino à posição de dominador, tendo a violência como um atributo próprio da sua natureza, leva os homens a ser os principais autores, mas também vítimas da violência.

No Brasil, assim como em outros países, existem marcantes desigualdades de gênero, e em consequência da carga histórica do patriarcado, confere maior poder aos homens e conforma atitudes, normas e comportamentos, tanto individuais quanto coletivos. Nesse contexto, é favorecida a aceitação da violência de gênero, sobretudo contra pessoas com identidade de gênero feminina.

Prazeres et al. (2016) discute os fatores protetores e de vulnerabilidade que podem interferir na relação entre experienciar violência na família de origem e violência na intimidade juvenil. Quer para os fatores protetores, quer para os fatores de risco e vulnerabilidade, o gênero se deteve como uma importante variável. O controle comportamental e o abuso de poder têm sido também apontados pelos parceiros violentos e tem sido mostrado que o controle do comportamento e o ciúme nas relações de namoro são importantes preditores da agressão física em ambos, mulheres e homens. A experiência de abuso sexual na infância e o padrão de vinculação “ansioso”, assim como a excessiva necessidade de controle do parceiro e o ciúme na relação de namoro são fortes preceptores dos relatos de agressão física (CECCHETTO et al, 2016; PRAZERES et al., 2016).

A agressão verbal e o ciúme aumentam a probabilidade de agressões físicas, pois a violência verbal se revela um importante fator de risco de violência física futura. Nesse sentido, a reprodução de comportamentos abusivos na relação amorosa se traz à luz dos

comportamentos aprendidos ainda na infância como forma correta e justa de interagir com os pares. Isto a partir de experiências passadas de abuso físico, psicológico ou sexual perpetrada na família e na comunidade.

As experiências de violência física, psicológica e sexual inclusive no relacionamento íntimo trazem consequências adversas a curto e a longo prazo. Isto se discute à luz da ótica sistêmica do modelo ecológico de Krug et al. (2002), o qual o modelo sustenta não somente os possíveis fatores influenciadores para um indivíduo se tornar a vítima ou o perpetrador de violência, como também das normas, das crenças e dos sistemas sociais e econômicos que criam as condições favoráveis para a ocorrência da violência e da praticada pelo(a) parceiro(a) íntimo(a). Na essência da abordagem está a forte ênfase sobre as interações múltiplas e dinâmicas entre os fatores associados nos e entre os seus vários níveis. É fato que, durante o ciclo vital, se produzem dinamicamente características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais da pessoa as quais interagem e se relacionam com a forma como ocorrem suas relações interpessoais, inclusive nas relações afetivas íntimas.

Há de se considerar que os dados desta pesquisa representam a realidade de uma pequena parcela do grupo de adolescentes brasileiros, e que também se encontram em uma situação específica, o de acolhimento institucional. Deste modo, compreende-se que essas particularidades mobilizam questões singulares ainda desconhecidas acerca da violência e dos comportamentos mais violentos entre as meninas acolhidas. Além disso, a amostra em questão não especificou os adolescentes com relações íntimas de mesmo sexo, assim como, o contexto e motivações que propagaram as violências recebidas e provocadas pelos adolescentes.

Os adolescentes experenciam violências também nas mais diferentes relações interpessoais e contextos. Os esforços para manter os vínculos familiares e comunitários das adolescentes que se encontram em acolhimento, são de suma importância para seu desenvolvimento saudável, possibilitando a formação de sua identidade e sua constituição como sujeitos e cidadãos. O adolescente quando estiver em instituição de acolhimento deve continuar a frequentar a escola, espaços de lazer, cultura e esporte, entre outros. Outro ponto importante é a reaproximação do acolhido com sua família de origem, a família extensa, entre outros, promovendo-se também o elo de fortalecimento do adolescente com a comunidade.

Os afastamentos do convívio familiar e da comunidade pode acarretar consequências de ordem psicológica para o acolhido. Dito isso, é pertinente considerar que esse distanciamento dos espaços de referência do adolescente antes do acolhimento, como escola,

comunidade, amigos..., pode funcionar como um dificultador no processo de reinserção social inicialmente.

De maneira geral, a sociedade brasileira foi construída frente a desigualdades em diversos âmbitos. Desigualdade racial, de classes econômicas e de gênero são ainda, pertinentes e refletem consideravelmente nas vulnerabilidades à agravos de saúde (TAVARES et al., 2018). As experiências ruins dos adolescentes acolhidos com sua família, assim como o enfraquecimento de vínculos locais na comunidade de origem caracterizam situações de extrema vulnerabilidade e que podem provocar um conjunto de sentimentos e comportamentos muitas vezes impulsivos vinculados ao uso de drogas ilícitas, violência, práticas sexuais desprotegidas e abandono escolar.

Caridade (2011) apresentou em seu estudo os diferentes fatores de risco para a violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes, sendo ainda distribuídos em diferentes categorias: ambientais (características dos grupos de pares, observar violência na comunidade); familiares (observar violência interpaparental, comportamentos agressivos dos pais, abuso sexual na infância); sociodemográficos (idade, gênero, etnia, nível socioeconômico, área de residência e práticas religiosas); intrapessoais (depressão, baixa autoestima, comportamentos antissociais); interpessoais (estratégias de resolução de conflitos, capacidade de comunicação, duração da relação, comprometimento emocional); e, por último, fatores situacionais ou contextuais (consumo de álcool e/ou drogas).

Com isso, é fundamental a compreensão dos fatores influenciadores e impactos do acolhimento no desenvolvimento emocional do adolescente em espaços de reinserção social (FERNANDES; OLIVEIRA-MONTEIRO, 2016). Assim, há uma necessidade de maior cuidado e acompanhamento do desenvolvimento desses adolescentes durante esse período de acolhimento institucional.

Esse desenvolvimento, de modo mais amplo, segundo Bronfenbrenner (2011), ocorre nos contextos em que indivíduos estão inseridos, sendo que esses ambientes podem tanto contribuir como dificultar o desenvolvimento humano. Krug et al. (2002) explicam que a percepção de como esses fatores de riscos se reúnem e influenciam padrões de comportamento em todo o curso da vida e em todos os níveis relacionais providencia uma menor incidência de violências, principalmente, nas relações afetivas íntimas dos adolescentes. Com isso, em relação ao grupo estudado - adolescentes acolhidos, faz-se presente estudar os diferentes ambientes que participam, ou seja, é necessário compreender a vida destes(as) adolescentes acolhidos(as), assim como os possíveis fatores que a interferem.

4.3 As violências nas RAI associadas aos comportamentos sexuais

Os adolescentes acolhidos do sexo masculino apresentaram maior número de relações afetivas íntimas e parceiras(os) sexuais em comparação ao sexo feminino. Esse resultado se explica principalmente pelas questões culturais e de gênero que permeia todo o processo da sexualidade humana, sendo vivenciada de maneira diferente para cada sexo na fase adolescência.

O sexo feminino em muitos casos experencia sua primeira relação sexual com o namorado, diferente do sexo masculino que não se restringe a essa situação. Isso se afirma no estudo de Lima et al (2013), que referiu a primeira relação sexual das adolescentes ocorrendo com namorado(a); esse valor atingiu 86,2% do total de meninas, porém, entre os meninos, 30,8% iniciou a vida sexual com uma paquera e apenas 24,0% com namorada(o). A forte relação de gênero nessa questão é outro destaque, pois o gostar da parceira e a parceria fixa (namorada e esposa) sugerem valorização do envolvimento emocional em uma relação sexual, o que tradicionalmente é considerada característica apenas da sexualidade feminina.

A sexarca dos adolescentes institucionalizados ocorreu em torno dos 12 anos. Essa idade mostrou-se mais antecipada em comparação a outros estudos, que aconteceram aos 15 anos em média (OLIVEIRA-CAMPOS et al., 2014; SILVA et al., 2015). Quanto à opção sexual, o resultado sobre os adolescentes acolhidos foi semelhante no estudo de Lima et al(2013) com a grande maioria dos adolescentes (71,7%) referindo ser heterossexual; 21,2% deixaram a resposta em branco; 3,5% marcaram a opção homossexual; e 3,5% se declararam bissexuais (3,5%).

A prática sexual protegida manifestou-se em maior uso pelas meninas institucionalizadas. De acordo com os resultados do estudo de Brêtas et al. (2011), as meninas referiram maior utilização de camisinha do que os meninos em suas relações sexuais, o que demonstra um contexto de responsabilidade, determinado pelo desenvolvimento e amadurecimento mais rápido entre as meninas em comparação aos meninos.

No entanto, observou-se no estudo com os adolescentes em acolhimento, que o uso contínuo do preservativo foi oscilante, demonstrando a dificuldade de manter esse comportamento. Os adolescentes, em geral, sabem que o preservativo serve para prevenir doenças e gravidez, mas, mesmo assim, não o usam. Nestes casos, verifica-se uma enorme lacuna entre o nível de conhecimento e seu uso efetivo justificada pelas as influencias das

assimetrias de gênero na capacidade de negociação nos dispositivos de contracepção, principalmente durante as práticas sexuais. Como senso comum, a camisinha atrapalha o prazer e desempenho sexual do homem. Além disso é de domínio masculino o uso de preservativos durante a prática sexual e compete ele a decisão de usá-la ou não.

Nesta relação desigual de poder, algumas adolescentes continuam com dificuldade para negociar a atividade sexual protegida com seus parceiros, expondo-se a riscos e a situações de violências por questionarem a vontade do sexo masculino. A violência sexual por parceiro íntimo tem reconhecimento dificultado pela crença da relação íntima ser privada, e pela não percepção de que a relação sexual sem o consentimento da mulher é violência (DELZIOVO et al., 2017).

Felix (2012) explica que o controle interpessoal do parceiro está relacionado aos comportamentos abusivos no relacionamento, sendo que as meninas que manifestam maior tolerância ao controle apresentam elevada probabilidade de vivenciarem violência nas RAI. Por outro lado, são apontados os problemas relacionados com a gestão da ira, baixa capacidade de resolução de problemas e ciúmes como fatores de risco para esse tipo de violência. A falta de diálogo nos relacionamentos, e sobretudo no momento do sexo, pode também justificar a dinâmica oscilatória das práticas sexuais seguras e desprotegidas, principalmente entre as meninas. A falta de comunicação na adolescência potencializa as vulnerabilidades acerca da sexualidade e até nas violências nas RAI entre o casal.

Vagi et al. (2013) identificou em seu estudo que atitudes do tipo aceitação da violência nas relações amorosas e tolerância à agressão em geral e comportamento sexual de risco, por exemplo, início precoce da vida sexual e alto número de parceiros sexuais são considerados fatores de risco para a violência nas RAI. Além desses fatores acredita-se que a inexperiência de relacionamentos em idades precoces, a dinâmica da relação, mais propriamente os aspectos que se prendem com a dependência, duração e seriedade da relação são consoantes que aumentam as violências nas RAI e crescem a dependência emocional e tolerância por parte da vítima.

As violências do tipo sexual e ameaça foram elevadas em seus percentuais considerando influenciada inclusive pelos altos números de parceiros. Isso pode ser justificado pelo situações de vulnerabilidade aumentada conforme maior número de relações afetivas do indivíduo, estando mais exposto a violências nas RAI (DELZIOVO et al., 2017; VAGI et al., 2013). Silva et al. (2015) afirmam uma associação entre iniciação sexual precoce e comportamento sexual de risco, uma vez que a iniciação sexual precoce expõe o adolescente a um contexto de vulnerabilidade, pois o mesmo terá um período maior de atividade sexual e,

com isso, terá mais parceiros sexuais até chegar aos relacionamentos monogâmicos estáveis e duráveis.

O estudo de *Centers for Disease Control and Prevention* (2014) constatou-se que cerca de 10% dos estudantes do ensino médio expuseram vitimização sexual de um parceiro nas RAI. Flake et al. (2013) identificaram maior percentual de violência sofrida quando ocorre a combinação da psicológica com a sexual (23,5%).

Essas situações pontuadas podem ser explicadas à luz do modelo ecológico de Krug et al. (2002), nos quais o primeiro, segundo e quarto níveis se mostraram ativos no contexto dos comportamentos sexuais e a violência nas RAI.

O primeiro nível relaciona-se ao indivíduo e seus comportamentos que podem favorecer ou não a ocorrência de violências nas RAI. Ao se analisar essa sexualidade dos adolescentes institucionalizados, é possível perceber uma correspondência nos casos de violências. A sexarca precoce, número de parceiros(as) aumentados e a opção sexual do indivíduo indicaram um potencial de fator de risco para as ocorrências de violência nas RAI, o que significa dizer que, no plano individual, as características e comportamentos individuais dos adolescentes institucionalizados apresentam correlações concretas com as violências nas RAI.

A prática sexual desprotegidas com os parceiros representa uma complexidade de interrelações que perpassa desde o simples comportamento entre usar ou não o preservativo (primeiro nível do modelo ecológico), até a capacidade dos adolescentes em interagir com o outro como negociar e discutir o relacionamento com o parceiro (segundo nível do modelo ecológico). Esse segundo nível explica as questões de interação com o outro, no sentido de verificar como as relações sociais próximas – por exemplo, relações com os parceiros(as) íntimos(as) aumentam o risco para vivenciarem violências nas RAI.

Conforme os resultados sobre os adolescentes institucionalizados, a influencias sociais pautadas nas assimetrias de gênero e ideais patriarcais reafirmam o quarto nível do modelo de Krug et al. (2002). Situações como número de parceiros(as) sexuais maior em meninos do que em meninas, a instabilidade de práticas sexuais seguras, principalmente em meninas, e as relações afetivas íntimas do tipo heteronormativas se justificam pelas interferências do papéis sociais atribuído a cada sexo, e conseqüentemente, intensificam as chances de ocorrência das violências nas RAI em um único indivíduo.

Em suma, a adolescência é uma fase favorável ao aparecimento de maiores danos físicos e psicológicos, e agravada na condição de acolhimento institucional. Fatores como a carência afetiva, a pouca experiência, a ambição pela independência e a confiança nos pares,

condicionam as suas capacidades de resolução e de resposta quanto à violência, aumentando a probabilidade de estar envolvido em relações violentas (MONTEIRO et al., 2013). Deste modo, é importante entender esse universo de interrelações na sexualidade dos adolescentes institucionalizados, assim como seus fatores de risco associados a fim de potencializar os fatores protetores e prevenir a existência de novas violências nas RAI.

4.4 As violências nas RAI associadas às experiências difíceis

As situações difíceis experienciadas pelos adolescentes podem potencializar as questões de vulnerabilidades, em especial, as individuais. Os dados demarcam ocasiões intensamente emocionais e até traumáticas, como testemunhar a violência contra alguém e agressões dentro do próprio espaço domiciliar e suas elevadas frequências com violência nas RAI. Os sofrimentos vivenciados por ordem social também são presentes na vida destes adolescentes.

Entende-se que essas experiências difíceis possam moldar o comportamento dos adolescentes e a sua esfera de experiências no momento que eles internalizam a situação e busquem mecanismos de enfrentamento. Este contexto interligam os diferentes níveis do modelo ecológico para a ocorrência de violência nas RAI (KRUG et al., 2002), uma vez que envolvem situações do próprio indivíduo, das pessoas próximas e até da comunidade a qual pertencem os adolescentes.

A escola e a comunidade segundo o modelo ecológico são elementos de elevado potencial para a ocorrência de violências, principalmente nas RAI. Inseridas no plano mais exterior, no terceiro nível (Comunidade), as violências na escola e na comunidade favorecem os comportamentos agressivos, desdobrando-se para a interação violenta nas relações íntimas.

Caridade (2011) mostra que a exposição à violência na comunidade aparece associada à perpetração de violência na intimidade, tanto para o gênero masculino, como para o feminino, com tendência a vitimização do gênero feminino. A literatura reforça que os adolescentes que vivenciam violência na comunidade apresentaram quase quatro vezes mais chances de perpetrar violência psicológica no namoro. Em outros estudos, a exposição à violência na comunidade também tem sido associada à perpetração de violência no namoro entre adolescentes de ambos os sexos. Concomitante, tal associação ocorre pelo aumento da aceitação da violência em indivíduos expostos à violência na comunidade. Também se alerta

para a influência de ambientes violentos no comportamento agressivo de adolescentes (BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013).

Earnest e Brady (2016) apontam que o sentimento de insegurança na escola e cuidados precários recebidos por pais são elementos fortemente vinculados à prevalência da violência nas RAI. Os dados com os adolescentes institucionalizados revelaram que a violência relacional apareceu para todos os elementos da variável experiências difíceis com elevadas frequências. Também se pode elencar as crenças e as atitudes que legitimam o uso de violência na resolução de conflitos ou que a banalizam, direcionando à desvalorização e/ou ao não reconhecimento do comportamento violento menos severos e da violência sexual (FILIPE, 2013).

Pautado nos comportamentos dos indivíduos, o modelo ecológico contextualiza a interação das experiências difíceis com os episódios de violência através dos mecanismos de enfrentamento do adolescente diante das adversidades. À medida que esses adolescentes participam de ambientes violentos e experenciam frequentemente situações hostis, ele mesmo poderá construir seu entendimento acerca de como se reportar diante de episódios semelhantes ou de estresse nas relações afetivas íntimas. Entende-se que essa interação entre ambiente e indivíduo (terceiro nível do modelo ecológico - comunidade) estimula o adolescente a buscar subsídios internos (primeiro nível do modelo ecológico - individual) como fonte para manejo das experiências difíceis. Assim, as características individuais dos adolescentes institucionalizados a respeito de como lidam com as dificuldades e conflitos de uma forma geral poderá refletir nas relações afetivas, inclusive nas violências. Esses mecanismos de enfrentamento das adversidades encontram-se no primeiro nível do modelo ecológico, e poderá influenciar ou não na prática da violência nas RAI (KRUG et al., 2002).

Também, há de se considerar a complexidade do fenômeno quando os adolescentes vivenciam violência no contexto intrafamiliar porque conhecem o agressor, mantendo com eles vínculo de afetividade, confiança ou relação de amizade. Em muitos casos é no ambiente familiar que se instauram conflitos, e também pode se transformar em espaço que abriga o silêncio das violências nas suas diferentes facetas e culminar com consequências gravíssimas (BARBOSA; ANTUNES; PADILHA, 2016).

A violência sexual costuma ocorrer em conjugação com outras formas de violência. Um fator reconhecido por aumentar a vulnerabilidade na vida adulta é ter sido vítima de violência sexual na infância e na adolescência. Conseqüentemente, ter sido exposto a diferentes modalidades de violência nas relações afetivas representa importante fator de risco de revitimização, considerando a imaturidade emocional, a inexperiência relacional e

iniciação à sexualidade. A relação desigual entre as fontes que fornecem dados sobre a violência sexual e a magnitude do problema, demonstram a invisibilidade da violência sexual no namoro (CARVALHO; ASSIS; PIRES, 2017).

Moreira e Sousa (2012) afirmam que a literatura brasileira e a internacional, estimam, a partir das notificações, que das violências sofridas por adolescentes, aproximadamente 10% correspondem à violência sexual e tecem considerações sobre a questão das subnotificações que mascaram a realidade concreta em seu quadro real. Evidenciam que grande parte das violências provocadas são por indivíduos com maiores graus de parentesco aos adolescentes. Acredita-se que essas experiências difíceis vivenciadas anteriormente pelos adolescentes podem estar relacionadas aos elevados percentuais de violências nas RAI quando associadas ao histórico familiar violento com reprodução desses padrões violentos pelos mesmos adolescentes.

Ao se analisar esse contexto a partir do modelo ecológico para violência nas experiências difíceis de Krug et al. (2002), pode-se dizer que o segundo nível expressa essas associações entre o indivíduo acolhidos com seus pares e familiares. O adolescente é influenciado por esses agentes que o estimula e ensina conforme as experiências vividas, ainda que negativas. Nessas interrelações, os familiares assim como seus parceiros poderão ser referências no futuro para esses adolescentes se comportarem diante de situações difíceis, inclusive de violências.

4.5 As violências nas RAI associadas ao consumo de álcool, tabaco e outras drogas

Nesta variável, verificou-se que mais da metade do grupo de adolescentes em acolhimento institucional vivenciou violências nas RAI com o consumo de várias drogas. O resultado identificado sobre os participantes do estudo pode ser justificado devido ao elevado consumo de álcool, tabaco e outras drogas por parte dos adolescentes e as altas frequências de violências nas RAI conforme discutido anteriormente.

A literatura afirma que a população do continente americano e principalmente, do Brasil apresenta consumo exacerbado de álcool, com aumento ao longo dos anos. Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS (2015), o consumo médio de álcool nas

Américas é maior que no resto do mundo. O Brasil ocupa a terceira posição entre os países deste continente, com significativa elevação das taxas de episódios de consumo excessivo de álcool nos últimos cinco anos (de 4,6% para 13,0%, entre as mulheres, e de 17,9% para 29,4% entre os homens).

Ao aproximar o olhar para os adolescentes, observam-se percentuais ainda mais preocupante, não apenas para o consumo de bebidas alcólicas, mas para as demais drogas. Silveira, Santos e Pereira (2014) apresentaram evidências sobre a utilização de bebidas alcólicas de elevadas frequências para o consumo de bebidas alcólicas, sendo 77,7% adolescentes do sexo masculino e 63,6%, do sexo feminino. Outro estudo realizado com adolescentes residentes nas 27 capitais brasileiras discutiu que cerca de três quartos dos adolescentes de 13 a 15 anos já experimentaram álcool, cerca de um quarto bebeu regularmente nos últimos 30 dias com episódios de embriaguez e 9% relatam ter tido problemas com o álcool. Quanto às drogas, 8,7% relataram já ter experimentado estas substâncias alguma vez na vida, sendo que a experiência com álcool e drogas ocorreu precocemente (MALTA et al., 2011). Quando se verificam os adolescentes institucionalizados e o uso de substâncias psicotrópicas, os percentuais atingem valores semelhantes, acometendo cerca de 72% dos adolescentes (ACIOLI et al., 2019).

Em outro estudos se verificou que não há diferenças entre o consumo destas substâncias entre gêneros, ou seja, há uma tendência de paridade entre o consumo de drogas entre meninos e meninas, como no estudo que considerou 971 adolescentes entre 10 e 18 anos, dos quais 55% eram do sexo masculino, 33,8% relataram ter feito uso de bebidas alcólicas no último mês, 13,5% de cigarro e 6,4% de drogas ilícitas (MALBERGIER et al.; 2012). Acredita-se que os altos percentuais da violência nas RAI com a maconha do estudo estejam relacionados ao elevado consumo da mesma como droga de primeira experimentação, ao preço mais baixo e ao acesso mais facilitado, na comparação às demais substâncias ilícitas (ELICKER et al., 2015).

A vulnerabilidade desses adolescentes diante da diversidade das drogas, os quais podem experimentar frequentemente o uso combinado de duas ou mais substâncias e a tendência da cronicidade do consumo de drogas, ou seja, a transição de drogas lícitas para as ilícitas são situações que merecem atenção, inclusive no agravamento de saúde e de comportamentos com os pares. No estudo de Silva et al. (2014) foi verificado que a faixa etária da adolescência mostrou resultados significantes, quanto à iniciação ao consumo de tabaco e das substâncias psicoativas ilícitas (cocaína, *crack* e maconha) em idade muito precoce e seu fluxo crescente em idade posterior, caracterizando o fenômeno da escalada das

drogas lícitas, para as ilícitas. O uso de álcool também se mostrou associado ao uso de tabaco e outras drogas, evidenciando que o uso de substâncias psicoativas costuma produzir um efeito multiplicador, em que o consumo de uma aumenta o risco do uso de outra.

Como se pode verificar, o consumo de drogas psicoativas se trata de um fenômeno complexo e multidimensional, o qual pode ter origem biológica, psicológica e social (ZEITOUNE et al., 2012). No nível individual, o consumo de bebidas alcoólicas nos adolescentes afeta diretamente as funções físicas e cognitivas, e pode reduzir o autocontrole e a capacidade de processar informações e de avaliar riscos. Pode aumentar a impulsividade, tornando alguns deles mais propensos a envolver-se em comportamentos violentos. Jovens que começam a beber cedo, e que bebem com frequência, correm maior risco de praticar atos violentos – ou de tornarem-se vítimas da violência (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2015).

A literatura discute a estreita relação dos jovens que fazem esse uso apresentarem maior agressividade e conseqüentemente, mais atos violentos contra seus parceiros, amigos e familiares. Adolescentes que cometem violência em geral e nas RAI em comparação com nenhum tipo de violência se distingue por muitos fatores. Para meninos e meninas, como esperado, níveis mais altos de raiva, ansiedade, uso de álcool e maconha associaram-se a probabilidades aumentadas para comportamentos hostis e até violência (FOSHEE et al., 2011). Sabe-se que o uso dessas substâncias é fator desencadeador de acidentes, violência e suicídios (FARIA FILHO, 2014). Os dados mostram taxas mais altas de violências contra parceiros íntimos entre dependentes severos de álcool e de substâncias ilícitas como múltiplas drogas, tabaco e hipnóticos (ALLY et al., 2016).

Um ponto de destaque foi a manifestação de diversas formas de violências para uma mesma substância. Considerando os elevados percentuais de violência acima de 70%, é possível dizer que um mesmo indivíduo vivenciou mais de um tipo de violência nas RAI. Algumas literaturas discutem a associação entre consumo de álcool e violência por parceiro íntimo. Um estudo sobre violência afetiva íntima demonstrou a forte associação entre o uso de álcool e os tipos de violência psicológica, física e sexual de violência. A pesquisa realizada com adultos jovens nos Estados Unidos, indicou que o consumo de álcool e outras drogas favorece a bidirecionalidade das violências principalmente perpetração e vitimização de violência física (RAFAEL; MOURA, 2016; RENNER; WHITNEY, 2012).

Os dados nesse estudo com adolescentes acolhidos chocam ao apontar a prevalência de todas as tipologias das violências nas RAI de adolescentes diante do consumo de álcool, tabaco e outras drogas. Entretanto, apesar da literatura ter indicado a problemática do

consumo de substâncias lícitas e ilícitas na adolescência e sua relação com a agressividade dos usuários com seus pares, o estudo com os adolescentes em acolhimento institucional apresenta resultados diferentes ao apresentado, ou seja, não se encontrou associação estatisticamente significativa do consumo de drogas e a ocorrência de violências nas RAI, e portanto não se caracterizou como fator de risco ou de proteção para o desfecho.

No entanto, Shorey et al. (2011) e Ally et al (2016) afirmam em seus estudos que o tabagismo, problemas relacionados ao álcool, uso de sedativos e drogas ilegais foram fortemente associados à violência bidirecional nas RAI, sendo um fator de risco para o fenômeno da violência. Discutem ainda que os efeitos do consumo de substâncias no surgimento da violência mútua nos relacionamentos, atingem uma probabilidade aumentada em até 2 vezes as chances quando existia o consumo excessivo de álcool e consequente dependência em homens e mulheres.

Nos relacionamentos em que ambos os parceiros consomem drogas, esse tipo de “vínculo com as drogas” que vincula o casal pode aumentar o conflito entre eles e, indiretamente, o abuso. Esse tipo de cenário também pode ter efeitos negativos nas habilidades de comunicação, facilitando a intensificação da violência durante as discussões (RENNER; WHITNEY, 2012).

É importante compreender que apesar da expressiva magnitude das violências nas RAI e o consumo de substâncias nesta pesquisa, não necessariamente existe associação de causa e efeito para a variável com o desfecho. Tanto o consumo de drogas como as violências nas RAI apresentam altos percentuais isoladamente, e quando observados juntos podem se manifestar também em níveis elevados diante de uma ocasionalidade. A literatura destaca, de fato, que nem todos os indivíduos que foram submetidas a violência íntima por seus parceiros são afetados pelo abuso de substâncias e, da mesma maneira, que estas últimas sempre levarão à violência e vice-versa (EUROPEAN MONITORING CENTRE FOR DRUGS AND DRUG ADDICTION, 2013; UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2013; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2013).

Acredita-se que esse resultado tenha relação ainda com a dinâmica nos espaços de acolhimento institucional pois possuem um papel fundamental como fatores de proteção, apesar de não ter sido verificada sua associação com as violências nas RAI no presente estudo. Esse potencial de proteção relaciona-se aos vínculos positivos do indivíduo com a instituição; ao envolvimento, suporte social e oportunidades oferecidos pelas unidades de acolhimento; e ao acesso a informações corretas sobre o uso e seus efeitos das drogas (FERRO; MENESES-GAYA, 2015; MACEDO et al., 2014).

Os adolescentes vivem nessas unidades acompanhados pelos funcionários da instituição, ocupam maior parte de seu tempo com atividades, regras, rotinas pré-definidas e apresentam maior supervisão das saídas da unidade e horários de chegada. Esse funcionamento corrobora para maior ocupação dos(das) adolescentes, diminuindo a ociosidade e as oportunidades de consumo frequente das substâncias por se encontrarem mais tempo na instituição, e conseqüentemente menores chances de associação com as violências nas RAI.

4.6 As violências nas RAI associadas às características dos pais e/ou responsáveis

O grupo dos adolescentes institucionalizados em geral apresentam uma família majoritariamente de pais separados. A responsabilização antes do acolhimento era pela mãe ou outro membro familiar (avôs, irmãos) do adolescente apesar de haver casos de namorado(a)/companheiro(a), amigos(as), vizinhos como responsáveis.

As estatísticas indicam que em relação aos vínculos familiares de criação e adolescentes acolhidos no Brasil, 87% dos pesquisados têm família, e destes, 58, 2% mantêm vínculos com seus familiares, ou seja, mesmo afastados do convívio as famílias realizam visitas frequentemente. Na região Sudeste do Brasil este número sobe para 64,5% (ROMEIRO; MELCHIORI, 2017).

Ainda sobre a caracterização dos responsáveis, grande parte dos pais (entendido neste estudo como qualquer indivíduo que represente figura paterna ou materna para os adolescentes) apresentavam grau de instrução de até o fundamental II, ocupação em trabalho formal e informal, elevado consumo de uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas, sendo essa última em menor quantidade de consumo pelas mães. Sobre o contexto de violência familiar, existiu elevada magnitude de violência dos mais diversos níveis e tipologias entre os pares - figuras paterna e materna.

Considerando as características da violência entre as famílias dos adolescentes estudados é necessário compreender que toda a família tem sua história particular. Deve-se entender que esse contexto de violências intrafamiliares vivenciadas pelos adolescentes são possíveis resquícios de relações entre pais e filhos existentes aos modelos mais antigos, a dinâmica presente nesta família, as crenças, as culturas, suas funções, desenvolvimento e características sociais, culturais, demográficas e epidemiológicas (SOMMER et al., 2017).

A família representa o primeiro contexto de desenvolvimento do sujeito, em que o adolescente estabelece relações próximas e recíprocas e cada membro do grupo familiar desempenha diferentes papéis (BRONFENBRENNER, 2011). O elemento determinante família pode abordar as desigualdades de poder existentes entre as gerações, sendo que os adultos correspondem à categoria geracional que detém maior poder (FONSECA, 2012). Além disso, a geração também possibilita compreender a relação entre o contexto histórico e social e as vivências de adolescentes, ou seja, de sujeitos da mesma geração (OLIVEIRA et al., 2016).

O cenário físico em que a maior parte da infância está centrada, ou seja, a família, é a principal fonte de formação de grupos de pares (BESERRA et al., 2019). Portanto, essa “trama” multifatorial constitui a dinâmica familiar que pode trazer diferentes relações até mesmo negativas para os indivíduos que a compõe. Sob o olhar do modelo ecológico da violência (KRUG et al., 2002), entende-se que esses adolescentes institucionalizados são incorporados em contextos múltiplos e cada um desses contextos interage com características individuais de forma a exacerbar ou atenuar situações de agressão ou vitimização. Essas particularidades devem ser analisadas no modelo ecológico a partir do contexto individual (primeiro nível) e relacional de cada família (segundo nível) principalmente para melhor compreensão de elementos que possam aumentar as vulnerabilidades e consequentes violências no espaço doméstico e até nas RAI.

Bronfenbrenner (1996) aponta que o potencial desenvolvimental do microsistema está associado à presença de sentimentos positivos mútuos e a trocas com os demais contextos. Este microsistema, não obstante, pode ser caracterizado pela presença de fatores de risco para a ocorrência de violências, principalmente quando se observa o fenômeno da violência, no segundo nível do modelo ecológico, de forma intergeracional, com presença de conflitos conjugais, pais com algum transtorno psiquiátrico, consumo de álcool e drogas e rupturas de vínculos afetivos (KRUG et al., 2002).

Entre os fatores de risco apontados para a prática e reprodução das violências em contextos relacionais de intimidade, principalmente nas relações afetivas íntimas, destaca-se a exposição de adolescentes às situações de maus tratos, negligência e outros agravos, na família, podem contribuir para repetições desses eventos, em etapas posteriores, com risco de envolvimento em relações abusivas de violência. Pesquisadores afirmam que circunstâncias familiares estressoras podem ser preditoras de comportamentos antissociais, prática de comportamentos violentos, uso de drogas, entre outros agravos (COSTA et al., 2018).

Pode-se dizer também que relações desiguais de poder nos relacionamentos familiares, falta de comunicação, segredos, ameaças, baixa coesão familiar e altos níveis de conflitos são comumente observados nas famílias abusivas. Entre outras variáveis presentes no contexto familiar encontram-se a permanência longa da criança sozinha com o agressor, a falta de comunicação, o segredo, a inversão de papéis, a sobreposição de tipos de violência no contexto familiar e famílias isoladas, as quais se encontram distantes dos serviços de rede de apoio e nas quais há um maior segredo (SANTOS et al., 2012).

A escolaridade da figura paterna mostrou que níveis de instrução mais elevados contribuíram para menores índices de violências nas RAI, reduzindo para cerca de metade das ocorrências. Identificou-se que o nível de escolaridade mais elevados em comparação ao analfabetismo manifestou associação estatisticamente considerável como fator de proteção para a violência psicológica nas RAI. Fenômeno distinto foi observado no caso da figura materna, cujos resultados não apresentaram diferenças estatísticas significativas para a escolaridade.

Acredita-se que esse dado tenha relação com os efeitos dos papéis de gênero na sociedade e os níveis de instrução, nos quais, homens com maior escolaridade propiciam menores índices de desigualdades de gênero e conseqüentemente, menores comportamentos abusivos e propagam tal ideologia para gerações futuras. As perspectivas diádicas-familiares, dizem-nos que é o ambiente em que cada indivíduo se encontra que determina o comportamento do mesmo, no caso da família, este observa todos os comportamentos e atitudes desta e terá uma grande probabilidade de os reproduzir. Caso esteja exposta a prática abusivas, pode vir a adotá-las ou a aceitar a violência no futuro (CARIDADE; MACHADO, 2013).

Essas mesmas autoras discutem que, de acordo com perspectivas feministas, os atos violentos praticados no seio de uma relação de namoro advêm de um vasto agregado de valores patriarcais institucionais de vários níveis: macrossocial, onde se encontra o sistema legal, as instituições e estruturas sociais; intergeracional, através dos valores transmitidos de geração em geração; cultural, onde os media desempenham um papel fundamental na reprodução e reforço dos valores patriarcais e individual (onde o indivíduo reproduz os valores patriarcais incorporados no seu dia-a-dia) (CARIDADE, MACHADO, 2013).

A ocupação dos responsáveis apresentou associação às violências nas RAI. Os dados apresentam uma diferença de percentuais entre o trabalho formal e informal da figura materna e a situação de desemprego da figura paterna. A ocupação paterna como aposentado

apresentou associação estatística significativa para a violência física nas RAI, revelando característica de fator protetor em relação aos indivíduos que o pai trabalha formalmente.

Um outro dado sob a mesma perspectiva trata-se do falecimento dos pais, caracterizando a ausência de um responsável legal. Acredita-se que essas diferenças percentuais sejam devido ao maior tempo de exposição da figura do responsável na vida dos adolescentes, uma vez que a ausência em casa do responsável tanto durante o período do trabalho como por falecimento, poderá intensificar as vulnerabilidades dos adolescentes acerca das violências principalmente nas RAI.

A proporção de experiências ruins presenciadas pelo(a) adolescente em relação ao seu familiar foi elevada e superior no sexo masculino, em relação ao feminino. No sexo masculino, foi observado maior proporção de consumo de álcool e outras drogas em comparação ao sexo feminino por parte dos pais. Foi superior também a vivência de situações de violência com a figura paterna em comparação a materna. Resultado semelhante foi encontrado no estudo de Garcia e Silva (2018), o qual há predominância do sexo feminino com maior potencial de vitimização e do sexo masculino como perpetrador das violências por parceiro íntimo, da cor da pele parda e negra e com pior condição socioeconômica, conforme a menor escolaridade e ausência de trabalho remunerado.

As situações de famílias separadas ou monoparentais apresentaram significativa relação às violências nas RAI, atingindo cerca de 2 vezes mais chances de ocorrerem violências físicas, relacionais e ameaça. Observou-se associação semelhante para outro membro familiar responsável ou responsável externo ao núcleo familiar. Este dado representa a suscetibilidade dos adolescentes em acolhimento institucional para as violências nas RAI quando em condições de convívio inexistente ou distanciamento de ambos os pais.

Sabe-se que a quantidade e qualidade dos episódios de conflito principalmente em famílias com pais separadas, são prejudiciais ao desenvolvimento do adolescente, constituindo-se fator impactante para os seus problemas de comportamento, se tornando um modelo para a violência. Neste sentido, autores destacam que a exposição à violência, exposição a situações de violência ou conflito conjugal, o abuso de crianças/negligência, abuso de substâncias, relação parental ineficaz, e pais antissociais podem ser indutoras de comportamentos violentos praticados pelos adolescentes (FARIAS; MARTINS, 2016).

Reiterando essa perspectiva sobre as influências familiares, em outro estudo, os autores identificaram que as classes com contextos familiares médios e positivos apresentaram os menores níveis de violência no namoro e normas de violência no namoro (GARTHE; SULLIVAN; GORMAN-SMITH, 2019). Adolescentes que apresentam

monitoramento dos pais estão associados à diminuição das probabilidades de usar ambos tipos de violência (geral e nas RAI) versus nenhum tipo de violência.

Isso significa dizer que quanto melhores as condições socioeconômicas e relações intrafamiliares dos adolescentes institucionalizados, menores serão as ocorrências de violências nas relações afetivas íntimas dos mesmos, atuando como um fator de proteção para o desfecho.

Estes achados reforçam o entendimento de que a família está implicada no desenvolvimento de seus membros. Fatores familiares têm se destacado como possíveis determinantes de risco e proteção de adolescentes, cabendo assinalar que o funcionamento familiar coeso e adaptado correlaciona-se de forma positiva com fatores de prevenção e proteção para essas práticas. O estabelecimento de regras e limites pela família é destacado como parâmetro fundamental para que jovens assumam responsabilidades pelas escolhas e atos, minimizando, portanto, comportamentos violentos nas RAI (SILVA et al., 2014).

4.7 As violências nas RAI associadas aos grupos de amizades/pares

Os adolescentes experenciam violências nas RAI também influenciados por grupo de amigos/pares. O ciclo de amizade, segundo a literatura, representa um forte indicador nos comportamentos dos adolescentes. É na adolescência que as relações de amizade e de namoro ganham maior importância, a família vai cedendo espaço para a construção de outros relacionamentos e interações. É nessa fase do ciclo do desenvolvimento que o comportamento dos adolescentes é resultado de uma interação complexa entre processos pessoais, relacionais, transgeracionais e sociais (DINIZ; ALVES, 2015).

As relações de amizade podem auxiliar no desenvolvimento emocional dos adolescentes conforme o fortalecimento do vínculo afetivo. Neste caso, o vínculo afetivo pode ser entendido como um laço durável que se estabelece entre uma ou mais pessoas que se tornam importantes a partir desta vinculação. É uma ligação afetiva que une as pessoas que criaram um vínculo entre si, um estado interno desenvolvido ao longo do tempo (ROMEIRO; MELCHIORI, 2017).

A amizade tem sido descrita como uma fonte de apoio social para a fase da adolescência, principalmente para os adolescentes acolhidos e em situação de rua, afastados

do convívio familiar e de sua comunidade de origem. As relações com iguais assumem um papel fundamental para o adolescente pois auxiliam na construção da identidade e a aquisição de papéis sociais que os permitem compartilhar. Comumente o adolescente prefere os amigos à família, principalmente na busca pela identidade e de apoio social (VÉRONNEAU; TREMPE; PAIVA, 2014). Além disso, as relações sociais agem nas trajetórias de desenvolvimento dos jovens como fatores protetores ou de risco. Este último por exemplo envolvendo comportamentos antissociais e consumo de álcool e outras drogas (CORREIA et al., 2014).

Na perspectiva do modelo ecológico para violências (KRUG et al., 2002), o convívio com os amigos explica os comportamentos que alguns adolescentes em acolhimento institucional manifestam, mesmo não tendo experienciado qualquer situação anterior no espaço familiar. Esse segundo nível, ou seja, o das relações, pode moldar o comportamento dos adolescentes e a sua esfera de experiências. Essa interação diária com os amigos pode influenciar o adolescente em comportamentos saudáveis e/ou violentos. O convívio e a prática constante de violência podem aumentar a oportunidade de eventos violentos nas RAI.

De acordo com vários estudos sobre influência dos grupos de pares, tem-se constatado que os comportamentos agressivos dos adolescentes no namoro são influenciados pela observação/convivência de comportamentos violentos em grupo de amizades. Para ambos meninos e meninas que têm amigos que praticam violência entre os pares, está associado a um aumento no número de tipos de violências em comparação ao uso apenas de violência no namoro (FOSHEE et al., 2011).

O envolvimento escolar dos amigos foi um elemento importante com significativa ocorrência de violências nas RAI. A literatura discute a pouca aderência escolar de jovens e seu envolvimento com situações de violência, em particular, nas RAI. Os dados científicos evidenciam que quanto menor tempo de estudo (menos de 8 anos) do indivíduo, maior será a exposição à violência (MOREIRA et al., 2013). Ainda sob essa perspectiva, os adolescentes com pouco envolvimento escolar, baixa expectativa escolar ou que abandonaram os estudos apresentam risco aumentado para relacionamentos não sadios (SMITH et al., 2015). Assim, diante dessa casuística, é possível inferir que a adesão escolar foi um fator protetor diante das violências nas RAI, uma vez que os adolescentes deste estudo que não tiveram amigos com abandono escolar apresentaram frequências diminuídas de violências em cerca de um terço a menos comparados aqueles que abandonaram.

Para Alves e Dell'Aglio (2015) relacionamento com amigos pode ser um fator de proteção para o adolescente, principalmente quando ele é retirado do convívio familiar e tem

que se adaptar a uma realidade desconhecida e imposta, como no caso dos adolescentes acolhidos. Entretanto, é fundamental compreender que apesar dessa amizade propiciar um forte laço afetivo e redução das demandas emocionais dos adolescentes, nem sempre ela garantirá proteção para todas as questões que envolvem os adolescentes. Em alguns casos ela poderá aumentar as vulnerabilidades acerca do próprio adolescente.

No estudo de Farias e Martins (2016), os dados indicaram que as violências sofridas (41,8%), exercida (43,5%) ou sofrida e exercida (39,4%) tiveram relação ao local de consumo de álcool e drogas, cujo predomínio encontrava-se na casa de amigos. Analisando esse dado é possível compreender a influência do consumo de drogas lícitas e ilícitas por parte do ciclo de amizades e a intensa associação com as violências nas relações afetivas dos adolescentes deste estudo. A ameaça nas RAI apresentou chances dobradas de acontecer quando os amigos faziam uso de bebida alcoólica, assim como a violência relacional de ocorrer em cerca de 3 vezes mais diante do consumo de drogas por parte dos amigos. O consumo de bebidas alcoólicas pelos amigos demonstrou elevado percentual de ocorrência com as violências nas RAI dos adolescentes, cujos valores encontram-se acima de 85% para as tipologias ameaça, relacional e física. O mesmo fenômeno se observou para o tabaco e a maconha, sendo essa última também relacionada a violência sexual.

Reyes et al. (2015) afirma que, a associação entre uso intenso de álcool e perpetração da violência física no namoro é mais fraca quando os adolescentes tinham redes de colegas mais pró-sociais e mais forte quando os adolescentes relataram mais violência física no namoro. Nesse sentido, as dimensões afetivas dos relacionamentos, nas "tribos" e com os parceiros desempenham papéis significativos na vida deste indivíduo principalmente com a sensação de "pertencimento a um grupo". Tal fato pode potencializar as vulnerabilidades acerca dos vínculos privados com comportamentos de riscos, como por exemplo, uso de drogas. Todavia, deve-se compreender que o meio social saudável se constitui como promotor de resiliência uma vez que o adolescente vivencie um ambiente no qual seja capaz de elaborar fragilidades, desenvolver capacidade criativa e aprender a tolerar situações destrutivas (SAMPAIO FILHO et al., 2010).

O nível das relações segundo o modelo ecológico permite a visualização de como a características dos grupos de amizades e pares corroboram para a ocorrência de violências, principalmente nas RAI. A amizade com pessoas de consumo demasiado de substâncias psicoativas e comportamentos abusivos aumentam as chances de violências nas RAI. Os fatores de risco referentes a união com pares desviantes, o envolvimento em comportamentos agressivos e violentos com o seu grupo de pares e o relacionamento com pares com

experiências prévias de violência no namoro, potencializam o risco para a vitimação nas relações afetivas íntimas. Em contrapartida, essa interação social em relação ao grupo de pares, pode resultar no fortalecimento de contatos sociais e do suporte que os mesmos podiam fornecer, agindo nesses casos como fatores de proteção no contexto das relações afetivas íntimas (ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA, 2011).

Os comportamentos se relacionam com agressividade e oposicionismo às regras além de caracterizar estes comportamentos como características de desenvolvimento. Isto é, os comportamentos antissociais se originam na infância e se desenvolvem ao longo da vida até a vida adulta, sendo produzidos por interações sociais. Mas também, estes vão se alterando a partir das exigências ambientais e do desenvolvimento do indivíduo.

As relações dos adolescentes em acolhimento institucional são justamente permeadas por situações comuns de comportamentos antissociais e uso/consumo de álcool, tabaco e maconha. Ao mesmo tempo, associa-se a este universo a evasão escolar. Pode-se perceber a vulnerabilidade do adolescente acolhido a desenvolver comportamentos desviantes. Essa associação com pares desviantes está fortemente relacionada ao uso de álcool, outras drogas e comportamentos antissociais, e muitas vezes no abandono escolar. Assim, percebe-se o “movimento” dessas vulnerabilidades aumentadas, ao se verificar maiores frequências de comportamentos violentos nos relacionamentos.

Os resultados encontrados apontam a presença de fatores de risco em diferentes níveis na vida destes adolescentes em acolhimento institucional mediante o convívio com os ciclos de amizades/pares. Indicam também uma presença maior de fatores de risco do que de fatores de proteção em relação a violência, principalmente nas RAI. Ressalta-se, não obstante, que os riscos devem ser analisados como um processo, e não de forma linear e causal (MORAIS et al., 2010).

Abordagens recentes à prevenção da violência enfocam o papel que os membros da comunidade, neste caso, os amigos e pares, podem atuar na mudança de cultura e na resposta a incidentes violentos, sugerindo que os sistemas sociais podem efetivamente reduzir os níveis de violências nas RAI (BANYARD, 2011). Estudos sugeriram que controle social percebido pelo ciclo de amizade reduz a probabilidade de um agressor responder a um problema de relacionamento com a violência (EMERY et al., 2017, 2016).

Entretanto, quando os ciclos de amizades também perpetuam violência nas RAI observa-se que tais atos podem influenciar o próprio indivíduo na propagação de violências em seus relacionamentos (MEAD; KELTY, 2018). Bennett e Banyard (2016) descobriram

que uma amizade com o agressor diminuía as percepções de gravidade de um cenário de violência sexual, mas aumentava as percepções de segurança para intervir.

A literatura aponta descobertas variadas sobre a influência dos ciclos de amizades/pares para a ocorrência de violência nas RAI, ora aumentando a probabilidade de ocorrência, ora funcionando como uma barreira para uma intervenção eficaz (MEAD; KELTY, 2018). O mesmo estudo ainda discutiu a continuidade da amizade do indivíduo mesmo após o reconhecimento de episódios de violência por parte dos amigos, delineando a exposição aumentada para eventos desse tipo.

É claro que a amizade e a ocorrência de violências nas RAI são influenciadas por numerosos fatores desde cognição e respostas comportamentais, assim como o contexto no qual os indivíduos estão inseridos. Neste sentido, deve-se considerar como estes atuam em sua complexidade e como interagem na vida do indivíduo. A visão do modelo ecológico de Krug et al. (2002) permite compreender a relação entre risco e proteção, bem como olhar para o sujeito em desenvolvimento como produto desta relação.

De acordo com as pesquisas, as influências ambientais representam fatores importantes e preponderantes para a iniciação no uso de substância psicoativa, condutas desviantes e violências, destacando a pressão e hábitos dos amigos e o advento da probabilidade aumentada de violências nas RAI. Estes achados reforçam o entendimento de que os amigos são possíveis determinantes de risco e proteção para a ocorrência de violência nas RAI de adolescentes em acolhimento institucional. A vivência em grupos que compartilham a mesma realidade corroborando com comportamentos de risco e a propensão a eventos violentos nos relacionamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo apresentou uma temática atual e inovadora, principalmente em se tratar de adolescentes em acolhimento institucional. Tal fato, constitui uma etapa importante no progresso de novas investigações neste domínio, dada a inexistência de estudos neste âmbito no contexto brasileiro e até internacional. Os resultados deste estudo revelaram contribuições interessantes sobre o fenômeno da violência nas relações afetivas íntimas entre os adolescentes institucionalizados. Os objetivos do trabalho foram atendidos ao reunirem dados que apresentaram a elevada magnitude de violências nas RAI dos adolescentes em acolhimento institucional assim como, as potencialidades de alguns elementos para a ocorrência desses casos.

A população estudada apresentou perfil próximo a realidade dos demais adolescente acolhidos de outras regiões do país. Na análise, os dados revelaram o quanto são indivíduos de vulnerabilidades aumentadas para violências nas RAI, principalmente por serem muito jovens, majoritariamente de cores parda e preta, com atraso escolar e com vivências anteriores de violência, principalmente da família.

A maior parcela dos adolescentes institucionalizados referiu vivências de algum tipo de violência nas RAI, com predominância das psicológicas, físicas e sexuais. Em geral, não houve diferenças acentuadas destas violências em comparação aos sexos, o que indica que esse tipo de violência ocorre praticamente com a mesma intensidade e efeitos independentes do gênero dos adolescentes. Em relação aos aspectos sociodemográficos, as cores de pele pardas e pretas, a escolaridade e a religião dos adolescentes foram indicadores de extrema importância para a ocorrência de violência nas RAI, atuando como fatores de risco para esse desfecho, principalmente para as violências do tipo ameaça, física e sexual.

As questões individuais referentes aos comportamentos sexuais indicaram sexarca por em torno dos 12 anos, denotando início de relações afetivas íntimas precocemente e maior exposição a eventos violentos. O sexo masculino apresentou maior número de relacionamentos e parceiras(os) sexuais em um ano em comparação ao sexo feminino. O número elevado de parceiros relacionou-se com o alto índice de violências nas RAI, principalmente sexuais e ameaças. Indivíduos com atração sexual por pessoas do mesmo sexo apresentaram mais chances de vivenciarem violências nas RAI. As práticas sexuais desprotegidas revelaram chances aumentadas para os adolescentes vivenciarem também essas violências. Outros dados relevantes foram as associações existente entre as questões

familiares e experiências difíceis com as violências nas RAI atuando como elementos influenciadores para sua ocorrência. Não se identificou associação estatisticamente significativa das drogas com as violências nas RAI.

A aplicação do modelo ecológico da violência para nortear a compreensão sobre o universo das violências nas RAI de adolescentes acolhidos foi positiva à medida que permitiu a visualização ampliada do fenômeno e a dinâmica de diversos fatores influenciadores simultaneamente, constituindo uma “teia” complexa existente na vida dos adolescentes acolhidos e sendo de encontro com as literaturas científicas acerca do tema.

Foi interesse observar como uma mesma variável transitou entre os níveis do modelo ecológico, indo por exemplo, do terceiro nível, mais distal, para o primeiro nível, mais proximal, e vice-versa. Essa dinâmica dos diferentes níveis de interação favoreceu a compreensão de como uma mesma variável pode ou não intensificar as chances das violências, assim como, sua capacidade de agregar-se a outros elementos capazes de potencializar a ocorrência de violência nas RAI.

Os resultados desta pesquisa e a complexidade do fenômeno possibilita a visualização das violências nas RAI como uma problemática de alta escala, uma vez que envolveu questões sociais e de saúde dos adolescentes em acolhimento institucional. Há uma profunda necessidade de olhar esses adolescentes em sua integralidade, mapeando suas realidades e demandas, assim como suas vulnerabilidades e fatores influenciadores nas violências nas RAI.

Para essa proposta, acredita-se que as instituições de acolhimento institucional sejam cenários importantes para o acompanhamento das condições desses adolescentes, sendo consideradas espaços promissores de garantias de direitos, desenvolvimento humano e manutenção da saúde na adolescência. Deve-se lembrar que o acolhimento institucional apresenta um papel de cuidado e proteção com os adolescentes, semelhante as funções da família. Com isso, essa relação das instituições de acolhimento com os adolescentes deve ser compreendida como um processo, nos quais diferentes elementos interagem entre si e alteram o percurso do indivíduo, produzindo uma experiência de cuidado, fortalecimento ou amparo ao risco. Essa interação dinâmica entre as características individuais dos adolescentes e a complexidade do contexto ecológico favorecido pelo acolhimento pode ser um fator importante na contenção das violências nas RAI. Essa articulação do cenário com os serviços de saúde propiciará ações voltadas para promoção de relações mais saudáveis e prevenção das violências nas RAI.

Apesar de não integrarem as equipes dos espaços de acolhimento, a inserção de profissionais de saúde nestes espaços fortalece o vínculo com os adolescentes, estabelecendo confiança para exporem suas experiências nas relações afetivas e intervenções diante de casos de violências. Como proposta de intervenção, é preciso um trabalho socioeducativo com os adolescentes institucionalizados a fim de orientá-los sobre as violências nas RAI e seus desdobramentos na própria saúde.

Considerando as atribuições do enfermeiro e seu potencial educador de formação, percebe-se que esse profissional seja qualificado na realização de ações para esse público específico, isto é, os adolescentes em acolhimento institucional. Esse profissional é capaz de identificar e assistir o indivíduo diante de situações/fatores que intensificam ou minimizam comportamentos para a ocorrência das violências nas relações afetivas íntimas tendo em vista as particularidades do adolescente institucionalizado e seus contextos individual e relacional. O enfermeiro também possui habilidades e competências para direcionar suas práticas diante de casos de violências nas RAI. É capaz de dimensionar as necessidades e vulnerabilidades desse público, assim como o manejo de ações pautadas nas perspectivas de promoção, prevenção e agravos à saúde, além de fortalecer e incentivar esses adolescentes como agentes ativos de seu próprio cuidado.

As ações educativas pautada nas simetrias de gênero e empoderamento feminino tornam-se ferramentas de grande importância no combate as violências nas RAI. Ao se disseminar esse conteúdo, os adolescentes, e principalmente as meninas, terão mais subsídios e mecanismos de enfrentamento diante de casos de comportamento abusivo com os parceiros(as). O trabalho deve ser ampliando também para o sexo masculino com o objetivo de discutir as questões de gênero e a desmistificação das cobranças impostas socialmente sobre os comportamentos masculinos. O enfermeiro deve trabalhar as situações de vulnerabilidades na adolescência, a violência nas RAI e suas consequências para a saúde do indivíduo, além dos fatores de risco e proteção para o fenômeno.

Há necessidade imperativa no aprofundamento de conhecimento, permitindo, o enfermeiro subsídios para assistir aos indivíduos acolhidos em relacionamentos violentos, não só através do desenvolvimento de mecanismos de apoio formais e informais, como também na ação de sua prevenção, através da elaboração e implementação de esforços preventivos mais ajustados à realidade desse público em questão. Compreender a exposição às vulnerabilidades diversas e os reduzidos efeitos dos fatores de proteção são ações fundamentais no combate as violências nas RAI.

Os enfermeiros devem atuar nos fatores de proteção individuais, familiares e comunitário, fortalecendo-os e minimizando o impacto negativo destas violências na trajetória de vida dos adolescentes. É fundamental também a determinação de índices de prevalência da violência nas relações afetivas íntimas neste grupo, no sentido de diminuir as frequências anteriormente referidas e a compreensão de significados, motivações e contextos inerentes a este fenômeno, não só na perspectiva de vivências de violências, mas na condição, inclusive, de perpetração.

Sobre as limitações dos estudos, percebeu-se que devido a abordagem quantitativa do estudo, não foi possível atingir a compreensão de algumas questões subjetivas relacionadas com as motivações subjacentes à experiência negativas das violências, o contexto de surgimento, a sequência interativa da experiência abusiva e nem a significação atribuída à violência pelos seus causadores.

Outro fator muito limitante para a pesquisas foi a reformulação dos modelos de Assistência Social no período de coleta, contribuindo com a possibilidade de viés de seleção. É importante destacar que durante o período de coleta de dados, ocorreu o rearranjo das instituições de acolhimento institucional na cidade do Rio de Janeiro mediante as mudanças políticas sociais que norteavam o programa de Assistência Social e, conseqüentemente, modificação do modelo assistencial voltado ao público de acolhimento institucional. Houve o rearranjo dos cenários e reconfiguração do perfil das unidades como número de capacidade máxima permitida de adolescentes acolhidos por unidade, a descentralização de unidades específicas para o acolhimento de adolescentes usuários de substâncias psicoativas, e sendo alocados em unidades de acolhimento gerais. As instituições apresentaram mudanças de nomes, outras foram realocadas em novos endereços e ainda, algumas foram divididas funcionalmente por sexo e por faixa etária, ou seja, crianças ou adolescentes; sendo essa última ainda subdividida em unidades exclusivas por adolescentes do sexo feminino em situação de maternidade (gestantes e/ou com filhos) e adolescentes não mães.

Uma outra situação foi a impossibilidade de visualização dos prontuários dos adolescentes nas instituições de acolhimento pois se encontravam na maior parte do tempo em uso pelos profissionais das unidades e pelo Conselho tutelar. Sendo também uma fonte de dados, acredita-se que este material enriqueceria o estudo e ampliaria a compreensão do contexto de vida das adolescentes anterior ao acolhimento.

Destaca-se a dificuldade de adesão dos adolescentes nos dias de visita do Conselho Tutelar pois esses profissionais são os responsáveis por definirem a situação familiar e de acolhimento de cada adolescente. Nestes dias, todos adolescentes mostraram-se ansiosos e

dispersos, sem muito interesse na participação do estudo. Houve necessidade de reagendar a entrevista em outra data a fim de garantir a qualidade dos dados durante a coleta com maior atenção e tranquilidade do adolescente.

Acredita-se que os dados encontrados nesta pesquisa trazem novas informações e reflexões acerca da complexidade das violências nas RAI de adolescentes em acolhimento institucional e de seus fatores de risco e de proteção. É pertinente ampliar esse estudo para outras regiões do estado do Rio de Janeiro e do Brasil com o intuito de mapear a realidade desses adolescentes institucionalizados a nível mais amplo, caracterizando os comportamentos do fenômeno em similaridades e suas possíveis diferenças ao longo do território brasileiro.

Assume-se como urgente o aprofundamento da investigação sobre as violências nos relacionamentos íntimos de indivíduos adolescentes, não apenas de abordagem quantitativa, mas inclusive qualitativa, com objetivo de contemplar as dimensões subjetivas e ampliar o entendimento desse fenômeno.

Percebe-se a necessidade de mais estudos referentes aos desdobramentos desse tipo de violência, principalmente relacionado aos impactos negativos e positivos na vida desse grupo estudado. Deve-se pesquisar também a influência das unidades de acolhimento institucional e a inserção do enfermeiro nesses espaços, a fim de compreender os efeitos desses elementos na vida dos adolescentes para a ocorrência de violências nas RAI.

A criação e implementação de um programa que vise a prevenção de violência nos relacionamentos e promoção de relações afetivas íntimas saudáveis em espaços de acolhimento é uma proposta interessante ao se considerar essas unidades como responsáveis pela proteção e desenvolvimento humano voltados aos adolescentes em situações de vulnerabilidades, e portanto, cenários promissores para a educação em saúde e comportamentos saudáveis com os pares. Nesta perspectiva, deve-se desenvolver estratégias voltadas para as violências nas RAI, considerando suas múltiplas particularidades em adolescentes institucionalizados e seus diversos contextos para abranger o maior número de fatores relacionados com a temática. O uso de métodos educativos pautados em um modelo problematizador, crítico e reflexivo a partir das experiências vividas dos próprios adolescentes é uma alternativa para aproximação do tema e sensibilização desses meninos para comportamentos futuros mais saudáveis e menos desiguais entre os sexos.

Espera-se que as informações aqui veiculadas contribuam para a sensibilização de gestores, profissionais, acadêmicos e docentes da área da saúde para a complexidade das violências nas RAI assim como ser fonte de consulta para subsidiar o fortalecimento de

políticas públicas de enfrentamento a violência, em especial, nas relações afetivas íntimas de adolescentes e suas consequências.

REFERÊNCIAS

- ABAID, J. L. W. **Entre risco e proteção: ajustamento psicossocial de adolescentes em acolhimento institucional** [Tese]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2013.
- ACIOLI, R. M. L. et al. Tempo de acolhimento e características dos adolescentes acolhidos por tipo de serviços institucionais, Recife, Brasil, 2009-2013. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 553-562, Feb. 2019.
- AFONSO, J., TEIXEIRA, F. Olhares sobre a violência no namoro: um projeto com adolescentes do ensino secundário. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara; v.10, n.2, p. 504-523, 2015.
- ALLY, Elizabeth Z. et al. Intimate partner violence trends in Brazil: data from two waves of the Brazilian National Alcohol and Drugs Survey. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 98-105, 2016.
- ANTÔNIO, T.; KOLLER, S. H.; HOKODA, A. Peer influences on the dating aggression process among Brazilian street youth: A brief report. **Journal of Interpersonal Violence**, Estados Unidos. v. 27, n. 8, p. 1579-1592, 2012.
- ANTUNES, A. L. M. de P. “**Sentença vem de sentimento**”: sobre a subjetividade dos atores jurídicos em Varas de Família. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.
- ARAÚJO, E. D. S.; COSTA, A. J. S.; BLANK, N. Aspectos psicossociais de adolescentes de escolas públicas de Florianópolis/SC. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 219-225, 2009.
- ARRIAGA, X. B.; FOSHEE, V. A. Adolescent dating violence: do adolescents follow in their friends', or their parents', footsteps? **J Interpers Violence**, Estados Unidos, v. 19, n.2, p. 162-84, 2004.
- ASSIS, Simone Gonçalves de; FARIAS, Luís Otávio Pires (org.). **Levantamento Nacional das Crianças e Adolescentes em Serviço de Acolhimento**. São Paulo: Hucitec, 2013.
- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA. **Manual de Procedimentos**. Lisboa: APAV. 2011.
- AVARES, H. H. F. et al. Análise e perspectiva sobre a formação do profissional de saúde para o atendimento à mulher negra. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 19-28, abr.2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2018v15n28p19>>. Acesso em: 12 nov. 2019.
- AYRES, J. R. C. M. Organização das ações de atenção à saúde: modelos e práticas. **Saude Soc.**, São Paulo, v.18, Supl 2:11-23, 2009.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Soc. Estado**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, 2014.

BANYARD, V. L. Who will help prevent sexual violence: Creating an ecological model of bystander intervention. **Psychology of Violence**, v. 1, p. 216-229, 2011.

BAPTISTA, A. C. C. C. **Estudo de caso de uma mulher sujeita a violência conjugal psicológica, com crenças de amor romântico e uma história de violência interpaparental**. Dissertação (Mestrado em Psicologia clínica) - Instituto Universitário Ciências Psicológicas, sociais e da Vida, **Instituto Superior de Psicologia Aplicada**, Portugal, 2012.

BARBOSA, A. C. S. **Experiências adversas precoces, vinculação romântica e experiências de violência entre jovens adultos**. 2014. 50 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) - Universidade Lusófona do Porto, 2014.

BARBOSA, V. M.; ANTUNES, M. C.; PADILHA, M. G. S. A reinserção familiar de crianças e adolescentes vítimas de violência intrafamiliar em acolhimento institucional por medida de proteção: o abuso sexual em foco. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 36, n. 91, p. 286-309, jul. 2016.

BARTH, B.; WAGNER, A.; LEVANDOWSKI, D. C. Descrição cronológica das manifestações amorosas de adolescentes do sul do Brasil. **Revista Psicologia: Teoria e Prática** (on-line), São Paulo, v. 19, n. 3, p. 287-301. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v19n3p287-301>>. Acesso em 17 nov 2019.

BARREIRA, A.K. et al. Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 217-228, 2014.

BARREIRA, A. K.; LIMA, M. L. C.; AVANCI, J. Q. Co-occurrence of physical and psychological dating violence among adolescents of Recife, Brazil: prevalence and associated factors. **Cien Saude Col**, Rio de Janeiro, v. 18, n.1m, p. 233-43, 2013.

BASTOS, L. S; OLIVEIRA, R. V. C; VELASQUE, L. S. Obtaining adjusted prevalence ratios from logistic regression models in cross-sectional studies. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, p. 487-495, 2015.

BENNETT, S., BANYARD, V. L., & EDWARDS, K. M. (2017). The impact of the bystander's relationship with the victim and the perpetrator on intent to help in situations involving sexual violence. **Journal of Interpersonal Violence**, Estados Unidos, v. 32, p. 682-702, 2017.

BESERRA M. A. et al. Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. **Esc Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p.183-191, 2016.

BESERRA, M.A. et al. Prevalência de violência na escola e uso de álcool e outras drogas entre adolescentes. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 27, p.e3110, 2019.

BOINVIN, S.; LAVOIE, F.; HÉBERT, M.; GAGNÉ, M. Past Victimizations and Dating Violence Perpetration in Adolescence: The Mediating Role of Emotional Distress and Hostility. **J Interpers Violence**, Estados Unidos, v.27, n. 4, p. 662-84, 2012.

BOURDIEU P. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BORGES, L. S.; ALENCAR, H. M. Violências no cenário brasileiro: fatores de risco dos adolescentes perante uma realidade contemporânea. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 194-203. 2015;

BRAGA, L. L.; DELL, AGLIO, D. D. Suicídios na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 2-14, 2013.

BRANCAGLIONI, B. C. A.; FONSECA, R. M. G. S. Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 69, n. 5, p. 946-955, 2016.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. **Diário Oficial [da] União** [periódico na internet]. 16 Jul. 1990. Disponível em: <www3.dataprev.gov.br/sislex/paginas/33/1990/8069.htm>. Acesso em: 15 abr. 2016

_____. LEI Nº 12.852, DE 5 DE AGOSTO DE 2013. Dispõe sobre o Estatuto da Juventude. **Diário Oficial [da] União** [periódico na internet]. 2013.

_ BRASIL. Ministério da Justiça. **Orientações técnicas**: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes. Brasília, junho de 2009.

_____. Ministério da Saúde. **Programa Saúde do Adolescente**. Bases Programáticas. 2. ed. Brasília, DF, 1996, 32 p.

_____. Ministério da Saúde. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher**: princípios e diretrizes. Brasília, DF, 2004a.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 234 p.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. **Agenda de Prioridades de Pesquisa do Ministério da Saúde - APPMS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018a. 26 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **A Saúde de adolescentes e jovens**: uma metodologia de auto-aprendizagem para equipes de atenção básica de saúde: módulo avançado. Brasília: Ministério da Saúde. 2002.

_____. Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e Adolescente. **Violência contra Crianças e Adolescentes**: Análise de Cenários e Propostas de Políticas Públicas. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018b, 377p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde e prevenção nas escolas**: guia para formação de profissionais de saúde e educação. Brasília, DF, 2006. 160 p.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de adolescentes e de jovens**. Brasília, DF, 2007.

_____. Ministério da Saúde. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília, DF, 2010a. 132 p.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescente e suas famílias em situação de violências**: orientações para gestores e profissionais de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2010b.

_____. Ministério da Saúde. **Saúde sexual e saúde reprodutiva**. Cadernos de Atenção Básica, n. 26. Brasília, DF, 2013. 300 p.
BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012, Brasília, DF, 2012.

_____. Ministério da Saúde. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 234 p.

_____. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência Contra a Mulher**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para Mulher, 2011a. 68 p.

_____. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar**: orientações para prática em serviço. Brasília: Ministério da Saúde, 2001, 96 p.

_____. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência faz mal à saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004b, .296 p.

BRETAS, José Roberto da Silva et al. Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, p. 3221-3228, 2011.

BRILHANTE, A. V. M.; CATRIB, A. M. F. Sexualidade na adolescência. **Femina**, Belo Horizonte, v. 39, n. 10, p. 504-509, 2011.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER U. **Bioecologia do Desenvolvimento Humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CAMPEIZ, A. B. **Violência e gênero: Reflexões e Considerações sobre mulheres em situação de risco e vulnerabilidade no Município de Araraquara/SP**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

CARMO, M. E.; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública** [online], Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p. e00101417, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00101417>>. Acesso em: 04 dez 2019.

CARIDADE, S. **Vivências íntimas violentas: Uma abordagem científica**. Coimbra: Almedina, 2011.

CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. **Psicologia**, Lisboa, vol.27, n.1, p.91-113, 2013.

CARINHANHA, J. I. **O processo de desafiliação vivido no seio familiar e a representação social da adolescente em situação de rua: em busca da prevenção**. 2014. 199 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CARINHANHA, J. I.; PENNA, L. H. G. Violência vivenciada pelas adolescentes acolhidas em instituição de abrigo. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 68-76, Mar. 2012.

CARVALHO, L. S.; ASSIS, S. G.; PIRES, T. O. Violência sexual em distintas esferas relacionais na vida de adolescentes. **Adolesc & Saude**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 14-21, 2017.

CASTRO, R. J. de S. **Violência no namoro entre adolescentes da cidade do Recife: em busca de sentidos**, 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, 2009.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. Youth Risk Behavior Surveillance - United States 2013. **Surveillance Summaries**, Estados Unidos, n. 151, v. 15, 2014.

CECCHETTO, F. et al. Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 20, n. 59, p. 853-864, 2016.

CERQUEIRA-SANTOS, E.; NETO, O. C.; KOLLER, S. H. Adolescentes e adolescências. In HABIGZANG, L. F.; DINIZ, E.; KOLLER, S. H. (Org.). **Trabalhando com adolescentes: Teoria e intervenção psicológica**, Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 17-27.

CISNE, M. Direitos humanos e violência contra as mulheres: uma luta contra a sociedade patriarcal-racista-capitalista. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 18, n. 1, p. 138-154, 2015.

CLATES, D. M. et al. Vivências de adolescentes em uma unidade de acolhimento institucional. **Rev. enferm. UFPE on line**, Recife, v. 11, n. 6, p. 2452-2458, jun. 2017.

COELHO, C.; MACHADO, C. Violência entre jovens: prevenção através da educação por pares. In: VII SIMPÓSIO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA, 2001,

Universidade do Minho, Portugal. **Anais do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia**, p. 3368-3382, 2010.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Cadastro Nacional de Crianças e Adolescentes Acolhidos**. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/cnca/publico/>. Acesso em: 29 Abr. 2018.

CONTE, M. et al. Rotas Críticas: desatar nós para fazer laços. **Athenea Digital**, Barcelona, v. 12, n. 3, p. 285-294, nov. 2012.

COSTA, A. T. M. Violências e conflitos intersubjetivos no Brasil contemporâneo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 62, p. 353-365, 2011.

COSTA, L. G.; MACHADO, C.; ANTUNES, R. Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. **Psychologica**, Coimbra, v. 1, 2-15, 2011.

COSTA, A. M. et al. Percurso amoroso e eventos violentos nas relações de namoro de jovens. **Rev. Saúde Col. UEFS**, Feira de Santana, v. 8, p. 39-45, 2018.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Cadastro Nacional de Crianças e Adolescentes Acolhidos**. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/cnca/publico/>. Acesso em: 29 Abr. 2018.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, Sup, p. 1163-1178, 2007.

DELZIOVO, C. R. et al. Características dos casos de violência sexual contra mulheres adolescentes e adultas notificados pelos serviços públicos de saúde em Santa Catarina, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 6, p. e00002716, 2017.

DINIZ, G. R. S.; ALVES, C. O. Gênero e violência no namoro. In: MURTA, S. G.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F.; DINIZ, G. R. S (Org.). **Violência no namoro: estudos, prevenção e psicoterapia**. Curitiba: Appris, 2015.

EARNEST, A. A. E., BRADY, S. S. Dating violence victimization among high school students in minnesota: Associations with family violence, unsafe schools, and resources for support. **Journal of Interpersonal Violence**, Estados Unidos v. 31, n. 3, p. 383-406, 2016.

EDWARDS, K. M.; SYLASKA, K. M. The perpetration of intimate partner violence among LGBTQ college youth: The role of minority stress. **Journal of Youth and Adolescence**, Estados Unidos, v. 42, p. 1721-1731, 2013.

ELICKER, E. et al. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares de Porto Velho-RO, Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 399-410. 2015,

EMERY, C. R. et al. Protective family informal social control of intimate partner violence in Beijing. **Psychology of Violence**, Estados Unidos, v. 7, p. 553-562, 2017.

EMERY, C. R. et al. What would your neighbour do? An experimental approach to the study of informal social control of intimate partner violence in South Korea. **Journal of Community Psychology**, Estados Unidos, v. 45, p. 617-629, 2016.

ESCOSIN, S. M. Violência de Gênero e Saúde Coletiva: um debate necessário. **R. Katal.**, Florianópolis, v. 17, n. 2, 2014.

EUROPEAN MONITORING CENTRE FOR DRUGS AND DRUG ADDICTION. **European drug report.** Trends and development, Bulletin, Spain; Lisbon: EMCDDA; 2013.

FARIA, C. S.; MARTINS, C. B. G. Violência entre adolescentes escolares: condições de vulnerabilidades. **Enfermería Global**, Espanha, n. 42, p. 171-184, 2016.

FARIA FILHO, E. A. Perfil do consumo de álcool e drogas ilícitas entre adolescentes escolares de uma capital brasileira. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 2, p. 78-84, ago. 2014.

FÉLIX, D. **Crenças de legitimação da violência de gênero e efeitos de campanhas de prevenção:** Um estudo. 2012. Tese (Tese de Mestrado). Universidade de Lisboa, Portugal, 2012.

FERNÁNDEZ-FUERTES A. A.; FUERTES A. Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: motives and consequences. **Child Abuse Negl.**, Canadá, v. 34, n. 3, p. 183-91, 2010.

FERRO, L.; MENESES-GAYA, C. Resiliência como fator protetor no consumo de drogas entre universitários. **Saúde e Pesquisa**, Maringá, v. 8, p. 139-149, 2015.

FILIPE, S. D. A. **Modelos percebidos de causalidade da violência entre parceiros íntimos.** 2013. 92 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Portugal, 2013.

FINNERAN, C.; STEPHENSON, R. Gay and bisexual men's perceptions of police helpfulness in response to male-male intimate partner violence. **Western Journal of Emergency Medicine**, California, v. 14, n. 4, p. 354-362, 2013.

FLAKE, T. A. et al. Intimate partner violence among undergraduate students of two universities of the state of Sao Paulo, Brazil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 801-816, 2013.

FONSECA, R. M. G. S. Gênero e saúde da mulher: uma releitura do processo saúde doença das mulheres. In: FERNANDES, R. A. Q., NARCHI, N. Z. **Enfermagem e saúde da mulher.** 2. ed. Santana do Parnaíba: Manole; 2012. p. 30-61.

FOSHEE, V. A. et al. Risk and Protective Factors Distinguishing Profiles of Adolescent Peer and Dating Violence Perpetration. **Journal of Adolescent Health**, Canadá, v. 48, n. 4, 344–350, 2011.

FRANZI, J.; ARAÚJO, U. F. Models for affective and loving relationships in Brazilian youth: an analysis based on the Thought Organization Models Theory. **International Studies on Law and Education**, Estados Unidos, v. 27, p. 71-84, 2017.

FRANZI, J.; ARAÚJO, U. F. Adolescência e juventude: implicações do debate conceitual para a reflexão sobre as relações afetivas, amorosas e sexuais entre os jovens. **Notandum**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 79-86, 2018.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Relatório sobre a situação da população mundial 2014**: O poder de 1,8 BILHÃO de adolescentes, jovens e a transformação do future. BRASIL: Fundo de População das Nações Unidas, 2014.

GALLO, A. E.; WILLIAMS, L. C. A. A Escola como Fator de Proteção à Conduta Infracional de Adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.38, n.13, p. 41-59, 2008.

GARBIN, C. A. S. et al. Formação e atitude dos professores de educação infantil sobre violência familiar contra criança. **Educar em Revista**, Curitiba, n. especial 2, p. 207-216, 2010.

GARCIA, L. P.; SILVA, G. D. M. Violência por parceiro íntimo: perfil dos atendimentos em serviços de urgência e emergência nas capitais dos estados brasileiros, 2014. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 4, p.e00062317, 2018.

GARTHE, R. C.; SULLIVAN, T. N.; GORMAN-SMITH, D. The Family Context and Adolescent Dating Violence: A Latent Class Analysis of Family Relationships and Parenting Behaviors. **J Youth Adolesc.**, Estados Unidos, v. 48, n. 7, p. 1418-1432, 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. Editora Atlas S.A. São Paulo. Brasil, 2008.

GOMES, R. **Invisibilidade da violência nas relações afetivo-sexuais**. In: MINAYO, M. C. A; ASSIS, S. G. de; NJAINE, K. (Orgs.). **Amor e violência**: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro : Editora FIOCRUZ, 2011, p.141-152.

GOOGLE EARTH-MAPAS. <http://mapas.google.com>. Consulta realizada em: 15 set 2017.

GOWER, J. C. A general coefficient of similarity and some of its properties. **Biometrics**, Estados Unidos, v. 27, p. 857-874, 1971.

GUARESCHI, N.M.F. et al. **Intervenção na condição de vulnerabilidade social**: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo. Estudos e pesquisas em Psicologia. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvspsi.org.br/pdf/epp/v7n1/v7n1a03.pdf>>. Acesso em: 05 out 2017.

GUERRERO, D. C. M. **Violência no namoro: avaliação e estratégias de enfrentamento de vítimas e agressores**. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.

GUIMARAES, M. C.; PEDROZA, R. L. S. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 256-266, 2015.

HENRIQUE, I. F. S et al. Validação da versão brasileira do teste de triagem do envolvimento com álcool, cigarro e outras substâncias (ASSIST). **Rev Assoc Med Bras**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 199-206, 2004.

HOCHMAN, B. et al. Desenhos de pesquisa. **Acta Cir. Bras.**, São Paulo, v. 20, supl. 2, p. 2-9, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características da população e dos domicílios: resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

_____. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 137p.

KINAS, R.; VENDRUSCOLO, G.B.B. O despertar do amor nos bailes da Terceira Idade. **Psico**, Pelotas, v. 41, n. 1, pp. 14-20, jan./mar. 2010

KRUG, E. G. et al. **World report on violence and health**. Geneva, World Health Organization, 2002.

LAURITSEN, J. M.; BRUUS, M. **Programa para criar banco de dados**. EpiData Association, Odense Denmark. Versão para o português (Brasil) por João Paulo Amaral Haddad, 2006.

LE BRETON, D. **Uma breve história da adolescência**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2017.

LIMA, F. C. A. et al. A experiência e atitudes de adolescentes frente à sexualidade. **O Mundo da Saúde**, São Paulo. n. 37, v.4, p. 385-393, 2013.

LIMA, F. S; VERONESE, J. R. P. **Os direitos da criança e do adolescente: a necessária efetivação dos direitos fundamentais** – (Pensando o Direito no Século XXI; v. 5). Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012. 243p.

LOURO, G. L. **Nas redes do conceito de gênero**. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R.(Orgs.). **Gênero & saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p.07-18.

MACEDO, J. et al. Concepções e vivências de estudantes quanto ao envolvimento com substâncias psicoativas em uma escola pública de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. **Ciencia y Enfermeria**, Chile, v. 3, p. 95-107, 2014.

MACHADO, L. **Crenças e representações sociais dos adolescentes sobre a violência interpessoal**. 2010. Dissertação (Mestrado). Porto: Universidade Fernando Pessoa. 2010.

MAIA, J. et al. Modelos internos dinâmicos de vinculação: Uma metáfora conceitual? **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 32, n. 3, p 279-288, 2014.

MAGALHÃES, M. J. et al. Intimidade e Violência no Namoro refletir a problemática nos nas jovens. **CesContexto**, Porto, v. 10, p. 14 – 26, 2015.

MARTSOLF, D. S.; DRAUCKER, C. B.; BRANDAU, M. Breaking up is hard to do: how teens end violent dating relationships. **J AM Psychiatr Nurses Assoc**, Estados Unidos, v. 19, n.2, p. 71, 2013.

MATOS, M. et al. Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 55-75, 2006.

MATTE, M.; LAFONTAINE, M. F. Validation of a measure of psychological aggression in same-sex couples: Descriptive data on perpetration and victimization and their association with physical violence. **Journal of GLBT Family Studies**, Nova York, v. 7, n. 3, p. 226-244, 2011.

MCINTURFF, P. et al. **Modelling risk when binary outcomes are subject to error**. University of California, Los Angeles, 2004.

MEAD, C. G.; KELTY, S. F. Violence Next Door: The Influence of Friendship with Perpetrators on Responses to Intimate Partner Violence. **Journal of Interpersonal Violence**, Estados Unidos, p. 1-21, 2018.

MEDRONHO, R. A., et. al. **Epidemiologia**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2009.

MELO, R. A. **Violência nas relações de namoro na adolescência**. 2018. 134 f. Tese (Doutorado em Inovação Terapêutica) – Centro de Biociências, Universidade Federal de Pernambuco. 2018.

MENEGHEL, S. N.; PORTELLA, A. P. Femicídios: conceitos, tipos e cenários. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 3077-3086, 2017.

MINAYO, M. C. S. A inclusão da violência na agenda da saúde: trajetória histórica. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, supl. p. 1259-1267, 2006a.

MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

MINAYO, M. C. S. et al. Institucionalização do tema da violência no SUS: avanços e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, p. 2007-2016, 2018.

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (Orgs.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.

MOLINA, L. P. P. Gênero, sexualidade e ensino de histórias nas vozes de adolescentes. **Antíteses**, Londrina, v. 6, n. 12, p. 489-525, 2013.

MONTEIRO, S. R. R. P. O marco conceitual da vulnerabilidade social. **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 17, n.2, p. 29-40, 2011.

MORAES, S. P.; BRÊTAS, J. R. S. Conceitos, comportamentos e educação em sexualidade: a formação das condutas sexuais de adolescentes em conflito com a lei. **Adolesc Saude**. Rio de Janeiro, v. 13, Supl. 2, p. 18-25, 2016.

MOREIRA, M. I C.; SOUSA, S. M. G. Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: do espaço privado à cena pública. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, ano XV, n. 28, 2012.

MOREIRA, et al. Exposição à violência entre adolescentes de uma comunidade de baixa renda no Nordeste do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 5, p.1273-1282, 2013.

MURTA, S. G. et al. Desenvolvimento de um website para prevenção à violência no namoro, abandono de relações íntimas abusivas e apoio aos pares. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v.7, n. 2, p. 118-132. 2014.

MURTA, S. G. et al. Prevenção primária à violência no namoro: Uma revisão de literatura. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 6, n. 2, p. 117-131, 2013.

NASCIMENTO, F. S.; CORDEIRO, R. L. M. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. **Psicologia & Sociedade**, México, v.23, n.3, p.516-525, 2011.

NASCIMENTO, O. C. et al. Adaptação transcultural do inventário Parcours Amoureux des Jeunes – PAJ de origem canadense para o contexto brasileiro. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. vol.20, n.11, p.3417-3426, 2015.

NJAINÉ, K; et al. Prevenção da violência nas relações afetivo sexuais. In: MINAYO, M. C. de S.; ASSIS, S. G. de; NJAINÉ, K. (Orgs.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, p.183-206.

NOGUEIRA, N. S. et al. Relacionamento amoroso: experiências afetivo sexuais dos jovens na atualidade. **Revista Uniara**, Araraquara, v.17, n.1, julho 2014.

NUNES, A. J.; SALES, M. C. V. Violência contra crianças no cenário brasileiro. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 871-880, 2016.

OLIVEIRA, N. H. D. **Recomeçar: família, filhos e desafios**. São Paulo: Ed. UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 236 p.

OLIVEIRA, Q. B.M. et al. Violência nas relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G. de; NJAINÉ, K. (Orgs.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, p.87-140.

OLIVEIRA, Q. B. M. et al. Namoro na adolescência no Brasil: Circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 707-718, 2014.

OLIVEIRA R. N. G.; FONSECA, R. M. G. S. adolescentes e violência nas relações de intimidade: uma abordagem lúdico-educativa por meio de um jogo on-line. **TICs & EaD em Foco**, São Luís, v.3 n. especial, mar. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Relatório de monitoramento global da educação 2018: relatório conciso de**

gênero; cumprir nossos compromissos com a igualdade de gênero. – Brasília: UNESCO, 2018.69 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Prevenção da Violência Sexual e da Violência pelo Parceiro Íntimo Contra a Mulher: Ação e produção de evidência.** Brasília, DF: Organização Mundial da Saúde; 2012. 94 p.

ORINGHER, J.; SAMUELSHON, K. W. Intimate partner violence and the role of masculinity in male same-sex relationships. **Traumatology**, Estados Unidos, v. 17, n. 2, p. 68-74, 2011.

PAIVA, C.; FIGUEIREDO, B. Abuso no Contexto do Relacionamento Íntimo Com o Companheiro: Definição, Prevalência, Causas e Efeitos. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 4, p. 165-184, 2003.

PAIVA, I. L.; MOREIRA, T. A. S.; LIMA, A. M. Acolhimento Institucional: famílias de origem e a reinstitucionalização. **Rev. Direito Práx.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 1405-1429, 2019 .

PANTALONE, D. W.; SCHNEIDER, K. L.; VALENTINE, S. E.; SIMONI, J. M. Investigating partner abuse among HIV-Positive men who have sex with men. **AIDS and Behavior**, Estados Unidos, v. 16, p. 1031-1043, 2012.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PRATHER, E. et al. Relational Aggression in College Students' Dating Relationships. **Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma**, Estados Unidos, v. 21, n. 7, p. 705-720, 2012.

PRAZERES, V. et al. **Violência Interpessoal - abordagem, diagnóstico e intervenção nos serviços de saúde.** 2 ed., 2016, 268 p.

PRINCESWAL, M. O direito à convivência familiar e comunitária sob o paradigma da proteção integral. In ASSIS, S. G. de; FARIAS, L. O. P. (Orgs.). **Levantamento nacional das crianças e adolescentes em serviço de acolhimento.** São Paulo: Editora Hucitec, 2013, pp. 23-62.

RABECINI, S. G. M. **O papel da afetividade na aprendizagem infantil.** São Paulo: Portal dos Psicólogos, 2015.

RAMACHANDRAN, S.; YONAS, M. A.; SILVESTRE, A. J.; BURKE, J. G. Intimate partner violence among HIV-positive persons in an urban clinic. **AIDS Care**, Estados Unidos, v. 22, n. 12, p. 1536-1543, 2010.

RANGEL, R. F.; COSTENARO, R. G. S.; ROSO, C. C. ADOLESCENTES: SEUS ANSEIOS, AMORES E TEMORES NO CONTEXTO FAMILIAR E SOCIAL. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 2686-2694, 2012.

RENNER, L. M., WHITNEY, S. D. Risk factors for unidirectional and bidirectional intimate partner violence among young adults. **Child Abuse & Neglect**, Estados Unidos, n. 36, v. 1, p. 40-52, 2012.

REIS, D. C. et al. Vulnerabilidades à saúde na adolescência: condições socioeconômicas, redes sociais, drogas e violência. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 586-594, 2013.

REYES, H. L. M. et al. Substance Use and Physical Dating Violence. **American Journal of Preventive Medicine**, Estados Unidos, v. 49, n. 3, 467–475, 2015.

RIBEIRO, L. V. **Saúde sexual de adolescentes institucionalizadas: contribuições da enfermagem na perspectiva da Teoria do Modelo de Promoção da Saúde de Nola Pender**. 2015. 200 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

RICARDIO, C. F. M.; FONSECA, M. C.; FIGUEIRAL, S. A. A. **Fatores associados à violência no namoro**. 2015. Monografia (Monografia em Enfermagem) - Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Coimbra. 2015.

RIO DE JANEIRO (Estado). Ministério público. **19º Censo da população infantojuvenil acolhida no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2016.

_____. **23º Censo da população infantojuvenil acolhida no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2019.

ROCHA, I. O. **Perspectivas de adolescentes do sexo feminino sobre gênero e violência: um estudo feminista**. 2017. 180 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, 2017.

ROUQUAYROL, M. Z.; ALMEIDA FILHO, N. **Epidemiologia e saúde**. 6. ed. Rio de Janeiro: Medsi, 2003.

SÁ, M. C.; VENTURA, M. C.; VERÍSSIMO, C. Intervenções de prevenção primária da violência no namoro. In: LEITÃO, M. C. et al (Org.) **Saúde, Prevenir a violência - N(amor)o (im)perfeito - Fazer diferente para fazer a diferença**, v. 5. Coimbra: Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem, 2013, p. 43-69.

SAAVEDRA, R. et al. Inventário de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes. In MACHADO, C. et al (Coord.). **Instrumentos e contextos de avaliação psicológica**, vol. I. Coimbra: Almedina, 2011.

SAFFIOTI, H. I. B. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.13, n.4, p.82-91, 1999.

_____. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.16, p.115-136, 2001.

SALDANHA, M. Pontos de intersecção: psicologia, feminismo e violências. **Diálogo**, Canoas, n. 24, p. 35-44, 2013. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/1324/992>> Acesso em: 20 de nov de 2019.

SANDIM, T. L. **Da vulnerabilidade social para a vulnerabilidade institucional**: uma análise da política nacional de assistência social e de suas práticas em Belo Horizonte e São Paulo. 2018. 300 f. Tese (Doutorado em Administração Pública e Governo) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, 2018.

SANTOS, M. F. S., ACIOLI NETO, M. L.; SOUZA, Y. S. O. Adolescentes em revistas: um estudo sobre representações sociais. **Psicologia: Teoria e Prática**. v. 13, n. 2, p. 103-113, 2011.

SANTOS, M. R. P.; CARIDADE, S. M. M. Vivências amorosas em adolescentes: das dinâmicas abusivas às consequências no seu (des)ajustamento psicossocial. **Psique**, São Paulo, v. XIII, p. 18-39., 2017.

SANTOS, R. C. S.; CUSTÓDIO, L. M. G.; BARBERINI, M. B. D. O amor e os relacionamentos na adolescência: considerações psicanalíticas. **Psicologia.pt** [online], Porto, n.1, 2017. Disponível em:<<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1135.pdf>>. Acesso em: 20 nov 2019.

SANTOS, R. C. S.; CUSTODIO, L. M. G.; DIAS, M. B. O amor e os relacionamentos na adolescência: considerações psicanalíticas. **Psicologia.pt**, Porto, v. online, p. 1-17, 2017.

SCHLEINIGER, C. S. **Violência & gênero nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes**. 2013. 28 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013.

SCHRAIBER, L. B. et al. Violência de gênero no campo da Saúde Coletiva: conquistas e desafios. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1019-027, 2009.

SEVALHO, G. O conceito de vulnerabilidade e a educação em saúde fundamentada em Paulo Freire. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, 2017.

SHERER, P.; SHERER, M. Exploring reciprocity in dating violence among Jewish and Arab youths in Israel. **Int J Intercult Relat**, Estados Unidos, v. 32, n.1, p. 17-33, 2008.

SILVA, A. S. N. et al. Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. **Rev Pan-Amaz Saúde**, Ananindeua, v. 6, n. 3, p. 27-34, 2015.

SILVA, C. C. et al. Iniciação e consumo de substâncias psicoativas entre adolescentes e adultos jovens de Centro de Atenção Psicossocial Antidrogas/CAPS-AD. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, n.19, v. 03, p. 737-745, 2014.

SILVEIRA, R. E.; SANTOS, A. S.; PEREIRA, G. A. Consumo de álcool, tabaco e outras drogas entre adolescentes do ensino fundamental de um município brasileiro. **Revista de Enfermagem Referência**, Coimbra, série IV, n. 2, 2014.

SITTA, E. I. et al. A contribuição de estudos transversais na área da linguagem com enfoque em afasia. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 12, n. 6, p. 1059-1066, 2010.

STENGEL, M. **Obsceno é falar de amor?:** as relações afetivas dos adolescentes. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003. 160 p.

STRAUS, M. A. Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. **Violence Against Women**, Estados Unidos, v. 10, n. 7, p. 790-811, 2004.

STRAUS, M. A. Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. **Child Youth Serv Rev**, Estados Unidos, v. 30, n.3, p. 252-75, 2008.

TAQUETTE, S. R.; MONTEIRO, D. L. M. Causes and consequences of adolescent dating violence: a systematic review. **J Inj Violence Res.**, Estados Unidos, v. 11, n. 2, p. 137-147, 2019.

TAQUETTE, S. R.; MEIRELLES, Z. V. Convenções de gênero e sexualidade na vulnerabilidade às DSTs/AIDS de adolescentes femininas. **Adolesc. Saud.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 56-64, 2012.

TAQUETTE, S. R. et al. Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.15, n.5, p.1437-1444, 2003.

TAYLOR, A. et al. **Violência em Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes no Brasil e em Honduras:** Resumo Executivo. Washington, DC e Rio de Janeiro, Brasil: Promundo e Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2017.

UNITED NATIONS CHILDREN'S FUND. **A Familiar Face:** Violence in the lives of children and adolescents, UNICEF: New York, 2017. 97 p.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **Annual report questionnaire**, Malta: United Nations Programme on HIV/AIDS, 2013.

VAGI, K. J. et al. Beyond correlates: a review of risk and protective factors for adolescent dating violence perpetration. **Journal of Youth and Adolescence**, Estados Unidos, n. 42, v. 4, p. 633-64, 2013.

VIEIRA, L. J. E. S.; MOREIRA, D. P.; LIRA, S. V. G. (orgs). **Enfrentamento às violências: sujeitos, estratégias e contextos**. Fortaleza: EdUECE, 2016.

WOLFE D. A. et al. Child maltreatment: risk of adjustment problems and dating violence in adolescence. **Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, Estados Unidos, v. 40, n. 3, 2001.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Responding to intimate partner violence and sexual violence against women:** WHO clinical and policy guidelines; Geneva: WHO, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global Status Report on Violence Prevention 2014**. Geneva: WHO, 2014.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Preventing youth violence: an overview of the evidence**. World Health Organization, 2015.

YU, Y.; XIAO, S.; LIU, K. Q. Dating violence among gay men in China. **Journal of Interpersonal Violence**, Estados Unidos, v. 28, n. 12, p. 2491-2504, 2013.

ZANATTA, E, A; MOTTA, M. G. C. Violência, sob o olhar de jovens, na perspectiva da corporeidade e da vulnerabilidade. **Texto contexto - enferm.** [online], Florianópolis, vol.24, n.2, pp.476-485, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n2/pt_0104-0707-tce-24-02-00476.pdf>. Acesso em: 15 set 2019

ZAPPE, J. G; DELL'AGLIO, D. D. Risco e proteção no desenvolvimento de adolescentes que vivem em diferentes contextos: Família e institucionalização. **Revista Colombiana de Psicología**, Colombia, v. 25, n. 2, p. 289-305, 2016.

APÊNDICE A - Carta de autorização para a pesquisa de campo



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
 Centro Biomédico
 Faculdade de Enfermagem
 Programa de Pós Graduação em Enfermagem PPGENF/UERJ



CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA DE CAMPO

Ilmo. Sr. Diretor (a),

Vimos por meio deste solicitar a V.Sa. autorização para realizar uma pesquisa neste dispositivo de acolhimento. O título da referida pesquisa é **“As relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional: um estudo de coocorrência da violência e seus fatores associados”**. A pesquisa tem como objetivo geral analisar a prevalência e os fatores associados à violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional. Como objetivos específicos: a) Estimar e tipificar a magnitude da violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional considerando as dimensões sociodemográficas, gênero, contexto familiar, drogas, influencia de pares e sexualidade; b) Identificar e discutir a associação desses fatores com a ocorrência de violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional. A produção dos dados será realizada entre os anos de 2016 a 2017 onde serão realizadas encontros com as adolescentes acolhidas neste dispositivo.

Serão respeitados os princípios éticos e legais da legislação para pesquisas envolvendo seres humanos – CNS 466/12. Portanto, garantimos o anonimato das participantes, assegurando-lhes a inexistência de riscos ou prejuízos. Mantendo o rigor ético, os dados serão divulgados na comunidade científica.

Comprometemo-nos a retribuir com os resultados da nossa pesquisa e colocamo-nos a disposição para quaisquer esclarecimentos. Desde já agradecemos e aguardamos sua apreciação e aprovação.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2016.

Atenciosamente,

 Doutoranda Liana Viana Ribeiro

 Prof^ª Dr^ª Lucia Helena Garcia Penna
 (Orientadora)

Para preenchimento da instituição solicitada:

() Deferido () Indeferido

Observações: _____

Data: ____/____/____

 Direção

APÊNDICE B - Termo de assentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
 Centro Biomédico
 Faculdade de Enfermagem
 Programa de Pós Graduação em Enfermagem PPGENF/UERJ



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

“Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa que tem como título **“As relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional: um estudo de coocorrência da violência e seus fatores associados”**, porque você é um(a) adolescente que no momento encontra-se abrigado(a).

Este projeto tem por objetivo geral: Analisar a prevalência e os fatores associados à violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional. Como objetivos específicos: a) Estimar e tipificar a magnitude da violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional considerando as dimensões sociodemográficas, gênero, contexto familiar, drogas, influencia de pares e sexualidade; b) Identificar e discutir a associação desses fatores com a ocorrência de violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional.

Você preencherá questionários que retratarão um pouco sobre sua história de vida abordando aspectos pessoais, sua relação com familiares, amigos e vizinhos, sua experiência de relações afetivas amorosas e episódios de violência.

Neste estudo algumas perguntas poderá confrontar você com vivências difíceis, podendo causar desconforto, tristeza, angústia. Porém, caso você necessite de qualquer esclarecimento ou atendimento psicossocial, será garantida assistência pela equipe de profissionais da unidade de acolhimento institucional em parceria com as pesquisadoras (enfermeiras). Caso esse atendimento não seja suficiente para te ajudar, iremos encaminhar você para unidades de saúde referências das unidades de acolhimento institucional.

O seu anonimato será garantido, ou seja, você não poderá ser identificada por outras pessoas da comunidade ou das instituições em que é atendida através dos dados desta pesquisa eventualmente publicados em congressos e revistas científicas.

A sua participação nesta pesquisa é inteiramente voluntária, portanto, você poderá recusar a participar da pesquisa em qualquer momento ou a responder qualquer pergunta que possa causar algum constrangimento, sem nenhuma penalização ou prejuízo pessoal ou nas relações com o abrigo ou com o serviço de saúde.

Você não terá qualquer despesa ao participar desta pesquisa, assim como não haverá nenhuma forma de pagamento por sua participação.

Este material será mantido por 05 anos sendo posteriormente destruído e ficará sob a responsabilidade da coordenadora da pesquisa Dr^a Prof^a Lucia Helena Garcia Penna, do grupo de pesquisa - “Gênero, Violência em Saúde e Enfermagem” vinculada ao Departamento Materno Infantil e o Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da UERJ. O mesmo será analisado a fim de produção de conhecimentos, os quais serão divulgados em artigos científicos, dissertações, teses e eventos científicos.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE ASSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de punição ou constrangimento.

Estou recebendo uma cópia assinada deste Termo. Rio de Janeiro, ___ / ___ / ____.

Nome e Assinatura do(a) Adolescente: _____

Assinatura dos(as) Pesquisadores(as):

Coordenadora: Lucia Helena Garcia Penna: _____

Entrevistador: _____

APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
 Centro Biomédico
 Faculdade de Enfermagem
 Programa de Pós Graduação em Enfermagem PPGENF/UERJ



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “**As relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional: um estudo de co-ocorrência da violência e seus fatores associados**” que tem como objetivo geral Analisar a prevalência e os fatores associados à violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional. Como objetivos específicos: a) Estimar e tipificar a magnitude da violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional considerando as dimensões sociodemográficas, gênero, contexto familiar, drogas, influencia de pares e sexualidade; b) Identificar e discutir a associação desses fatores com a ocorrência de violências nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional. A pesquisa terá duração 4 (um) ano.

Suas respostas serão tratadas de forma **anônima e confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e revistas científicas.

A sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a participar da pesquisa, desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Sua participação nesta pesquisa consistirá em participar de uma entrevista que será norteada por perguntas presentes no instrumento de coleta de dados. Está será gravada e os arquivos de gravação salvos serão excluídos após 5 anos do término da pesquisa.

Você não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá **riscos** de qualquer natureza relacionados à sua participação na pesquisa. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone, e-mail e o endereço dos pesquisadores e demais membros da equipe, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Eu, responsável pelo abrigo e representante legal, temporária ou permanentemente, deste(a) adolescente assumo que, no exercício legal da minha representação junto ao(à) adolescente, fui esclarecido(a) quanto a natureza, propósito e duração do estudo e, sem qualquer imposição tenha ferido a minha autonomia, consinto com a disposição da adolescente participar do estudo conforme sua vontade.

Estou recebendo uma cópia assinada deste Termo.

 Nome

 Assinatura do Responsável

Rio de Janeiro, ___ / ___ / ____.

Pesquisadoras Responsáveis:

 Coordenadora: Lucia Helena Garcia Penna

 Entrevistador

APÊNDICE D - Instrumento de coleta de dados

Caro(a) participante,

Este questionário é sobre algumas experiências que os adolescentes vivenciam com namorados ou namoradas.

O questionário é anônimo, ou seja, você **NÃO PRECISA COLOCAR SEU NOME**. Desta maneira, ninguém irá saber quem respondeu cada questionário.

Todos os questionários serão guardados pela pesquisadora da Escola de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (EMNF/UERJ), e ninguém da unidade de acolhimento, da sua família ou seus amigos terá acesso às informações contidas nele.

Nesse questionário **não existem respostas certas ou erradas**, por isso, sua sinceridade é o que vale na hora de responder. Todas as perguntas são individuais e dizem respeito somente a você, por isso, pedimos que você não converse ou faça comentários com amigos ou colegas enquanto vocês estiverem respondendo às questões.

Leia com atenção cada pergunta e suas opções de resposta. **Por favor, não deixe de responder nenhuma questão.**

Lembramos que você não é obrigado a participar dessa pesquisa e não será prejudicado por isso. No entanto, gostaríamos muito de contar com a sua colaboração. Caso não queira participar, por favor, deixe seu questionário em branco.

Agradecemos a sua participação!

QUESTIONÁRIO MULTIDIMENSIONAL

IDENTIFICAÇÃO DO INSTRUMENTO:

Número: _____ Data: _____/_____/_____ Hora de início: _____

Entrevistador: _____ Unidade de Acolhimento: _____

DIMENSÃO I – ENQUETE SOBRE O PERCURSO AMOROSO DE JOVENS (PAJ)

INFORMAÇÕES GERAIS

1. Qual o seu sexo?

- (1) Masculino (2) Feminino

2. Qual sua idade? _____

3. Qual a cor da sua pele?

- (1) Branca
(2) Parda
(3) Preta
(4) Amarela (Asiático e Indígena)

4. Em qual nível de estudos você está?

- (1) Fundamental I (1ª a 5ª série)
(2) Fundamental II (6ª a 9ª série)
(3) Ensino MéCdio (secundário/2º grau)
(4) Curso Técnico profissionalizante
(5) CPA (séries do ensino médio condensadas)
(6) EJA (Educação de Jovens e Adultos)
(7) Pré- vestibular
(8) Universitário. Qual o curso/ universidade?

(9) Outro (especificar) _____

5. No momento anterior ao acolhimento, quem era seu responsável?

- (1) Seus pais, na mesma casa (pais biológicos ou adotivos).
(2) Seus pais, separadamente (os pais dividem a guarda);
(3) Sua mãe
(4) Seu pai
(5) Um membro da família. Qual?

(6) O namorado ou a namorada (companheiro)
(7) Outro (especificar) _____

9. Com relação a pessoa do sexo masculino que te criou: (você pode escolher mais de uma resposta)

6. Sua mãe estudou até que série?

- (1) Analfabeto
(2) Cursou da 1ª a 4ª série
(3) Cursou da 5ª a 8ª série
(4) Ensino médio completo
(5) Ensino médio incompleto
(6) Curso técnico profissionalizante
(7) Superior (universidade) incompleto
(8) Superior (universidade) completo
(9) Não sabe informar
(99) Não conheci (**Entrevistador:** Pular questão nº 8)

7. Seu pai estudou até que série?

- (1) Analfabeto
(2) Cursou apenas 1ª a 4ª série
(3) Cursou apenas da 5ª a 8ª série
(4) Ensino médio completo
(5) Não completou o ensino médio
(6) Curso técnico profissionalizante
(7) Superior (universidade) incompleto
(8) Superior (universidade) completo
(9) Não sabe informar
(99) Não conheci (**Entrevistador:** Pular questão nº 9)

8. Com relação a pessoa do sexo feminino que te criou: (você pode escolher mais de uma resposta)

- (1) Trabalha
(2) Estuda
(3) Desempregada
(4) Trabalho informal (faz bicos)
(5) Faleceu
(6) Aposentada
(7) Recebe benefício social (bolsa família, bolsa escola salário desemprego...)
(8) Não sabe informar

12.1 Qual a cidade que você morava antes do acolhimento?

- (1) Trabalha
- (2) Estuda
- (3) Desempregado
- (4) Trabalho informal (faz bicos)
- (5) Faleceu
- (6) Aposentado
- (7) Recebe benefício social (bolsa família, bolsa escola, salário desemprego...)
- (8) Não sabe informar/ Não Tem

10. Qual destas religiões você frequenta?

- (1) Católica
- (2) Evangélica
- (3) Espírita
- (4) Candomblé
- (5) Umbanda
- (6) Ateu (não acredita em Deus)
- (7) Outra (especificar) _____
- (8) Nenhuma

11. Qual a frequência que você participa de atividades religiosas?

- (1) Mais de uma vez por semana
- (2) Uma vez por semana
- (3) Uma vez por mês
- (4) Apenas quando tem festividades (Natal, Páscoa, casamento, batizado, etc..)
- (0) Não participa

RELACÕES AFETIVAS E AMOROSAS

15. Quantos dos seus bons amigos ou boas amigas...

	Um (a)	Algum/ Algumas	A maioria	Todos /Todas	Nenhuma	Não sabe informar
15.a. Abandonaram os estudos?	1	2	3	4	0	99
15.b. Fumaram cigarro?	1	2	3	4	0	99
15.c. Utilizam ou utilizaram bebida alcoólica?	1	2	3	4	0	99
15.d. Fumaram maconha?	1	2	3	4	0	99
15.e. Usam crack?	1	2	3	4	0	99
15.f. Usaram cocaína	1	2	3	4	0	99
15.g. Usaram outras drogas? (lança perfume, anabolizantes, êxtase)	1	2	3	4	0	99
15.h. Desrespeitaram a lei do trânsito?	1	2	3	4	0	99
15.i. Provocaram acidentes?	1	2	3	4	0	99
15.j. Praticaram vandalismo?	1	2	3	4	0	99
15.k. Já foram agredidos pelo (a) namorado(a) ou companheiro (a)?	1	2	3	4	0	99
15.L. Já foram ou são forçados a serem apalpadados ou terem relações sexuais sem o seu consentimento pelo (a) namorado (a) ou companheiro (a)?	1	2	3	4	0	99

12.2 Qual o bairro que você morava?

13. Você participa de alguma atividade cultural, esportiva, dança, música?

- (1) Sim
- (0) Não

14. De modo geral, você diria que seu desempenho estudantil (avaliações, notas, boletins, trabalhos apresentados, etc.) pode ser considerado:

- (1) Muito bom
- (2) Bom
- (3) Na média
- (4) Fraco
- (5) Muito Fraco

DIFÍCEIS EXPERIÊNCIAS

16. Para as próximas questões, indique se a situação aconteceu com você, e em caso afirmativo, quem era a pessoa envolvida. NO CURSO DOS ÚLTIMOS 12 MESES, aproximadamente quantas vezes...

	Sim	Não
16.a. ...alguém lhe fez se sentir excluído ou deixado de lado?	1	0
16.b.alguém lhe assediou moralmente (fuxicos, intimidação, ameaças, etc) por via eletrônica (Facebook, Myspace, MSN, e-mails, etc.)?	1	0
16.c.alguém lhe assediou moralmente (fuxicos, intimidação, ameaças, etc) na escola ou fora dela (exceto por via eletrônica)?	1	0
16.d.você foi tratado (a) de forma injusta por causa de sua orientação sexual?	1	0
16.e.você foi alvo de comentários, piadas, ou gestos de conotação sexual (alguém assobiou, imitou sexo oral ou fez outros gestos obscenos)?	1	0
16.f.uma outra pessoa, que não o seu namorado, lhe apalpou, apertou ou se esfregou em você de maneira sexual(sem o seu consentimento)?	1	0

ENTREVISTADOR: Se está entrevistando UM RAPAZ, pergunte:

17. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, você foi tratado de forma injusta porque lhe consideravam que era pouco masculino? (1) Sim (0) Não (2) Não sabe dizer (99) Não é rapaz

ENTREVISTADOR: Se está entrevistando UMA GAROTA, pergunte:

18. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, você foi tratada de forma injusta porque lhe consideravam que era pouco feminina? (1) Sim (0) Não (2) Não sabe dizer (99) Não é garota

19. Você já pensou SERIAMENTE em tentar se suicidar?

(1) Sim (0) Não (ENTREVISTADOR: Caso não, pule para a pergunta 22)

20. Você já tentou se suicidar? (1) Sim (0) Não

21. Quantas vezes você tentou se suicidar? (1) Um vez (2) Mais de uma vez

22. Diga-me se as situações que vou falar agora lhe aconteceram no decorrer da vida.

	Sim	Não
22.a. Você já foi envolvido (a) em um sério acidente de carro no qual você ficou ferido?	1	0
22.b. Você já vivenciou o divórcio ou a separação dos seus pais?	1	0
22.d. Você já vivenciou a morte ou doença grave de um parente próximo?	1	0
22.e. Você já testemunhou violência contra alguém, inclusive algum membro da família?	1	0
22.f. Você já foi agredido fisicamente por um membro da família?	1	0
VOCÊ JÁ FOI ACARICIADO(A) SEXUALMENTE SEM SEU CONSENTIMENTO, OU FOI OBRIGADO(A) OU CONSTRANGIDO (A) POR MANIPULAÇÃO, CHANTAGEM OU UTILIZAÇÃO DA FORÇA FÍSICA PARA SER TOCADO/ ACARICIADO SEXUALMENTE POR		

...		
22.g. ...um membro próximo da família (pai/ padrasto, mãe/ madrasta, irmão (a))?	1	0
22.h ... Parentes (tios (a), avô e avó)?	1	0
22.i. ...um profissional do abrigo?	1	0
22.j. ... professor	1	0
22.k. ...vizinho ou pessoas da comunidade	1	0
22.L.uma outra pessoa de fora da família que você conhecia (fora seu namorado(a) - amigos da família	1	0
22.m. ...um(a) desconhecido(a)?	1	0
COM EXCEÇÃO DAS CARÍCIAS SEXUAIS MENCIONADAS ACIMA, VOCÊ JÁ FOI CONSTRANGIDO OU OBRIGADO POR MANIPULAÇÃO, CHANTAGEM OU USO DA FORÇA PARA TER UMA RELAÇÃO SEXUAL COM PENETRAÇÃO (ORAL, VAGINAL, ANAL), COM ...		
22.n. ...um membro próximo da família (pai/ padrasto, mãe/ madrasta, irmão (a))	1	0
22.o... Parentes (tios (a), avô e avó)*	1	0
22.p. ...um profissional do abrigo?	1	0
22.q. ... professor	1	0
22.r. ...vizinho ou pessoas da comunidade	1	0
22.s. uma outra pessoa de fora da família que você conhecia (fora seu namorado ou sua garota?)- amigos da família	1	0
22.t. ... um(a) desconhecido(a)?	1	0

23. Pense no que você viveu de mais difícil como o acontecimento desta lista e responda às próximas perguntas sobre suas reações a respeito deste acontecimento.

ENTREVISTADOR: AS RESPOSTAS SEGUINTE SE REFEREM À TABELA ANTERIOR

	Sim	Não
23.a.Você fica abalado, triste ou nervoso quando alguma coisa lhe faz lembrar o que aconteceu	1	0
23.b. Você tem pensamentos e imagens perturbadoras do que aconteceu e lhe vem à mente mesmo contra sua vontade	1	0
23.c. Sente-se mal humorado e fica enraivado(a) facilmente	1	0
23.d. Você tenta não falar, não pensar e não sentir nada em relação ao que aconteceu	1	0
23.e. Você tem dificuldades em dormir e acorda constantemente durante a noite.	1	0
23.f. Você tem dificuldades em se concentrar e em prestar atenção.	1	0
23.g. Você tenta ficar distante de pessoas, lugares ou coisas que lhe lembram o que aconteceu	1	0
23.h. Você tem pesadelos, inclusive sonhos que lhe lembram o que aconteceu	1	0
23.i. Você se sente sozinho(a) e distante das outras pessoas.	1	0

COMPORTAMENTOS SEXUAIS

24. Com quantas pessoas você saiu como namorado (a), parceiro(a) ou ficante no último ano (12 meses)? _____

25. As pessoas são diferentes em sua forma de se sentirem atraídas pelos outros. Qual destas descrições representa melhor os seus sentimentos? Sexualmente, VOCÊ SE SENTE ATRAÍDO POR...

(1) ...ninguém

(2) SOMENTE por pessoas do mesmo sexo que você

- (3) PRINCIPALMENTE por pessoas do mesmo sexo que você
- (4) pelos dois sexos
- (5) PRINCIPALMENTE por pessoas de outro sexo
- (6) SOMENTE por pessoas de outro sexo
- (7) você não sabe, não está bem seguro(a)e/ ou se questiona sobre o assunto

26. Você já teve relações sexuais?

- (1) Sim (0) Não (ENTREVISTADOR: Se nunca teve relações sexuais, pule para a questão 37)

27. Até agora, quando você teve contatos sexuais que você consentiu, carícias sexuais ou penetração oral, vaginal ou anal...

- (1) ...foi sempre com garotos
- (2) ...foi sempre com garotas
- (3) ...foi mais frequentemente com garotos
- (4) ...foi mais frequentemente com garotas
- (5) ...era tanto com garotos quanto com garotas

28. Qual idade você tinha quando aconteceu, pela primeira vez, relação sexual com seu consentimento com penetração oral, vaginal ou anal? _____ anos.

29. Com quantas pessoas, durante sua vida, você teve relações sexuais com seu consentimento com penetração (oral, vaginal, anal)? Escreva um número exato (exemplo 2). Número de parceiro (a)s sexuais: _____

30. Até agora, quantas vezes você utilizou camisinha/ preservativo durante as relações sexuais com seu consentimento com penetração oral, vaginal, anal?

- (1) Nenhuma vez
- (2) Às vezes
- (3) Aproximadamente na metade das vezes
- (4) Na maioria das vezes
- (5) Todas as vezes
- (0) Você jamais teve relação sexual com penetração (ENTREVISTADOR: Se não teve contatos sexuais nos últimos 12 meses, passe para a questão 32)

31. Você já engravidou ou já deixou uma garota grávida?

- (1) Sim
- (0) Não

32. No curso de sua vida, você recebeu algum dinheiro, droga, bebida alcoólica, presentes, um lugar para dormir ou outra coisa, em troca de um contato sexual (carícias, penetração oral, vaginal ou anal) com qualquer outra pessoa que não seu/sua namorado(a)?

- (1) Sim
- (0) Não (ENTREVISTADOR: Passe à pergunta 35).

33. Quem estava envolvido?

- (1) Um(a) jovem com até 18 anos
- (2) Um(a) ou mais adultos (acima de 18 anos).
- (3) Tanto jovens quanto adultos

34. Este acontecimento foi...

- (1) ...sempre com garotos (homens)
- (2) ...sempre com garotas (mulheres)
- (3) ...quase sempre com garotos (homens)
- (4) ...quase sempre com garotas (mulheres)

(5) ...tanto com garotos (homens) quanto com garotas (mulheres)

FAMÍLIA

ENTREVISTADOR leia: As próximas questões dizem respeito a seu pai e sua mãe.

Por “pai” ou “mãe” quer dizer: pai ou mãe biológico, adotivos, ou qualquer outro que desempenhe esse papel junto a você (exemplo: madrasta, padrasto, avós, tio, tia, pessoas que te criou).

35. Para cada uma das afirmações que vou dizer, indique a sua situação nos últimos 12 meses.

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Quase Sempre	Sempre	Não tenho Contato
35.a. Sua mãe está disponível quando você precisa dela	0	1	2	3	4	99
35.b. Seu pai está disponível quando você precisa dele	0	1	2	3	4	99
35.c. Sua mãe se preocupa com você	0	1	2	3	4	99
35.d. Seu pai se preocupa com você	0	1	2	3	4	99
35.e. Você pode contar com sua mãe para resolver seus problemas	0	1	2	3	4	99
35.f. Você pode contar com seu pai para resolver seus problemas	0	1	2	3	4	99
35.g. Sua mãe lhe diz coisas ofensivas ou humilhantes	0	1	2	3	4	99
35.h. Seu pai lhe diz coisas ofensivas ou humilhantes	0	1	2	3	4	99

36. Durante sua vida, diga-me se você viu seu pai e sua mãe fazerem as seguintes coisas:

	I - Durante sua vida viu seu pai fazer isso com sua mãe				II - Durante sua vida, viu sua mãe fazer isso com seu pai		
	Sim	Não	Não sei		Sim	Não	Não sei
36.I.a. Insultar, xingar, gritar, injuriar	1	0	99	36.II.a	1	0	99
36.I.b. Ameaçar de bater, destruir um objeto do outro	1	0	99	36.II.b	1	0	99
36.I.c. Puxar, empurrar, esbofetear, torcer o braço, lançar um objeto capaz de ferir	1	0	99	36.II.c	1	0	99
36.I.d. Ameaçar com faca ou arma, dar um murro ou pontapé, empurrar brutalmente contra a parede	1	0	99	36.II.d	1	0	99

37. Pensando em sua mãe e/ou em seu pai, diga-me como eles agiram com você durante os últimos 12 meses. Seus pais ...

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Quase Sempre	Sempre	Não tenho Contato/Moro há menos de um ano c/ eles

37.a. ...dizem a que horas você deve voltar quando sai	0	1	2	3	4	99
37.b. ...gostam de saber onde você vai e com quem anda	0	1	2	3	4	99
37.c. ...pedem para deixar um aviso ou telefonar para lhes informar onde você vai	0	1	2	3	4	99
37.d. ...dizem como encontrá-los quando não estão em casa	0	1	2	3	4	99

38. Durante sua vida, diga-me se você viu seu pai e sua mãe fazerem as seguintes coisas:

	I Durante sua vida viu seu pai				II Durante sua vida, viu sua mãe		
	Sim	Não	Não sei/ Não tenho contato		Sim	Não	Não sei/ Não tenho contato
38.I.a. Fumar cigarro	1	0	99	38.II.a.	1	0	99
38.I.b. Ingerir bebidas alcóolicas	1	0	99	38.II.b	1	0	99
38.I.c. Usar drogas	1	0	99	38.II.c.	1	0	99
38.I.d. Agredir outro(s) familiar(es)	1	0	99	38.II.d	1	0	99
38.I.e.Ser agredido(a) por outro(s) familiar(es)	1	0	99	38.II.e	1	0	99

**DIMENSÃO II – AVALIAÇÃO DO USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS
(ASSIST)**

ENTREVISTADOR, leia: Agora eu gostaria de saber algumas coisas que você faz quando sai para balada, se encontra com os amigos. Enfim, o que você já usou ou usa destas substâncias.

Você pode perguntar o significado de alguma palavra ou substância que não conheça ou não lembre. As substâncias que iremos falar a partir de agora são:

- a. **produtos do tabaco** (cigarro, charuto, cachimbo, fumo de corda)
- b. **bebidas alcóolicas** (cerveja, vinho, champagne, licor, pinga uísque, vodca, vermouthes, caninha, rum, tequila, gin)
- c. **maconha** (baseado, erva, liamba, diamba, birra, fuminho, fumo, mato, bagulho, pango, manga-rosa, massa, haxixe, skank, etc)
- d. **cocaína, crack** (coca, pó, branquinha, nuvem, farinha, neve, pedra, caximbo, brilho)
- e. **estimulantes como anfetaminas** (bolinhas, rebites, bifetamina, moderine, MDMA)
- f. **inalantes** (solventes, cola de sapateiro, tinta, esmalte, corretivo, verniz, tinner, clorofórmio, tolueno, gasolina, éter, lança perfume, cheirinho da loló)
- g. **hipnóticos, sedativos** (ansiolíticos, tranquilizantes, barbitúricos, fenobarbital, pentobarbital, benzodiazepínicos, diazepam)
- h. **alucinógenos** (LSD, chá-de-lírio, ácido, passaporte, mesalina, peiote, cacto)
- i. **opiáceos** (morfina, codeína, ópio, heroína elixir, metadona)

Só para lembrar, agora eu gostaria de saber algumas coisas que você faz quando sai para balada, se encontra com os amigos. Enfim, o que você já usou ou usa destas substâncias.

39. Na sua vida qual(is) dessa(s) substâncias você usa/usou? (Somente uso não prescrito pelo médico)

	NÃO	SIM
39.a. derivados do tabaco	0	3
39.b. bebidas alcoólicas	0	3
39.c. maconha	0	3
39.d. cocaína, crack	0	3
39.e. anfetaminas ou êxtase	0	3
39.f. inalantes	0	3
39.g. hipnóticos/sedativos	0	3
39.h. alucinógenos	0	3
39.i. opióides	0	3
39.j. outras, especificar	0	3

ENTREVISTADOR: SE "NÃO" em todos os itens investigue: Nem mesmo quando estava na escola? • Se "NÃO" em todos os itens, pare a entrevista • Se "SIM" para alguma droga, continue com as demais questões

40. Durante os três últimos meses, com que frequência você utiliza/utilizou essa(s) substância(s) que mencionou? (primeira droga, depois a segunda droga, etc)

	Nunca	1 ou 2 vezes	Mensalmente	Semanalmente	Diariamente ou quase todos os dias
40.a. derivados do tabaco	0	2	3	4	6
40.b. bebidas alcoólicas	0	2	3	4	6
40.c. maconha	0	2	3	4	6
40.d. cocaína, crack	0	2	3	4	6
40.e. anfetaminas ou êxtase	0	2	3	4	6
40.f. inalantes	0	2	3	4	6
40.g. hipnóticos/sedativos	0	2	3	4	6
40.h. alucinógenos	0	2	3	4	6
40.i. opióides	0	2	3	4	6
40.j. outras, especificar	0	2	3	4	6

ENTREVISTADOR: Se "NUNCA" em todos os itens da questão 40 pule para a questão 44, com outras respostas continue com as demais questões

41. Durante os três últimos meses, com que frequência você tem/teve um forte desejo ou urgência em consumir? (primeira droga, segunda droga, etc))					
	Nunca	1 ou 2 vezes	Mensalmente	Semanalmente	Diariamente ou quase todos os dias
41.a. derivados do tabaco	0	3	4	5	6
41.b. bebidas alcoólicas	0	3	4	5	6
41.c. maconha	0	3	4	5	6
41.d. cocaína, crack	0	3	4	5	6
41.e. anfetaminas ou êxtase	0	3	4	5	6
41.f. inalantes	0	3	4	5	6
41.g. hipnóticos/sedativos	0	3	4	5	6
41.h. alucinógenos	0	3	4	5	6
41.i. opióides	0	3	4	5	6
41.j. outras, especificar	0	3	4	5	6

42. Durante os três últimos meses, com que frequência o seu consumo de (primeira droga, depois a segunda droga, etc) resulta/resultou em problema de saúde, social, legal ou financeiro?					
	Nunca	1 ou 2 vezes	Mensalmente	Semanalmente	Diariamente ou quase todos os dias
42.a. derivados do tabaco	0	4	5	6	7
42.b. bebidas alcoólicas	0	4	5	6	7
42.c. maconha	0	4	5	6	7
42.d. cocaína, crack	0	4	5	6	7
42.e. anfetaminas ou êxtase	0	4	5	6	7
42.f. inalantes	0	4	5	6	7
42.g. hipnóticos/sedativos	0	4	5	6	7
42.h. alucinógenos	0	4	5	6	7
42.i. opióides	0	4	5	6	7
42.j. outras, especificar	0	4	5	6	7

43. Durante os três últimos meses, com que frequência, por causa do seu uso de (primeira droga, depois a segunda droga, etc), você deixa/deixou de fazer coisas que eram normalmente esperadas de você?					
	Nunca	1 ou 2 vezes	Mensalmente	Semanalmente	Diariamente ou quase todos os dias
43.a. derivados do tabaco	0	5	6	7	8
43.b. bebidas alcoólicas	0	5	6	7	8
43.c. maconha	0	5	6	7	8
43.d. cocaína, crack	0	5	6	7	8
43.e. anfetaminas ou êxtase	0	5	6	7	8
43.f. inalantes	0	5	6	7	8
43.g. hipnóticos/sedativos	0	5	6	7	8
43.h. alucinógenos	0	5	6	7	8
43.i. opióides	0	5	6	7	8
43.j. outras, especificar	0	5	6	7	8

ENTREVISTADOR: FAÇA as questões 44 e 45 para todas as substâncias mencionadas na questão 39.

44. Há amigos, parentes ou outra pessoa que tenha demonstrado preocupação com seu uso de (primeira droga, depois a segunda droga, etc...)			
	Não, nunca	Sim, nos últimos três meses	Sim, mas não nos últimos três meses
44.a. derivados do tabaco	0	6	3
44.b. bebidas alcoólicas	0	6	3
44.c. maconha	0	6	3
44.d. cocaína, crack	0	6	3
44.e. anfetaminas ou êxtase	0	6	3
44.f. inalantes	0	6	3
44.g. hipnóticos/sedativos	0	6	3
44.h. alucinógenos	0	6	3
44.i. opióides	0	6	3
44.j. outras, especificar	0	6	3

45. Alguma vez você tenta/tentou controlar, diminuir ou parar o uso de (primeira droga, depois a segunda droga, etc...) e não conseguiu?			
	Não, nunca	Sim, nos últimos três meses	Sim, mas não nos últimos três meses
45.a. derivados do tabaco	0	6	3
45.b. bebidas alcoólicas	0	6	3
45.c. maconha	0	6	3
45.d. cocaína, crack	0	6	3
45.e. anfetaminas ou êxtase	0	6	3
45.f. inalantes	0	6	3
45.g. hipnóticos/sedativos	0	6	3
45.h. alucinógenos	0	6	3
45.i. opióides	0	6	3
45.j. outras, especificar	0	6	3

46. Alguma vez você já usou drogas por injeção? (Apenas uso não médico)	Não, nunca	Sim, nos últimos três meses	Sim, mas não nos últimos três meses
	0	1	2

**DIMENSÃO III – INVENTÁRIO DE CONFLITOS NOS
RELACIONAMENTOS DE NAMORO ENTRE ADOLESCENTES - (CADRI)**

ENTREVISTADOR leia: As próximas questões perguntam sobre coisas que podem ter acontecido durante uma briga entre você e a pessoa com quem você “fica” ou namora. Vou falar uma lista de situações e você me diz se essas situações ocorreram entre você e a pessoa com quem você “fica” ou namora atualmente ou “ficou”/namorou.

	Sim	Não
47.a Você justificou os seus argumentos	1	0
47.b Ele/Ela justificou os seus argumentos	1	0
48.a Você o/a tocou sexualmente quando ele/ela não queria	1	0
48.b Ele/Ela te tocou sexualmente quando eu não queria	1	0
49.a Você tentou virar seus amigos contra ele/ela	1	0
49.b Ele/Ela tentou virar seus amigos contra você	1	0
50.a Você fez algo para provocar ciúmes nele/nela	1	0
50.b Ele/Ela fez algo para te fazer ciúmes	1	0
51.a Você destruiu ou ameaçou destruir algo de valor para ele/ela	1	0
51.b Ele/Ela destruiu ou ameaçou destruir algo de valor para mim	1	0
52.a Você disse a ele/ela que você tinha parte da culpa	1	0
52.b Ele/ Ela disse a você que ele/ela tinha parte da culpa	1	0
53.a Você mencionou algo de ruim que ele/ela fez no passado	1	0
53.b Ele/Ela mencionou algo de ruim que eu fiz no passado	1	0
54.a Você jogou algo nele/nela	1	0
54.b Ele/Ela jogou algo em você	1	0
55.a Você disse coisas somente para deixá-lo (a) com raiva	1	0
55.b Ele/Ela disse coisas somente para te deixar com raiva	1	0
56.a Você deu as razões pelas quais você achava que ele/ela estava errado(a).	1	0
56.b. Ele/Ela deu as razões pelas quais ele/ela achava que você estava errada(o).	1	0
57.a. Você concordou que em parte ele/ela estava certo(a)	1	0
57.b. Ele/Ela concordou que em parte você estava certa(o)	1	0
58.a. Você falou com ele/ela em um tom de voz hostil ou maldoso	1	0
58.b. Ele/Ela falou contigo em um tom de voz hostil ou maldoso	1	0
59.a. Você forçou ele(a) a fazer sexo quando ele/ela não queria	1	0
59.b Ele/ela te forçou a fazer sexo quando você não queria	1	0
60.a. Você propôs uma solução que você pensou que faria vocês dois felizes	1	0
60.b. Ele/Ela propôs uma solução que ele/ela pensou que faria você dois felizes	1	0
61.a. Você ameaçou ele/ela numa tentativa de fazer sexo com ele/ela	1	0
61.b. Ele/Ela te ameaçou numa tentativa de fazer sexo contigo	1	0
62.a. Você parou de falar até que vocês se acalmassem	1	0
62.b Ele/Ela parou de falar até que vocês se acalmassem	1	0
63.a Você insultou ele/ela com deprecições	1	0
63.b. Ele/Ela te insultou com deprecições	1	0

64.a. Você discutiu o assunto calmamente	1	0
64.b. Ele/Ela discutiu o assunto calmamente	1	0
65.a Você beijou ele/ela quando ele/ela não queria	1	0
65.b Ele/Ela te beijou quando você não queria que ele/ela o fizesse	1	0
66.a Você disse coisas sobre ele/ela aos seus amigos, para virá-los contra ele/ela	1	0
66.b Ele/Ela disse coisas sobre você aos seus amigos, para virá-los contra você	1	0
67.a. Você ridicularizou ou caçoou ele/ela na frente dos outros	1	0
67.b Ele/Ela te ridicularizou ou te caçoou na frente dos outros	1	0
68.a Você disse a ele/ela o quanto você estava aborrecida (o)	1	0
68.b. Ele/Ela te disse o quanto ele/ela estava aborrecido (a)	1	0
69.a Você vigiava com quem e onde ele/ela estava	1	0
69.b Ele/Ela vigiava com quem e onde você estava	1	0
70.a Você culpou ele/ela pelo problema	1	0
70.b. Ele/Ela te culpou pelo problema	1	0
71.a Você bateu, chutou ou deu um soco nele(a)	1	0
71.b Ele/Ela te bateu, chutou ou deu um soco	1	0
72.a Você deixou o local para se acalmar	1	0
72.b Ele/Ela deixou o local para se acalmar	1	0
73.a Você cedeu, só para evitar o conflito.	1	0
73.b. Ele/Ela cedeu, só para evitar o conflito.	1	0
74.a Você acusou ele/ela de paquerar outra(o) garota(o)	1	0
74.b Ele/Ela te acusou de paquerar outro(a) garoto(a)	1	0
75..a Você tentou amedrontar ele/ela de propósito	1	0
75.b Ele/Ela tentou te amedrontar de propósito	1	0
76.a Você deu um tapa nele/nela ou puxou o cabelo dele(a).	1	0
76.b Ele/Ela te deu um tapa ou puxou o meu cabelo.	1	0
77.a Você ameaçou machucar ele/ela	1	0
77.b Ele/Ela ameaçou te machucar	1	0
78.a. Você ameaçou terminar o relacionamento	1	0
78.b Ele/Ela ameaçou terminar o relacionamento	1	0
79.a Você ameaçou bater nele (a) ou jogar alguma coisa nele(a)	1	0
79.b Ele/Ela ameaçou bater em você ou jogar alguma coisa em você	1	0
80.a Você empurrou ou sacudiu ele/ela	1	0
80.b Ele/Ela te empurrou ou te sacudiu	1	0
81.a Você espalhou boatos sobre ele/ela	1	0
81.b Ele/Ela espalhou boatos sobre você	1	0

Agradecemos sua participação!

Hora de término: _____

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa

UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO - UERJ**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVAS ÍNTIMAS DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO: PERSPECTIVA DE GÊNERO E SUAS INTERFACES COM A SAÚDE E A

Pesquisador: LUCIA HELENA GARCIA PENNA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 59804516.0.0000.5282

Instituição Proponente: Faculdade de Enfermagem da UERJ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.779.293

Apresentação do Projeto:

Trata-se de estudo cujo título é VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVAS ÍNTIMAS DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO: PERSPECTIVA DE GÊNERO E SUAS INTERFACES COM A SAÚDE E A ENFERMAGEM, tendo por objeto a violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional no município do Rio de Janeiro. Tem como metodologia uma fase observacional, do tipo seccional, e uma fase de realização de entrevistas semi-estruturadas com adolescentes e profissionais das instituições de acolhimento institucional. O cenário será composto por todas as unidades de acolhimento institucional da rede pública municipal do Rio de Janeiro (SMAS/RJ) em todas as áreas programáticas e que acolhem adolescentes do sexo feminino e masculino. 3. População A população fonte para este estudo será adolescentes em situação de acolhimento institucional nas unidades públicas da cidade do Rio de Janeiro. Entre a faixa etária de 10 a 18 anos tem-se um total de 216 adolescentes acolhidos em instituições públicas no município. Para a fase quantitativa, a população será a totalidade dos adolescentes acolhidos na rede pública, ou seja, os 216 jovens levantados. Na fase qualitativa há previsão de colher dados de 30 adolescentes selecionados aleatoriamente. Além disso, tem-se como meta entrevistar, aleatoriamente, os profissionais das unidades de acolhimento, a fim de ampliar o olhar explicativo sobre o fenômeno

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018

Bairro: Maracanã **CEP:** 20.559-900

UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2334-2180 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** etica@uerj.br

UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO - UERJ



Continuação do Parecer: 1.779.293

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Investigar, na perspectiva de adolescentes em situação de acolhimento institucional, bem como de profissionais da unidade de acolhimento, a vivência de violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes. **Objetivo Secundário:** a) Caracterizar o perfil sócio demográfico e de saúde dos adolescentes em situação de acolhimento institucional em face das violências afetivas íntimas; b) Estimar e tipificar a magnitude e fatores associados às violências afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional; c) Compreender a violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional na ótica dos adolescentes e dos profissionais da unidade de acolhimento; d) Discutir as práticas desenvolvidas pelos profissionais das instituições de acolhimento em relação às violências nas relações afetivas íntimas destes adolescentes. e) Discutir estratégias de cuidados relativas às situações de violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: A entrevista realizada da forma descrita é considerada segura, mas algumas perguntas poderão confrontar o adolescente ou profissional com vivências difíceis, podendo causar desconforto, tristeza, angústia. Porém, caso ele(a) necessite de qualquer esclarecimento ou atendimento psicossocial, será garantida assistência pela equipe de profissionais da unidade de acolhimento institucional em parceria com as pesquisadoras (enfermeiras). Caso esse atendimento não seja suficiente para ajudá-lo(a), iremos encaminhá-lo(a) para unidades de saúde que sejam referência para abrigo onde está acolhido(a).

Benefícios: Apesar de não haver garantia de benefício com este estudo, os conhecimentos, pensamentos, crenças dos adolescentes em situação de acolhimento institucional são importantes para entendermos a realidade vivida pelos mesmos e podermos pensar e realizar uma assistência voltada para o que eles realmente precisam

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante de uma realidade pouco explorada em publicações científicas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisa apresenta:

- Folha de rosto assinada pela Vice-Diretora da FENF-UERJ
- Termo de assentimento para os adolescentes

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018
Bairro: Maracanã **CEP:** 20.559-900
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** etica@uerj.br

UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO - UERJ



Continuação do Parecer: 1.779.293

- Termo de consentimento para o responsável e os profissionais
- Cronograma atualizado
- Carta de anuência da instituição que será cenário do estudo

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Ante o exposto, a COEP deliberou pela aprovação do projeto, visto que não há implicações éticas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Faz-se necessário apresentar Relatório Anual - previsto para outubro de 2017. A COEP deverá ser informada de fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo, devendo o pesquisador apresentar justificativa, caso o projeto venha a ser interrompido e/ou os resultados não sejam publicados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TERMOASSENTIMENTOABRIGO.doc	11/10/2016 12:18:22	Patricia Fernandes Campos de Moraes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEprofissionaisABRIGO.doc	11/10/2016 12:17:37	Patricia Fernandes Campos de Moraes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEadolescentesABRIGO.doc	11/10/2016 12:17:10	Patricia Fernandes Campos de Moraes	Aceito
Outros	ViolenciaABRIGO.doc	11/10/2016 12:16:43	Patricia Fernandes Campos de Moraes	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO 783702.pdf	12/09/2016 13:30:28		Aceito
Cronograma	cronograma_proj_violencia_namoro_abrigo.docx	12/09/2016 13:20:28	Joana labrudi Carinhanha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_profissionais.docx	12/09/2016 13:15:58	Joana labrudi Carinhanha	Aceito
TCLE / Termos de	TCLE_adolescentes.docx	12/09/2016	Joana labrudi	Aceito

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018

Bairro: Maracanã

CEP: 20.559-900

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2334-2180

Fax: (21)2334-2180

E-mail: etica@uerj.br

UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO - UERJ



Continuação do Parecer: 1.779.293

Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_adolescentes.docx	13:15:22	Carinhanha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.docx	12/09/2016 13:14:42	Joana labrudi Carinhanha	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_CEP_atualizado_violenca_namoro_abrigo.doc	12/09/2016 13:05:45	Joana labrudi Carinhanha	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_assinada_proj_violenca_namoro_abrigo.pdf	12/09/2016 13:01:03	Joana labrudi Carinhanha	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 18 de Outubro de 2016

Assinado por:
Patricia Fernandes Campos de Moraes
(Coordenador)

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ºand. SI 3018
Bairro: Maracanã **CEP:** 20.559-900
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-2180 **Fax:** (21)2334-2180 **E-mail:** etica@uerj.br

ANEXO B – Carta de Autorização para a Pesquisa de Campo



RIO
PREFEITURA
DESENVOLVIMENTO SOCIAL



Centro de Capacitação
da Política de Assistência Social

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA EM EQUIPAMENTOS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL

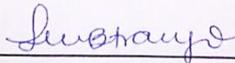
O Centro de Capacitação da Política de Assistência Social autoriza a realização da pesquisa “ **Violência nas relações afetivas íntimas de adolescentes em situação de acolhimento institucional no município do rio de janeiro: perspectiva de gênero e suas interfaces com a saúde e a enfermagem**” coordenada pela Prof^a Lucia Helena Garcia Penna do Departamento Materno-Infantil da faculdade de Enfermagem da UERJ. **Trata-se de uma linha de Pesquisa que poderá desmembrar em dissertações de Mestrado, Teses de Doutorado e Monografias de Conclusão de Curso de Graduação e/ou Especialização.**

A pesquisa será realizada através de entrevistas que serão aplicadas à adolescentes que se encontram acolhidos na rede de acolhimento da SMDS, a serem identificados a *posteriori*.

Declaro que foi apresentada a minuta do projeto com especificação da metodologia de pesquisa, bem como o parecer favorável do Comitê de Ética da Plataforma Brasil e que a mesma se constitui em campo de estudo de interesse desta Secretaria,

A pesquisadora foi orientada quanto aos procedimentos éticos necessários a realização da pesquisa com pessoas e que deverá apresentar o relatório final da mesma aos órgãos pesquisados, bem como disponibilizar um exemplar para a Biblioteca do Centro de Capacitação da Política de Assistência Social.

Rio de Janeiro, 24 de novembro de 2016



Silvana Bencardino Araujo
Assistente Social
Mat.10/235569-1